



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

Sabrina Flavia Testa

**Oposição e parte:** O movimento ateu e o campo religioso brasileiro

Florianópolis  
2020

Sabrina Flavia Testa

**Oposição e parte:** O movimento ateu e o campo religioso brasileiro

Tese submetida ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina para a obtenção do título de Doutor em Antropologia Social.

Orientador: Prof. Oscar Calavia Sáez, Dr.

Coorientadora: Prof. Vânia Zikan Cardoso, Dra.

Florianópolis

2020

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Testa, Sabrina Flavia

Oposição e parte : O movimento ateísta e o campo religioso brasileiro / Sabrina Flavia Testa ; orientador, Oscar Calavia Sáez, coorientador, Vânia Zikan Cardoso, 2020. 252 p.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Florianópolis, 2020.

Inclui referências.

1. Antropologia Social. 2. Ateísmo. 3. Religião. 4. Campo religioso. 5. Rede. I. Calavia Sáez, Oscar. II. Zikan Cardoso, Vânia. III. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. IV. Título.

Sabrina Flavia Testa

**Oposição e parte:** O movimento ateuista e o campo religioso brasileiro

O presente trabalho em nível de doutorado foi avaliado e aprovado por banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Prof. Emerson Alessandro Giumbelli, Dr.

Instituição PPGAS/UFRGS

Prof. Theophilos Rifiotis, Dr.

Instituição PPGAS/UFSC

Prof. Bruno Mafra Ney Reinhardt, Dr.

Instituição PPGAS/UFSC

Certificamos que esta é a **versão original e final** do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para obtenção do título de doutor em Antropologia Social.

---

Coordenação do Programa de Pós-Graduação

---

Prof. Oscar Calavia Sáez

Orientador

Florianópolis, 2020.

Aos demônios (muito reais) que assombram ao escrever.

## AGRADECIMENTOS

Fazer uma tese é um processo longo e, embora individual, não chega a término sem o concurso de uma multiplicidade de pessoas. Por isso, sou grata em primeiro lugar aos ateus e ateias do Brasil que se disponibilizaram a fazer parte da pesquisa e compartilharam comigo suas experiências. Sou grata igualmente ao professor Oscar Calavia Sáez quem foi meu orientador ao longo de toda minha pós-graduação, inclusive depois de deixar o Brasil. A ele devo muitas das ideias expressas ao longo deste trabalho. Agradeço também a minha co-orientadora, Vânia Zikan Cardoso quem gentilmente veio em meu auxílio, resolvendo os impasses decorrentes da ausência física do orientador.

Gostaria de expressar minha gratidão ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS/UFSC) pela confiança colocada no meu trabalho e ao CNPq pela bolsa que foi meu sustento ao longo destes anos. Também à CAPES pelo semestre na École Pratique des Hautes Études (EPHE/PSL) que foi de incalculável valor, tanto acadêmico quanto pessoal e aos colegas e professores do Groupe Societé, Religions, Laïcités (GSRL) pelo acolhimento e o intercâmbio durante esse período.

Pelo acompanhamento e a contenção durante as fases mais duras da escrita, meu muito obrigada à professora Jean Langdon.

O mundo dos vivos já contém suficientes maravilhas e mistérios sendo como é; maravilhas e mistérios agindo sobre nossas emoções e inteligências de modos tão inexplicáveis que quase justificariam a concepção da vida como um estado de encantamento. Não. Eu estou por demais firme na minha consciência do maravilhoso para ficar algum dia fascinado pelo mero sobrenatural, que, por onde quer que se olhe, não passa de um artigo fabricado, o produto de mentes insensíveis às sutilezas íntimas da nossa relação com os mortos e com os vivos, nas suas infinitas diversidades; uma profanação de nossas memórias mais ternas; um ultraje a nossa dignidade. (CONRAD, 2003)

## RESUMO

Este trabalho procura descrever a articulação de um movimento ateuista no Brasil em tanto que rede no sentido de Latour (2005), ao mesmo tempo que reflete sobre sua relação com o campo religioso. A pesquisa se baseia num trabalho de campo etnográfico multissituado que, partindo do ateísmo mobilizado no ciberespaço, procurou chegar a algumas iniciativas que transcendem a esfera virtual e não foram contempladas pelas pesquisas prévias. Em diálogo com estas, que assimilam o ateísmo brasileiro ao que internacionalmente se conhece como neoteísmo, o trabalho procura atentar para as particularidades e hibridismos que são próprias do ateísmo mobilizado tal como se apresenta no Brasil, em seu nível mais concreto e sobredeterminado, isto é, nas concepções e principalmente na praxe dos seus ativistas e seguidores. Em conjunto, o trabalho argumenta que –neste contexto e assim entendido– o ateísmo faz tanto *oposição* quanto *parte* do campo religioso e se dedica a explorar essa ambiguidade. Em concreto, o trabalho propõe problematizar a categorização do ateísmo entre as religiões, frequente no Brasil dentro e fora da academia, mediante a consideração de argumentos “a favor” e “contra” tal assimilação. Sem intenções de resolver a questão, o exercício procura por de relevo o que as práticas e concepções ateístas têm a dizer sobre o que se tem por religião e por religioso nesse país.

**Palavras-chave:** Ateísmo. Religião. Campo religioso, Rede.



## ABSTRACT

This work describes the articulation of the atheist movement in Brazil through considering both its nature as a network in Latour's terms (2005) and its relation with the field of religion. The research is based on multi-situated ethnographic fieldwork that began with atheism that is mobilized in cyberspace and then extended to atheist initiatives beyond the virtual sphere that have not been considered by previous studies. In dialogue with these studies that place Brazilian atheism within what is internationally known as new atheism, this thesis seeks to identify the particularities and hybridisms that are part of atheism as manifested in Brazil in its most concrete and specific level, that is to say, through the understandings and practices of its activists and supporters. Taken as a whole, this work argues that in this context and understood in this way, Brazilian atheism is both in opposition to as well as part of the religious field, and consequently the thesis is dedicated to exploring this ambiguity. Specifically, the study proposes to problematize, through considering both pros and cons, the frequent categorization that locates atheism among the religions, an identification that is found both within and outside the Brazilian academy. Without the intention of resolving this issue, the analysis highlights what atheist conceptions and practices have to say about the nature of religion and the religious in this country.

**Keywords:** Atheism. Religion. Religious field. Network.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1: “Meme” compartilhado por um ateu no Facebook. ....	71
Figura 2: Quadrinho satirizando a ganância dos pastores .....	71
Figura 3: Imagem postada nos comentários à postagem sobre a Marcha para Jesus. ....	79
Figura 4: Imagem postada por um usuário, compartilhada da página "Mendigo Intelectual".	80
Figura 5: Postagem de um usuário do grupo. ....	81
Figura 6: Publicação de um participante. ....	82
Figura 7: “Meme” que aparece de tempo em tempo no muro de Facebook da pesquisa, com variações .....	86
Figura 8: Comparação com o Oriente Médio .....	88
Figura 9: Página de Facebook "Espaço Vocacional". ....	92
Figura 10: Outdoor pertencente a uma campanha da ATEA de 2010.....	95
Figura 11: Charge de autor desconhecido. ....	106
Figura 12: Imagem extraída do Grupo de Facebook "Contradições da Bíblia". ....	107
Figura 13: "Meme" publicado por um dos contatos do Facebook. ....	109
Figura 14: Banner no site da ATEA com o planeta Terra. ....	124
Figura 15: Logomarca da APCE. Embora pareça uma flor, o desenho é de um átomo.....	124
Figura 16: Logomarca da Associação de Racionalistas Céticos e Ateus .....	124
Figura 17: Cartaz de divulgação do Encontro de Ateus dentro do Encontro da Nova Consciência de 2018 .....	124
Figura 18: Logomarca da "ATeia da Razão".....	125
Figura 19: Imagem de apresentação do grupo Saganistas no Facebook parodiando uma representação de satã. ....	126
Figura 20: Ilustração do cartunista Carlos Ruas publicada no grupo de Facebook Mundo Ateu. ....	127
Figura 21: Paródia da última ceia realizada durante uma COMAARJ e datada em 30/04/2016. ....	136
Figura 22: Paródia da última ceia, realizada durante uma COMAAFOR e datada em 05/04/2017, atual banner central da página de Facebook da ARCA.....	136
Figura 23: Eu "psicografando" a VIII COMAAFOR.....	137
Figura 24: Imagem distintiva do Bar dos Hereges / Encontro ateuista .....	138
Figura 25: Capa do último CD da banda, lançado em 2013.....	156
Figura 26: Imagem promocional da nova edição da série Cosmos. ....	169

Figura 27: A fundadora e presidente da APCE com um banner feito para o Fórum Mundial de Direitos Humanos. ....	200
Figura 28: Banner de promoção da 1º COMAAFS. ....	203
Figura 29: Convocatória para a 19º COMAARJ, a última realizada.....	204
Figura 30: Churrasco da Paixão edição 2018. ....	206
Figura 31: Cartaz do 1º Encontro Nacional de Ateus.....	207
Figura 32: Cartaz de divulgação do 4º Encontro Nacional de Ateus. ....	208
Figura 33: Cartaz de divulgação do 5º ENA. ....	209
Figura 34: "Santinho" da campanha de Edmar Luz distribuído na assembleia da ATEA de 2017. ....	235

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

APCE Associação Ateísta do Planalto Central  
ARCA Associação Racionalista de Céticos e Ateus  
ATEA Associação Brasileira de Ateus e Agnósticos  
CEPLIR Centro de Promoção da Liberdade Religiosa e Direitos Humanos  
CNRDR Comitê Nacional de Respeito à Diversidade Religiosa  
COMAABRA Confraternização de Ateus e Agnósticos de Brasília  
COMAAFOR Confraternização de Ateus e Agnósticos de Fortaleza  
COMAAFS Confraternização de Ateus e Agnósticos de Feira de Santana  
COMAARJ Confraternização de Ateus e Agnósticos do Rio de Janeiro  
COMAASP Confraternização de Ateus e Agnósticos de São Paulo  
ENA Encontro Nacional de Ateus  
EUA Estados Unidos de América  
IHEU International Humanist and Ethical Union  
IURD Igreja Universal do Reino de Deus  
LGBTQI+ Lésbicas Gays Bissexuais Transexuais Queer Intersexuais e outros  
LiHS Liga Humanista Secular  
MBL Movimento Brasil Livre  
NASP Núcleo Ateísta de São Paulo  
OAB Ordem dos Advogados do Brasil  
ONG Organização Não Governamental  
PSOL Partido Socialismo e Liberdade  
PT Partido dos Trabalhadores  
PUC Pontifícia Universidade Católica  
STF Supremo Tribunal Federal  
UFCG Universidade Federal de Campina Grande  
UFRGS Universidade Federal de Rio Grande do Sul  
UNICAP Universidade Católica de Pernambuco  
URI Iniciativa das Religiões Unidas  
USP Universidade de São Paulo

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>15</b>
1.1	O estado da questão .....	19
1.2	Excursão: A cidade dos Brights .....	22
1.3	O problema de pesquisa.....	25
<b>2</b>	<b>SOBRE O PERCURSO DA PESQUISA.....</b>	<b>31</b>
2.1	Sobre os inícios do trabalho na Internet .....	33
2.2	O Rizoma e o ponto de partida .....	40
2.3	Os ateus que não estavam lá .....	43
2.4	Eureka .....	45
2.5	Os encontros de ateus .....	47
2.6	O ateísmo institucional e a laicidade do Estado .....	54
<b>3</b>	<b>O ATEÍSMO COMO RELIGIÃO: AS CRÍTICAS MORAIS .....</b>	<b>63</b>
3.1	Os mercadores do templo .....	66
3.2	O César, Deus e o ópio dos povos. ....	72
3.3	Os fariseus e a falsa moral .....	92
<b>4</b>	<b>O ATEÍSMO COMO RELIGIÃO: AS CRÍTICAS LÓGICAS .....</b>	<b>99</b>
4.1	O absurdo e a ignorância .....	99
4.2	A crítica bíblica levada a sério.....	102
4.3	A razão e a fé .....	117
<b>5</b>	<b>SOBRE A PRAXE ATEÍSTA .....</b>	<b>129</b>
5.1	O rosto visível do ateísmo: o proselitismo virtual.....	129
5.2	A ceia não santa: o movimento ateísta além das redes.....	134
5.3	A interface com o Estado: o ateísmo como minoria religiosa.....	146
<b>6</b>	<b>O PROBLEMA DA DEFINIÇÃO DO ATEÍSMO .....</b>	<b>158</b>
6.1	O ateísmo dos divulgadores de ciência.....	161
6.2	A autodefinição dos ateus E OS PERIGOS DO FUNDAMENTALISMO .....	174

6.3	Ser ou não ser crença: a controvérsia definicional .....	177
<b>7</b>	<b>O PROBLEMA DA AGREGAÇÃO DO ATEÍSMO .....</b>	<b>190</b>
7.1	A organização mínima: a atea e a lihs .....	191
7.2	As iniciativas menores .....	198
7.3	A sociogênese incompleta do movimento ateísta .....	211
<b>8</b>	<b>A AMBIGUIDADE DO ATEÍSMO NA ESFERA PÚBLICA .....</b>	<b>216</b>
8.1	DA religião pelo Estado.....	216
	Laicidade versus ecumenismo .....	219
8.2	A ameaça evangélica frente à preeminência das posições políticas .....	229
<b>9</b>	<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>239</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>245</b>
<b>10</b>	<b>ANEXO A: Iniciativas ateístas e afins compreendidas na pesquisa .....</b>	<b>250</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O ateísmo permanece um tema pouco estudado pelas ciências sociais brasileiras, apesar de existir no país uma importante tradição de estudos sobre o fato religioso e suas concomitâncias. Ao momento da elaboração do projeto de tese (junho de 2016) foram encontradas apenas quatro monografias (dissertações e teses) dedicadas ao tema. A busca foi realizada no *Portal de Teses e Dissertações da CAPES* e *Biblioteca Digital de Teses e Dissertações* e posteriormente de forma individualizada nos repositórios institucionais de mais de vinte universidades entre as mais renomadas do país. O levantamento foi efetuado utilizando as palavras-chave “ateísmo” e “ateu” e deixou de lado uma lista bastante mais nutrida de trabalhos dedicados exclusivamente a autores ateus ou ateístas (Gauchet, Sartre, Saramago ou Nietzsche, por exemplo) bem como os numerosos estudos sobre as questões conexas e realmente vastas da laicidade e o secularismo<sup>1</sup>. O que se buscou foram pesquisas dedicadas ao ateísmo em tanto que categorial populacional, movimento social e/ou posicionamento marcado com relação à religião, tal e como é entendida pelas ciências sociais.

Em sentido amplo, é possível afirmar que os poucos trabalhos que têm se ocupado do tema o fizeram, basicamente, de duas maneiras. Por um lado, os ateus foram estudados em tanto parte do heterogêneo conjunto de pessoas que se autodeclaram “sem religião”. O interesse por este tema veio motivado pelo notório aumento da percentagem de pessoas que afirmaram não possuir religião nos últimos dois censos do IBGE<sup>2</sup>. Os especialistas logo notaram, no entanto, que a categoria censitária dos “sem religião” é residual e heterogênea e que não necessariamente indica a ausência de fé ou de práticas religiosas. Implica, antes, a falta de pertença estável a uma igreja ou culto ou de uma prática institucionalizada regular (NOVAES, 2004; STEIL, 2010; MAFRA, 2013; MARIANO, 2013; TEIXEIRA, 2013). Nesta linha, as pesquisas que têm estudado internamente esta categoria focaram na diversidade de concepções e práticas de cunho religioso que podem ser achadas entre os indivíduos que declaram não ter credo, atestando assim a plasticidade da religiosidade quanto desprovida de enquadramento institucional (RODRIGUES, 2009; VILLASENOR, 2013; ROTTERDAN, 2014; VIEIRA, 2014). Nestes

---

<sup>1</sup> Trata-se de discussões importantes que foram deixadas de lado na opção de priorizar a descrição etnográfica. Permanecem como possibilidade para desenvolvimentos posteriores.

<sup>2</sup> Este grupo passou de 1,6% da população em 1980 para 7,3% no ano 2000 e 8% em 2010. Fonte: [www.ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br). Data de acesso: 02/06/2016.

trabalhos os ateus e agnósticos propriamente ditos são apresentados como um subgrupo, por sua vez, residual e minoritário ao qual não se presta maior atenção<sup>3</sup>.

Por outro lado o ateísmo foi estudado a partir dos seus grupos e intelectuais mais atuantes, identificados com o que se chamou de movimento neo-ateísta. Estes trabalhos se preocupam, fundamentalmente por analisar as concepções subjacentes à filosofia da vanguarda intelectual do movimento (GORDON, 2011; MOREIRA, 2014; FRANCO, 2015; FERNANDES, 2015) e, em menor medida, a apropriação destas ideias pelos ativistas virtuais locais (FRANCO, 2014; FERNANDES, 2015). Em todos os casos, os trabalhos se mostram superficiais, centrados sobre os aspectos mais visíveis do chamado “neoateísmo”, entendido como uma corrente de ateísmo militante relativamente recente, caracterizada por uma retórica propositalmente agressiva. Originada nos países anglofalantes do hemisfério norte e popularizada após os atentados do 11 de setembro de 2001 (GORDON, 2010), ganhou rapidamente manifestações similares em diferentes países, incluindo o Brasil e hoje é considerado um movimento ao mesmo tempo religioso e político de caráter internacional.

Os inícios desta corrente se ligam habitualmente ao trabalho de quatro intelectuais conhecidos como os “quatro cavaleiros do ateísmo” em referência aos “quatro cavaleiros do apocalipse” (MOREIRA, 2014, p. 11; MONTERO, DULLO, 2014). Os títulos de suas principais obras – *The God Delusion* (DAWKINS, 2006), *The End of Faith: Religion, Terror and the future of Reason* (HARRIS, 2004), *Breaking the Spell: Religion as a Natural Phenomenon* (DENNET, 2006) e *God is not Great: How Religion Poisons Everything* (HITCHENS, 2007) – oferecem uma aproximação ao tom das ideias que defendem. Em todos os casos, a característica principal é uma crítica direta e sem pudores da religião baseada numa narrativa de confronto entre fé e razão de cunho iluminista. Estas obras se converteram rapidamente em best-sellers, sendo traduzidas a dezenas de idiomas e animando a aparição de outras similares.

Acompanhando o fenómeno editorial, os médios de comunicação multiplicaram as publicações tanto impressas como audiovisuais sobre o tema. Nisto contribuíram, assim mesmo, seus referentes intelectuais conhecidos pela participação em debates com representantes religiosos. No entanto, além do impacto editorial e jornalístico, o neoateísmo se

---

<sup>3</sup> Exceção parcial a esta afirmação é a tese de Leandro (2012) na qual avalia um conjunto de jovens que além de não possuir religião não dão conta de nenhuma disposição nem interesse pela religiosidade, simplesmente se desentendem da questão. O curioso é que o autor interpreta estes sujeitos como “um novo tipo humano” decorrente do processo de desencantamento do mundo. Outros autores descrevem este “*apateísmo religioso*” como uma atitude de raízes mais antigas (FRANCO, 2014).



caracteriza principalmente pela multiplicidade de blogs, sites web, foros de discussão e, em geral, as mais variadas manifestações virtuais que originou. Sem dúvidas, o ativismo digital é a faceta mais prolífica e também a mais visível e estendida do movimento, mas não a única, considerando que este deu lugar a algumas associações, ONG e projetos não limitados ao mundo virtual. Se menos numerosas, estas iniciativas não deixam de desempenhar um rol ativo para a divulgação e aceitação pública do ateísmo.

Neste conjunto, é de destacar o website The Brights<sup>4</sup> que, procura divulgar a visão de mundo ateuista e organizar um movimento de dimensão internacional. Segundo Gordon (2011), o termo “*bright*” foi acunhado em 2003 pelo biólogo Paul Geisert e a educadora Mynga Futrell, movidos pelo descontento com as palavras “ateu” ou “ateuista”, por suas conotações pejorativas e, principalmente, pela falta de apelo em termos de marketing político devido a sua estruturação a partir de uma negação. No site, os “*brights*” são definidos como pessoas que possuem uma visão de mundo “naturalista” isto é, “*livre de elementos sobrenaturais ou místicos*”. Como tais, se distinguem dos “*super*”, aqueles cuja visão de mundo incorpora tais elementos<sup>5</sup>. Além desta rede, cabe mencionar, à guisa de exemplo, a *Richard Dawkins Foundation for Reason and Science*<sup>6</sup>, fundada em 2006 pelo mesmo Dawkins e o *Project Reason*<sup>7</sup>, fundado em 2007 por Sam Harris, ambas com similares objetivos de promover o conhecimento científico e os valores seculares na sociedade.

No Brasil, a principal representante desta tendência é a ATEA - Associação Brasileira de Ateus e Agnósticos, fundada em 2008 por Alfredo Spínola (advogado, recentemente falecido), Maurício Palazzuoli (biólogo) e Daniel Sottomaior (engenheiro civil, atual presidente), seguindo o exemplo anglo-americano (GORDON, 2011; FERNANDES, 2015). A organização tem por finalidade explícita combater o preconceito contra ateus e agnósticos e defender a laicidade do Estado. Com este intuito, a associação possui presença ativa no meio virtual através do seu site e do perfil em Facebook<sup>8</sup>. A partir destes canais, a organização fomenta o ativismo online por parte dos seus simpatizantes, os quais totalizam, segundo a mesma ATEA, mais de 19.000 associados e 600.000 seguidores nas redes sociais. Por sua vez,

---

<sup>4</sup> [Http://www.the-brights.net](http://www.the-brights.net). Data de acesso: 02/06/2016

<sup>5</sup> [Http://www.the-brights.net/movement/synopsis.html](http://www.the-brights.net/movement/synopsis.html). Data de acesso: 02/06/2016. É importante destacar que nem todos os adeptos, nem mesmo os referentes do movimento, adotam o termo bright para si próprios. Entre os detratores se encontra o próprio Hitchens que considera o termo inapropriado por entender que existem pessoas religiosas que também são “brilhantes” (Moreira, 2014, p. 26).

<sup>6</sup> [Https://richarddawkins.net](https://richarddawkins.net). Data de acesso: 02/06/2016

<sup>7</sup> [Http://project-reason.org](http://project-reason.org). Data de acesso: 02/06/2016

<sup>8</sup> [Https://www.facebook.com/ATEA.ORG.BR/](https://www.facebook.com/ATEA.ORG.BR/). Data de acesso: 25/05/2016.

seus fundadores -especialmente Sottomaior- possuem ativa presença na mídia regular e virtual (a semelhança de Dawkins e cia.), participando de programas de TV e rádio, entrevistas, debates e escrevendo artigos, alguns dos quais são publicados pelos jornais de grande circulação do país<sup>9</sup>.

Além disso, a ATEA destaca por promover ações judiciais, geralmente perante o Ministério Público, denunciando fatos que, segundo entendem, ferem o princípio de laicidade do Estado, notadamente, a presença de símbolos religiosos em órgãos e escolas públicas e a doação de terrenos fiscais a igrejas. Contudo, também se ocupam de denunciar o que veem como expressões de intolerância contra ateus. Um marco deste tipo de ações foi o “*caso Datena*”. Em 2010, no programa Brasil Urgente o apresentador, José Luiz Datena, ao relatar a notícia de um crime, relacionou a crueldade dos criminosos à falta de crença deus. Mediando uma ação da ATEA, em 2013 a justiça condenou a Rede Bandeirantes a uma retratação de 50 minutos, consistente na exibição de um vídeo explicativo sobre a liberdade de consciência e de crença como direitos assegurados pela Constituição (FERNANDES, 2015). Atualmente, a associação encontra-se representada na Comissão de Direito e Liberdade Religiosa da OAB/SP, no Centro de Promoção da Liberdade Religiosa e Direitos Humanos do Governo do Estado do Rio de Janeiro e no Fórum Inter-religioso do Estado de São Paulo.

Segundo Fernandes (2015), foi a rápida difusão desta associação no meio virtual o que motivou o crescimento de outros sites de militância ateuista, alguns apoiando o papel da ATEA, outros em desacordo com ela. O autor menciona várias iniciativas similares com presença na Internet, entre as que se contam algumas surgidas antes da criação da ATEA. Entre os empreendimentos citados pelo autor vale mencionar a Liga Humanista Secular, fundada em 2010 e seu blog Bule Voador<sup>10</sup>; as comunidades virtuais Universo Ateuista e Sou Ateu<sup>11</sup>; a Sociedade Racionalista<sup>12</sup>, fundada em 2011; a AASA Ateus e Agnósticos – Sociedade Ateuista<sup>13</sup>, ligada à Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro; a ARCA – Associação Racionalista de

---

<sup>9</sup> Ver, por exemplo: [http://istoe.com.br/5659\\_ATEUS+GRACAS+A+DEUS/](http://istoe.com.br/5659_ATEUS+GRACAS+A+DEUS/);  
<http://www1.folha.uol.com.br/poder/2015/06/1641112-reza-foi-ataque-a-constituicao-diz-ativista.shtml>;  
<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniaofz2010201008.htm>;  
<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniaof13603-o-fundamentalismo-de-cada-dia.shtml>;  
<http://oglobo.globo.com/politica/associacao-brasileira-de-ateus-agnosticos-chama-de-infeliz-declaracoes-de-serra-em-evento-3014866>. Data de acesso: 25/05/2016.

<sup>10</sup> <http://lihs.org.br/> e <http://www.bulevoador.com.br/>. Data de acesso: 25/05/2016.

<sup>11</sup> <https://www.facebook.com/UniversoAteista> e <https://www.facebook.com/SouAteuBrasil/>. Data de acesso: 25/05/2016.

<sup>12</sup> <http://sociedaderacionalista.org/>. Data de acesso: 25/05/2016.

<sup>13</sup> <https://aasaoficial.wordpress.com> e <https://www.facebook.com/groups/sociedadeateista/>. Data de acesso: 25/05/2016.

Céticos e Ateus<sup>14</sup>, a Sociedade Racionalista da USP<sup>15</sup>; o blog Ateus do Brasil<sup>16</sup> que registra conteúdos desde o ano de 2002 e o blog Bar do Ateu que data de 2008<sup>17</sup>. Em cada um dos sites mencionados é possível achar, por sua vez, multiplicidade de links que conduzem a uma variedade cada vez maior de iniciativas similares, mais ou menos “sérias” ou “de humor”, com existência puramente virtual ou não (FERNANDES, 2015).

## 1.1 O ESTADO DA QUESTÃO

Em termos gerais, todos estes autores coincidem sobre as principais características do movimento ateu<sup>18</sup>. Em primeiro lugar, os autores chamam a atenção para a narrativa de embate entre fé e razão que serve de fundamento aos ataques à religião. Esta narrativa exacerba os traços de uma cosmologia bem conhecida pelos antropólogos, aquela que coloca de um lado o ‘conhecimento do mundo natural e material’ entendido como ‘aquilo que realmente existe’ e do outro as ‘crenças e superstições’ que não passariam de meras ‘fantasias’ (SAHLINS, 2001). Conforme esta visão, para sustentar seus ‘mitos’ e ‘fábulas’ as religiões se veriam obrigadas a recorrer ao medo (como a ida aos infernos no cristianismo, por exemplo) e inclusive a enganar e trapaças, já que são intrinsecamente refratárias a argumentação lógica e à evidência dos fatos. Por sua vez, veem este mesmo mecanismo como o fator essencial por trás dos fanatismos religiosos e as atrocidades cometidas em nome da fé. Nesta categoria entram, sem muitas discriminações, a inquisição e o caso Galileu, o atentado às Torres Gêmeas e os conflitos bélicos no Oriente Médio, bem como o costume da mutilação do clitóris em algumas regiões da África ou a prática da circuncisão entre os judeus (GORDON, 2011; FRANCO, 2014; MOREIRA, 2014; FERNANDES, 2015).

Franco (2014), em particular, enfatiza que um posicionamento semelhante implica uma visão simplificada e de senso comum sobre a ciência, e isso a pesar da vinculação da maioria dos referentes do movimento com o médio acadêmico. De fato, Dawkins é biólogo de formação e professor de “compreensão pública da ciência” na Universidade de Oxford; Victor Stenger é

<sup>14</sup><http://arcateus.blogspot.com.br/> e <https://www.facebook.com/arcateus/info/>. Data de acesso: 25/05/2016.

<sup>15</sup><https://racionalistasusp.wordpress.com/>. Data de acesso: 25/05/2016.

<sup>16</sup><http://ateusdobrasil.com.br/>. Data de acesso: 25/05/2016.

<sup>17</sup><http://bardoateu.blogspot.com.br/?view=timeslide>; <https://www.facebook.com/BarDoAteu/>. Data de acesso: 25/05/2016.

<sup>18</sup>Neste trabalho com “movimento” se faz referência a um termo nativo, aquele que os próprios ateus escolhem para falar de suas ações em tanto que empreitada coletiva. Não se trata de um conceito no sentido da teoria social, mas de um termo de autoidentificação.

um físico de partículas e trabalhou em várias universidades (Havaí, Oxford, Heidelberg, entre outras); Sam Harris e Daniel Dennet, por outro lado, embora sejam filósofos de formação têm se especializado na interface com as neurociências e as ciências cognitivas respectivamente. Com relação a este ponto, Gordon adverte que a concepção da razão —e de sua oposição à religião— sustentada por estes autores não é, na verdade, de fatura recente, mas de origem iluminista, remontando-se as ideias dos *philosophes* franceses em particular Voltaire, La Mettrie, Diderot, d’Alambert, Helvétius e d’Holbach, isto é, uma vertente de pensamento iluminista dedicada à crítica cultural, à polêmica jornalística e ao ativismo antirreligioso (GORDON, 2011, p. 8-9).

Análogas considerações podem ser feitas com relação à concepção de religião, desde que não há na vanguarda ateísta qualquer ponderação dos aspectos simbólicos ou mitológicos do fenômeno. Assim, os conteúdos dos textos sagrados como a Bíblia e o Corão são entendidos como proposições fáticas e interpretadas, em geral, literalmente (FRANCO, 2014, p. 14). Desde esta ótica resulta evidentemente simples questionar sua validade empírica ou consistência lógica. Da mesma maneira, não há qualquer dificuldade em achar nesses textos trechos que possam soar como apologia da violência e da crueldade, somando com isso ‘provas’ em favor da tese de que a religião obstaculiza o avanço da civilização e o desenvolvimento do homem<sup>19</sup> Neste ponto, resulta evidente que, se o ataque se dirige à ‘religião’ em abstrato, na prática o alvo são as três grandes religiões de matriz abraâmica, o judaísmo, o cristianismo e o islamismo e, entre estas, o *cristianismo* em particular.

Com base nestas concepções, a vanguarda ateísta insiste na possibilidade de uma ética e uma moral desprovidas de conteúdos religiosos. Mais ainda, argumentam que uma ética desprovida de ‘elementos sobrenaturais’ seria superior a uma ética religiosa, desde que evitaria as atrocidades e irracionalidades que são, nas suas concepções, consubstanciais à religião (FRANCO, 2014; MOREIRA, 2014). Por sua vez, com isto procuram se opor a uma certa opinião corrente de que pessoas desprovidas de deus seriam também desprovidas de moral. Tal objetivo tem se convertido em uma das principais bandeiras da militância ateísta, que tanto no Brasil quanto em seus centros de irradiação nos Estados Unidos e na Inglaterra, procura

---

<sup>19</sup>Inspirado numa teoria da evolução cultural de base genética, Dawkins argumenta que a religião constitui um subproduto evolutivo, se reproduzindo na espécie humana do mesmo modo que um vírus, isto é, em benefício próprio e não do hospedeiro. A teoria da evolução cultural de Dawkins foi apresentada no livro *The Selfish Gene*, publicado em 1976. Nesta obra o autor argumenta que a cultura se reproduz pela replicação de unidades de informação chamadas “memes”, equivalentes culturais dos “genes” biológicos. Em geral, os diferentes referentes deste movimento consideram a religião como um fenômeno natural, decorrente do funcionamento da mente, biologicamente entendida. Para uma análise detalhada ver Franco (2014).

combater o preconceito contra ateus<sup>20</sup> e incitar os mesmos a “saírem do armário”. Aqui é clara a tentativa de emular o movimento gay e suas relativamente bem-sucedidas estratégias para mudar a imagem pública dos homossexuais. A adoção de termo “bright”, com efeito, possui similares objetivos que a difusão do termo “gay” e se inspira explicitamente nessa experiência (GORDON, 2011; FRANCO, 2014; MOREIRA, 2014).

A organização proselitista com causas políticas bem definidas é outra das características destacadas pelos autores como central a este novo ateísmo (GORDON, 2011; FRANCO, 2014; MOREIRA, 2014). Os objetivos perseguidos pelas diferentes organizações variam entre os mais “brandos” de difusão do movimento e conscientização da população e aqueles mais “duros” que tangem à legislação e a organização institucional dos países. Quanto ao primeiro tipo de mobilização, é preciso destacar o objetivo de difusão da visão de mundo ‘naturalista’ e de uma ética atrelada a ela e –o que é visto como concomitante– a mudança da imagem pública dos ateus. Quanto ao segundo tipo de ativismo, destacam temas como o ensino de ciência e de conteúdos religiosos nas escolas (nos EUA a polêmica pelo ensino de criacionismo ou evolucionismo às crianças), as travas à pesquisa científica por motivos religiosos (como a proibição do uso de células-tronco), e em termos gerais, a oposição à influência das forças políticas confessionais nos órgãos de governo (cuja versão brasileira é a bancada evangélica), entre outros assuntos similares.

Os diferentes autores avaliam os fatores por trás do inédito sucesso desta nova onda ateísta. Franco (2014) e Moreira (2014) destacam a habilidade comunicacional dos referentes, que são todos, de um modo ou outro, comunicadores profissionais<sup>21</sup> assim como o apelo à ciência feito nos moldes do senso comum. Franco (2014) em particular, ao analisar a obra de Dawkins conclui que a ligação dos posicionamentos político-ideológicos à trajetória científica tem como resultado legitimar tais posicionamentos como “verdadeiros” perante o grande público, ao tempo que se endossa uma concepção leiga da ciência, onde seus produtos são vistos como definitivos e isentos de controvérsias. Já Fernandes (2015) enfatiza o aproveitamento da penetração e dinamismo da Internet e o recurso ao humor como estratégia para ganhar a atenção do grande público. Nesse sentido, a luta pelo “direito à blasfêmia” é outra das bandeiras do

---

<sup>20</sup>Com efeito, uma pesquisa da Fundação Perseu Abramo em parceria com o Instituto Rosa Luxemburgo realizada em 2008, teve com resultado que 42% dos brasileiros sentem aversão aos ateus (17%, ódio/repulsa, e 25%, antipatia), percentagem similar à dos usuários de drogas, com 41%. Estes dois grupos lideram o ranking dos alvos de intolerância no Brasil. Fonte: <http://csbh.fpabramo.org.br/o-que-fazemos/editora/teoria-e-debate/edicoes-anteriores/intolerancia-diversidade-sexual>. Data de acesso: 02/06/2015.

<sup>21</sup>Em particular, Dawkins e Stenger se desempenham profissionalmente como divulgadores de ciência, além do trabalho estritamente acadêmico e Hitchens é jornalista.

movimento, que defende a possibilidade de submeter a religião ao mesmo menosprezo e crítica a que se submetem as outras ordens da sociedade (GORDON, 2011).

## 1.2 EXCURSO: A CIDADE DOS BRIGHTS

Dentre o conjunto de trabalhos brasileiros dedicados diretamente ao fenômeno do ateísmo a tese de Gordon (2011) é a mais notável. Considerando a qualidade da pesquisa e a pertinência disciplinar à antropologia<sup>22</sup>, será o principal referente deste projeto. Com relação a este trabalho, o aspecto que se quer destacar é a articulação do argumento, isto é, o percurso que leva das premissas às conclusões<sup>23</sup>. Gordon inicia suas reflexões sentando alguns conceitos que, na essência, são compartilhados pelo resto dos pesquisadores que abordaram o tema. O autor conceitualiza o ateísmo como uma “espécie” do “gênero” religião, argumentando que a oposição a ou a negação de uma coisa faz parte da coisa mesma, que constitui o dado primário (GORDON, 2011). Neste sentido, se o que neoateísmo procura expressamente é se opor ao conjunto das religiões, na prática, se opõe à concepção de deus<sup>24</sup> e da religião modelada pelo cristianismo. Para Gordon, cada religião cria seus próprios ateísmos e por isso é possível diferenciar o neoateísmo como um ateísmo cristão do ateísmo islâmico ou judeu, por exemplo.

Partindo destas definições Gordon propõe uma pesquisa sobre o neoateísmo que leve a religião sério, seguindo a Latour, uma pesquisa que trate da religião *religiosamente*. Com isto, o autor se coloca explicitamente em confronto com as perspectivas dos neoateus: o propósito é, precisamente, equilibrar o panorama elaborando uma crítica do neoateísmo a partir da religião. Com religião não se refere apenas ao cristianismo, mas ao cristianismo em seu sentido original, segundo o autor, aquele expresso na Doutrina das Duas Cidades de Santo Agostinho. Assim, Gordon afirma que a novidade que o cristianismo traz é uma concepção de transcendência entendida no seu sentido máximo, isto é, como uma ordem de realidade que se coloca sempre além do mundo, que é logicamente anterior ao tempo e ao espaço, mas contém em si o tempo e o espaço. Para Gordon, o verdadeiro sentido do cristianismo se encontra nessa noção de um deus transcendente que diz respeito ao sentido último e primeiro de todas as coisas e ao qual tudo se refere.

---

<sup>22</sup>Os outros três trabalhos se inscrevem no campo das ciências da religião (FRANCO, 2014; MOREIRA, 2014; FERNANDES, 2015).

<sup>23</sup>Aqui se apresentará uma síntese do argumento do autor que é complexo e extenso.

<sup>24</sup>Neste trabalho “deus” será escrito com minúsculas seguindo o uso dos próprios ateus, que entendem que o termo é um nome comum e não próprio. A grafia com maiúsculas será empregada no caso de citações, quando esta pertença ao original, e no caso em que se este fazendo referência a um deus em particular.

Segundo Santo Agostinho, o domínio da religião e, portanto, da Igreja, é o domínio do transcendente, aquilo que tem a ver com o destino final dos homens e não com seu devir terreno. Este último é o domínio do secular, sujeito ao tempo e o espaço e jurisdição da cultura, da economia e, principalmente, da política. Não se trata de outra coisa que uma elaboração a partir da famosa passagem bíblica que reza “*Dai pois a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus*”<sup>25</sup> que viria distinguir o cristianismo das religiões do Estado ou da cidade que predominavam no seu contexto de expansão. Conforme esta doutrina, o domínio da religião é extramundano e não há de se confundir com o poder político, isto é com a regulamentação da vida em sociedade e a gestão dos assuntos do Estado. Na leitura de Gordon, ao separar desta maneira a “Cidade de Deus” da “Cidade de César” o cristianismo criou, ao mesmo tempo, os conceitos de “religião” e de “secular”, tal como se conhecem hoje e se utilizam fora dos seus contextos originais. Deste ponto de vista, falar de religião cristã constitui uma redundância: o cristianismo é a *religião* por definição.

A originalidade do trabalho de Gordon consiste na vinculação do movimento neoateísta a uma longa linhagem filosófica e teológica de recusa da transcendência (assim entendida) que teve origem nos primeiros séculos do Cristianismo. Seguindo os desenvolvimentos do filósofo alemão Eric Voegelin, Gordon vê o movimento neoateísta como parte de uma única história de negação de Deus que começa com o gnosticismo antigo e se prolonga ao longo dos séculos até chegar à atualidade. Desta linhagem gnóstica fariam parte as principais correntes filosóficas e políticas da modernidade: desde o naturalismo científico que embasa o que hoje temos por ciência à teoria política e em geral as filosofias que subjazem ao conjunto das atuais ciências sociais. Desta linhagem fariam parte, assim mesmo, o comunismo e o nazismo, a psicanálise, assim como a ideologia por trás do ambientalismo militante em boga hoje em dia. Segundo Gordon, o que todos estes sistemas têm em comum —e os diferentes ateísmos novos e antigos se incluem no conjunto— é uma atitude existencial de recusa de uma ordem transcendente do ser que levaria, inevitavelmente, a uma sacralização da imanência.

O autor explica que tal sacralização pode ser realizada por duas vias: pela ciência e pela política, pela natureza e pela sociedade. O processo é o mesmo em ambos os casos, a saber, a negação da transcendência acaba produzindo uma infinidade de “substitutos” que fazem as vezes de Deus ao interior de um mundo imanente. Estes substitutos assumem tanto formas naturais quanto históricas: o super-homem de Nietzsche, o Estado de Hegel, o Progresso de

---

<sup>25</sup>Mateus 22,21. Fonte: <https://www.bibliaonline.com.br/acf/mt/22>.

Comte, a natureza material da ciência moderna, ou a natureza mística de alguns movimentos ecologistas, entre muitos outros similares. Neste conjunto, o neoateísmo destacaria pela síntese que realiza entre uma e outra via: o que Hitchens companhia fazem, segundo Gordon, é converter a *ciência* numa bandeira *política* (GORDON, 2011, p. 38). É por isto que o autor caracteriza o movimento como uma *religião política* (Voegelin já usara o conceito para os movimentos políticos de massa do século XX) e um *milénarismo científico*. Do ponto de vista da religião propriamente entendida se trata, claro está, de uma *pseudo-religião*.

Ao adotar o ponto de vista da transcendência, Gordon adota conscientemente o ponto de vista da ortodoxia. Ele mesmo aponta que a teoria de Santo Agostinho foi declarada oficial pelo Concílio de Éfeso celebrado no ano de 431, o mesmo que condenou o milénarismo como heresia. Assim, se o argumento resulta inteiramente lógico em termos filosóficos —inclusive necessariamente lógico— acaba deixando na sombra, inclusive menosprezando, os aspectos *imanentes* da religião. Neste sentido, é preciso apontar que o cristianismo esteve marcado desde suas origens por uma tensão entre o mundo celestial e a atuação da Igreja como representação de Deus *na terra*. O mesmo Gordon não deixa de reconhecer que a própria institucionalização do cristianismo após a queda do Império Romano acabou resultando numa aproximação perigosa entre a cidade celeste e a cidade terrestre e que este conflito acompanhou a história da Igreja ao longo dos séculos (GORDON, 2011, p. 63). Neste mesmo sentido pode ser entendida a oposição entre os conceitos de igreja e seita, que Troeltsch (1987) vê remontar-se à Baixa Idade Média e que Weber (2003) emprega para conceitualizar a Reforma Protestante.

Não cabe aqui lembrar a longa história das relações entre o Estado (e o mercado) e a Igreja. O apontamento foi feito para notar que ao colocar o essencial do cristianismo na concepção ortodoxa da transcendência e elaborar o conjunto do argumento em função disto, Gordon acaba produzindo uma imagem purificada —no sentido de Latour (2001) — tanto do cristianismo quanto do ateísmo. Ele aborda o movimento neoateísta a partir das ideias e dos pronunciamentos públicos dos seus referentes mais importantes, acadêmicos e jornalistas habituados à clareza na exposição de ideias abstratas e à depuração da linguagem. Ele descreve um movimento virtualmente constituído por teorias bem articuladas e posicionamentos públicos unívocos. De certo modo, Gordon aborda o ateísmo do mesmo modo que aborda o cristianismo, a partir da ortodoxia definida por seus teólogos mais importantes.



### 1.3 O PROBLEMA DE PESQUISA

Embora o trabalho de Gordon seja, de certa forma, paradigmático, o restante dos autores tendem igualmente a retratar o neoateísmo como um movimento de contornos claros, dotado de uma estrutura institucional, um repertório de ação e, principalmente, um corpus ideológico bem definido. Estes se ocuparam, fundamentalmente, de analisar a filosofia da vanguarda intelectual do movimento (GORDON, 2011; MOREIRA, 2014; FRANCO, 2015; FERNANDES, 2015) e, em menor medida, a apropriação *destas ideias* pelos militantes virtuais locais (FRANCO, 2014; FERNANDES, 2015). O conjunto dos trabalhos, entende-se aqui, adota o rótulo e a definição de neoateísmo tal como é conceituado internacionalmente, sem uma problematização da categoria e sem se preocupar pelos modos particulares em que este se constitui no Brasil. Mesmo as pesquisas que fazem alguma abordagem dos militantes locais (FRANCO, 2014; FERNANDES, 2015) estão mais interessadas em captar os traços comuns a todos eles que em captar sua singularidade e heterogeneidade interna. Em poucas palavras, privilegiam a ortodoxia do movimento, deixando num segundo plano sua praxe e também possíveis heterodoxias.

Ora se as descrições não apenas têm comum o fato de estar focadas sobre a filosofia do movimento, também guardam uma coincidência fundamental ao nível das categorias: todos os autores classificam o ateísmo como religião e o fazem desde o início de suas explorações. Em outras palavras, a assimilação do ateísmo à religião é uma das primeiras eleições teóricas realizadas pelos autores, e por isso, uma das mais importantes para o desenvolvimento dos seus argumentos. Embora, novamente, o exemplo mais claro seja o de Gordon, o restante dos autores efetua o mesmo enquadramento de forma explícita. Todos consideram o ateísmo conceitualmente dependente do teísmo, e impossível de ser pensado senão por referência a este. Todos deixam claro que a negação da religião não é nem pode ser algo diferente de uma emulação, analogia, ou derivação daquilo que nega, no limite, religioso ele mesmo. Afirmam, ademais, que embora o termo denote uma oposição aos teísmos em geral, na prática, o que se tem é um movimento de contestação do cristianismo, por extensão, das religiões de matriz abraâmica.

Ao mesmo tempo, e também no conjunto dos trabalhos revistados, esta categorização vem ligada a uma crítica do neoateísmo realizada em nome da longa tradição dos estudos da religião dentro das ciências sociais e humanas. Com efeito, as partes mais substanciais destes trabalhos estão dedicadas a contestar as críticas neoateístas do religioso, opondo-lhes séculos

de desenvolvimento teórico em diferentes áreas, incluída a teologia. Com isso, os pesquisadores parecem se colocar como objetivo a defesa de um velho objeto de estudo agora questionado em sua consistência e importância (ALTGLAS; WOOD, 2018). Mais uma vez, a tese de Gordon é a mais significativa neste sentido. Ao propor uma pesquisa sobre o ateísmo que *leve a religião a sério* se coloca diretamente em confronto com as perspectivas neoateístas: o objetivo declarado do trabalho é, precisamente, elaborar uma crítica do neoateísmo a partir da religião, como se esta precisasse ser defendida dos ataques que provêm, afinal, de um substituto dela mesma.

Precisamente por adotar um ponto de vista teológico, Gordon é o único a aportar uma definição explícita de religião. Com este termo ele se refere especificamente ao cristianismo e ao cristianismo em seu sentido máximo tal como definido por Santo Agostinho. O restante dos autores não explicita *um* conceito de religião, se não que falam desta a partir de suas formações disciplinares (notar aqui que a maior parte provêm das ciências da religião), dos autores que escolheram como referentes teóricos, e claro, da imagem que têm das religiões socialmente existentes no entorno. Embora há vários fatores que podem ser considerados, genericamente como parte da noção, parece prevalecer nos autores que trataram do ateísmo certo privilégio dos aspectos semânticos. O ateísmo constituiria religião principalmente em virtude de sua incapacidade definitiva de eliminar a figura de deus, ou o lugar do transcendente. Isto é, por suas ideias, “crenças” (ASAD, 2011), sua (a)teologia antes que, por exemplo, sua liturgia, ou as características da comunidade de (não) fé que conforma.

A proposta deste trabalho é reconsiderar esta categorização levando a sério tanto a religião quanto o ateísmo mesmo. Não se pretende refutar os autores precedentes, nem apenas confirmar suas conclusões, se não problematizar uma associação que até o momento foi vista como natural e isenta de problemas. Aliás, seguindo o estado da questão não há dúvidas de que o movimento ateuista pode ser considerado *parte* do campo religioso; porém, se se leva em consideração aquilo que os ateus dizem sobre si mesmos, este deve ser considerado em *oposição* a esse conjunto, isto é como algo externo e diferente da miscelânea de alternativas religiosas existentes no país. *Não se pretende aqui resolver essa ambiguidade, mas explorá-la*, considerando argumentos a favor e contra a tese que equipara o ateísmo à religião. Isto supõe incluir no trabalho não apenas as críticas feitas ao ateísmo em nome da religião que o dissolvem conceitualmente nesta, quanto os argumentos que o ateísmo esgrime em sua defesa e que tentam constitui-lo como um objeto por direito próprio.

Ora, isto será feito não desde qualquer noção de transcendência mas dos elementos imanentes à religião e o ateísmo em sua existência social. Quer dizer, em primeiro lugar, abordá-lo não em função de seu confronto com a ortodoxia cristã, mas do confronto com a Igreja e com os cristãos, com todas suas contradições, compromissos e ambiguidades. Significa, igualmente, abordar o fenômeno não tanto a partir da doxa ou da ortodoxia, mas da praxe, (CALAVIA, 2009), alvo primário de uma luta que os autores (incluindo a Gordon) coincidem em caracterizar como *política*. Significa, de igual modo, abordar o movimento não a partir das ideias das suas grandes figuras, mas dos seus militantes concretos, mais ou menos anônimos, mais ou menos conhecidos, que sustentam o movimento ateu no Brasil. Implica, assim mesmo, estudar suas atividades por referência ao contexto religioso e político vernáculo, com seu dinamismo e sua diversidade. Implica, ademais, abordar o fenômeno sem pressupor uma identidade de base, mas atentando para suas divisões e matizes internos bem como para suas distinções e relações externas.

A pergunta recai pelas modalidades de constituição do ateísmo perante o cenário religioso local, ou seja, as configurações singulares que o ateísmo adquire em confronto com os cristianismos locais, sociológica e antropologicamente entendidos. Não resulta razoável supor, com efeito, que o cristianismo ao qual os ateístas vernáculos se opõem seja o de Santo Agostinho, nem mesmo o da ortodoxia atual da Igreja Católica, assim como não cabe supor que confrontam com as igrejas e fiéis do contexto de Harris e companhia. Antes bem, se propõe observar a constituição do ateísmo de cara à Igreja local com seus padres e bispos mundanos e de cara ao catolicismo popular com seus santos e romarias e, igualmente, de cara aos evangélicos e pentecostais com suas variadas igrejas, seus crentes, pastores, dízimos e principalmente, sua bancada legislativa. Isso sem considerar a influência do espiritismo e as religiões afro-brasileiras em suas múltiplas interpenetrações com o cristianismo em sentido amplo<sup>26</sup>. Havendo tantos cristianismos no país, com suas lutas e disputas, não parece prudente conceber o ateísmo *a priori* como um bloco monolítico.

Com isto, o que se propõe é uma pesquisa sobre o ateísmo que, em lugar de se circunscrever a uma corrente ou grupo determinado, atente para as variadas configurações que o fenômeno pode potencialmente assumir no cenário local. Quer dizer, uma pesquisa que seja

---

<sup>26</sup>A heterogeneidade interna do campo religioso brasileiro e a porosidade de suas fronteiras são fatos de conhecimento comum entre os pesquisadores, não há necessidade de argumentar a respeito. Para um panorama sumário ver Oro e Steil (1997).

sensível às variações do fenômeno, a focos de interesse e definições diferenciais tanto do ateísmo quanto da religião e dos religiosos, que atente para discursos e estilos diferentes de militância, que seja capaz de abordar disputas e alianças, desafetos e afinidades, fraturas e alinhamentos naquilo que, até o momento, foi abordado como um movimento unificado e mais ou menos homogêneo. O interesse de uma pesquisa semelhante se encontra, precisamente, no que diz respeito ao campo religioso local em conjunto, na medida em que o ateísmo “*entra no campo das disputas sobre o que é religião e que sua definição é sempre feita em relação ao que se compreende como religioso*” (MONTERO; DULLO, 2014, p. 69). Assim, podemos afirmar que uma pesquisa sobre as formas que adquire o ateísmo no país é relevante à problemática da definição e os limites do que se tem por religião e por religioso naquele contexto.

O foco das indagações estará colocado sobre a articulação de um campo ateísta no Brasil que, como se apontou assim, se constitui como parte de *e* em confronto com o campo religioso local. O que interessa é o terreno de relações disputas e tensões que se tece em torno do ativismo ateísta do Brasil em seu nível mais concreto e sobredeterminado, isto é, na ação dos seus militantes e simpatizantes com suas associações, sites e campanhas. Entretanto, a noção de campo não é aqui entendida estritamente nos termos do modelo teórico de Bourdieu (1971; 1977), como disputa vertical pelo poder simbólico, mas se *inspira* antes no sentido lateral e etnográfico que se deduz de trabalhos como os de R.C. Fernandes (1982) ou C. Rodrigues Brandão (1980). Estes pesquisadores, ao estudar cenários religiosos plurais consideraram tanto as lutas pelo poder e as preocupações com a legitimação quanto prestaram atenção às particularidades de cosmologias e rituais, do contexto econômico e cultural e das transformações históricas em curso, por exemplo.

Pretende-se, com isso, manter a ideia do campo religioso como um território relacional, onde as definições são sempre mutuas e recíprocas e não isentas de tensões e conflitos. Fora esta noção elementar, a descrição deste campo (não) religioso poderá incluir pressupostos metafísicos, compreensões sobre o modo de praticar a fé (no caso, de não praticar a fé), pertencas disciplinares e profissionais, afinidades ideológicas, e afinidades culturais, sociais e políticas num sentido amplo, enfim, tudo aquilo que os simpatizantes locais do ateísmo tenham por pertinente e relevante para sua definição e ação como tais. A rigor, as mesmas características do próprio fenômeno escolhido como tema impõem ainda uma reinterpretção da noção de campo. Com efeito, tanto R. C. Fernandes (1982) quanto Rodrigues Brandão (1980) pesquisaram em contextos etnográficos localizados que permitiam a observação direta de um grupo mais ou menos identificável de pessoas em interação face a face. Um estudo sobre o

ateísmo como o aqui proposto não admite uma aproximação deste tipo e obriga, com isso, a uma reconceitualização.

Neste sentido, se o que interessa não é um grupo definido de militantes ateus nem uma única definição de ateísmo, mas captar a (hipotetizada) heterogeneidade de formas de ateísmo tal como se manifestam no Brasil, parece mais ajustado e viável entender o campo não como um território com fronteiras claras e pré-definidas, mas como um fluxo ou uma rede no sentido de Latour<sup>27</sup> (2005). Com efeito, o que aparece à primeira vista a partir da visita aos sites ateístas e da leitura das pesquisas sobre o tema, é uma configuração desterritorializada, contingente e provisória sem centro nem síntese, sem começo nem fim, que possui alguns núcleos estáveis e mais ou menos estruturados mas se articula de forma fluida e não pré-definida por nenhum canal institucional, que se alimenta de referências variadas e diversas e se constitui a partir da ação de uma multiplicidade de militantes, simpatizantes e seguidores dispersos e, principalmente, que dá amostras de se ramificar em uma multiplicidade de iniciativas que desafiam a compreensão comum do religioso, gerando hibridismos do mais diversos e singulares.

Ora, tornar uma abordagem semelhante metodológica e epistemologicamente viável implica renunciar à tentação da totalidade. Não se pretende aqui retratar o conjunto do campo (não) religioso brasileiro entendido como uma construção a priori, mas “seguir o curso da ação” feita em nome do ateísmo a partir de alguns núcleos mais atuantes, para observar (o que nos termos de Latour equivale a criar) a constituição do ateísmo em tanto rede, isto é, em tanto trabalho sendo feito, fluxo, contingência, evento, associação. Isto implica, por sua vez, atentar tanto para as relações sendo feitas quanto para os cortes e limites que a mesma ação cria, isto é, tanto para o fluxo quanto para os dispositivos que o cortam e que são igualmente entendidos como resultantes da ação (STRATHERN, 2014). Neste ponto, fica claro que o qualificativo de “neoteísmo” se torna desnecessário, por não dizer incorreto, desde que não se assume, a princípio, a existência de limites preestabelecidos. Ao problema da definição se dará aqui uma resposta operativa: partindo de núcleos explicitamente ateístas, a tarefa será, precisamente, rastrear os modos em que se constitui, em ato, aquilo que se chama de ateísmo.

---

<sup>27</sup>Na Reunião Antropológica do Mercosul de 2015, no simpósio intitulado “¿Nuevos paradigmas o nuevas realidades? Cuestionando la imagen establecida de las religiones en y desde el Mercosur”, foi discutida a fecundidade de uma abordagem semelhante para o tratamento de formas religiosas que não se enquadram nos marcos institucionais e nas definições estáticas utilizadas tradicionalmente no estudo das religiões. Tal aproximação foi defendida, especialmente, como adequada à pesquisa de religiosidades por definição fluidas como a New Age ou perseguidas e estigmatizadas e por isso, subterrâneas, como os cultos afro-brasileiros na Argentina. Da discussão participaram Alejandro Frigerio, Pablo Seman, Nicolás Guigou e Ari Pedro Oro.

O trabalho está estruturado em três partes. A primeira compreende esta introdução e o capítulo II, no qual se faz explícito o percurso da pesquisa, isto é, se explica como foi traçada a rede do ateísmo tal como recriada neste trabalho. A segunda parte compreende os capítulos III, IV e V onde se abordam os argumentos “a favor” da assimilação do ateísmo à religião. A terceira parte, constituída pelos capítulos VI, VII e VIII, faz exatamente o contrário, apresentando os argumentos “contra” esta mesma caracterização. Finalmente a conclusão tenta amarrar algumas reflexões surgidas deste *exercício*. Deve ficar claro que o objetivo aqui não é resolver a questão de se o ateísmo é u não é religião nem chegar a definições sólidas de nenhum desses termos (o que seria algo assim como inventar a roda analítica). Os argumentos “a favor” e “contra” não passam de artificios retóricos para estruturar a descrição ao tempo que se reflete sobre o significados e valores que essas noções guardam tanto para os ateus de a pé quanto para os cientistas que têm falado deles.

## 2 SOBRE O PERCURSO DA PESQUISA

O projeto que deu origem a esta tese propunha explorar as variações e inter-relações que constituem o campo do ateísmo no Brasil a partir da atividade dos militantes, associações e iniciativas que lhe fazem existir como movimento. O foco não estava colocado num grupo definido de ativistas, nem numa única definição de essa ação, mas em captar a hipotetizada heterogeneidade e singularidade do ateísmo tal e como se manifesta no Brasil<sup>28</sup>. Visava-se realizar uma descrição ampla deste movimento de modo de captar simultaneamente, as particularidades do ativismo vernáculo e a sua diversidade interna, entendida em termos relacionais. Interessava, em outras palavras, a trama de vínculos, rupturas, afinidades e tensões que resultam constitutivas daquilo que se tem por ateísmo no Brasil. Antes que o traçado de um território de fronteiras claras e definidas, o que interessava era uma descrição do ateísmo em tanto que fluxo ou rede no sentido de Latour (2005).

Esta abordagem visava manter o escopo da indagação aberto, tanto em termos teóricos quanto metodológicos. O ponto central era não limitar a exploração a uma única forma de ateísmo nem a um único campo de observação. Tal posicionamento vinha de uma avaliação do estado da questão e suas lacunas: pesquisas prévias sobre o ateísmo no Brasil descreviam um movimento mais ou menos unificado e unívoco, quase que exclusivamente baseado na Internet e inteiramente identificado com o que internacionalmente se conhece como neoateísmo. Em contraposição a estes trabalhos, a proposta era abordar o movimento ateísta local em sentido amplo, sem assumir no plano teórico que este se ajusta aos modelos conhecidos do “neoateísmo”, nem supor, metodologicamente, que toda a informação empírica relevante pode ser obtida online.

Esta aproximação se mostrava consistente com as imagens preliminares do campo. A primeira vista, o (chamado) movimento ateísta apresentava uma configuração reticular e desterritorializada, contingente e provisória, sem centro nem síntese, começo nem fim, com alguns núcleos mais ou menos estáveis mas articulada de forma fluída e não pré-definida por canais institucionais. Tratava-se de um tecido alimentado por referências diversas, constituído a partir da ação de uma quantidade indefinida de militantes e simpatizantes dispersos e que dava

---

<sup>28</sup>Se optou pelo termo “iniciativas” para falar das diferentes associações ou projetos ateístas precisamente porque este não supõe uma forma material determinada. Iniciativas podem ser agrupamentos mais ou menos estáveis ou grupos de WhatsApp, entidades constituídas ou sites, pode ser tanto eventos isolados ou toda uma série destes. Em suma todo projeto coletivo ou com intenções de sê-lo levado adiante em nome do ateísmo e seus afins.

amostras de se ramificar em uma multiplicidade de iniciativas, gerando hibridismos do mais diversos e singulares. Perante um tal panorama, a abordagem mais adequada consistia em ‘seguir o curso da ação’ realizada em nome do ateísmo para observar (o que nos termos de Latour equivale a criar) a constituição deste em tanto rede, isto é, em tanto trabalho sendo feito, fluxo, contingência, evento, associação (LATOURE, 2005).

Em termos práticos, a estratégia consistia em partir de algumas organizações e iniciativas já conhecidas para seguir, a partir delas, os desdobramentos que permitissem traçar um campo ou uma rede ateísta no Brasil, além da vanguarda neoateísta internacionalmente conhecida e, igualmente, além do ciberespaço. Ora, como a literatura de partida estava exclusivamente focada em iniciativas de expressão virtual –arena sem dúvidas privilegiada do novo ateísmo– a busca devia *necessariamente* começar pela Internet e pelos núcleos neoateístas mais atuantes. Assim, o trabalho partiu de um conjunto inicial de referências que devia de ser ampliado e diversificado no transcurso do campo, a medida se avançasse no seguimento do curso da ação no mundo virtual. A expectativa era que esta movimentação na Internet fornecesse as pistas para chegar nos “ateus de carne e osso” ausentes das pesquisas anteriores.

Etnografar –no sentido tradicional do termo– ateus agindo em tanto que tais em contextos de presença física efetiva era o diferencial do trabalho que estava sendo proposto. Não se tratava de minimizar a significação do ativismo ateísta digital, mas de confrontar as observações realizadas na Internet com aquelas que poderiam ser realizadas face à face. Portanto, achar essas ocasiões de ação e reunião presencial de ateus se tornou o fio condutor do trabalho de campo e aquilo que guiou o *traçado da rede* da descrença organizada no país. Apesar da evidência de encontros e campanhas passadas, da existência de um par de associações formais e da movimentação virtual evidente, a empreitada resultou mais complicada do esperado. O movimento ateísta local insistia em se mostrar refratário ao encontro face a face e seus ativistas esquivos e desconfiados no contato direto, ao ponto que a tarefa de encontrar essas ocasiões e viabilizar a participação nelas se tornou a principal da pesquisa e aquela que consumiu a maior parte das energias. No limite, o conjunto deste trabalho consiste numa descrição dos rastos e impressões deixadas por essa *caça*.

Este capítulo apresenta uma descrição desse processo e suas principais implicações metodológicas.



## 2.1 SOBRE OS INÍCIOS DO TRABALHO NA INTERNET

Considerando este estado de situação, o trabalho partiu de uma listagem de endereços virtuais mencionados no estado de arte e de outros que foram aparecendo no processo de localização desses mesmos sites. A tarefa de ampliar esse conjunto inicial de referências de modo de ir esboçando uma rede não foi complicada. Cada um dos sites da nômima inicial possuía uma seção listando outros endereços, que por sua vez contavam com a própria listagem de sites relacionados. Além disso, cada pesquisa em motores de busca como o Google retornava numerosos resultados similares àquele pretendido, favorecendo a ampliação da contagem. De fato, a dificuldade não foi achar sites sobre ateísmo de produção nacional, mas lidar com a quantidade deles que iam aparecendo.

Logo ficou claro que realizar um levantamento completo do universo ateu virtual assemelhava-se a contar estrelas com os dedos. Uma contagem fíavel precisaria de meios técnicos que não se dispunham, além de fugir dos objetivos da pesquisa: o propósito não era – nem poderia ser – traçar um mapa tão grande quanto o território. Tanto mais quanto o “território” se assemelhava antes a um “universo” em expansão acelerada. Não se tratava apenas de uma multiplicidade desordenada de iniciativas virtuais, mas também de uma multiplicidade em contínua mudança: novos sites eram criados a todo momento, enquanto outros eram desativados ou simplesmente abandonados pelos seus administradores sem por isso desaparecer da rede. E existiam aqueles que eclodiam em várias partes e outros que eram “roubados” ou “hackeados” por motivos confusos. Nada parecia estável na rede mundial de computadores.

Esta dinâmica tornou-se ainda mais frenética ao ingressar nas mídias sociais. Foram criadas contas em várias delas (G+, Twitter, Tumblr, Facebook, YouTube), porém o Facebook demonstrou ser a plataforma mais utilizada pelos nativos. Foi criado um perfil da pesquisadora<sup>29</sup> e posteriormente uma página da pesquisa. O perfil permitiu “curtir” as páginas de ateísmo, num princípio todas as que estava seguindo pelos seus sites e posteriormente outras que o Facebook “sugeriu”. De fato, a plataforma possui uma função que sugere novos conteúdos com base naqueles em que já se manifestou interesse, demonstrando ter agência, no sentido latouriano, na hora de compor as redes. Os mecanismos, chamados algoritmos, pelo qual isto acontece

---

<sup>29</sup>O Perfil em Facebook foi criado à margem de qualquer conta pessoal nas mídias sociais, utilizando um endereço e-mail especialmente criado para o caso. O perfil foi explicitamente feito para os fins do trabalho de campo e será deletado uma vez finalizado. Todas as informações pertinentes constam na descrição correspondente: <https://www.facebook.com/profile.php?id=100013355389206>.

são, no entanto, obscuros para o usuário. Se trata de autênticas caixas-pretas (LATOURE; WOOLGAR, 1997) cujos segredos são conhecidos, tal vez, apenas nos escritórios da empresa em Silicon Valley.

Este ponto merece algumas palavras. No jargão digital popular o termo algoritmo refere genericamente (e entre outras coisas) aos mecanismos que selecionam os conteúdos que são mostrados na tela do computador, seja aqueles que aparecem como resultado de uma busca, seja aqueles que são exibidos espontaneamente para um usuário determinado. Ora, os critérios que decidem pela escolha de um conteúdo em detrimento de outros, ou pela hierarquização de um resultado de busca por sobre outros (muito da visibilidade de uma informação depende de sua posição) permanecem largamente ignorados pelos internautas, sendo apenas palpáveis através dos seus resultados. É possível afirmar que, na prática, tais algoritmos acabaram por produzir –autonomamente e por defeito– certa definição do que conta como ateísmo ou como pertinente ao ateísmo para esta pesquisa, definição que –novamente– só pode ser conhecida pelos seus efeitos.

Metodologicamente, estes mecanismos atuam como *mediadores* (LATOURE, 2005) na constituição da rede e devem ser levados em conta em tanto que tais. Neste sentido, considerando que a busca partiu de uma listagem de sites elaborada a partir de trabalhos dedicados explicitamente ao neoteísmo e que os tais algoritmos (especialmente no Facebook) favorecem a interação com referências similares às que já se tem –as famosas “bolhas” no jargão tecnológico leigo– era preciso lidar com o risco de que a exploração se fechasse sobre informações semelhantes àquelas que serviram de *inputs*<sup>30</sup>. Na medida em que esta dinâmica intrínseca ao ciberespaço dificultava a diversificação pretendida no projeto, se procurou “curtir” a maior diversidade possível de referências que apresentassem alguma ligação com o ateísmo. Com esse mesmo intuito foi utilizado o motor de pesquisa da plataforma, variando os termos de busca (ceticismo, racionalismo, agnosticismo, livre pensamento) dentro do campo semântico do ateísmo, na procura de resultados que de outra maneira poderiam passar despercebidos<sup>31</sup>.

A mesma política foi adotada ao “adicionar amigos”, isto é, incluir perfis de pessoas na minha rede (ou lista?) de contatos, outra das funcionalidades permitidas pelo Facebook. Num princípio foram adicionados os administradores das páginas e sites que iam sendo relevados.

<sup>30</sup>[https://www.bbc.com/portuguese/geral-38240858?/bclid=IwAR3BByqN2RkqymW0wIKkU\\_eRy9NVXq1Wq9UmtsILJ25-5QQyRLx\\_1\\_MXg4w](https://www.bbc.com/portuguese/geral-38240858?/bclid=IwAR3BByqN2RkqymW0wIKkU_eRy9NVXq1Wq9UmtsILJ25-5QQyRLx_1_MXg4w).  
Data de acesso: 0/05/2019.

<sup>31</sup>Foram deixadas de lado páginas de humor genérico, de notícias também genéricas e “fanpages” de Pink Floyd e Star Wars. Claro que, em se tratando de mecanismos de funcionamento desconhecido, nunca será possível saber se essas pesquisas poderiam ter outros resultados cabíveis que não foram exibidos.

Posteriormente o Facebook mesmo começou a sugerir “pessoas que tal vez conheça” com base naquelas que já tinha adicionado (quer dizer, “amigos dos amigos” ou contatos dos contatos). Desta forma se recrutaram mais algumas pessoas com base no interesse demonstrado no ateísmo ou seus afins. Ao mesmo tempo, o Facebook foi me sugerindo como contato para outras pessoas pelo que recebi “solicitações de amizade” que aceitei ou não com base no mesmo critério. Mais tarde, ao comparecer a encontros presenciais fui adicionando as pessoas que ali conheci.

Num terceiro momento se ingressou nos “grupos” de Facebook, algo similar a fóruns de discussão dedicados a um tema mais ou menos definido. Muitas das páginas que estava seguindo tinham seus próprios grupos aos que solicitei ingresso. O Facebook, novamente, fez o próprio com suas sugestões automáticas e a ajuda dos seus motores de busca. Numerosos grupos de discussão sobre ateísmo e similares foram sendo indicados e progressivamente fui me incluindo neles, onde tive acesso a outras pessoas dedicadas ao tema. Foi assim que procedi a adicionar como contatos os “administradores” e “moderadores” que se mostraram ligados com iniciativas ateístas mais ou menos consolidadas.

A facilidade com que contatos, páginas e grupos iam aparecendo fez rapidamente perder o rastro da origem de cada referência bem como tornou impossível seguir as discussões de cada “grupo” e as postagens de cada página e cada “amigo”. O Facebook permite que cada pessoa que tem algo a falar sobre o ateísmo ou apenas se interessa no tema crie seu próprio espaço na plataforma. Por sua vez, cada um destes lugares virtuais acaba formando sua própria tribuna e dentro destas surgem alguns participantes mais assíduos, que se tornam conhecidos nesse meio e acabam interagindo de uma forma mais ou menos duradoura. Acredita-se que seja esta mesma facilidade (e gratuidade) a que faz os grupos ou páginas serem instáveis: criam-se sem custo e desaparecem da mesma forma. Durante a exploração apareceram vários destes endereços há anos sem postagens, outros recém-criados (mais ou menos independentemente ou como desprendimento de outros), alguns com milhares de seguidores e outros com um apenas um punhado.

Estas páginas e grupos se alimentam de conteúdos postados por uma multiplicidade de pessoas muitas vezes sem uma especificação da fonte. Circulam matérias de jornais tradicionais devindos digitais, artigos de blogs de toda forma e cor, textos de pessoas que apenas queriam expressar alguma ideia ou opinião e por sobre tudo, vídeos e imagens que fogem a qualquer tentativa de ordenamento. As imagens em particular constituem um elemento singular, pois

muitas delas consistem em montagens, frequentemente a união de uma figura e um texto a maioria sem assinatura nem créditos. Há algumas que, inclusive, possuem movimento, constituindo os populares “gifs”. A repetição de conteúdos em vários lugares faz pensar na existência de “usinas” de material para Facebook embora na prática qualquer pessoa com um mínimo de conhecimento de edição de imagem pode criar os próprios, e muitos o fazem.

Outra característica recorrente da paisagem é a geração de discussões, muitas acirradas, nem todas respeitadas que não raramente acabam com a divisão de “grupos” ou páginas em várias partes ou a “saída” de algum participante a causa das diferenças com os outros. É assombrosa a frequência com que tais discussões se polarizam em dois extremos que, no limite, costumam aludir a ideologias irreduzíveis: esquerda ou direita, capitalismo ou comunismo ou outras dicotomias similares. Qualquer postagem ou opinião é facilmente subsumida em dos dois termos de uma oposição pronta, disparando uma esgrima de argumentos também prontos de um e outro lado. Em boa parte dos casos, estas discussões não parecem mais do que uma repetição mais ou menos superficial de velhas polêmicas de teoria social e política, inclusive de filosofia ou epistemologia, encenadas por leigos na matéria.

Ora, o resultado de toda esta movimentação foi a proliferação não controlada de conteúdos e referências, uma vez que o Facebook mostra na tela pessoal as “atualizações” de “amigos”, páginas e grupos, isto é, as postagens recentes e comentários feitos nelas. Rapidamente o “muro” do Facebook converteu-se numa miscelânea de conteúdos em contínua mudança que, a diferença de blogs e sites, não contava com um “arquivo” organizado que facilitasse a busca retroativa. O (bem dado) nome de “atualizações” explica os critérios de valoração empregado pela plataforma: o que interessa é o *atual* no sentido de *imediato*. O conteúdo que aparece no topo do muro principal só permanece nessa posição por uns poucos segundos, sendo substituído por outro que, por sua vez, também permanecerá poucos segundos. A percepção geral foi a de uma miscelânea em constante mudança de materiais provindos de um número indeterminado de fontes. Foi decisão metodológica não limitar esta proliferação, mesmo que tornasse impossível um seguimento detalhado da movimentação.

Em relação com isto, é preciso notar que o Facebook permite algumas configurações sobre os conteúdos que se exibem na tela principal. Permite uma seleção do que “mostrar primeiro” onde é possível escolher entre o “mais recente” ou as “principais histórias”, sem qualquer indicação que qual o critério que determina o que é principal e o que secundário. Ainda assim, a segunda opção é a configuração por defeito que foi a utilizada durante a maior parte do trabalho de campo (só mais tarde veio se descobrir que era possível mudar). Além disso, o

Facebook permite ocultar as atualizações de pessoas ou páginas específicas e outras configurações menores sobre as quais não se entrará em detalhe, pois se não se tem o conhecimento suficiente e ainda excede os objetivos deste trabalho. Resta acrescentar que tais configurações possuem um limite: políticas institucionais da plataforma podem mudar drasticamente o tipo de conteúdo que se mostra sem que haja controle do usuário sobre isso.

Para os fins deste trabalho o que interessa, no entanto, são as percepções a que o Facebook deu lugar nos inícios da pesquisa, mais que a descrição técnica dos seus mecanismos. Seguindo a praxe etnográfica, foram feitas algumas descrições do fluxo da tela principal (chamada compreensivelmente de “timeline”), com plena consciência de sua contingência e imediatismo. Por exemplo, em 15 de setembro de 2016, pouco depois das 17 horas a postagem que aparecia em primeiro lugar era da ATEA, quem por sua vez tinha compartilhado um link da página Paulopes (jornalista que mantém um portal de notícias relacionadas com o ateísmo) com a seguinte notícia: “*Ex coronel da PM estuprador é tido como ‘cruzado da fé católica’*”<sup>32</sup>. A matéria contava no momento com 16 comentários e 106 compartilhamentos. Todos os comentários expressavam indignação pelos fatos, assim como atribuíam o mal (ou o encobrimento do mal) à religião: “*as igrejas escondem, acobertam e são coniventes com os piores tipos de seres humanos*”, “*só está seguindo a risca os dogmas cristãos*”<sup>33</sup>, “*isso é meio redundante*”, “*os padres fazendo escola*” foram algum dos depoimentos encontrados.

Ao atualizar novamente a página, apareceu um novo “post” da ATEA, dessa vez uma foto de várias pessoas em cadeira de rodas dentro de uma igreja evangélica, com a inscrição: “*Ironia é ter rampa para cadeirantes dentro da Igreja. Seu deus não serve para nada!*”. A foto, como a maior parte das do seu tipo, não explicita fonte, nem autor<sup>34</sup>. A postagem possui dois comentários. O primeiro é uma ironia que satiriza os detratores da ATEA, *a priori* os mesmos que assistem a igrejas como a da foto: “*Mas olha! Seis tão muito zueiros ein! Vou providenciar um câncer pra vocês! Ass. Jeje o Nazareno*” (os erros de português estão no original e tentam imitar a fala coloquial atribuída aos “crentes”). O segundo comentário parece apenas uma resposta: “*Quer o que? Que os fieis virem saiyajins e saiam voando?*”<sup>35</sup>.

<sup>32</sup><https://www.facebook.com/ATEA.ORG.BR/posts/1319796018050977>. Data de acesso: 25/01/2018.

<sup>33</sup>Frequentemente os comentários deixados pelos internautas apresentam erros gramaticais e ortográficos, assim como costumam fazer uso de uma terminologia que é própria do jargão virtual e não tem cabida nos dicionários. Aqui se optou por fazer transcrição literal das frases, mesmo quando ferem o bom português ou utilizam uma linguagem pouco polida (os chamados palavrões são onnipresentes).

<sup>34</sup>Não foi possível recuperar a imagem.

<sup>35</sup>Segundo a Wikipédia, saiyajins são personagens do anime Dragon Ball. Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Saiyajin>. Data de acesso: 24/01/2018.

Nova atualização da tela e surge um post do site Organização Livres Pensadores relançando uma publicação antiga com o título “*Afinal, o que é a fé?*” e o subtítulo “*Entenda o que é a fé e por favor PENSE a respeito*”<sup>36</sup>. A publicação original data de 22 de setembro de 2011 e no lugar dos créditos, especifica que a fonte é um vídeo publicado num site em língua inglesa chamado “*Cult of Dusty*” que se financia com a venda de camisetas com estampas contra a fé e a favor da ciência. Este vídeo foi por sua vez legendado por um blog brasileiro chamado “*Erros primários*” que não registra conteúdos desde 2010. São as legendas do vídeo que conformam o texto em questão. A recomendação do vídeo, por sua vez, surgiu do presidente da autodenominada Organização Livres Pensadores através de um post feito na página em 4 de julho de 2011 com o título “*A fé é retardada*”.

O texto explicava que “*a fé significa acreditar em algo para o qual não se tem provas*” e que, portanto, “*deve ser repreendida e ridicularizada a cada oportunidade*”, já que “*crer em algo apenas porque alguém te falou ou porque muitos creem não é motivo de orgulho e sim de espanto*”. Depois, o texto incita os fiéis –explicitamente os cristãos– a buscar “*evidências*” para suas crenças de modo de não serem ingênuos ou crédulos. Explica, no entanto, que tais provas não podem vir apenas de fontes religiosas, mas que as crenças devem ser contrastadas com aquilo que os “*especialistas*” falam sobre o assunto, pois crença nada mais é do que a falta de “*informação*”. E a informação é altamente acessível hoje em dia, graças aos progressos da ciência e da técnica, por isso,

...nossa sociedade não tem mais que ser aprisionada por mitologias criadas na era do bronze, escritas por povos primitivos. Temos celulares, TVs de alta definição e computadores agora! E os homens que produziram estas coisas, OS CIENTISTAS, dobraram a expectativa de vida de cada um de nós. Eles provaram, inúmeras vezes, que sabem do que estão falando. Você não precisa ter fé nas palavras deles, você pode verificar por si mesmo, nesse momento, na sua própria sala, basta olhar ao seu redor. Olhe para sua TV de tela plana, para tela do seu computador, pense na eletricidade. Essas são PROVAS de que esses homens entendem mais sobre as leis naturais deste mundo, que os homens da época em que a Bíblia foi escrita e também do que a maior parte das pessoas que te fala sobre as virtudes das religiões.<sup>37</sup>

Nova atualização e aparece um post da página “*Deuses e Homens*” com uma fotomontagem parodiando o famoso slide utilizado pelo Ministério Público Federal para explicar a denúncia contra o ex-presidente Lula pelos crimes de corrupção passiva e lavagem

<sup>36</sup><http://livrespensadores.net/afinal-o-que-e-a-fe/>. Data de acesso: 24/01/2018.

<sup>37</sup>Todas as citações provenientes da Internet foram feitas sem corrigir erros de português, abreviações, modismos ou palavras pouco apropriadas para o discurso acadêmico. Foram transcritos sem modificações.

de dinheiro<sup>38</sup>. A imagem estava composta de um círculo central rodeado por outros círculos dos quais saem setas apontando ao meio. No círculo central em vez de “Lula” aparece uma imagem da Bíblia e nos círculos externos, no lugar dos “crimes” as inscrições: “cobra falante”, “virgem dando a luz”, “profeta orando dentro de peixe”, “caminhada sobre as águas”, “plantas criadas antes do sol”, “árvores mágicas”, “machado flutuante”, “água transformada em vinho”, “cobra virando barro”, “mortos-vivos”, “mulher transformada em sal”, “jumenta falante” e “barco com milhões de animais”. A diferença de outras do seu tipo a imagem sim especifica a fonte, outra página do Facebook, bem conhecida no meio ateuista, chamada “cão parabólico”<sup>39</sup>.

Depois de uma pausa, a timeline foi recarregada mais uma vez e no topo apareceu um post de “Téa a ateia” sobre a morte do ator Domingos Montagner ocorrida essa mesma tarde. A autora, uma das poucas figuras femininas do ateísmo na Internet, compartilhou a notícia da tragédia publicada pelo jornal O Globo com o seguinte comentário:

*Poxa vida, o ator da Rede Globo desapareceu quando foi dar um mergulho no Rio São Francisco! Eu estava com a certeza que não encontravam ele com vida depois de algumas horas desaparecido. Não queria envolver religião nisso, mas não pude deixar de observar os comentários dos cristãos nas páginas e sites: "misericórdia Deus!" "Deus vai tirar ele dessa." "Vamos orar para que encontrem ele com vida." e coisas do tipo. Mas, ora, se foi permissão e vontade desse deus que eles acreditam que o ator sofresse isso, pois tudo é permitido por ele, correto? Por que querer mudar os desígnios dele se esse deus decide o destino de cada um sem intromissão humana? E outra: ele permitiu que acontecesse isso ao homem, por que súplicas, orações e pedidos, para que talvez ele mudasse o que já estava predestinado para o ator? Se ele é imutável mesmo, não vai muda de ideia, podia ser o Brasil todo orando, é inútil pedir algo a um suposto ser que tem características de um sádico psicopata que só faz o que bem quer e como quer. Meus sentimentos a família do excelente artista.*

*Obs\* Não estou zombando da situação, não entendam mal.*<sup>40</sup>

No momento da leitura, esse “post” tinha quatro comentários, dois compartilhamentos e 28 “curtidas”. O primeiro comentário era de uma jovem e reforçava o post comentando outros supostos comentários religiosos sobre a tragédia: “Nossa eu vi vários comentários do tipo 'a novela mexe com espírito isso que da' 'ah brincou com jesus acontece isso' pqp...”. Este comentário tinha, por sua vez, quatro respostas: duas pessoas responsabilizavam total ou parcialmente a Rede Globo por não ter informado os perigos do local (o ator morreu quando

<sup>38</sup><https://veja.abril.com.br/brasil/site-permite-criar-power-point-do-lula/>. Data de acesso: 25/01/2018.

<sup>39</sup>Não foi possível recuperar a imagem.

<sup>40</sup><https://www.facebook.com/Teaateia/posts/1268258519935311>. Data de acesso: 25/01/2018.

tentava mergulhar no Rio São Francisco durante uma pausa nas gravações) e outros dois insistiam na questão religiosa. Um deles opinou que

*Isso tudo é o ser humano o tentando encontrar sentido em coisas mundanas da vida. Muitas pessoas não conseguem lidar com a realidade da morte e quanto estamos sujeitos a ela. São ensinadas a acreditar que se a pessoa for boa, ela vai ser poupada disso, é quando morre, ensinada a acreditar que havia um plano maior para ela. Tudo Bullshit é claro, mas infelizmente é assim.*

O segundo respondente apenas acrescentou o tradicional “*que deus conforte a família*”, escrevendo deus com minúsculas como é de praxe no meio ateuista.

O segundo comentário ao post geral era de um jovem discordando da postura da Téa a ateuista: “*Cara isso foi uma fatalidade, é natural que enquanto o corpo não foi encontrado que algumas pessoas torceram, outras oraram pra que ele fosse achado com vida e infelizmente foi o contrário... como vcs adoram culpar Deus por tudo em!*”. A mesma Téa se encarregou de responder:

*Não culpo o que não existe, vocês entendem mal, o que enfatizo, é que tanto faz vocês orarem para esse deus quanto para uma pedra, não muda nada o destino de alguém. Se ele tivesse escapado, já teria gente dizendo: Graças a Deus! Deus ouviu nossas preces. Sinto muito mas não faria diferença do mesmo jeito, não pense que mudaria nada.*

O comentarista religioso não se amedrontou e fez outro comentário: “*Eu tenho minha fé, mas nem por isso eu mergulharei num rio ou piscina, até mesmo tomar um banho após as refeições sabendo que isso pode me fazer mau*”. Téa não perdeu a ocasião de responder: “*O deus que vc acredita, querendo, não te salva? Já que pra ele tudo é possível? Ele te deixaria morrer só porque você esqueceu que comeu antes de nadar, como castigo? Ou você acha que o ator entrou de propósito no rio só para morrer, para ‘provar’ a deus?*”. Discussões como essas se tornaram, desde os inícios do trabalho, uma constante no meio virtual.

## 2.2 O RIZOMA E O PONTO DE PARTIDA

A novidade constante, e o animado e colorido da maioria dos conteúdos favoreceram –no caso particular da pesquisadora– a perda da concentração e a sensação de passar horas “flanando” no mundo virtual sem outro proveito que o de se familiarizar com a sua dinâmica.



A sensação de desorientação era potenciada pela grande quantidade de conteúdos aparentemente fúteis ou de baixa qualidade (como imagens de gatinhos, por exemplo ou as omnipresentes piadas de tinte sexual) que pipocavam na tela e que muitas vezes não mostravam relação nenhuma com o tema da pesquisa. O caminho encontrado para dar curso ao trabalho enquanto não surgiam encontros presenciais foi o de fichar os endereços virtuais das iniciativas que iam aparecendo, a fim de relevar os “que”, “como” e “quem” de cada uma delas. Com isso, esperava-se encontrar as chaves que guiassem a continuação do campo, isto é, que dessem melhores pistas de como “seguir a rede” onde não há barreiras físicas nem cortes simbólicos, apenas rizomas em constante proliferação.

Ora, uma vez tomada a decisão de começar com uma descrição de iniciativas virtuais, se apresentava o problema de quais escolher, considerando que as opções eram muitas e bem diversas. Optou-se pelos critérios de regularidade na atividade, a possibilidade de identificar a equipe de trabalho que os leva adiante e também a popularidade no meio ateuista. Com isto, esperava-se evitar começar por aspectos muito secundários ou iniciativas pouco sérias, que dariam mais chances de desviar dos objetivos do trabalho. No limite, é claro, e escolha não deixa de ser arbitrária: várias outras iniciativas poderiam estar presentes no ponto de início sem que isso revista uma importância metodológica fundamental. Decidiu-se então pelo levantamento de um conjunto de sites dedicados à ciência, um tema de interesse evidente na esfera ateuista.

Algumas contingências influenciaram a escolha. Pretendia-se começar a exploração pelos sites das grandes associações ateuistas do Brasil –a ATEA e a LiHS– porém, uma revisão completa destes exigia a aprovação do cadastro como associada. Ambos contam com áreas restritas às quais se acede com um “nome de usuário” e “senha” que são liberados após a aprovação da inscrição, processo que pode demorar vários dias. No ínterim, estes sites dedicados à ciência se mostravam bastante populares entre os ciberativistas, eram bastante ativos e guardavam o mínimo de seriedade necessária para considerá-los objetos dignos de uma revisão detalhada. A descrição iniciou, então, pelos endereços virtuais da Sociedade Racionalista<sup>41</sup>, a Sociedade Racionalista da USP<sup>42</sup>, o Blog Cético<sup>43</sup>, o Universo Racionalista<sup>44</sup>

---

<sup>41</sup> [Http://sociedaderacionalista.org/](http://sociedaderacionalista.org/). O site saiu do ar em outubro de 2016 e nunca retornou.

<sup>42</sup> [Https://racionalistasusp.wordpress.com/](https://racionalistasusp.wordpress.com/). As atividades do site foram encerradas em 29/08/2013.

<sup>43</sup> [Https://ceticosblog.wordpress.com/](https://ceticosblog.wordpress.com/).

<sup>44</sup> [Http://www.universoracionalista.org/](http://www.universoracionalista.org/).

a Organização Livres Pensadores<sup>45</sup> e o Projeto ligado a esta, que leva o mesmo nome<sup>46</sup>.

Dada por finalizada a imersão nos sites de divulgação científica, a pesquisa continuou com o levantamento das iniciativas de militância ateuista propriamente ditas. Para esse momento, minhas inscrições na ATEA e a LiHS já tinham sido aprovadas, permitindo o acesso às áreas restritas de ambos os sites. Além disso, a navegação continuada nas redes ateuistas tinha fornecido os nomes de várias outras iniciativas similares ou afins, cuja ligação com o ateísmo era clara pelo nome ou se insinuava no conteúdo de suas publicações. Tipicamente, estas orbitavam em torno de uma série de questões características: a crítica da religião e dos religiosos, a situação do ateísmo no Brasil e no mundo, a discussão da atualidade política, econômica e social, em particular temas ligados à influência religiosa na esfera pública, e claro, a ciência e seus avanços. Embora o teor e a qualidade das publicações variasse conforme o site, notou-se o recurso bastante estendido ao humor, em particular a ironia e o sarcasmo, como ferramenta cotidiana de luta.

No geral, no entanto, percebeu-se que a militância ateuista –ao menos na Internet– não definia seus limites de forma clara, em outros termos, se recusava-se a cortar suas redes (STRATHERN, 2014, p.295-319). De fato, o único corte que se fez claro e explícito desde o início é o vínculo com os setores religiosos ou filoreligiosos (BLANES; OUSTINOVA-STJEPANOVIC, 2015, p.5). A desconstrução de religiões, superstições e, por extensão, pseudo e anti-ciência em suas diferentes formas se mostrava como uma tarefa constante, por vezes obsessiva. Alguns espaços pareciam, de fato, se dedicar quase que exclusivamente a marcar esta diferença: refutar evangelhos, desconverter crentes, denunciar sacerdotes imorais e igrejas corruptas e assim por diante. Pelo contrário, a circulação por espaços outros, indiferentes a esta clivagem se mostrou bastante fluída. Salvo a oposição à religião e o que se entende vem com ela, não parecia haver outras fronteiras à vista.

Na prática, o processo exigiu uma reavaliação das referências coletadas, desde que a rede se estendia insensivelmente para domínios que careciam de ligação direta ou particular com o ateísmo. Logicamente, as relações mais frequentes eram com aqueles espaços que de um modo ou outro se superpõem com as questões de interesse do meio ateuista. Para além dos canais de divulgação científica mencionados anteriormente, verificou-se a recorrência de menções a notícias e temas de atualidade, entre os que se contam tanto as mídias tradicionais quanto canais mais independentes ou de menor envergadura. O momento político do país com a polêmica

---

<sup>45</sup> [Http://organizacao.livrespensadores.net/](http://organizacao.livrespensadores.net/).

<sup>46</sup> [Http://projetoip.org/](http://projetoip.org/). Todos os acessos foram efetuados em setembro de 2016.

saída do governo da presidente Dilma Rousseff, o mandato do vice-presidente Temer e a posterior eleição de Jair Bolsonaro potenciaram este tipo de discussões ao ponto de frequentemente relegar a um segundo plano a causa ateísta. Este último traço, é preciso esclarecer, era mais frequente nas interações das pessoas que naquelas feitas em nome de páginas ou associações.

Além disso, percebeu-se que entre as referências recorrentes encontravam-se tanto canais que aspiram a uma certa “neutralidade” quanto outros mais explicitamente identificados com uma ou outra tendência política. Não foi possível identificar –a partir da abordagem empregada– a preferência majoritária por alguma opção política particular, nem mesmo por algum dos lados do espectro político. Logo desde os inícios do trabalho de campo se fez evidente que os ateus locais não eram –como poderia se supor– maiormente de esquerda, assim como não pode se dizer que se identifiquem preferencialmente com a direita. Antes bem, o público se mostrou dividido e disposto a defender a posição tomada, como aliás, tornou-se corrente no cotidiano social do país. Neste ponto, será suficiente com apontar que em particular no Facebook, postagens do MBL ou do Partido Novo se alternavam com outras ligadas ao PT ou ao PSOL, ou mesmo a meios anarquistas, contrariando qualquer definição unívoca.

Além da política, foram frequentes os intercâmbios sobre música, gibis, cinema, séries e games que, embora variados, mostraram uma certa tendência ao que na cultura popular se identifica com os estereótipos “nerd” e/ou “geek”. Notou-se um gosto particular pela ciência ficção, em especial séries e filmes de culto como Star Wars e Star Trek, mas sem excluir as novidades e os grandes blockbusters. Também percebeu-se certo gosto particular pela música rock e sua estética característica. Num princípio pensou-se que esse interesse estaria mais restrito às correntes do rock progressivo e a música psicodélica (em particular o subgênero conhecido como space rock) pela afinidade temática, mas com o tempo se fez evidente que este gosto permeia o conjunto do espectro de este tipo de música, com certa ênfase em suas versões mais clássicas e menos comerciais. Finalmente, e como não podia faltar, foram frequentes as postagens originadas em sites de humor genérico, que não raramente incluem a crítica religiosa, como é o caso do grupo Porta dos Fundos ou do portal Sensacionalista, entre vários outros.

### 2.3 OS ATEUS QUE NÃO ESTAVAM LÁ

Ora, como a estratégia metodológica requeria “chegar nas pessoas” o achado de cada nova iniciativa ia acompanhado do envio de um e-mail ou mensagem via Facebook à

organização, contando sobre a pesquisa e solicitando conhecer as atividades desenvolvidas. A falta de resposta foi desanimadora, assim como o fato de vários e-mails retornarem acusando erro no envio. Com efeito, este *modus operandi* obteve apenas uma resposta, de parte da LiHS na qual um dos seus colaboradores orientava a falar via Facebook com a então presidente da organização, uma mulher de origem finlandesa chamada Åsa Heuser. Este foi o primeiro contato direto com uma pessoa participando ativamente na organização do movimento ateuista, pelo que a expectativa era que facilitasse o deslanche do trabalho de campo presencial. A sugestão de entrar em contato via Facebook, por outro lado, foi surpreendente no momento, dada a formalidade dos e-mails enviados, mas provou ser uma das vias de comunicação mais efetivas.

Na mensagem inicial não apenas solicitei uma entrevista se não que também sugeri que esta podia ser realizada pessoalmente na sede da organização em Porto Alegre, visita na que poderia conhecer melhor o trabalho que realizam. Curiosamente, a minha interlocutora insistiu numa conversa informal via Skype, alegando que mora a uma hora de Porto Alegre e que não haveria, no futuro próximo, reuniões às quais eu pudesse assistir. Durante a entrevista compreendi que a LiHS se organiza fundamentalmente através de Internet, que seus colaboradores moram distantes um dos outros, que nem todos se conhecem pessoalmente e que a entidade levava já alguns anos sem organizar campanhas ou eventos de caráter presencial. Quanto ao momento atual (setembro de 2016), a presidente alegou que os esforços estavam concentrados na organização do Congresso Humanista Mundial, patrocinado pela International Humanist and Ethical Union (IHEU), rede à qual a LiHS está filiada. O encontro estava previsto para agosto de 2017 na cidade de São Paulo mas nunca aconteceu. Foi cancelado por motivos de ordem social e geopolítica, mas também a causa das dificuldades exibidas pela Liga para viabilizar um evento de semelhante envergadura.

A conversa com Åsa tenha foi produtiva por esclarecer a dinâmica interna da LiHS, facilitar o contato com outros organizadores e dar acesso a referências de textos e discussões pertinentes. Estas indicações levaram, em particular, a uma controvérsia em torno da definição de ateísmo que foi de grande interesse para a pesquisa. A conversa, no entanto, não teve o desfecho esperado de abrir as portas a reuniões de ateus. Estas simplesmente não existiam do lado da LiHS. A isto se somava o hermetismo da ATEA, que não respondia a nenhuma de minhas tentativas formais de contato. Se essa era a situação com as duas maiores associações ateuistas do Brasil, o panorama não melhorava ao tentar contatar iniciativas menores, nem mesmo aquelas que davam indícios de ter contado alguma vez com algum tipo de atividade associativa além do ciberespaço. Apesar da infinidade de páginas, sites, projetos, e canais e

cunho ateu não era possível vislumbrar nenhum tipo de evento ou reunião aonde assistir e encontrar diretamente as pessoas que animavam toda aquela movimentação virtual.

Tendo em vista a escassez de resultados das tentativas formais de abordagem do movimento através de suas organizações, decidiu-se flexibilizar a estratégia. Comecei a enviar mensagens diretas às pessoas que conseguia identificar: organizadores ou fundadores de iniciativas várias, participantes assíduos das discussões, assim como “administradores”, “moderadores” e toda sorte de figuras da burocracia digital com algum cargo real ou nominal na gestão do ciberateísmo. Embora tenha –deste modo– conseguido falar com várias pessoas (ou seus avatares nas redes) estes contatos tampouco mostravam possibilidades de franquear o limiar do mundo virtual. Mesmo os moderadores do ativo grupo de Facebook da ATEA não conheciam muito da associação para além de sua função como monitores do grupo. Na prática este funcionava de forma independente, desligado inclusive da gestão página oficial na mesma rede social, e os voluntários conheciam apenas o necessário para o desenvolvimento do próprio trabalho.

Em conjunto, o ateísmo como movimento –isto é, como empresa coletiva e organizada– parecia existir apenas em virtude de sites e mídias sociais e não se tratar que de “posts”, seguidores, “likes”, comentários e respostas de comentários, discussões, “tretas” e demais ocorrências que formam a trama do cotidiano na Internet. Nos casos da ATEA e a LiHS, o ateísmo existia também em função de estatutos, inscrições no cartório, e um trabalho judicial bastante interessante que assume como própria a causa da laicidade do Estado. Todavia, este trabalho mais sério e formal se mostrava dividido do proselitismo ateu em sentido estrito e não mostrava indícios de dar lugar a eventos susceptíveis de ser etnografados. Na prática, as informações sobre os processos eram acessáveis online e o trabalho dos advogados realizado na privacidade dos seus escritórios. Não havia, igualmente, evidências de audiências ou julgamentos às quais assistir para observar o trabalho judicial em ato.

## 2.4 EUREKA

Por tudo isto, a notícia de um evento ateu de ocorrência regular –que apareceu mais de um mês após o início do campo na Internet– teve ares de descobrimento. Se tratava do “Bar dos Hereges”, evento de frequência mensal, sediado na cidade de São Paulo e consistente num encontro de confraternização para ateus e agnósticos. O anúncio do encontro simplesmente apareceu no muro do meu Facebook, possivelmente compartilhado por algum dos meus muitos

contatos, ou postada em algum dos muitos grupos ou páginas que estava seguindo. Pode ser afirmado que o dado veio por saturação, com a continuidade da aparentemente improdutivo imersão nas redes ateístas virtuais. O anúncio conduziu a uma página de Facebook dedicada exclusivamente a esses encontros, que já levavam alguns anos acontecendo apesar de serem relativamente pouco conhecidos.

A visita de campo aconteceu um mês após a descoberta, em novembro de 2016, e marcou um antes e um depois no andamento da pesquisa em vários sentidos. Em primeiro lugar, o encontro com os “ateus de carne e osso” relativizou a imagem do meio ateísta hipotetizada a partir da pesquisa virtual e também àquela que se desprende dos trabalhos precedentes. Os participantes do encontro mostraram ser bastante heterogêneos e, em geral, menos escolarizados e socialmente privilegiados do que caberia induzir a partir dos sites relevados. Se esperava encontrar estudantes de graduação ou pós-graduação da USP<sup>47</sup> ligados às ciências exatas e naturais, o que encontrei foi uma reunião bastante atípica de pessoas com contextos e trajetórias sociais bem diferentes. Sim se insinuou certa impronta masculina, que veio se confirmar nas visitas de campo seguintes.

Em segundo lugar, o encontro permitiu aceder a relatos sobre a origem do movimento ateu no Brasil e sobre sua trajetória até o momento presente. Em torno da mesa do Bar dos Hereges reuniram-se alguns dos protagonistas dessa história, que participam ou participaram de várias das iniciativas fundacionais, como a ATEA, o Núcleo Ateísta de São Paulo (NASP) e o Encontro Nacional de Ateus (ENA). Ficou claro, logo neste primeiro encontro, que o andamento do movimento não foi alheio às turbulências políticas do país. No relato dos meus interlocutores, o ateísmo experimentou um relativo crescimento nos anos posteriores a 2010, durante o período de estabilidade política no país, e vem experimentando uma fase de declínio que começou com os sucessos que marcaram o segundo governo da presidente Dilma. Para além de qualquer precisão sobre o assunto, se fez evidente que a discussão política permeia o movimento ateísta e que, frequentemente, o divide.

Esta reunião permitiu, igualmente, desenhar um esquema do campo ateísta no Brasil, que veio a completar e precisar aquele que vinha sendo construído a partir do trabalho online. Na medida em que as conversas avançavam, diferentes coletivos iam sendo mencionados, e conseqüentemente suas estórias, personagens, relações e oposições. Num sentido mais fundamental (e sem ocultar seu caráter situado), estas conversações forneceram uma ideia da articulação do ateísmo vernáculo, ideia que distava bastante daquela formada no planejamento

---

<sup>47</sup> O evento aconteceu num estabelecimento próximo ao campus da USP, daí a suposição.

da pesquisa. Ao todo, o ateísmo organizado aparecia como uma rede sociotécnica na qual o técnico parecia ganhar preeminência sobre o social: se tratava de um movimento gerido por poucas pessoas, confiante em extremo das ferramentas digitais, que insistia em prescindir da interação face à face. A importância destas foi, de fato, relativizada pelos próprios assistentes, que se ocuparam de esclarecer que embora se reunissem em virtude da descrença comum, entre eles o ateísmo não era mais do que um tema de conversação entre outros.

A pesar desta relativização dos encontros presenciais, a mesa de bar conseguiu aquilo que várias semanas de abordagem formal não conseguiram: contato com a ATEA, através do seu diretor executivo que é participante regular do encontro. A presença física no local colocou alguns nomes e rostos à grande movimentação que conseguia observar na Internet e, com isso, na própria pesquisa. Em particular, uma visita de campo de umas poucas horas deu acesso ao cotidiano administrativo da organização, brindou informações fiáveis sobre seu acionar na Internet e fora desta, e sobre tudo, permitiu dimensionar a principal associação ateísta do país e as ações empreendidas em nome desta a partir da compreensão dos próprios colaboradores. Tal como aconteceu com o público do bar, a imagem que se tinha da associação acabou sendo radicalmente modificada pelo encontro face a face.

## 2.5 OS ENCONTROS DE ATEUS

Após esta primeira experiência, o trabalho de campo se desdobrou em duas vias bastante diferentes e eloquentes por si mesmas. Por um lado, o descobrimento do mecanismo de marcação de eventos do Facebook (“descobrimento” para uma pesquisadora neófitas em mídias sociais) facilitou o achado de outros encontros similares aos quais se procurou assistir. Foi o caso de um churrasco entre ateus que aconteceu em novembro de 2016 em São Paulo, do encontro mensal de fevereiro de 2017 da Associação Racionalista de Céticos e Ateus (ARCA) do Rio de Janeiro, que coincidiu com a comemoração do Darwin Day; dos encontros correspondentes aos meses de maio e agosto de 2017 da mesma associação, mas do seu núcleo cearense, realizados em Fortaleza; de um encontro “Saganista” realizado em Curitiba e do “Picnicateu”, evento de confraternização organizado em Brasília pela Associação Ateísta do Planalto Central (APCE). O achado de cada um destes eventos, assim como o processo para participar deles, teve um percurso próprio que diz bastante sobre as vicissitudes do ateísmo organizado no Brasil.

Pouco depois do descobrimento do Bar dos Hereges apareceu no grupo de Facebook da ATEA um anúncio sobre um churrasco a ser realizado na cidade de São Paulo, que contava com a vantagem de estar programado para o mesmo final de semana. Iniciei de imediato as gestões para assistir, através do número de WhatsApp que tinha sido deixado para esses fins. Fui recebida com entusiasmo pelo organizador que resultou não formar parte da ATEA, mas apenas ter utilizado o grupo para divulgar o evento, assim como fez em outros grupos similares, em particular um denominado “Mundo Ateu” com várias dezenas de milhares de seguidores. Mais soube que a ideia do encontro surgiu, na verdade, de um grupo ateu de WhatsApp, onde os participantes tinham se tornado amigos a partir da interação virtual continuada.

Segundo contaram, os planos de reunir os participantes tinham surgido dois anos atrás, mas só naquele momento encontrava condições favoráveis para acontecer, e por isso as expectativas eram grandes. A concretização do evento, no entanto, não esteve isenta de problemas. O dono do primeiro espaço reservado (um local de comidas próximo do metrô Jabaquara) cancelou o acordo após descobrir que se tratava de uma reunião de ateus, alegando que isso poderia incomodar outros clientes. O desfalque obrigou à procura de um novo espaço e, com isso, ao adiamento da data. O encontro acabou acontecendo na semana seguinte num local de festas que foi especialmente alugado para a ocasião de modo de contar com certa privacidade. Em conjunto, foi claro que o churrasco nunca teria acontecido se não fosse pelo empenho de uma única pessoa que investiu tempo, trabalho e inclusive dinheiro na organização, apesar de não contar com uma condição socioeconômica privilegiada e de não estar envolvido em nenhuma organização ateu no sentido institucional do termo.

A notícia de reuniões de ateus organizadas pela ARCA chegou pouco depois. Se tratava da COMAAFOR – Confraternização Mensal de Ateus e Agnósticos de Fortaleza (Ceará) e da COMAAFS - Confraternização Mensal de Ateus e Agnósticos de Ferira de Santana (Bahia). Entrei em contato imediatamente com a ARCA pelo Facebook, perguntando se estes eventos aconteciam de fato todos os meses e solicitando permissão para participar. A mensagem foi respondida pela organizadora das COMAAFOR quem me deu as boas-vindas e me passou seu contato de WhatsApp. A viabilização da viagem para Fortaleza levou, no entanto, alguns meses, dado aos custos de se deslocar ao nordeste em plena temporada turística e à aparição de outros eventos onde dar curso ao campo, ligados a iniciativas que mostravam ter uma trajetória mais longa. De fato, como minha interlocutora contou em nosso primeiro contato, as COMAAFOR tinham iniciado recentemente e os participantes estavam ainda em vias de se conhecer.



A visita a Ceará aconteceu finalmente em abril de 2017, na ocasião do 8º encontro. Para minha surpresa, compareceram várias pessoas dentre as quais um núcleo mais ativo e bastante motivado. Na prática, os encontros eram divulgados pela página da ARCA, mas eram inteira iniciativa dos participantes locais, em especial de minha interlocutora, que iniciou o projeto e até esse momento arcava com a maior parte do ônus da organização. Apesar da fragilidade endêmica dos coletivos ateístas, esta iniciativa dava amostras de estar em franca consolidação, elaborando projetos e a futuro e discutindo estratégias de luta. Como em outros casos, eles contavam com um grupo de WhatsApp onde aconteciam a maior parte das discussões e que, por vezes, se confundia com o conjunto variável e muito menor de pessoas que compareciam às reuniões físicas, que estavam tratando de hierarquizar.

Na ocasião se discutiu a fusão com um outro grupo, este sim concretamente um “grupo” de WhatsApp cujo “dono” participava também das COMAAFOR. As discussões sobre as vantagens e desvantagens de semelhante fusão foram sumamente interessantes, assim como as consequências dessas tensões. Algumas semanas mais tarde a união de fato aconteceu e o coletivo assim criado passou a se chamar “ATEia da Razão”, mas manteve os encontros mensais com o nome de COMAAFOR e sua vinculação com a ARCA. Tinha sido adicionada ao grupo de WhatsApp logo após a primeira visita e, por isso, estive presente quando da fusão dos coletivos no mesmo suporte. Dadas estas mudanças e a vitalidade e regularidade mostrada pelo empreendimento, retornei a finais de agosto do mesmo ano para participar da 11º COMAAFOR já organizada pela “ATEia da Razão”.

Para esse momento, o coletivo assim reconfigurado consistia na prática, num grande grupo de WhatsApp, nos encontros de confraternização mensais dos quais participa uma pequena e instável fração dos participantes do grupo anterior (e ocasionalmente alguns que não participam deste), e num pequeno grupo também de WhatsApp conformado pelos “administradores” do grande grupo de WhatsApp, dedicado exclusivamente a discutir o manejo dos conflitos que surgiam das discussões virtuais (aliás, bastante habituais no ciberespaço). Estas tensões, no entanto, não se limitavam a questões circunstanciais se não que refletiam concepções diferentes sobre a natureza e objetivos do movimento ateísta. Estas deram lugar, inclusive, a conformação de um subgrupo paralelo, denominado “Ateístas pela Humanização”. Este desprendimento contava com WhatsApp próprio e organizava reuniões restritas dedicadas ao estudo e discussão de textos de teoria social, mas não implicou a ruptura com o coletivo original. Devido a limitações de tempo e dinheiro, não foi possível participar de nenhuma destas reuniões, mas sim se acedeu a uma entrevista com o idealizador e líder da iniciativa.

O mesmo mecanismo do Facebook que permitiu saber dos eventos por vir da ARCA permitiu tomar conhecimento dos eventos passados, em particular de encontros realizados em São Paulo e Rio de Janeiro, berço da iniciativa. Não foi, no entanto, se não até finais de novembro de 2016 que se teve notícia concreta de um encontro por vir, se tratava da 19ª COMAARJ a ser realizado em 11 de dezembro de 2016 e que consistiria num churrasco numa casa com piscina. Dado que os telefones dos organizadores foram divulgados junto às informações do evento, entrei em contato imediatamente com um deles, conhecido como JC, que já tinha sido apontado pelos meus contatos do Bar dos Hereges como o idealizador da ARCA e uma figura de destaque no movimento ateuista. Dado que faltava menos de uma semana para o encontro não seria mais possível viabilizar a viagem, mas esperava que esse contato facilitasse a participação nos seguintes, se houvessem.

Recebi por parte de JC uma resposta favorável e, como tinha se tornado praxe, um convite para me unir ao grupo de WhatsApp da ARCA no Rio de Janeiro. Como nos outros casos, o WhatsApp era o suporte através do qual se programavam novos eventos e, em geral, se negociava o devir do coletivo. No entanto, o aplicativo resultou ser especialmente crucial neste caso, dado que a partir de 2017 os encontros deixaram de ser anunciados publicamente pelo Facebook e se converteram em reuniões de amigos que se conheceram participando das COMAARJ. Com isso os encontros passaram a ser antes ocasiões para a comemoração dessa amizade que eventos destinados a afirmação de um movimento social. De todas maneiras, dada a trajetória do projeto e da relevância que o seu articulador parecia ter no meio, decidiu-se pela participação em alguma dessas reuniões.

Assim, soube de uma reunião a ser realizada em janeiro à qual não conseguiria assistir e que de todas maneiras foi cancelada por desistência dos interessados. Pouco depois surgiram planos de alugar uma casa para o feriado de carnaval que foram igualmente abandonados. Foi a terceira das propostas de reunião que finalmente deu certo, no sentido de ter acontecido e de ter podido assistir (ignoro se ambos os eventos guardam relação, dada minha prolongada insistência em conhecê-los). Se tratava do Darwin Day, dia 12 de fevereiro, uma data internacionalmente comemorada no meio ateuista. O encontro consistiu numa visita coletiva ao Museu do Amanhã onde acontecia um ciclo de palestras dedicadas ao cientista e sua teoria da evolução e posteriormente, na confraternização num bar onde costumam se reunir. Esta visita permitiu acessar a relatos sobre a origem e declínio das COMAARJ e, através desta, do movimento ateuista em conjunto.

Aproximadamente um mês após a visita ao Rio de Janeiro foi programada outra viagem de campo, dessa vez para participar do “Picnicateu”, organizado pela APCE, “Associação Ateísta do Planalto Central”, em Brasília. Soube tanto da associação quanto do evento pelos mecanismos de busca e sugestões do Facebook. O primeiro contato com a organizadora aconteceu a inícios de dezembro de 2016, quando fui informada que haveria um “grande encontro” em fevereiro. A reunião acabou sendo adiada para março, numa modificação súbita das que são frequentes nesse tipo de reuniões. O encontro consistiu finalmente num Piquenique no Parque da Cidade Sarah Kubistchek, onde cada participante devia levar algo de comida. O Picnicateu era, com efeito, uma simplificação do “Churrasteu”, que a APCE vinha organizando periodicamente desde 2011, mas demandava um esforço maior de organização. O último tinha acontecido em abril de 2016.

O percurso até o evento organizado pelo coletivo autodenominado “Saganistas” foi, tal vez, o mais indireto. Fui animada a ingressar a um grupo de WhatsApp com esse nome por um participante de outro grupo de WhatsApp ao qual me uni orientada pelo advogado da ATEA. A pessoa que recomendou esse espaço explicou que não se tratava especificamente de um grupo de ateísmo, mas de ‘ciência e ceticismo’ onde ‘a maioria do pessoal é ateu o agnóstico’. Segundo ele, se tratava de um “bom” grupo porque tinha ‘muita gente inteligente, que gosta de debater muitos assuntos’. De fato, se tratava de um coletivo grande e bem dinâmico, orientado principalmente à discussão de conteúdos de divulgação científica. Através do aplicativo cheguei por sua vez à página e grupos de Facebook ligados à mesma iniciativa.

O conjunto se mostrava bem ativo e organizado, apesar do suporte digital e da orientação à discussão de conteúdo. Logo soube da organização de encontros em diferentes cidades do Brasil com um tom claramente informal. Tratar-se-ia de reuniões de amigos, que geravam bastante expectativa e ocasionalmente envolviam a viagem de alguns que moram em cidades diferentes àquela do encontro, com o único propósito de celebrar o vínculo. Quando foi programado um encontro em Curitiba que podia ser acoplado a outra viagem sem gerar muito custo adicional, decidi participar. Se tratava de um Piquenique no Jardim Botânico da cidade, ao qual compareceram vários jovens, todos ou quase todos universitários ligados às ciências exatas e naturais. Apesar de certa estética rebelde, se tratava de um público bastante tranquilo que não fez outra coisa que conversar e brincar durante o tempo de reunião. O encontro em si não resultou muito informativo quanto ao movimento ateísta na medida em que era marginal a

militância ateuista *per se*, apesar de nuclear ateus declarados. Sim foi instrutiva quanto ao funcionamento do universo da divulgação científica.

Durante o período do trabalho de campo se teve notícias de outras reuniões de ateus além das mencionadas, mas não foi possível assistir a todas elas. O fato dos encontros terem lugar em regiões distantes do Brasil colocou limitações orçamentárias, agravadas pelo fato de várias deles acontecerem nos grandes feriados ou períodos festivos, quando os custos de deslocamento sobem. No entanto, boa parte desta dificuldade veio dada por uma característica dos eventos mesmos: estes costumam ser marcados sem muita antecedência ou têm suas datas alteradas sem prévio aviso, em função de empecilhos dos organizadores ou de falta de interesse do público esperado. A viagem desde a região sul do Brasil exige, pelo contrário, uma dose mínima de planejamento para ser viável o que frequentemente era incompatível com a dinâmica de iniciativas escassamente estruturadas e de base regional, a pesar do vínculo ser criado na maioria das vezes via Internet.

Com efeito, casos como o do Bar dos Hereges e os Encontros de confraternização da ATeia da Razão em Fortaleza, eventos relativamente estabelecidos, que contam com uma periodicidade mensal e um calendário (a princípio) predefinido, são exceções. Em geral, se trata de encontros informais e de ocorrência esporádica que mais se assemelham a reuniões de amigos que a comícios ou assembleias. Na maior parte dos casos, estes eventos são concebidos e divulgados a partir de grupos de Facebook e, principalmente –veio se descobrir– de WhatsApp, canal que foi incluído mais tarde na metodologia de trabalho devido ao seu uso massivo pelos sujeitos. Na prática, a definição da data, horário, local e demais detalhes de cada evento depende de negociações mais ou menos horizontais ao interior desses coletivos e, por essa mesma lógica, estão sempre sujeitos a alterações e mudanças abruptas. Do mesmo modo, o público esperado dos encontros é, via de regra, aquele dos participantes desses grupos virtuais (especialmente os mais assíduos) e muitas vezes sequer são divulgados ao público externo.

A compreensão deste *modus operandi* levou alguns meses de trabalho de campo e, na prática, só se deu após o comparecimento a alguns eventos e a partir de diálogo com algumas das figuras centrais dessas iniciativas, que atuam como lideranças (embora recusem esse título). Na prática, o processo de saber dos encontros por vir com a maior antecedência possível e de identificar as pessoas que pudessem brindar informações fiáveis sobre estes apresentava, na maior parte dos casos, o mesmo desfecho: o convite para participar de um grupo de WhatsApp ou de um grupo “privado” de Facebook (aquele que exige da aprovação de um moderador para

ingressar). No caso típico, estes grupos contam com um número cambiante de membros (pessoas entram e saem o tempo inteiro), um núcleo de participantes assíduos nas discussões e uma lista de pessoas mais ou menos anônimas que fazem parte tecnicamente, mas nunca intervêm nas conversas. Mesmo os eventos que são divulgados para o público externo são inicialmente concebidos e negociados nestes ambientes mais restritos.

Não poucas vezes, ao perguntar por “grupos de ateus” pensando num grupo de pessoas fisicamente presentes com um objetivo ou causa comum era diretamente dirigida a este tipo de “grupo” virtualmente articulado. O equívoco é eloquente por si mesmo, e diz bastante sobre os modos em que o movimento ateuista existe como tal no Brasil. No afimco por conhecer diferentes projetos ateístas e participar de eventos fui entrando em vários destes círculos. Em pouco tempo, me vi fazendo parte de uma dezena de grupos de WhatsApp explicitamente dedicados ao ateísmo, os quais não conseguia acompanhar adequadamente, devido ao volume de postagens e à dificuldade para distinguir a real significância destas.

A paisagem era, em parte, a mesma dos grupos do Facebook: uma miscelânea de postagens constantes onde nem sempre era clara a relação com o ateísmo, a recorrência de discussões acaloradas que não poucas vezes finalizavam com algum membro abandonando o grupo ou sendo expulso pelos administradores. A decisão de ingressar nestes espaços respondeu ao intuito de ter notícias de futuros eventos quando estes estavam sendo planejados, mas nem todos os grupos nos que ingressei realizavam encontros e, nos que sim o faziam, a percentagem de interlocuções correspondentes à negociação dos mesmos era ínfima. Além disso, com o bombardeio constante de mensagens, era fácil perder a informação de fato objetivada. Quanto ao restante, nem sempre era claro o propósito de tanta discussão, nem o afimco colocado nela. Sim era claro, no entanto, que estes foros virtuais eram uma das arenas principais de discussão do ateísmo no Brasil.

Se apontou que não foi possível assistir a todos os eventos dos quais se teve conhecimento. Resta acrescentar que os critérios para escolher entre eles (quando de fato havia escolha) estiveram orientados pelos objetivos fixados no projeto de pesquisa. Neste sentido, se procurou assistir à maior variedade possível de eventos e se deu privilégio àquelas iniciativas que davam indícios de contar com certa estabilidade ou ao menos um projeto de continuidade (como Ateia da Razão em Fortaleza ou os Saganistas, em Curitiba). Assim mesmo, se privilegiaram aqueles que, embora em declínio, contavam com certa trajetória (como a ARCA no Rio de Janeiro ou a APCE em Brasília). A estratégia, no entanto, nem sempre deu certo.

Após esforços continuados para localizar a organização do Encontro Nacional de Ateus – realizado anualmente desde 2012– e a pesar de vários meses de seguimento das negociações à distância (através de Facebook e WhatsApp) o evento deixou de ser realizado exatamente no ano do trabalho de campo.

Outros eventos que souberam ser periódicos mostravam, igualmente, ter sido descontinuados. Era o caso, do Café Racional da Sociedade Racionalista da USP, dos encontros mensais da ARCA em São Paulo ou Brasília, ou as campanhas dos núcleos regionais da LiHS em diversas cidades do Brasil. Afinal, o que parecia perdurar eram apenas algumas reuniões de confraternização, já que eventos de maior envergadura ou pretensões mais amplas (congressos, campanhas, manifestações públicas) tinham praticamente desaparecido para o momento do trabalho de campo. As dificuldades para mobilizar os ateus para além das plataformas digitais eram bastante claras, assim como a fragilidade na organização dos poucos eventos que ainda tinham lugar e que em modo algum eram garantidos em sua continuidade.

*A posteriori*, é possível afirmar que, precisamente a causa de suas dificuldades e imprevistos, o processo de localizar os “ateus de carne e osso” em seus momentos de reunião foi bastante instrutivo sobre os modos pelos quais se constituem redes e atores ateístas no Brasil. A imagem de conjunto deixada pelo processo foi a de um movimento agregado através das novas tecnologias, que reúne pessoas que na maior parte dos casos não se conhece pessoalmente e muito provavelmente não teria contato algum se não fosse pelo espaço de interação criado pelas novas tecnologias. Os momentos de reunião no sentido tradicional e prosaico do termo são escassos, esporádicos e isolados uns dos outros. Trata-se de iniciativas pontuais e informais onde ateus de outro modo isolados se encontram para intercambiar experiências, debater ideias e, principalmente, confraternizar. Longe de encontrar reuniões programáticas, projetos políticos ou mesmo espaços ritualizados, o que se observou foram encontros que onde a mera afirmação do ateísmo como denominador comum era tido por uma conquista e uma mudança social em curso.

## 2.6 O ATEÍSMO INSTITUCIONAL E A LAICIDADE DO ESTADO

Por outro lado, o contato estabelecido com o diretor executivo da ATEA no Bar dos Hereges facilitou a aproximação ao cotidiano administrativo da organização, que até esse momento tinha se mostrado infranqueável. O panorama, no entanto, resultou bastante mais árido do esperado: a associação era gerenciada quase por completo de forma virtual. A ATEA

não possui uma sede, nem um staff pago, e os poucos voluntários com os que contam trabalham de forma remota, sem necessidade de se encontrar para coordenar suas tarefas. Se a associação prescindia da reunião física dos colaboradores (que, de todas maneiras, habitam distantes uns dos outros) também dispensava a organização de eventos aos quais fosse possível assistir. A única exceção era assembleia anual, exigida pelos estatutos, que é realizada normalmente no mês de janeiro, na cidade de São Paulo. A partir da assistência à edição de 2017, é possível afirmar que se trata de uma reunião estritamente burocrática para prestar contas, validar a escolha da comissão diretiva e cumprir com requisitos legais, sem qualquer objetivo de confraternização ou criação de vínculos entre os presentes.

Na prática, a presença física parecia desnecessária tanto aos requerimentos administrativos quanto ao cumprimento dos fins da organização. Estes, tal como eram entendidos, implicavam duas frentes de atuação: o ativismo online, facilmente observável na movimentação nas páginas e perfis da ATEA nas redes sociais, por um lado; e por outro o ativismo judiciário, consistente basicamente em ações judiciais e representações perante o ministério público. O proselitismo virtual constitui a faceta mais conhecida e controvertida da associação e é também a que consome a maior parte do trabalho dos voluntários. O ativismo judiciário, no entanto, é a frente de ação considerada mais importante e aquela da qual se espera decorra qualquer mudança significativa que seja possível gerar. Este trabalho é desenvolvido, logicamente, por advogados, voluntários ou contratados, e no que tem de substancial se plasma em documentos que são acessíveis em suas versões digitais. Esta atuação não deu lugar, durante o período do trabalho de campo, a audiências ou ocasiões susceptíveis de serem etnografadas.

Ora, se a ATEA não cria espaços próprios de reunião, sim dava indícios participar de instâncias inter-religiosas em defesa de ateus e agnósticos. Ao menos, isso indica em seu site web, onde afirma que a associação está representada na Comissão de Direito e Liberdade Religiosa da OAB/SP, no Centro de Promoção da Liberdade Religiosa e Direitos Humanos (CEPLIR) do governo do Estado do Rio de Janeiro e no Comitê de Liberdade Religiosa do Estado do Rio Grande do Sul. O projeto previu desde um início a observação destes espaços, considerando que constituem uma das raras ocasiões em que é possível encontrar pessoalmente ateus atuando publicamente em qualidade de tais. Considerando as dificuldades para estabelecer contato com a ATEA, se enviaram e-mails diretamente a cada um desses espaços de modo de solicitar as autorizações necessárias para ingressar. Ora, a viabilização de fato dessa participação não aconteceu se não depois da entrada em contato efetiva com a ATEA.

Da comunicação com as mencionadas comissões e comitês obtive respostas irregulares. Da Secretaria de Justiça e Direitos Humanos do Rio Grande do Sul responderam que o Comitê era, no momento (outubro de 2016) apenas um projeto e que ainda não se encontrava em funcionamento. A Comissão de Liberdade Religiosa da OAB/SP, por sua parte, respondeu solicitando alguns documentos que foram oportunamente enviados sem nunca receber resposta, nem positiva nem negativa. Finalmente após algumas dificuldades para entrar em contato, recebi uma resposta favorável de parte da coordenação do CEPLIR que não colocava maiores empecilhos à minha presença e inclusive facilitou as informações sobre as reuniões por vir. Me foi explicado, no entanto, que embora a ATEA conte com representante no colegiado, na prática é impossível saber com antecedência em quais reuniões este estará de fato presentes, e em quais não. Considerando os custos envolvidos num deslocamento ao Rio de Janeiro, esta situação reenviava, novamente, ao problema de comunicação com a ATEA.

Uma vez estabelecido o contato com o diretor executivo da associação, comecei a indagar sobre o assunto. Como resposta, recebi o contato de Facebook do representante da associação no Rio de Janeiro, “para combinar diretamente com ele” quem era quem de fato participava desse espaço. Se tratava de um advogado, militante e candidato pelo Partido Novo que parecia atuar com bastante autonomia dos quartéis gerais da associação em São Paulo. Após alguns meses de negociações, se acordou com ele e com a coordenadora do CEPLIR a visita à reunião ordinária que aconteceu em 13 de fevereiro de 2017. Deste colegiado, meu interlocutor participava como representante do segmento ateu e agnóstico, ao lado de e em condições de igualdade com as mais diversas denominações religiosas e “sociedades e grupos tradicionais”, que compunham o órgão junto a representantes de movimentos pelos direitos humanos, acadêmicos, emissários de diversos setores do Estado e setores profissionais. Esta era, de fato, a composição padrão desse tipo de espaços.

Mas a visita ao CEPLIR foi a segunda concretada junto a um órgão inter-religioso semelhante. Antes disso aceitei o convite que, naquela mesma conversa, o diretor executivo da ATEA me estendeu para participar de um evento similar, que aconteceria em 1 de dezembro de 2016, na sede da OAB na cidade de São Paulo. Se tratava do “*Seminário Acadêmico sobre Estado Laico, Intolerância e Diversidade Religiosa*” organizado pela Comissão de Liberdade Religiosa da OAB/SP e o Comitê Nacional de Respeito à Diversidade Religiosa (CNRDR), ligado ao ministério dos direitos humanos da República, do qual não tinha tido conhecimento até esse momento. Embora de caráter público, o seminário teve divulgação restrita e esteve dirigido aos integrantes das mencionadas comissões e aqueles que acompanham seus debates,



em geral pessoas ligadas aos meios jurídico, acadêmico e religioso e suas interfaces. Prévia inscrição via Internet, assisti ao evento em companhia do diretor executivo e do advogado da entidade, quem tinha viajado desde Porto Alegre especialmente para a ocasião.

Assim como apontado para o caso do CEPLIR, em tanto que espaço dedicado a combater a intolerância religiosa e garantir a liberdade de crença e culto, o seminário procurou se mostrar aberto a todas as denominações, em particular as minoritárias. Ao todo, a ocasião foi interessante para observar o posicionamento da ATEA num tal contexto, onde se apresentava explicitamente como um ator no campo *religioso*. Porém, serviu também de introdução para toda uma rede de discussão da diversidade religiosa e temas conexos onde os ateus estavam explicitamente chamados a participar e que se apresentava como uma oportunidade para a continuação do trabalho de campo.

Com efeito, entre as diversas figuras que conheci durante a jornada (juristas, professores, líderes religiosos, funcionários públicos) encontravam-se integrantes do Comitê Nacional de Respeito à Diversidade Religiosa que estava participando da organização do evento. Foi assim que tive conhecimento de essa outra comissão, análoga às do Rio Grande do Sul, São Paulo e Rio de Janeiro mencionadas acima, mas a nível nacional. Foram esses mesmos informantes os que me facilitaram os contatos da coordenação e brindaram as informações básicas sobre a constituição e funcionamento desse espaço, de modo de avaliar a sua inclusão no trabalho de campo. A informação chave aqui foi aquela de que havia na comissão integrantes “declaradamente sem vinculação religiosa” embora não se tratasse de militantes ateístas ligados a associações de ateus.

Esse era o caso, precisamente, de umas das pessoas que conheci esse dia. Se tratava de um advogado radicado em Brasília, quem a pesar de se definir explicitamente como agnóstico, era conhecedor de longa data dos debates pela tolerância religiosa. Ele não apenas participava da CNRDR, se não que também integrava um espaço similar, ligado à Secretaria de Direitos Humanos do Distrito Federal, o *Comitê Distrital de Respeito à Diversidade Religiosa* e era, em geral, um destacado militante pela convivência pacífica entre religiões. Como tal, fazia parte da Iniciativa das Religiões Unidas– URI em Brasília, uma organização internacional dedicada a promover a diversidade e a tolerância religiosa<sup>48</sup> e da ONG Nova Consciência, que há mais de 25 anos organiza um encontro ecumênico na cidade de Campina Grande (Paraíba) no período de carnaval. Em função de toda esta inserção, e de sua autoafirmação como descrente, este

---

<sup>48</sup>Para mais informações, ver: [http://www.uri.org/about\\_uri](http://www.uri.org/about_uri), <http://www.casadasreligioesunidas.org.br/>.

contato foi chave para o prosseguimento do campo em sentidos que não estavam inicialmente planejados.

Em primeiro lugar, este ativista facilitou minha participação na reunião plenária do CNRDR acontecida em 14 e 15 de março de 2017 falando de mim para os organizadores e se assegurando que meu nome estivesse na lista de pessoas autorizadas a ingressar à sede da Secretária dos Direitos Humanos em Brasília. Estas reuniões plenárias têm lugar de três a quatro vezes por ano e exigem o deslocamento dos conselheiros, que habitam em diferentes regiões de país. Ele participou de algumas das sessões da reunião e, apesar de sua agenda ocupada, me concedeu uma entrevista na qual facilitou o contato de vários articuladores do movimento pela liberdade religiosa e —o que vem junto— o Estado laico e de uma série de pessoas que ele entedia serem relevantes para meu trabalho, embora apenas uma ínfima parte deles fosse, de fato, ateu.

A lista de contatos estava conformada por políticos que participaram da concepção original da área de diversidade religiosa no âmbito da secretaria de Direitos Humanos da república, no início dos anos 2000, e outros ligados a espaços similares em outros níveis do Estado, figuras de destaque dentro da URI, militantes de outros movimentos similares, budistas (um dos quais era também ex-ateu e militante de esquerda nos anos da ditadura), funcionários ligados ao sistema judicial e com trajetória na discussão da laicidade, acadêmicos vários vinculados às ciências sociais, muito em particular as ciências da religião e, finalmente, alguns ateus. Embora apenas estes últimos tenham sido integrados, de fato, na pesquisa a listagem de referência resultou interessante pela sua tônica geral. Esta conduzia a um meio social mais intelectualizado e acadêmico que aquele que vinha explorando, um meio onde era, portanto, mais fácil dialogar sobre minha pesquisa, mas que se distanciava bastante dos ateus militantes que tinha chegado a conhecer.

Esta foi a impressão deixada, igualmente, pela participação na reunião do CNRDR. Os conselheiros presentes aquele dia se mostraram em geral interessados na minha pesquisa e dispostos a colaborar. Havia ali, como foi o caso em São Paulo, líderes religiosos, juristas, funcionários públicos, e acadêmicos, em particular cientistas da religião e teólogos. Algumas destas figuras não apenas participavam do comitê nacional se não que integravam espaços similares em seus estados ou municípios de origem e me facilitaram os contatos desses órgãos, com consequências díspares para o processo da pesquisa. Na ocasião recebi, igualmente, algumas referências e contatos que meus interlocutores julgavam pertinentes para meu trabalho. Este enjambre de novas relações conduziram, no que tange aos ateus e ao ateísmo, a configurações bastante diferentes das que vinham sendo observadas até o momento.

Com efeito, foi através de um conselheiro ligado ao candomblé que consegui o e-mail da pessoa certa a contatar para conseguir acesso ao “*Fórum Inter-religioso para uma Cultura de Paz e Liberdade de Crença*” ligado à Secretaria da Justiça e da Defesa da Cidadania do Estado de São Paulo. Acabei concretando a visita à reunião ordinária que aconteceu em 19 de julho de 2017, que era uma das primeiras desde a assumpção dos conselheiros, alguns meses atrás. Nessa visita consegui, finalmente, encontrar com o presidente da ATEA e de fato conversar com ele, já que no dia da assembleia da associação este tinha chegado para o início das formalidades e se retirado logo após a finalização das mesmas. Essa visita foi, igualmente, a única que programei diretamente com a coordenação do colegiado, sem contato prévio com o representante ateu e sem certeza de que este de fato assistiria, precisamente a causa da impossibilidade de entrar em contato com ele. Especialmente pela presença desta figura, e o incisivo de suas colocações, a reunião brindou a oportunidade de observar as particularidades (e ambiguidades) do posicionamento ateu ali onde constitui uma posição religiosa entre outras.

Através de uma pastora anglicana consegui, por sua vez, notícias da existência de um espaço inter-religioso similar em Pernambuco (o Fórum Diálogos, dedicado à promoção da diversidade religiosa). Este espaço, embora aberto a todos os credos, não contava –ao que tudo indica– com ateus em sua composição nem abordava o tema do ateísmo em particular, motivos pelos quais foi desestimado como âmbito de observação. Esta mesma pessoa, por outro lado, forneceu espontaneamente o contato de um “filósofo ateu” que entendia seria importante para meu trabalho. Esta pessoa resultou ser um teólogo e atual mestrando em ciências da religião que, no percurso de sua formação, definiu-se como ateu. Esta pessoa indicou, por sua vez, o contato de um amigo, também ateu, com formação em filosofia, que poderia me ajudar. Com isso, cheguei em dois interlocutores que embora assumidamente ateus se encontravam por fora do movimento ateu ou de qualquer iniciativa militante. Eles fundamentavam suas posições em leituras teóricas e foram, em geral, bastante críticos com os usos e costumes do ateísmo organizado. Percebeu-se, com isso, uma dissociação clara, entre o ateísmo militante e coletivo e o ateísmo intelectual que bebe de correntes outras que o positivismo, o materialismo e o cientificismo.

Esta distinção vinha relativizada, no entanto, pelo principal contato claramente ateu mencionado pelo meu interlocutor. Se trava, no caso, de um professor de antropologia da UFCG quem era o encarregado de organizar um encontro de ateus que ocorria como evento paralelo

ao Encontro da Nova Consciência. Esta pista se mostrou sumamente interessante desde um início, precisamente pela distância com os outros projetos e ativistas conhecidos. Este encontro de ateus acontecia no seio de um evento inter-religioso dedicado à convivência pacífica entre religiões, embora fosse formalmente independente deste. Levava, ademais, uns 20 anos de trajetória, constituindo, com isso, o evento ateuista mais antigo do Brasil. Além disso, parecia não dialogar com o restante do movimento ateuista, ou ao menos, não tomá-lo como referência para si mesmo. Finalmente o professor encarregado de sua articulação não era somente doutor em antropologia, também contava com uma trajetória em meios anarquistas e punk, ao menos na Paraíba.

Foi concretada a visita ao Encontro de Ateus (e ao evento geral que o abriga) na edição que aconteceu entre de 9 a 13 de fevereiro de 2018. Tecnicamente, o período do trabalho de campo já estava encerrado nesse momento, mas foi aberta uma exceção devido à singularidade do espaço e à acolhida privilegiada que recebi tanto de parte do professor que organizava o encontro de ateus quanto do ativista que animava o evento como um todo e, através deles, da organização do evento em geral. Fui, com efeito, convidada a apresentar meu trabalho tanto no encontro de ateus quanto no evento geral. Em ambos os casos o formato se assemelha bastante a um congresso acadêmico, com vários oradores e um espaço posterior para perguntas do público. No entanto, o evento maior conta também com rituais e cerimônias várias, shows de música e artes, oferta de terapias alternativas e uma feira de artesanato onde se misturam monges católicos e Hare Krishnas, xamãs e budistas, mães de santo e tarotistas e, em geral, todo tipo de figura identificável com religiões e filosofias de vida alternativas e minoritárias, ou emissários de grandes religiões com vocação ecumênica.

No que tange ao encontro de ateus, este aconteceu no prédio de uma universidade e esteve composto de apresentações de temas bastante diversos, como a literatura de Lima Barreto, o movimento Punk, o veganismo e outros assuntos mais típicos em círculos ateuistas, ligados à ciência, o ceticismo e a crítica do cristianismo, mas incluíram, igualmente, várias falas dedicadas a problematizar as discussões ateuistas que acontecem na Internet. Em conjunto, é possível afirmar que este evento foi uma das poucas ocasiões em que se fez explícita a ligação entre as manifestações atuais do ateísmo organizado atual e àquele das correntes da esquerda política com uma longa trajetória do país. Com isto se faz especial referência ao anarquismo e à rica literatura que legou, na qual o professor que organiza o encontro é especialista. O fato de que se trata de um encontro de ateus sediado num evento ecumênico e em geral deslindado do restante de organizações e projetos ateuistas do país não deixa de ser eloquente a este respeito.

Em retrospectiva, o processo do trabalho de campo começou com um punhado de sites ligados ao ativismo ateu e à divulgação científica, espaços que não mostram solução de continuidade entre si. Estes inputs iniciais foram se multiplicando e diversificando numa miscelânea de iniciativas cujo único denominador comum era o corte com as religiões e o que se entende vem associado a estas. Fora esta oposição definitiva, temas, referências, opiniões e gostos mostraram se multiplicar sem muito controle, fora algumas grandes linhas de interesse fundamental. Ao menos na Internet, o que se tem por movimento ateu não dava amostras que se esforçar por cortar suas redes ou se definir de maneira clara. Em particular, o universo ateu virtual não mostrava solução de continuidade com aquele da divulgação científica, onde as visões religiosas do mundo, superstições e similares constituem um tema por defeito. Por isto, ao seguir o curso da ação no mundo digital não era difícil acabar em espaços onde o ateísmo (ou a religião) não constituem um tema de interesse em absoluto.

O achado do primeiro encontro ateu marcou um ponto de quebra na pesquisa, desde que alterou várias das intuições que se tinham sobre o movimento, formadas com base na bibliografia prévia e no trabalho na Internet. Se encontraram um punhado de eventos de confraternização, dispersos e de alcance limitado, que reuniam pessoas socialmente diversas cujo vínculo tinha sido formado por Internet. Não foram encontradas, pelo contrário, reuniões programáticas, campanhas ou manifestações. O mero fato de reunir um conjunto de ateus para socializar por algumas horas parecia uma façanha, que na maioria das vezes dependia do trabalho de umas poucas lideranças que investiam na tarefa a título pessoal. Eventos de maior envergadura se tinham existido, pareciam ter sido descontinuados quase por completo. A impressão geral era a de um movimento em declínio, que conheceu épocas melhores mas vinha sendo erodido pela desmobilização do público e engolido pelas turbulências políticas.

Não somente a sociabilidade ateu parecia depender de ferramentas digitais como Facebook e WhatsApp, a organização das poucas associações existentes também. Estas eram em geral levadas adiante por poucas pessoas que trabalhavam de forma remota, prescindindo quase por completo de sedes ou espaços de trabalho específicos. Quando formalizadas, as associações ateístas demonstravam se dedicar principalmente à defesa da laicidade do Estado e, por extensão, da liberdade religiosa. Este trabalho vinha na forma de processos judiciais (em particular por parte da ATEA e a LIHS) e da participação em fóruns e comitês dedicados à defesa da diversidade religiosa. Nestes espaços, o ateísmo era incorporado como um segmento

religioso entre outros, o que resultava eloquente sobre a posição que o ateísmo assume na interface com o Estado e sobre modos em que entende sua causa.

A participação nestes colegiados deu acesso, por sua vez, a outra gama de ateus, em geral desligados do ativismo ateu tal como vinha sendo conhecido através da Internet e dos encontros de confraternização. Se tratava de ateus que não desprezavam o contato com as religiões e estavam interessados na promoção da convivência ecumênica: eram precisamente conhecidos pelo diálogo com lideranças e intelectuais religiosos. Não raramente se tratava de professores, mestres ou doutores em ciências humanas, ciências religiosas ou inclusive teologia, por contraintuitivo que possa parecer. Embora estes setores não possam ser considerados parte do movimento ateu como tal, resultam instrutivos quanto aos umbrais deste. Tal vez o exemplo mais claro disso seja o encontro de ateus da Nova Consciência, organizado no seio de um evento ecumênico e praticamente desconhecido pela militância ateu a nível nacional.

### 3 O ATEÍSMO COMO RELIGIÃO: AS CRÍTICAS MORAIS

Os poucos trabalhos que, nas ciências sociais brasileiras, têm se ocupado do ateísmo entenderam –sem exceção– que este é conceitualmente dependente da religião e, portanto, pensável apenas quando associado a esta. Se literalmente o termo alude à negação da ideia de deus (que na linguagem natural se faz extensiva à religião) entende-se que este se esvazia de sentido se dissociado daquilo ao qual se opõe e que, logicamente, o precede. Neste sentido fundamental, o ateísmo consistiria na relação de tensão que guarda com a religião, que não pode ser resolvida nem eliminada se não a risco de desaparecer como tal. Em outros termos, e tal como foi colocado pelos autores prévios, o ateísmo nada mais seria do que um subproduto, derivação ou sucedâneo da religião e, no limite, religião ele mesmo.

A formulação mais concisa desta concepção se encontra, tal vez, no trabalho de Gordon (2011) quem considera o ateísmo “*uma espécie do gênero religião*” desde o início do trabalho, para categorizá-lo em seguida como uma “*religião de substituição*” seguindo a filosofia de Eric Voegelin. Isto é, uma revolta contra a transcendência que não faz se não produzir emulações desta. Nas palavras do autor:

O ateu judaico-cristão não consegue escapar totalmente da influência —paterna e, em sua revolta, acaba por produzir uma espécie de Ersatz (substituição) da religião. Não é à toa que as mais diversas manifestações de ateísmo recorrem usualmente a um semantismo e a uma escatologia propriamente religiosos, apelando para idéias de salvação e conversão, e projetando assim um outro mundo paradisíaco, onde o homem cumprirá o destino prometeico de substituir os deuses. (GORDON 2011, p. 25)

O restante dos autores que trataram do tema no Brasil (ao menos até o momento da revisão bibliográfica, em 2016) coincidem em considerar o ateísmo como um análogo ou equivalente da religião. Franco (2014) entende que “*o ateísmo seria posterior ao teísmo, na medida em que é preciso que uma ideia de divindade exista para que o pensamento ateu faça sentido*” (p.25). A partir deste raciocínio, define o ateísmo como um princípio de negação da ideia de deus e não apenas como a ausência da mesma. Seguindo a Whitehead, explica que os sistemas religiosos se transformam e evoluem por meio da contestação de suas próprias ideias, valores e princípios, o que sugere que o ateísmo pode bem ter surgido dentro e não fora destes.

Fernandes (2015) afirma que “*o ateísmo não se sustenta sem o teísmo para criticar*”. Tomando como referência o trabalho de Gordon entende o neoateísmo como “*mais uma*

*oposição, por vezes competitiva com a religião” e “mais uma alternativa secular para a religião”* (p. 121). Falando da ATEA em particular, entende o trabalho desta como “concorrencial e substitutivo”, já que “*tenta substituir aspectos da religião na vida de seus participantes mais engajados*”, por exemplo, os ritos de passagem, tradicionalmente tutelados pela religião, que buscam ser suplantados por ritos seculares. Finalmente, Moreira (2014), tomando como referencial empírico o trabalho dos quatro “cavaleiros do ateísmo” conclui que o neoateísmo possui uma “*elevada carga de religião implícita*” (o conceito é de Edward Bailey). Em suas palavras:

As posições científicas dos autores neoateus aqui expostos não têm somente o caráter descritivo que a ciência possui. Há uma normatividade, um padrão a ser aceito e, principalmente, uma visão de mundo naturalista a ser apreciada e seguida com os seus mitos e valores. O embate do neoateísmo com as religiões só é possível porque os dois estão dentro do mesmo campo, sendo seus bens simbólicos diferenciados qualitativamente, mas iguais no que cerne a sua função (FERNANDES, 2015, p.119-120)

As definições que foram surgindo ao longo do trabalho de campo fazem difícil contestar a centralidade da religião no conceito de ateísmo, tal como entendido e praticado no cotidiano. Apesar das inúmeras desavenças sobre quase qualquer tema, se um ponto se mostrou como consenso entre os sujeitos da pesquisa esse foi que o ateísmo nada mais é que a *não-crença* em deus(es). Qualquer tentativa de colocar adendos ao conceito, de acrescenta-lhe outro conteúdo além desta simples oposição encontrava, a cada vez, resistências insuperáveis nos debates e era rapidamente abandonada em favor de sua formulação mínima. Ora, uma definição semelhante deixa claro que o ateísmo é entendido, basicamente, como um posicionamento em relação a *deus*, o que equivale, na linguagem corrente, a num posicionamento com relação à *religião*. Durante o Picnicateu da APCE, em Brasília, houve quem fez esta ideia explícita, ao refletir que ‘*o ateísmo não é uma religião*’, mas sim ‘*um posicionamento religioso*’. Em qualquer caso, é esta última que ocupa o centro da cena.

Ora, se é consenso entre os próprios ateus que o ateísmo consiste apenas na falta de crença em deuses, sem mais, na prática essa descrença refere sempre *em primeiro lugar* aos deuses das religiões que não são apenas conhecidas, se não também próximas. Se, de modo geral, o ateísmo organizado foi considerado sobre tudo um movimento de oposição ao cristianismo, em suas manifestações locais este pode ser entendido, sem muito risco, como um



exercício de oposição aos formas locais do cristianismo<sup>49</sup>. A descrença se dirige, em primeiro lugar, ao deus cristão e, sem solução de continuidade, ao conjunto de elementos que compõem o que se tem por cristianismo no Brasil. Descrença no mito cristão e nas liturgias inspiradas nele, descrença nas igrejas em tanto que instituições e nos seus infames agentes, descrença na autoridade da Bíblia, na efetividade de rezas, no valor das bênçãos e na realidade de santos e milagres. Enfim, descrença em toda a miscelânea de símbolos, práticas, instituições e crenças que formam a imagem viva do cristianismo no Brasil e que incluem tanto o catolicismo, com sua longa história, quanto a diversidade sempre nova de denominações evangélicas.

Em outros termos, se a afirmação da descrença é reivindicada contra deus em todas suas formas, nunca é colocado tanto afinco como quando se trata de desconstruir o deus dos cristãos. Ao longo do trabalho de campo se fez evidente que a religião, e muito em particular o cristianismo, constituem uma *questão de interesse* indiscutível e, portanto, um tema omnipresente em qualquer conversação. Tanto na Internet quanto nos encontros presenciais, uma parte não menor das interlocuções são dedicadas às falhas, desvios e incoerências de religiões e religiosos, com os católicos e evangélicos vernáculos em primeira plana. Por vezes sérias e intelectuais, por vezes superficiais e debochadas, estas críticas se mostram como uma autêntica afeição coletiva e uma tarefa de primeira importância, que toma uma parte não menor do tempo e do esforço investido no ativismo ateu. A crítica da religião é um exercício a ser feito e refeito constantemente, um trabalho de afirmação sempre incompleto, num entorno percebido como eminentemente religioso e hostil com os incrédulos.

Embora heterogêneas e assistemáticas nos mais diversos aspectos, é possível afirmar que tais críticas referem, basicamente, a duas grandes questões: estas atacam a *moralidade* da religião ou a *lógica* desta, sem prejuízo de qualquer combinação entre ambas. Por sua vez, estes questionamentos podem variar entre formulações mais genéricas, que objetivam uma religião, igreja ou denominação como um todo, e outras mais contextuais, dirigidas a sucessos e personagens específicos do entorno, entendendo por tal tanto o mundo vital dos atores (SCHUTZ, 1967) quanto a atualidade do país, tal como apropriada através da mídia e os canais virtuais. De todas maneiras, os questionamentos têm por alvo as igrejas e sua relação espúria com o dinheiro, os planos de poder terrenal de autoproclamados homens de deus, os absurdos e imoralidades sancionados pela Bíblia, a dupla moral de religiosos, os seus preconceitos e intolerâncias, a ineficácia de muitos dos rituais e as falsas promessas daqueles que os

---

<sup>49</sup>É notável que durante o campo não tenha se encontrado NENHUM ateu ex-umbandista ou candomblecista.

impulsionam, enfim, o incentivo à útil ignorância por parte daqueles que se beneficiam, de um modo ou outro, deste *status quo*.

Neste capítulo se abordarão as críticas de tinte moral que os ateus realizam da religião e no capítulo seguinte se tratará daquelas de tinte lógico, sempre lembrando que a distinção é analítica e não fática. Antes de prosseguir é preciso apontar que são as segundas as que têm retido a maior cota de atenção por parte dos pesquisadores precedentes. Considerando que estes trabalhos se dedicam, especificamente, ao neoteísmo e o abordam a partir de sua vanguarda intelectual, colocam a ênfase sobre a narrativa de confronto entre fé e razão que lhe serve de base. Em todos os casos, o intuito é destacar as limitações de suas pretensões de verdade, as falhas na apreciação do fato religioso e os equívocos da imagem da ciência que divulgam (em particular a tese de Franco). Por este motivo a insistência neoteísta na possibilidade e mesmo na superioridade de uma moral sem deus é, assim, deixada em segundo plano, em tanto que despreendimento de tal cosmovisão iluminista<sup>50</sup>. Este trabalho, pelo contrário, ao tomar como referente empírico os ateus de a pé do Brasil não pode postular esta dependência. Durante o trabalho de campo as críticas a dupla moral de religiões e religiosos se misturavam com aquelas dirigidas a suas debilidades cognoscitivas e tolerância ao absurdo, sem que seja possível hierarquizar (e muitas vezes distinguir) entre elas.

### 3.1 OS MERCADORES DO TEMPLO

Os negócios levados adiante em nome de igrejas e seus agentes é um dos temas mais recorrentes nas conversas entre ateus, sempre prontos a reprovar o compromisso entre a fé e o dinheiro. O ânimo de lucro de parte daqueles que, em termos weberianos, não deveriam cuidar mais que dos “bens de salvação” (WEBER, 1974, p. 44) é visto como uma deturpação do sagrado, como um golpe a custas da ingenuidade dos fiéis e, finalmente, como uma prova contundente das falsas promessas da religião. Resulta irônico, de certo modo, que a condena bíblica aos “mercadores do templo”<sup>51</sup> seja levada tão a sério em círculos ateístas e, mais ainda,

<sup>50</sup>Por exemplo, no livro “Deus, um delírio” onde Richard Dawkins expõe seus argumentos em favor do ateísmo, as faltas morais da religião são abordadas nos últimos capítulo *depois* da exposição do núcleo conceitual –que demonstra ou pretende demonstrar que, quase com certeza, deus não existe– e depois de apresentar sua explicação evolutiva da existência da religião. As demonstrações de por que a moralidade não precisa de deus, e inclusive, de por que a religião é má na origem constitui uma decorrência das ideias anteriormente expostas.

<sup>51</sup>“E entrou Jesus no templo de Deus, e expulsou todos os que vendiam e compravam no templo, e derribou as mesas dos cambistas e as cadeiras dos que vendiam pombas; E disse-lhes: Está escrito: A minha casa será chamada casa de oração; mas vós a tendes convertido em covil de ladrões” (Mateus 21:12,13). Também em

que se sugira uma visão da fé bastante mais purista em termos doutrinários que aquela que julgam ver nos fiéis que lhes rodeiam. Claro que, neste caso, o interesse pecuniário não é considerado uma deformação da prática e da concepção da fé bem entendida, mas uma demonstração da falsidade da fé em si mesma.

Não é de surpreender que o principal alvo de este gênero de críticas sejam as igrejas evangélicas e seus pastores, especialmente aquelas de maior envergadura e fama. Edir Macedo, fundador da IURD, e seu Templo de Salomão e Valdemiro Santiago da Igreja Mundial do Poder de Deus são duas das figuras mais lembradas. No entanto, nem mesmo os pastores de bairro são poupados das críticas. Salvando as diferenças de grau, estes agentes religiosos são em todos os casos retratados como cínicos e manipuladores com grande poder de persuasão, faltos de ética que enriquecem a força de chantagens. A prática do dízimo é aqui o exemplo mais lembrado, conjuntamente com o golpe da venda de *‘um lugar no paraíso’* como salvação perante o fogo dos infernos. Tanto num caso quanto no outro, o dinheiro é extorquido de fiéis predominantemente pobres, que fazem grandes sacrifícios para aceder a benefícios que são, a todas luzes, ilusórios. Segue-se daí que nestes discursos os fiéis que *acreditam* em semelhantes promessas são tidos como ingênuos e ignorantes, e as igrejas que estruturam e legitimam tais esquemas meras empresas, ao ponto de existir algumas que funcionam a modo de franquias.

Durante o churrasco entre ateus que aconteceu em São Paulo, se desenvolveu uma conversa que sintetiza bem esta ordem de questionamentos. No intercambio interviram quase todos os participantes da jornada, todos jovens com trajetória religiosa e, aparentemente, de origens modestos. Durante a conversa alguém apontou que *‘os pastores são, na verdade, ateus’*, e que *‘apenas acharam o modo de ganhar dinheiro com isso’*. Ou seja, que nada mais são que cínicos que se utilizam da boa-fé a alheia para enriquecer. Como era de se esperar, abordaram igualmente o outro lado da moeda, o fato desse dinheiro ser tirado na maioria dos casos de *‘pessoas humildes’* que *‘não entendem que estão sendo enganadas’*. Estes veriam o dízimo *‘como uma troca’* da qual procuram obter algum benefício ou *‘comprar seu terreno no céu’*.

Como se o tom mercantilista de tais operações não bastasse para desqualificá-las, meus interlocutores insistiram em desvendar o *‘truque’* responsável pelo engano. Para eles, *‘se algo vai bem na vida do crente’*, isto é, *‘consegue o que quer’* isso *‘se deve à doação feita à igreja’*, todavia, quando não o consegue então é *‘porque a doação não foi feita com fé verdadeira’*. De qualquer maneira *‘os pastores estão sempre certos’*. À raiz destas reflexões, a conversa seguiu

---

Marcos 11:15,18; Lucas 19:45,46 e João 2:13,16. Extraído de <https://www.biblionline.com.br>, data de acesso: 24/05/2019.

com a discussão de algo que era visto, aparentemente, como um dilema moral: se é errado, ou não, *‘os crentes perderem o dinheiro que entregam à igreja’*. Alguém sugeriu, num raciocínio assustador, que se são *‘tão tolos de dar seu dinheiro aos pastores em troca de ilusões’*, então *‘é justo que percam esse dinheiro’*. Nem todos concordaram, mas também não quiseram levantar polêmica. Saldaram a discussão com um ponto que era consenso entre todos: pastores são empresários e igrejas são empresas, e se ocuparam de dar provas do fato. Naturalmente, Edir Macedo é o exemplo paradigmático, com suas mansões em Miami e arrecadações milionárias em dízimos que, asseguram, são retiradas por helicópteros do Templo de Salomão.

Na mesma conversa, a Igreja Católica foi caracterizada pelo organizador do evento como *‘a maior empresa de todos os tempos’*, já que, *‘não tem nenhuma que tenha durado 2.000 anos’*. Logicamente, lembraram aqui das riquezas do Vaticano que estariam em contradição com *‘o discurso de caridade’* que ele mesmo apregoa. Alguém estimou –com base num dado de procedência incerta– que se a Igreja doasse suas fortunas seria possível *‘acabar com a fome em África três vezes’*. Isto serviu para desestimar, por antecipado, o contra-argumento de que o dinheiro das igrejas se justifica pelas obras de caridade que levam adiante. O organizador do churrasco que encarregou de lembrar que *‘ninguém lembra das obras de caridade das religiões afro-brasileiras’* e outro participante, ex-seminarista, acrescentou que *‘o kardecismo faz o mesmo’*. No fim, a caridade e o trabalho social foram, sim, colocados como algo bom, porém pequeno perante as fortunas recebidas pelas igrejas –ficou claro– cristãs.

Na edição do Bar dos Hereges de novembro de 2016 ocorreu uma conversa semelhante entre os participantes. Nela, a voz principal foi a de um jovem que introduziu suas opiniões dizendo que *‘já foi crente’*, *‘já pintou igreja’* e *‘já lavou terno de pastor esperando ganhar um pedacinho no céu’*. Ele enfatizou que o pagamento de dízimos e oferendas *‘não é uma escolha’*, deslocando a ênfase da conversa para a notável capacidade de manipulação e persuasão dos pastores, aliada a já paradigmática ignorância dos fiéis. Vários dos participantes deram exemplos de pessoas de baixos recursos sendo convencidas a dar parte do salário para o pastor, mas a que mais efeito causou foi a de uma menina que, fora esta intervenção, permaneceu calada a maior parte da tarde. Ela contou que uma mulher da sua família (mãe, tia, ou avó, a condição exata me foge) chegou ao extremo de pedir um empréstimo (numa daquelas instituições conhecidas como “crediário”) para conseguir dar dinheiro para a igreja que frequenta num mês particularmente difícil. Em conjunto, intercâmbios como este –e principalmente a indignação que suscitam– parecem constituir uma parte importante da sociabilidade e do ativismo ateu, sempre prestes a desvendar as falsas promessas das igrejas e a ganância seus líderes.

As reuniões da COMAAFOR não foram a exceção, e houve ali quem fez questão de expor a ganância dos pastores para a pesquisadora. Dois participantes –ambos de meia idade e passado batista, um engenheiro e professor num Instituto Federal e uma advogada– narraram animadamente anedotas das igrejas que frequentaram, que ilustram à perfeição o mal uso do dinheiro doado pelos fiéis. O engenheiro lembrou de uma coleta que tinha tido organizada na congregação à que pertencia, com um fim específico, como a reforma de um salão comunitário ou algo semelhante. Afinal, tudo acabou num desvio de fundos, já que o dinheiro foi utilizado para comprar um carro novo para o pastor. A mulher, por sua vez, não falou de fraude, mas de privilégios simples e explícitos: na igreja dela foram realizadas coletas com o fim declarado de pagar a faculdade do filho do pastor, como se fosse mais importante que a educação do filho de qualquer outro membro da igreja.

Este tipo de argumentos estão igualmente presentes no meios ateístas virtuais, onde são expostos de modo característico, através de matérias de jornais, montagens fotográficas, comentários e similares. Por exemplo, o blog de notícias do jornalista Paulo Lopes –dedicado à difusão de informações de interesse para o público ateuista – publicou em 6 de junho de 2019 uma matéria intitulada “*Video mostra Valdemiro Santiago saindo de jatinho que seria dele*”<sup>52</sup> onde se questiona a vida de ostentação do pastor, que seria incongruente com sua condição de tal. Esta matéria faz referência a outra, de alguns anos atrás, que denuncia: “*Importação de jatinho usado por Valdemiro sonou impostos*”. O mesmo personagem, líder da Igreja Mundial do Poder de Deus, é o protagonista de outras postagens que questionam seu gosto pelo dinheiro: “*Pastor dissidente conta como Valdemiro inventou o trizimo*”, “*Deus quer 30% do ganho deste mês dos fiéis, afirma Valdemiro*”, “*Valdemiro diz preferir dinheiro vivo a depósito bancário*”, “*Valdemiro quer obter R\$ 20 mi com venda de tijolinhos de Deus*”, “*Valdemiro pede R\$ 8 mi a fiéis, mas continua com 4 aeronaves*”, entre muitas outras<sup>53</sup>.

O Pastor Edir Macedo é outra das figuras apontadas pelo estilo de vida opulento, em matérias como “*TV portuguesa diz que Edir Macedo desviou dinheiro para gasto com luxo*”<sup>54</sup> ou “*Site oficial confirma que Edir Macedo tem em Miami apartamento de R\$ 34,6 milhões*”<sup>55</sup>,

<sup>52</sup><https://www.paulopes.com.br/2019/06/valdemiro-jatinho.html#.XQLBXhZKjIU>. Data de acesso: 13/06/2019.

<sup>53</sup><https://www.paulopes.com.br/search/label/Valdemiro%20Santiago>. Data de acesso: 13/06/2019.

<sup>54</sup><https://www.paulopes.com.br/2019/02/edir-macedo-dinheiro-iurd-portugal.html#.XQLFrhZKjIU>. Data de acesso: 13/06/2019.

<sup>55</sup><https://www.paulopes.com.br/2018/07/site-confirma-que-edir-tem-luxuoso-apartamento-em-miami.html#.XQLF4xZKjIU>. Data de acesso: 13/06/2019.

“Edir Macedo entra na lista dos mais ricos do mundo”<sup>56</sup> A lógica propriamente empresarial da IURD é um tema ainda mais recorrente, manifesto em matérias como “*Universal desvirtua objetivo da Igreja ao fixar meta para dízimo, decide Justiça*”<sup>57</sup>, “*Universal obtém R\$ 1,4 bi por ano só com doações, diz Veja*”<sup>58</sup>, “*Universal investe em campanha para atrair a classe média*”<sup>59</sup>. Outras práticas questionáveis da IURD são igualmente objeto de denúncia: “*MP suspeita que Universal usa jatinhos para tirar do país dinheiro do dízimo*”<sup>60</sup>, “*Universal tirou ilegalmente dólares de Angola, diz ex-bispo*”<sup>61</sup> ou “*Tribunal condena Universal por coagir fiel a fazer doações*”<sup>62</sup>, entre vários outros.

Os conteúdos digitais do teor dos aqui citados são amplamente difundidos nos meios ateístas digitais, e mostram a imagem que igrejas e seus agentes (especial, mas não exclusivamente evangélicos) possuem no meio ateísta. O veículo Paulopes foi escolhido pela popularidade e trajetória no meio, mas não é a única fonte possível para este tipo de conteúdo. A crítica a pastores e igrejas pode vir na forma de matérias jornalísticas como as citadas, mas também de charges e memes com uma preocupação menor com a seriedade e a documentação de fatos. Não todas são reproduzíveis num trabalho como este, mas se apresentarão algumas delas:

<sup>56</sup><https://www.paulopes.com.br/2013/03/macedo-entra-na-lista-dos-mais-ricos-do-mundo.html#.XQLNGBZKjIU>. Data de acesso: 13/06/2019.

<sup>57</sup><https://www.paulopes.com.br/2019/06/universal-meta-dizimo.html#.XQKuDhZKjIV>. Data de acesso: 13/06/2019. A matéria explica um julgamento da 8.ª Turma do Tribunal Regional do Trabalho da 2.ª Região segundo a qual “*Ao fixar meta para o dízimo, a Universal desvirtua sua finalidade religiosa, criando, em consequência, uma ligação empregatícia entre a Igreja e quem recebe a atribuição de atingir a arrecadação projetada, o pastor*”

<sup>58</sup><https://www.paulopes.com.br/2017/10/universal-obtem-um-bi-por-ano-com-doacoes.html#.XQLMoxZKjIU>. Data de acesso: 13/06/2019.

<sup>59</sup><https://www.paulopes.com.br/2013/03/universal-faz-campanha-para-atrair-classe-media.html#.XQLMExZKjIV>. Data de acesso: 13/06/2019.

<sup>60</sup><https://www.paulopes.com.br/2009/08/mp-diz-que-iurd-usa-jatinhos-para-tirar.html#.XQLErBZKjIU>. Data de acesso: 13/06/2019.

<sup>61</sup><https://www.paulopes.com.br/2016/08/universal-tirou-ilegamente-dolares-de-angola-diz-ex-bispo.html#.XQLEsRZKjIU>. Data de acesso: 13/06/2019.

<sup>62</sup><https://www.paulopes.com.br/2012/12/justica-condena-iurd-por-coagir-fiel-a-fazer-doacoes.html>. Data de acesso: 13/06/2019.

Figura 1: “Meme” compartilhado por um ateu no Facebook.



Fonte:

<https://www.facebook.com/jesusbebado/posts/1131538020363782>. Acesso: 03/09/2019.

Figura 2: Quadrinho satirizando a ganância dos pastores



Fonte: <http://sagradaheresia.blogspot.com/2013/11/jesus-esta-voltando-e-eu-com-isso.html>. Acesso: 03/09/2019.

Independentemente da forma em que a crítica esteja articulada, parece haver em todas elas certo intuito de desvendar as contradições das igrejas perante a sociedade e de “abrir o olho” da população que *acredita* nesses enganos, tudo em nome da verdade e, com isso, do bem comum. Esta intencionalidade aparente contrasta, no entanto, com o fato destes discursos acontecerem em círculos onde virtualmente todos os presentes já estão convencidos de que esse é, de fato, o caso. A insistência no assunto é em si mesma eloquente: como se o convencimento precisasse ser reafirmado, como se disso dependesse a segurança da própria condição de ateus que, deixam claro, é no melhor dos casos atípica na sociedade na que vivem.

### 3.2 O CÉSAR, DEUS E O ÓPIO DOS POVOS.

A confusão entre a fé e o dinheiro não é a única transgressão denunciada pelos ateus. Aquela que viola os limites entre a religião e a política é também objeto de atenção e, como no caso anterior, faz dos meios evangélicos em expansão seu alvo privilegiado. Este tipo de questionamento se dirige prioritária mas não exclusivamente ao acionar dos políticos evangélicos, começando pela conhecida “Bancada da Bíblia” no Congresso nacional e se estendendo até prefeitos ignotos nas mais diversas regiões do país. Numa leitura que perpassa os diferentes espaços ateístas aos que se teve acesso, o atual momento histórico do Brasil estaria marcado por um “medievalismo tardio”<sup>63</sup> no qual as principais conquistas e liberdades da sociedade moderna (por parciais que sejam no Brasil) se veriam ameaçadas pelo projeto de poder de setores que tentam dar força de lei as próprias visões religiosas. Visões religiosas que não são apenas particulares e não universais como se pretendem, se não também falsas e imorais no que têm de mais próprio. Em todos os casos, uma tendência semelhante implica um retorno em direção à teocracia, isto é, um franco *retrocesso* numa narrativa da história baseada na teleologia do progresso.

Resulta claro que este assunto excede a mera crítica da religião como tal, derivando na questão da laicidade estatal, que o movimento tem convertido em uma de suas principais bandeiras. Os discursos em favor da separação entre Igreja e Estado permeiam, de fato, o conjunto das iniciativas ateístas das que se teve conhecimento, constituindo um aspecto central do movimento tal e como se apresenta no Brasil. Embora constitua uma preocupação geral, o

---

<sup>63</sup>A expressão vem do título de um artigo da Revista Ateísta assinado pelo blogueiro Wagner Kirmse Caldas. “*Medievalismo Tardio: Viva a velha nova teocracia*”. Revista Ateísta, julho-agosto 2016. O autor é o responsável pelo Blog “Bar do Ateu”, URL: <http://bardoateu.blogspot.com>.



assunto tende a se tornar mais proeminente ali onde a iniciativa em questão ganha em formalidade, em particular naquelas que gozam de existência jurídica. O ativismo judiciário dedicado a denunciar violações ao princípio da laicidade constitui a parte mais substancial (e tal vez menos conhecida) do trabalho dito sério levado adiante pela ATEA e a LiHS, as principais organizações do gênero no país. O ativismo judiciário em prol da laicidade do Estado será abordado oportunamente. Neste ponto o que interessa destacar são os questionamentos aos usos e abusos políticos da religião que tornariam tal trabalho pertinente (e urgente) no Brasil de hoje.

Antes de analisar o conteúdo destes questionamentos, cabe apontar que estes tendem a surgir (foi o caso durante o trabalho de campo) em ocasiões de tintes formais e são geralmente exprimidos num tom relativamente mais grave que aqueles dirigidos ao comércio em nome da fé. Se o gosto pelas riquezas dos líderes do povo de deus era abordado, no caso típico, em conversas informais invariavelmente regadas a cerveja e coloridas com anedotas de procedência nem sempre verificável, as transgressões políticas eram objeto de conversações sérias em espaços onde se fazia necessário cuidar das formas e das fontes. No que respeita às interações face a face, a crítica dos usos políticos da religião teve lugar, principalmente, nos seminários e comitês dedicados à liberdade religiosa (onde não eram patrimônio exclusivo dos ateus), assim como nas entrevistas que foram realizadas a ativistas escolhidos, precisamente, pelo engajamento na causa. Tanto num caso quanto no outro, tratava-se de sujeitos com mais anos de escolarização e bom domínio da linguagem jurídica.

Um dos informantes mais profícuos neste tipo (e estilo) de questionamento foi Eduardo Banks, um ativista independente cujos feitos são frequentemente divulgados no site da ATEA, à qual é filiado. Original do Rio de Janeiro, Banks realiza, por conta própria, o esforço de rastrear na legislação estadual violações ao princípio da laicidade para posteriormente prestar queixa perante o Ministério Público. Por exemplo, um post no blog da ATEA de julho de 2016, noticia o derribo, por inconstitucionalidade da Lei Estadual nº. 4.295, de 24 de março de 2004, decorrente de uma ação movida por Banks, através do Ministério Público. A lei em questão, de autoria do ex-Deputado Antônio Pedregal da Assembleia de Deus, autorizava as igrejas a utilizar as instalações das escolas públicas para celebrações e encontros. A matéria destaca que o jornalista Eduardo Banks

...vem fazendo um verdadeiro estrago nas leis aprovadas pela “bancada evangélica”. Esta é a quarta lei que Banks

consegue derrubar por intermédio do Ministério Público, em menos de um ano; as outras foram as leis que obrigavam as bibliotecas a terem exemplares da Bíblia em seus acervos e a que dispensava às igrejas e templos de se adequar às regras de prevenção a incêndios e desastres<sup>64</sup>.

Na entrevista – e em comunicações posteriores nas quais facilitou vasto material – Banks se ocupou de especificar o sentido que dá a sua labor. Do que se trata é de combater o “projeto de poder” dos setores evangélicos, que tentam impor uma “nova ordem” cristã-protestante no Brasil. Esta está sendo imposta através do controle da mídia, do ascensão político de candidatos evangélicos e, claro, do crescimento do poder social e econômico das igrejas, financiadas com o dinheiro dos fiéis. Quanto a isto, Banks considera que “*a responsabilidade dos fiéis evangélicos pela ascensão dos políticos-pastores é igual à dos usuários de drogas pelo financiamento do narcotráfico*”. A comparação é em si mesma contundente e dá a medida do tipo de conceito que o ativista tem do plano de poder cristão. Para ele “*quem paga dízimos e faz outras contribuições deve ser denunciado em sociedade como alguém que está sabotando as liberdades individuais e coletivas*”<sup>65</sup>.

Outro ativista do Rio de Janeiro, membro da ARCA, ex-seminarista e atual militante do PSOL questiona o modo em que os fiéis evangélicos entendem a liderança dos políticos das suas filas: “*Hoje, no supermercado um rapaz falava da prefeitura do RJ comigo, mas quando eu critiquei o Crivella, o cara deu xilique, disse que era perseguições ao povo de Deus...*”. O interessante aqui é que a resposta do ateu não enveredou para uma explicação do conceito de laicidade do Estado, nem da diferença entre o pastor e o prefeito, mas veio formulada em termos bíblicos: “*Ai eu falei com ele na PALAVRA de Deus. Disse que Deus mandou não fazer ídolos, incluindo pastores, pra ele não ir a igreja... Acabou o fundamentalismo dele ali*”<sup>66</sup> já que “*era a palavra de Deus, o que ele dissesse iria contra o que ele acredita*”. Mais uma vez o

<sup>64</sup><https://www.atea.org.br/ativismo/tjerj-julga-inconstitucional-lei-que-permitia-igrejas-fazerem-reunioes-em-escolas/>. Data de acesso: 21/06/2019. Foi através deste artigo no site da ATEA que soube da existência de Eduardo Banks e da sua labor. Não foi difícil encontrar os dados de contato via internet.

<sup>65</sup>Banks apoia esta leitura num artigo da revista Outsider, de autoria de Pedro Paulo Machado Glória, intitulado “*A política em nome de Deus: o aliciamento religioso das bancadas evangélicas na corrida pelo poder*” (Outsider, ed. 2, vol.1, Nº 2, Fevereiro de 2017). Este apresenta uma análise das práticas políticas de grupos religiosos no Brasil, dando conta de um raciocínio mais elaborado que aquele que subjaz às meras “piadas de crentes” do mundo virtual. O autor, assim como meu entrevistado, não colocam o fiel de a pé como um simples ignorante sendo manipulado, mas como um devoto que entrega consciente seu dinheiro a uma causa, aquela de conquistar o Brasil para o Senhor.

<sup>66</sup>Conversa via WhatsApp em 28/06/2017.

questionamento foi apontado como uma falta no entendimento e prática da fé, em seus próprios termos, aqueles que os ateus dão amostras de conhecer bastante bem.

Outro ativista apresenta uma visão igualmente nefasta sobre as intenções políticas do setor evangélico. Se trata de um militante de longa data pela convivência inter-religiosa, participante da Iniciativa das Religiões Unidas e da organização do Encontro da Nova Consciência. Advogado radicado em Brasília, ele é membro da Comissão Nacional de Respeito à Diversidade Religiosa desde sua fundação (aliás, participou do projeto de sua criação durante o governo Lula) e, além disso, acompanha de perto as discussões sobre direitos humanos em geral no âmbito do governo nacional e do Distrito Federal. Por todo este envolvimento, quando ele fala das práticas e projetos políticos das lideranças evangélicas o faz como quem conhece os bastidores do poder, aportando multiplicidade de dados precisos, quase etnográficos, sobre os projetos e lutas daqueles que conduzem o país, muito em particular no que tange à agenda religiosa.

Numa entrevista levada adiante após a reunião plenária do CNRDR de março de 2017, o ativista respondeu aos meus questionamentos sobre a natureza das frentes parlamentares pela liberdade religiosa. Perguntei sobre outros espaços inter-religiosos como o mencionado comitê, nos quais pudesse observar a participação dos ateus, mas meu intuito foi rapidamente desencorajado: ‘não perde tempo com isso’ foi sua resposta. Ele explicou que vários órgãos dedicados a promover a “liberdade religiosa” são, na verdade, coletivos formados para favorecimento de um único credo, via de regra o cristianismo. Prova disto seria fato de boa parte da bancada evangélica estar nucleada nessas frentes, quando não são, diretamente, lançadas e coordenadas por membros desta<sup>67</sup>. No caso da Frente Parlamentar pela Diversidade Religiosa do DF a orientação está clara, inclusive, na ata que a institui: “*O registro da frente parlamentar da Diversidade Religiosa tem o objetivo de orientar e encaminhar as proposições voltadas ao público cristão*”<sup>68</sup>. Esta é coordenada pelos deputados Lira e Delmasso, ambos acusados de usar seus gabinetes como cabides de emprego das próprias igrejas.

A instrumentação do Estado em favor de uma confissão religiosa (e portanto, em detrimento de outras, incluindo os descrentes) bem como o uso político da religião são

---

<sup>67</sup>A Frente Mista Parlamentar pela Liberdade Religiosa do Congresso nacional foi lançada pelo deputado Moroni Torgan, membro da Igreja dos Santos dos últimos dias e conta, em sua composição, com 42% de membros também pertencentes à bancada evangélica. No caso da ALESP, de 19 membros efetivos da Frente Parlamentar pela Liberdade Religiosa 11 são também membros efetivos da frente parlamentar evangélica, isto é, 58%. Contando membros efetivos e apoiadores, a percentagem sobe para 64%, com 14 entre 22 membros fazendo parte de ambas as frentes. Os dados correspondem as datas do trabalho de campo, isto é, março de 2017.

<sup>68</sup>Requerimento Nº 84/2015 Câmara Legislativa do Distrito Federal. Gabinete do Deputado Rodrigo Delmasso.

igualmente objeto de crítica nos canais ateístas virtuais, em particular aqueles voltados à discussão da atualidade política. Na prática, a denúncia das relações espúrias entre agentes políticos e religiosos parece ter se acirrado desde a última eleição presidencial, que deu por vencedor a Jair Bolsonaro, candidato aliado aos setores evangélicos que foram, por sua vez, decisivos para sua vitória. A aliança (ou a superposição) entre figuras políticas e religiosas é questionado não apenas como violação do texto constitucional, mas como necessariamente prejudicial para aqueles que se veem excluídos do acordo. O desprezo pelas minorias e a intolerância com as diferenças é exatamente o tipo de questionamento que se faz aos projetos de governo de inspiração religiosa, quando não se questiona o caráter retrógrado e anti-intelectual de uma agenda semelhante. Como se isso não bastasse, os médios ateístas se ocupam de recolher, igualmente, qualquer informação sobre práticas questionáveis dos políticos confessionais e denunciam qualquer desvio do caminho da moralidade (da qual se colocam como garantes) que lhes possa ser imputado.

O grupo de Facebook da ATEA<sup>69</sup> é prolífico neste tipo de questionamentos. O perigo de um governo religioso foi explicado de forma bastante completa no artigo intitulado “*O bolsonarismo evangélico e o mal-estar que ele gera*”, compartilhado por um dos participantes do grupo<sup>70</sup>. Escrito por um doutor em antropologia, o texto possui um nível analítico superior às postagens habituais, mas articula os principais pontos de uma crítica omnipresente no espaço ateísta. Que tenha sido aprovado para publicação pela moderação do grupo dá conta, por outro lado, de sua adequação a esse espaço<sup>71</sup>. O artigo analisa o apelo de Jair Bolsonaro para os líderes evangélicos conservadores, esmiuçando a definição essencialmente religiosa –pentecostal, a rigor– da figura e de sua agenda. O artigo explica a relevância do uso ostensivo do jargão e o simbolismo evangélico por parte do candidato eleito, e seu efeito deslaicizante, bem notado pelos ateus. Assim mesmo, aponta o caráter antimoderno e pouco respeitoso das minorias de várias das pautas parlamentares que defende junto à bancada evangélica.

---

<sup>69</sup>Considerando que a página de Facebook da associação saiu do ar em 22 de outubro de 2018, as buscas de informação se levaram adiante apenas no grupo e no site.

<sup>70</sup>Publicação no grupo: <https://www.facebook.com/groups/ATEA.ORG.BR/permalink/2849979491740470/>.  
Fonte original do artigo: [https://www.nexojournal.com.br/ensaio/2019/O-bolsonarismo-evang%C3%A9lico-e-o-mal-estar-que-ele-gera?utm\\_medium=Social&utm\\_campaign=Echobox&utm\\_source=Facebook&fbclid=IwAR2Mu9Eq5WQAQL\\_3j98dF8pIpz-9pqeNPU7cIbCkG88NVieugn8zBm6mm-Ü#Echobox=1560902299](https://www.nexojournal.com.br/ensaio/2019/O-bolsonarismo-evang%C3%A9lico-e-o-mal-estar-que-ele-gera?utm_medium=Social&utm_campaign=Echobox&utm_source=Facebook&fbclid=IwAR2Mu9Eq5WQAQL_3j98dF8pIpz-9pqeNPU7cIbCkG88NVieugn8zBm6mm-Ü#Echobox=1560902299). Data de acesso: 26/06/2019.

<sup>71</sup>Alguns dias mais tarde a própria moderadora do grupo postou uma matéria do jornal The Intercept intitulada “*Como eu descobri o plano de dominação evangélico*”.  
<https://www.facebook.com/groups/ATEA.ORG.BR/permalink/2867649749973444/>. Data de acesso: 30/06/2019.

À margem das sutilezas acadêmicas, este complexo de questionamentos aparece claramente nas repercussões que, no mesmo grupo de Facebook, gerou a participação do presidente Jair Bolsonaro na Marcha para Jesus de 2019 (teve lugar em São Paulo na quinta-feira 20 de junho de 2019)<sup>72</sup>. As postagens tiveram a intenção aparente de denunciar a participação do presidente num evento semelhante como uma ameaça à laicidade estatal, se não como uma quebra desta em si mesma. A interpretação do fato, no entanto, esteve sujeito a controvérsias e teve quem lembrou que, em tanto que cidadão, o presidente tem o direito de professar uma religião e expressá-la publicamente. Em que medida se tratou de um ato político ou de uma mera manifestação de fé individual foi discutido ao longo de vários dias, mas acabou predominando a postura de quem apoiou a primeira das leituras. O fato do presidente ter discursado em qualidade de tal no evento serviu para abonar esta postura, assim como o conteúdo de suas declarações, em particular o agradecimento ao eleitor evangélico<sup>73</sup> e a afirmação de “*o Estado é laico, mas ele é cristão*”<sup>74</sup>.

Que a presença do presidente num dos maiores eventos religiosos do país e seu pronunciamento oficial neste constituem uma transgressão da laicidade foi a postura adotada pela administradora do grupo, explicada numa de suas postagens<sup>75</sup>.

“Mas é a religião dele, ele pode ir”. Eu entendo que, como Bolsonaro, ele pode sim, mas como presidente Bolsonaro, no mínimo, não convém. Não é à toa que ele foi o primeiro a ir, porque não é legal. Ele estava ali como presidente (não tenho certeza, mas acredito que nem dá para separar ele do título, ele é presidente onde estiver, 24 horas por dia, 7 dias por semana) ele discursou, falou sobre o governo e política, fez promessas e inclusive tornou oficial a marcha para Jesus, não era até agora. Esse ato deu uma força incrível para evangélicos. Geralmente, eventos religiosos que o presidente participa, (o Estado representado), deve ser ecumênico (que é com líderes de outras religiões. todos juntos)

Para explicar os perigos de uma tal proximidade entre o César e Deus (vale esclarecer que a citação bíblica não foi utilizada na discussão, até onde se tem conhecimento) traça uma analogia entre a negativa do STF de retirar o crucifixo de suas salas e a decisão tomada por

<sup>72</sup><https://www.facebook.com/groups/ATEA.ORG.BR/permalink/2841729145898838/>,  
<https://www.facebook.com/groups/ATEA.ORG.BR/permalink/2838757932862626/>. Data de acesso: 25/06/2019.

<sup>73</sup><https://www.facebook.com/groups/ATEA.ORG.BR/permalink/2842698192468600/>. Data de acesso: 25/06/2019.

<sup>74</sup><https://www.facebook.com/groups/ATEA.ORG.BR/permalink/2844775562260863/>. Data de acesso: 25/06/2019.

<sup>75</sup><https://www.facebook.com/groups/ATEA.ORG.BR/permalink/2847017502036669/>. Data de acesso: 25/06/2019.

este, pouco depois, pela legalização do ensino religioso confessional nas escolas públicas. Alega que símbolos sim são importantes, e que para evitar a discriminação, isto é, para que todos os brasileiros se sintam representados em igualdade, é imperioso que os muros das repartições públicas se vejam livres de qualquer símbolo religioso, como a ATEA costuma insistir. Para a ativista,

Bolsonaro, ali no evento, era o símbolo do governo dentro de uma igreja, sim, igreja. Tem os líderes, tem os fiéis, tem as pautas e tem a bíblia, só faltou as paredes para ser uma igreja física de fato. Você olha para o símbolo do STF e já tem uma ideia do que vai acontecer, principalmente se vc for uma minoria, o mesmo acontece com o “símbolo” do Estado, no caso o Bolsonaro, em evento religioso. Pode ser que, legalmente ele até poderia estar lá (um advogado pode dizer pra gente, eu não sei) mas com certeza não deveria, está errado. Ele pode ir na igreja dele orar a hora que ele quiser, como pessoa Bolsonaro, mas se discursou, aí já é presidente Bolsonaro, já é Estado.

A mensagem, longa demais para ser reproduzida na íntegra, finaliza com um esclarecimento sobre a política do grupo: é um espaço onde se preza e se defende a laicidade do Estado (assim entendida) sem distinção de cor política. Quem não concorda com o princípio da laicidade, ou entende que este pode bem ser relativizado em prol de outros fins ou valores mais importantes, é convidado publicamente a se retirar e participar de outros grupos, mais acordes as suas ideias. O fanatismo político daqueles ateus que defendem um candidato visivelmente pouco respeitoso da laicidade é publicamente condenado e colocado como responsável de “um grande dano” ao movimento ateuista. Várias das declarações do então candidato em campanha não fazem se não abonar a postura da ativista, como aquela vez que afirmou “*Deus acima de tudo. Não tem essa historinha de Estado laico não. O Estado é cristão e a minoria que for contra, que se mude. As minorias têm que se curvar para as majorias*”<sup>76</sup>.

Se não é a própria utilização política da religião (ou religiosa da política), os questionamentos caem na imoralidade das propostas de governo do político em questão e, o que é mais surpreendente, sua contradição com os ensinamentos (genuinamente) cristãos. Numa estratégia argumental bastante comum no meio ateuista, uma participante compartilhou uma publicação de um tal “Padre Matheus” da “Igreja Humanidade Livre”<sup>77</sup>, nesta aparecia uma imagem do presidente fazendo seu habitual gesto de arma com as mãos e, logo em baixo, uma

<sup>76</sup>Frase pronunciada num discurso de campanha na cidade de Campina Grande em 8 de fevereiro de 2017. <https://paraibaonline.com.br/2017/02/bolsonaro-discursa-em-campina-a-minoria-tem-que-se-curvar-para-a-maioria/>. Data de acesso: 27/06/2019.

<sup>77</sup>Se trata, aparentemente, de uma Igreja Cristã independente, de inspirações ecumênicas. <https://padrebetto.wordpress.com/humanidade-livre/>. Data de acesso: 25/06/2019.

série de citações da Bíblia, reprovando esse comportamento<sup>78</sup>, entre eles: “*Bem-aventurados os pacificadores, porque eles serão chamados filhos de Deus*” (Mt 5:9); “*Então Jesus disse-lhe: Embainha a tua espada; porque todos os que lançarem mão da espada, à espada morrerão*” (Mt 26:52); “*Não tenhas inveja do homem violento, nem escolhas nenhum de seus caminhos*” (Provérbios 3:31); “*Bem-aventurados os mansos e humildes de coração, porque deles é o reino dos céus*” (Mt 5:3). Se não se deixa de lembrar que a Bíblia –em particular o Antigo Testamento– faz clara apologia da violência, é também lembrado, quando necessário, que a mensagem cristã original foi de paz e humildade – “*Ao que te bate numa face, oferece-lhe igualmente a outra*” (Lc 6:29) – e que o próprio Cristo morreu vítima de tortura.

Idênticos questionamentos são realizados por meio do humor, que constitui mais um mecanismo argumental típico nos círculos ateístas virtuais. Enquanto um usuário compartilhou o texto do humorista Renato Terra na Folha de São Paulo intitulado “*Bolsonaro inicia a campanha Porte para Jesus*”<sup>79</sup>, outros reagiram com os tradicionais “memes”. Seguem alguns exemplos:

Figura 3: Imagem postada nos comentários à postagem sobre a Marcha para Jesus.



Fonte:

<https://www.facebook.com/groups/ATEA.ORG.BR/permalink/2847093375362415/>

<sup>78</sup><https://www.facebook.com/groups/ATEA.ORG.BR/permalink/284318022420397/>. Data de acesso: 25/06/2019.

<sup>79</sup><https://www.facebook.com/groups/ATEA.ORG.BR/permalink/2847093375362415/>. Data de acesso: 25/06/2019.

Figura 4: Imagem postada por um usuário, compartilhada da página "Mendigo Intelectual".



Fonte:

<https://www.facebook.com/groups/ATEA.ORG.BR/permalink/2848185321919887/> Data de acesso: 24/06/2019.

As companhias do presidente no palco do evento constituíram outro foco de crítica. Entre eles, não havia somente alguns dos pastores mais questionados, se não também alguns protagonistas de notícias policiais. Chamou a atenção, em particular, que o presidente esteja cercado pelo casal fundador da igreja Renascer em Cristo, detido em 2007 tentando ingressar nos Estados Unidos com grandes somas de dinheiro sem declarar<sup>80</sup>. Que a notícia seja antiga foi questionado por alguns internautas, mas não desmontou, nem muito menos, a imagem negativa das lideranças evangélicas presentes. Se nem sempre se especifica o porquê, subsiste a visão generalizada (e já mencionada neste trabalho) de que se trata de estelionatários ávidos de dinheiro e de poder, para benefício pessoal e mundano. Se tais questionamentos não são originais no que tange aos pastores, a presença do primeiro mandatário em torno deles não faz mais do que colocá-lo na mesma categoria. Ao menos, tal parece ser a intencionalidade de

<sup>80</sup><https://www.facebook.com/groups/ATEA.ORG.BR/permalink/2848286098576476/>. Data de acesso 25/06/2019.



postagens como aquela em que aparece Bolsonaro, vestindo a camisa do evento, junto com Valdemiro Santiago, cuja legenda reza “companheiros de quadrilha”:

Figura 5: Postagem de um usuário do grupo.



*Fonte:*

*<https://www.facebook.com/groups/ATEA.ORG.BR/permalink/2845539875517765>. Data de acesso: 25/06/2019.*

Outra imagem mostra a Bolsonaro junto a outros participantes confirmados da marcha, a saber: Marcos Feliciano, Magno Malta e Silas Malafaia. Estas figuras são personagens habituais dos memes e deboches e a personificação mais cabal (segundo as convenções do meio ateu) dos piores vícios da religião e dos perigos de sua conversão em política. Quanto à marcha, o autor anônimo do meme imaginou que com tais convidados, o mesmo Jesus não ia querer participar do evento. Como de costume, Cristo foi poupado das críticas, a diferença do deus pai.

Figura 6: Publicação de um participante.



Fonte:

<https://www.facebook.com/groups/ATEA.ORG.BR/permalink/2842900169115069/>. Data de acesso: 25/06/2019.

Para além da conturbada atualidade social e política do Brasil, as críticas à religião em tanto que artifício de dominação constituem, sem dúvidas, um lugar-comum. O questionamento se encontra a tal ponto estendido que não é possível atribuí-lo, em todos os casos, a quadros interpretativos de corte marxista. Trata-se, antes bem, numa ideia que não é em modo algum exótica e uma conclusão à qual é possível chegar por muitas vias. No que tange estritamente à crítica da religião, o argumento é análogo àquele utilizado para questionar suas relações espúrias com o mundo do dinheiro: revelar o jogo de poder das igrejas equivale a revelar a falsidade da religião que estas defendem. Em outros termos, onde há projetos de poder, não pode haver verdadeira fé, já que não há compromisso possível entre eles. Novamente, se trata de uma crítica da religião formulada em termos religiosos que possui inclusive, fundamentos bíblicos: não fazem mais que levar a sério o velho e conhecido ensinamento que manda dar a César o que é de César e a Deus o que é de Deus<sup>81</sup>.

<sup>81</sup>Mateus 22:21.

Embora se trata de um ponto que é consenso entre os ateus, houve dois participantes da COMAAFOR que enfatizaram este tipo de questionamento em particular. Um homem jovem, músico de profissão (chegou tarde e com seu violão, depois de uma apresentação) contou que cresceu numa família católica não praticante e que foi na igreja *‘pela questão da aceitação social’* e inclusive fez a eucaristia. Acrescentou que *‘viajava na maionese com a mitologia’*, achava curioso que os sacerdotes se mostrassem como emissários de deus e não entendia por que tinha que se confessar. A estas dubitações, vieram se somar outras, nascidas –ironicamente– nas aulas de história do colégio de freiras ao qual assistia. Contou que na sexta série descobriu *‘a jogada política da religião e sua relação com o poder’*, falou de *‘fraude’*, *‘enganação’* e ilustrou com o exemplo da venda de indulgências. Essa revelação aparece como um ponto de quebre na sua trajetória religiosa, já que afirma ser ateu desde os 13 ou 14 anos de idade. Atualmente, coloca seu ateísmo numa dimensão política. Para ele, *‘a questão não é a crença em deus, é querer impô-la aos outros’* assim como *‘a política pregar uma religião’*.

Outro participante, que defende abertamente suas convicções de esquerda, entende que a religião é um *‘aparelho ideológico’* que *‘ensina a perpetuar a autoridade’* e o *‘status quo’*. Essa conclusão nasce do encontro entre a leitura de autores marxistas (Althusser em particular) e suas experiências com a Igreja Católica durante a infância. Criado no interior do Piauí, num lugar chamado Pedro II, possui lembranças negativas sobre a influência do clero na população local. Lembra em particular de uma grande festa religiosa que era realizada uma vez por ano, única ocasião em que se rezava missa e momento em que eram celebrados *‘os casamentos e essas coisas’*. Lembra da banalidade que via naqueles batizados, primeiras eucaristias e bodas realizadas de forma massiva, mas destaca, em particular, o choque que lhe causava o costume do *‘leilão de joias para o santo’* que acompanhava a celebração. Explica que era habitual levar *‘presentes para o santo’*, a modo de oferenda, que o padre posteriormente leiloava entre os mesmos fiéis como forma de arrecadar dinheiro para a Igreja. Explicou que os presentes são chamados de *‘joias’*, mas não são tais em sentido estrito: podia ser *‘milho, uma galinha, ou coisas similares’*, aquilo que os moradores do sertão interior conseguiam levar.

Ele explica que a estranheza com o tal de leilão vinha do contraste entre o sentido de caridade e comunhão que deveria entranhar e o refrão uma música popular, que estava de moda na época e ele costumava ouvir das mesmas pessoas que esse dia compareciam à igreja. *‘Onde está o amor?’* numa letra como essa, questiona:

*“Eu piso o mie*

*Peneiro o xerém  
Eu não vou criar galinha  
pra dar pinto pra ninguém*<sup>82</sup>

De fato, a Igreja e os padres não eram para ele agentes em prol da igualdade social e a compreensão mútua mas tudo o contrário: significavam uma autoridade que procurava se perpetuar a si mesma perpetuando as desigualdades sociais<sup>83</sup>. Ao falar da festividade, ele não enfatiza somente a extorsão de dinheiro, mas também o poder e inclusive a violência exercida pelos padres para obtê-lo. No leilão, segundo conta, o padre induzia as pessoas a comprar as joias, pessoas que descreve como ‘*encabuladas*’, ‘*tímidas*’, ‘*do campo*’. Ele passava o chapéu ostensivamente, de modo das pessoas serem constrangidas a dar seu dinheiro sempre escasso. Acrescenta ainda que um dia o padre pegou um ‘*rapaz velho que ele queria que casasse para que desse dinheiro para a Igreja*’ e começou importuná-lo. Chegou a ‘*pegá-lo pelo pescoço*’ ao ponto de machucá-lo mas todo mundo achou aquele comportamento natural, para seu espanto.

Da relação com padres e freiras, lembra dos preconceitos de classe e cor que imperavam tanto no trato interpessoal quanto nas políticas institucionais. De origem humilde, conta que estudou num colégio religioso, onde as freiras cortejavam os filhos e filhas de pessoas ricas e desprezavam os pobres como ele. No segundo grau decidiu entrar no seminário ‘*pela oportunidade que representava*’ mas lhe informaram que não havia vagas disponíveis. Ele atribui essa negativa ao fato dele ser negro e a Igreja racista, o que viu corroborado por episódios posteriores. Mais tarde soube de outra vaga em aberto no seminário, então se disponibilizou para trabalhar ali como auxiliar, para se fazer conhecido e tentar ingressar. Foi admitido como ajudante, porém era relegado às funções ‘*de negro*’, quer dizer, as mais subalternas. Além disso, ouvia dentro da paróquia ‘*burburinhos*’ sobre a presença dele no local. Finalmente acabou saindo. Ele conta essa estória para ilustrar a origem do seu ceticismo e como suas suspeitas iniciais sobre a Igreja foram se confirmando com o tempo.

---

<sup>82</sup>Como não entendia as gírias regionais e o sotaque do meu interlocutor me resultava difícil pedi para anotar os versos, que aqui transcrevo. Muito provavelmente, o informante estava se referindo à música “*Penerô Xerem*” de Luiz Gonzaga e Miguel Lima, que possui um refrão similar e um sentido que questiona diretamente as convicções de esquerda, assim como a mensagem de caridade cristã: “*Oi pisa o milho/Penerô xerem/Oi pisa o milho/Penerô xerem/Eu não vou criar galinha/Pra dá pinto pra ninguém*”. E continua: “*Na minha terra dá de tudo que plantar/O Brasil dá tanta coisa que eu nem /posso decorar/Dona Chiquinha bota o milho pra pilar/Pro angú, pra canjiquinha, pro xerem, pro mugunzá/Só passa fome quem não sabe trabalhar/Essa vida é muito boa pra quem sabe aproveitar...*”. Fonte: <http://www.forroemvinil.com/luiz-gonzaga-xamego/>. Acesso: 03/09/2019.

<sup>83</sup>A raiz deste tipo de posicionamento político, inquiri sobre a opinião com relação à Teologia da Libertação. Curiosamente, respondeu que a TL ‘*usa o espaço da religião*’, mas ‘*não acredita mesmo*’. Logo, não a vê como algo negativo.

Ora, se os questionamentos sobre a convivência da Igreja (neste caso, principalmente a católica) com projetos pouco igualitários de sociedade leva frequentemente a acaloradas discussões sobre os aspectos socioeconômicos, as críticas são mais unânimes no que tem a ver com a regulamentação da moral sexual e reprodutiva. São gerais nos meios ateístas as críticas às pautas parlamentares conservadoras, ditas “*em defesa da família*” e “*contra a ideologia de gênero*” defendidas por figuras como as que aparecem nos memes acima. Em geral, os meios ateístas se mostram progressistas no que tange aos papéis de gênero e à moral sexual, mostrando –em particular– um apoio que se pode dizer massivo às causas da comunidade LGBTQI+. Existe, de fato, uma afinidade inegável entre ambos os movimentos, e não poucos daqueles que identificam como ateus o fazem também como homo, bi ou transsexuais. A todos os efeitos, a religião é tida como a raiz do estigma sofrido por uns e outros, o que justifica a causa comum e a oposição a agenda parlamentar que tem se convertido em marca registrada da bancada evangélica. Os meios ateístas em geral sustentam uma postura contrária à dos evangélicos em assuntos afins como a despenalização do aborto, a pesquisa com células-tronco, a educação sexual nas escolas, ou os direitos das mulheres.

Por exemplo, um link postado por um dos administradores do grupo em 15 de junho, conduz a um blog de orientação LGBTQI+ que noticia as opiniões desfavoráveis do deputado Marco Feliciano sobre a decisão do STF de criminalizar a LGBTfobia<sup>84</sup>: “*Nós cristãos estaremos em perigo*”. Na postagem, a administradora opina “*Vão estar em perigo por que? Porque ninguém vai poder impedir que soltem a franga presa? O Feliciano é certo*”. Os comentários dos seguidores a esta matéria destacam o discurso de ódio empregado pelo pastor e deputado em questão, bem como o caráter homofóbico e intolerante de suas ideias: “*Os líderes religiosos ficam abismados, tristes e irados perante um projeto de lei que proíbe eles de, publicamente, estigmatizar, criminalizar e demonizar pessoas que querem fazer AMOR com outras do mesmo sexo*”. E claro, não falta quem lembre que o ódio e a falta de respeito pelo próximo são exatamente o oposto dos ensinamentos tipicamente cristãos: “*Cristão de verdade não corre perigo. Quem está em perigo são os homofóbicos criminosos. Não quer ser preso? Deixa o amor de deus entrar em sua vida, respeita os LGBT, deixa eles casarem em paz, para*

---

<sup>84</sup>[https://observatoriog.bol.uol.com.br/noticias/2019/06/marco-feliciano-lamenta-criminalizacao-da-lgbtfobia-nos-cristaos-estaremos-em-perigo?utm\\_source=Facebook&utm\\_medium=social&utm\\_campaign=FB-obsg&fbclid=IwAR1kwQfdFltHPAIZPtXHqMYmw\\_23gshsFRkxknqgbGt5HQmigRD\\_KwJ4Pzs](https://observatoriog.bol.uol.com.br/noticias/2019/06/marco-feliciano-lamenta-criminalizacao-da-lgbtfobia-nos-cristaos-estaremos-em-perigo?utm_source=Facebook&utm_medium=social&utm_campaign=FB-obsg&fbclid=IwAR1kwQfdFltHPAIZPtXHqMYmw_23gshsFRkxknqgbGt5HQmigRD_KwJ4Pzs) . Data de acesso: 23/06/2019.

de perseguir eles nas igrejas e pregue para que os pais façam o mesmo. É disso que a Bíblia fala quando diz "amarás o próximo como a ti mesmo"<sup>85</sup>.

Figura 7: "Meme" que aparece de tempo em tempo no muro de Facebook da pesquisa, com variações



Fonte: <https://www.ocafezinho.com/2017/12/18/os-invisiveis-da-sociedade-jesus-e-o-fascismo/>. Data de acesso: 03/09/2019.

As contradições dos evangélicos no que tange a este espectro de questões são marcadas a diário, sejam estes políticos ou não. Por exemplo, em 24 de junho de 2019 a administradora postou uma matéria do Jornal do Estado de São Paulo repudiando as declarações do vereador Fernando Holliday que propôs a “*internação psiquiátrica para grávidas com ‘propensão’ ao aborto ilegal*”. A matéria foi compartilhada com o comentário “*Não é ele que é ‘gay não praticante’ porque quer ir para o céu? E quer testar a sanidade mental das mulheres que vão fazer aborto legal? Sou a favor de testar a sanidade mental dele para estar no cargo de vereador*”<sup>86</sup>. Outra matéria compartilhada por um seguidor fazia eco de declarações homofóbicas do presidente as vésperas da parada LGBT de São Paulo, dirigidas em particular

<sup>85</sup><https://www.facebook.com/groups/ATEA.ORG.BR/permalink/2830111777060575/>. Data de acesso: 23/06/2019.

<sup>86</sup><https://www.facebook.com/groups/ATEA.ORG.BR/permalink/2853738511364568/>. Data de acesso: 26/06/2019.

contra o deputado Jean Wyllys, que deixou o cargo e o país após receber ameaças. A postagem foi encabeçada pela inscrição “*homofobia, um valor cristão*”<sup>87</sup>.

O grupo também repercutiu a atuação recente do Brasil no Conselho de Direitos Humanos da ONU. Segundo informam as matérias compartilhadas pelos usuários<sup>88</sup>, os diplomatas brasileiros, seguindo instruções do Itamaraty, vetaram a utilização do termo “*gênero*” nas resoluções em elaboração, alegando que o conceito constitui uma “*construção social*”, por contraposição à “*realidade biológica*”. Como era esperável, a posição do Brasil suscitou a oposição de países como Dinamarca, Suíça ou Canadá (isto é, vários daqueles considerados os mais desenvolvidos), enquanto recebeu o apoio de nações como a Arábia Saudita, Paquistão ou Barein, fato que foi bem notado pelo autor de uma dessas postagens: “*Isso está ligado diretamente à teocracia que estão implantando no Brasil. O Brasil indo contra os países mais desenvolvidos e de acordo com a Arábia Saudita*”. O comentário não é casual já que a disseminação – e a instituição em leis – de ideias semelhantes sugere aos ateus um futuro distópico, opressivo e retrógrado, a versão evangélica e brasileira do presente do Oriente Médio. A todas luzes, um futuro similar ao passado, ou a certo passado figurado como obscuro e asfixiante devido ao jugo religioso<sup>89</sup>. Não faltam memes sobre o assunto, como a imagem reproduzida em baixo, à qual um dos internautas reagiu afirmando “*Brasil daqui a 50 se continuar deixando religiosos conseguirem cargos públicos*”<sup>90</sup>.

---

<sup>87</sup><https://www.facebook.com/groups/ATEA.ORG.BR/permalink/2847695378635548/>. Data de acesso: 28/06/2019.

<sup>88</sup><https://www.facebook.com/groups/ATEA.ORG.BR/permalink/2860183870720032/>; <https://www.facebook.com/groups/ATEA.ORG.BR/permalink/2861032250635194/>. Data de acesso: 28/06/2019.

<sup>89</sup>Previamente o presidente tinha afirmado que o Brasil votaria agora na ONU segundo a Bíblia. O fato também foi amplamente repudiado no grupo. Fontes: <https://www.facebook.com/groups/ATEA.ORG.BR/permalink/2674811422590612/>; <https://www.facebook.com/groups/ATEA.ORG.BR/permalink/2672925906112497/>; <https://www.facebook.com/groups/ATEA.ORG.BR/permalink/2673085389429882/>. Data de acesso: 28/06/2019.

<sup>90</sup><https://www.facebook.com/groups/ATEA.ORG.BR/permalink/2831865730218513/>. Data de acesso: 27/06/2019.



Figura 8: Comparação com o Oriente Médio



Fonte:

<https://www.facebook.com/groups/ATEA.ORG.BR/permalink/2831865730218513/>. Data de acesso: 27/06/2019.

Tanto questionamento do conservadorismo social das figuras políticas evangélicas não pode ser imputado apenas a macrovisões divergentes sobre a sociedade. Em não poucos casos a revolta se encontra ligada a experiências de preconceito ao mesmo tempo religioso e de gênero sofridos em carne própria. Nestes relatos o processo de se tornar ateu se superpõe com aquele de se identificar como homo ou bissexual. Para eles, é claro que a condenação a formas outras de definição dos papéis de gênero está enraizada em justificativas religiosas e que, sem estas, não se sustenta por si só. Apesar disso, não deixam de reconhecer que existem de fato ateus que são conservadores nesses aspectos (assim como em vários outros). Ao menos foi essa a visão que prevaleceu nas conversas do churrasco entre ateus de São Paulo, onde alguns dos participantes que partilham desta dupla identificação narraram suas experiências.

O relato mais doloroso foi, tal vez, o de uma jovem de uns 25 anos que tinha crescido no seio da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, da qual foi *'crente e praticante até os 20 anos de idade'*. Ela narrou uma história tumultuosa e pragada de conflitos não resolvidos, na qual o processo de virada para o ateísmo se confunde com aquele de sua afirmação como bissexual. A moça iniciou o relato enfatizando que tinha recebido uma



educação religiosa bem severa de parte dos pais, em particular no que tange aos preceitos morais e de conduta. Basicamente, tinha passado a vida num entorno enquadrado por inteiro pela religião (o pai inclusive trabalha dentro da igreja), até que foi morar em Buenos Aires para fazer faculdade de medicina. A vida em outro país, longe da família, dos constrangimentos habituais e de tudo o que conhecia a moveram a se questionar e procurar novas experiências e, paralelamente, a vida da igreja começou fazer cada vez menos sentido para ela. Ela narrou sua história com visível pesar, e seu aspecto forte e expansivo foi deixando lugar a uma imagem frágil e chorosa na medida que o relato avançava.

Ela tinha empreendido os estudos na Argentina financiada pelos pais, que pagavam tanto o custo de vida quanto a mensalidade da universidade, sob a condição de que a filha continuasse frequentando a Igreja Mórmon. Esta obrigação, assim como a concepção da fé, era entendida sem meias tintas, tanto pelos pais, quanto pela filha. Eram tão levadas a sério que a jovem resolveu *comunicar* aos pais o desejo de desistir da igreja, o que teve como resultado a retirada do sustento e a necessidade de abandonar os estudos. Ora, a decisão resulta, em si mesma, significativa: por que não manter oculto o estranhamento religioso? Por que não continuar, inclusive, frequentando a igreja, apenas para cumprir com o dever? Afinal, estava morando em outro país e o que estava em jogo era o prezado, difícil (e caro) objetivo de se tornar médica, que ‘ainda é seu sonho’. No relato, notava-se certo senso de obrigação moral na determinação de ser sincera quanto a sua real situação espiritual, tanto com outros quanto com si mesma. Ela não assumiu o mandato familiar como um dever apenas externo, mas atentou para o conteúdo deste, o que diz bastante sobre o modo de entender e viver o pertencimento religioso. Seria errado assistir aos cultos e demais sem estar de fato participando de corpo e alma, e declarar seu posicionamento para a família era, mais que um dever moral, uma necessidade própria.

Com efeito, após o abandonar a Igreja dos Santos dos Últimos Dias, a jovem começou uma etapa de busca, na qual estudou várias religiões, entre elas o islamismo, mas acabou no ateísmo. Uma questão que parece ter influído, e muito, neste percurso foi o fato dela ser bissexual. Não contou exatamente como fez essa descoberta ou se simplesmente foi algo que sempre soube. Porém, disse que de mais nova seguia os preceitos da igreja e chegava ter vergonha (ou nojo) dela mesma por gostar de mulher, então escondia, dissimulava, como muitos fazem. Foi na Argentina, longe dos controles religiosos e familiares que assumiu, principalmente para si, a verdadeira orientação sexual. Essa mudança, porém, não foi comunicada aos pais no momento, mas chegou por si só. Com o tempo foi seu pai quem

perguntou: ‘*you have problems of liking women?*’ ao que ela respondeu entre lágrimas, ‘*it is not a problem*’. Com isso a relação com a família ficou ainda mais comprometida e assim continuava no momento do trabalho de campo.

Após um tempo na Argentina, a jovem decidiu voltar para o Brasil com o propósito de recompor a relação com os pais (ou, pelo menos, foi esse o motivo que mencionou). Até o momento não tinha funcionado: morava na casa deles porém estes nunca aceitaram sua escolha religiosa nem sua orientação sexual. Hoje em dia, reconhece a atitude dos progenitores como preconceituosa e intolerante, a pesar deles se considerarem ‘*santos e moralmente superiores*’ por pertencer à igreja. Apesar destas conclusões, o sofrimento exprimido no relato deixa ver o peso da condena moral. Não é difícil imaginar que uma filha atea, bissexual, com o cabelo laranja e tatuagens não seja algo simples de aceitar para um casal de mórmons.

Após este relato outra jovem presente que também se identificava como bissexual se animou a compartilhar a própria história. Contou que, a diferença da colega, ela sempre teve um estilo mais masculino, por isso sua família começou cedo a desconfiar que ela gostasse de meninas. Ela já tinha apontado que a família dela é cristã e que, inclusive, sete dos onze tios paternos são pastores. Contou que em uma reunião de família uma tia a chamou e lhe perguntou: ‘*Finally, you like boys or you like girls? What do you like?*’ E ela respondeu ‘*like*’. Embora tenha sofrido rejeição de parte da família, a diferença da outra garota, ela teve o apoio do pai, quem, tendo captado a conversação, lhe disse algo assim: ‘*daughter, who you created me, who you sustain me, then who you accept your sexuality me. You only should satisfaction to me and to no one else*’. Ela fez questão de que eu tomasse nota da atitude compreensiva do pai, de quem demonstra se orgulhar muito.

Além disso, o contexto familiar desta garota é bastante diferente. Ela é original do Rio de Janeiro onde mora ‘na subida do morro’ com o pai e faz parte de uma família onde a maior parte é evangélica, mas compreende também algumas tias que são LGBTQI+ ‘*do sindicato mesmo*’. Estas a apoiaram em sua saída do armário e inclusive lhe ensinaram uma lição, que tentou repassar para a colega atribulada, que se mostrou surpresa: ‘*parente é parente, família é família*’. Se explicou dizendo que parente são aqueles que te tocam, mas família ‘*are those who are on your side when you need it*’. Não é preciso que sejam vinculados através do sangue, família pode ser aquela amiga que ‘*te da cinco quilos de feijão se você diz que precisa de cinco quilos de feijão*’, mesmo que não tenha nada sobrando.

Houve um terceiro participante que narrou outra história na qual a trajetória religiosa e a de gênero se confundem. O jovem, nos seus vinte anos, contou que estudou sete anos para

ser padre no Instituto do Bom Pastor, instituição católica ‘conservadora’ que celebra missas em latim e ‘*quer voltar à idade média*’. Contou que ingressou no seminário criança, com 14 anos e saiu com 21. Surpreendentemente, sua aproximação à igreja não foi influência familiar. Pelo contrário, quando ele era criança sua família passava por ‘problemas’ então umas vizinhas convidaram ele para ir na Igreja, onde acabou se tornando coroinha. Após um tempo resolveu entrar no seminário, decisão que foi condicionada pela pressão que os padres costumam exercer sobre as coroinhas para que entrem na vida religiosa. De fato, ele acabou ingressando à mesma ordem a que pertencia o sacerdote da paróquia que frequentava.

Tudo isso aconteceu no Pará, seu lugar de origem. Ele não contou quais eram os problemas que sua família enfrentava e em geral falou pouco desta. Ante uma pergunta da pesquisadora, respondeu que a reação familiar perante sua orientação sexual não era relevante para ele, pois tinha saído de casa muito cedo. Embora não tenha falado diretamente disso, ao que tudo parece a distância física e social imposta pela vida religiosa –que só lhe permitia visitar a casa paterna aos finais de ano– tinha exercido um efeito desvinculante. Após deixar o seminário ele se instalou em São Paulo, onde hoje trabalha e estuda (pedagogia, na USP), tudo por conta própria, sem concurso da família. Os motivos para abandonar o seminário e se tornar ateu – ‘apostatar’ como ele mesmo diz – aparecem claramente no relato: foi sua condição de homossexual, condenada pela Igreja mas praticada portas adentro. Abertamente militante LGBTQI+, ele estima conforme a própria experiência que ‘*a maior parte do clero é gay*’ e cita o documentário “*Amores Santos*”<sup>91</sup> para abonar esta hipótese.

A ligação entre a sua afirmação aberta como homossexual e a ruptura com a igreja foi explícita: ele simbolizou a mudança convertendo a página do Facebook que ele administrava para a ordem a que pertencia numa página ateuísta. Ele tinha sido encomendado com a tarefa que criar e cuidar de uma página chamada “espaço vocacional”, dedicada a orientar aqueles com interesse em entrar na vida religiosa. Quando apostatou, ele entregou a página para a militância ateuísta o que, logicamente, despertou o descontentamento da comunidade religiosa. A nova imagem do endereço virtual outrora religioso fala por si mesma, assim como o conteúdo claramente iconoclasta e blasfemo, de temática homossexual. Hoje a página aparece ligada a outra página ateuísta, chamada “Ateu inteligente” e a indignação dos antigos seguidores católicos pode ser observada nos comentários que ainda deixam por ali.

---

<sup>91</sup><https://www.papodecinema.com.br/filmes/amores-santos/>. Data de acesso: 28/08/2019.

Figura 9: Página de Facebook "Espaço Vocacional".



Fonte: <https://www.facebook.com/Espa%C3%A7o-Vocacional-129857970493640/>. Acesso: 29/08/2019.

### 3.3 OS FARISEUS E A FALSA MORAL

O incômodo do antigo seminarista com a excisão entre as pregações e a conduta daqueles que, precisamente, deveriam ensinar com o exemplo, não é um caso isolado. Entre os ateus são extremamente frequentes os questionamentos à falsa moral religiosa. Tais questionamentos constantemente apontam qualquer delito ou conduta reprovável nos homens de deus, *vis-à-vis* o discurso moralizante que os caracteriza. A revolta não está dirigida às falhas de caráter ou mesmo à existência de maldade entre aqueles que acreditam, se não que aponta à *contradição* entre as pregações e a conduta. O questionamento recai na dupla moral daqueles que pregam uma coisa e praticam outra, mas também na leitura rígida e míope das escrituras – o foco principal continua sendo o cristianismo– que preza antes pelo seguimento de uma série de regras arbitrárias que pelo cultivo dos (que deveriam ser) valores cristãos. Sobre tudo, o questionamento vai dirigido à identificação generalizada da moralidade com a religião, a velha concepção de que *não é possível ser bom sem deus*. Trata-se, em definitiva, de uma revolta contra a preconceito que os desqualifica como maus pelo mero fato de serem ateus.

Os participantes do churrasco entre ateus mantiveram uma conversa sobre a (in)moralidade dos religiosos que ilustra bem este espectro de questionamentos, ao tempo que inclui uma autêntica teoria sobre os hábitos de pensamento dos fiéis, em particular evangélicos. Uma apreciação várias vezes reiterada foi a de que ‘crente não assume culpa’: o que dá certo na vida do fiel acontece ‘porque deus quis’ ou ‘graças a deus’. Já o que foi mal, os fracassos e as desgraças sempre são ação do ‘diabo’. Os ateus do grupo questionaram que os devotos nunca se veem como artífices de suas conquistas e, principalmente, como culpados pelos seus erros.

Do mesmo jeito, basta ter ‘aceitado Jesus’ para que os piores atos sejam perdoados e a pessoa passe a ser vista como ‘de deus’ e valorizada por isso. Nesse contexto, todos achavam absurdo que os ateus sejam considerados genericamente imorais ou degenerados sem nunca ter cometido atos terríveis, ou mesmo levando uma vida mais correta que muitos ‘crentes’.

O organizador do evento tem uma estória pessoal para contar sobre o assunto. Ele descreve seus irmãos mais velhos como “*falsos crentes moralistas que praticam mais o que chamam de pecado do que eu que sou ateu*”. Entre ele há, inclusive, um “*ex-membro de uma mega-facção criminosa que ficou preso por oito anos*”, mas “*aceitou Jesus e é herói onde congrega*” e “*até casou*”. Enquanto isso “*o único engenheiro da família é ateu, o único que nunca precisou pagar faculdade pois ganhou duas bolsas é ateu, o único que não trabalha como empregado é ateu*”, mas é ‘*julgado pelas costas*’ apenas em função de sua descrença. A resposta que recebe cada vez que explicita a mencionada comparação não faz se não confirmar o raciocínio que questiona: “*Eles respondem que como não sirvo a deus Baal me dá tudo*”. Compreende-se a revolta: ao ateu não sobram se não as alternativas inversas àquelas dos fiéis. Se vai mal, é castigo divino pela falta de fé, se vai bem, é favor concedido pelo demônio, em algum dos seus muitos avatares, pelo mesmo motivo. Em qualquer caso, o ateu está, pelo simples fato de sê-lo, no lado errado da história.

Os participantes do evento coincidiram em que as igrejas se dizem lugares de paz e de amor, mas na verdade promovem a briga e o ódio contra outros credos e denominações, e também contra condutas que consideram inapropriadas, chegando às vezes aos limites da violência. Novamente, o organizador ilustrou este ponto com uma estória ligada a seu círculo familiar. Contou que o filho da irmã estava jogando “*Pokemon Go*” na rua quando se aproximou um vizinho pequeno, que ficou muito empolgado com o jogo, já que não possui celular. Ao mãe do menino, ao ver a cena, “*tirou ele de perto aos tapas e bateu no menino por um tempo*”, “*se justificando que o pastor disse que esse jogo era do satanás e que ela não queria o filho no meio disso*”. O rapaz não ocultou a indignação e raciocinou “*errado é jogar um joguinho virtual, e certo é causar dor para mostrar que a criança não pode... Cadê a lógica?*”. Não apenas os ateus não viam nada de moralmente condenável no game e sim nos golpes, mas questionavam –sobre tudo– a falta de reflexividade no seguimento das normas.

As igrejas em tanto que instituições também foram alvo de questionamentos. O participante ex-seminarista, questionou a moral dupla da congregação à que soube pertencer. Gay ele mesmo, apontou que a congregação pregava uma coisa nos púlpitos enquanto praticava o contrário portas adentro. Alegou que no seminário acontecia ‘*de tudo*’ falando de relações

sexuais entre internos, entre padres, e entre estes e seminaristas, inclusive menores de idade. Questionou, assim mesmo, o fato dos padres levarem uma vida comparativamente melhor com relação aos pupilos, em contradição com o discurso de pobreza e comunhão pregado pela ordem. Esta falta de coerência entre o discurso e a ação é, aos olhos dos ateus, uma falta intolerável numa instituição que se diz emissária de deus na terra. Aqui o ponto não é apenas a condena de comportamentos que não têm em si nada de moralmente condenável (nisso a homossexualidade o “Pokémon Go” se equiparam) mas o ‘*manto de hipocrisia*’ que divorcia as palavras das ações.

Em certo sentido, este questionamento é também um questionamento da interpretação superficial dos Evangelhos. Trata-se no fundo, de uma crítica análoga que aquela que o Novo Testamento faz dos fariseus<sup>92</sup> como seguidores hipócritas de uma religião mal entendida. Num e outro caso, se esquece do conteúdo profundo da mensagem em prol das aparências e se privilegia o seguimento formal de uma série de regras antes do que o juízo moral sobre as próprias ações. A diferença do Jesus dos evangelhos, os ateus do churrasco não concluíram esse raciocínio na necessidade de reorientar o comportamento religioso de acordo com sua verdadeira natureza, mas na futilidade desta no que tem a ver com a moral. Subjaz a estes questionamentos a observação –antropológica, poder-se-ia dizer– de que a religião não produz melhores pessoas, e que as igrejas nem sempre constituem espaços de paz e amor como alegam, mas disseminam amiúde o ódio e o conflito<sup>93</sup>, enfim, que a fé em deus, por si só, não possui valor moral algum ou como rezava um velho outdoor da ATEA que “*religião não define caráter*”.

---

<sup>92</sup>Em: Lucas 11:37-54, Lucas 20:45-47, Mateus 23:1-39 e Marcos 12:35-40. Segundo o Dicionário Aurélio o termo fariseu possui cinco acepções. A primeira alude a um “*membro de uma seita e partido religioso judeu que se caracteriza pela oposição aos outros, fugindo-lhes ao contato, e pela observância exageradamente rigorosa das prescrições legais*”. A segunda e a terceira acepção generalizam a anterior para abarcar todo “*seguidor formalista de uma religião*” e “*fiel orgulhoso ou hipócrita*”. A quarta lhe atribui um sentido figurado para denotar um “*indivíduo que aparenta santidade, não a tendo*” enquanto a quinta alude mais diretamente a qualquer “*indivíduo hipócrita, fingido*”. Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa, 2º Edição, Editora Nova Fronteira, 1986, p. 758.

<sup>93</sup>“*Auto proclamadas como um lugar de paz em nome de um Deus, as religiões e suas igrejas estão sempre em e entre conflitos. Quando acontece serem inúmeras e derivadas umas das outras, e quando, por isso mesmo, dividem entre elas domínios confessionais de um mesmo campo de vida social e de cultura com teor e interesse religioso, reproduzem entre si relações de aliança tolerância e concorrência*” (BRANDÃO, 1986, p. 154)

Figura 10: Outdoor pertencente a uma campanha da ATEA de 2010



Fonte: <https://www.atea.org.br/campanhas-de-outdoors/>. Data de acesso: 29/08/2019.

Nos meios ateus circula, inclusive, uma teoria que busca explicar a falácia intrínseca na concepção de que não há moral possível sem deus. Segundo esta concepção –claramente judaico-cristã, tal como é entendida– sem um deus que dite o certo e o errado e que, sobre tudo, puna aqueles que se desviam do bom caminho, não haveria freio algum para a imoralidade e a degeneração. O problema foi debatido num artigo da Revista Ateísta, sendo colocada nestes termos:

Como Dostoiévski colocou em seu livro “Os Irmãos Karamázov”: “Se Deus não existe, tudo é permitido?” O que impede um homem de matar outro, se este acreditar que nenhuma punição cairá sobre ele? Se ele acreditar que nenhum ser onisciente vigia cada passo seu? Sem um deus para nos vigiar, e um livro sagrado para nos dizer o que é certo e bom, não existe freio moral que impeça o ser humano de cometer atos vis e imorais?<sup>94</sup>

À margem dos longos e ilustres antecedentes deste debate na filosofia e na literatura, as respostas dadas pelos ateus tendem a focar num ponto bem colocado pelo artigo citado: o temor não deve ser confundido com a moral: “*se Carlos não comete um crime por medo do inferno (ou cadeia), significa que Carlos não é um sujeito genuinamente moral, sendo, portanto, um imoral medroso*”. O mesmo ponto foi colocado, de modo bastante mais informal, numa conversa de WhatsApp no grupo da COMAAFOR: “*Uma vez um colega de trabalho me disse*

<sup>94</sup>Diego Vasconcelos e Gabriel Filipe, Revista Ateísta, nº3, Mai/jun. 2017, p.6.

*isso, ele disse se fosse eu matava roubava etc... Aí eu perguntei então o que te impede de fazer coisas ruins é teu medo imposto pela religião? Aí ele nunca mais falou comigo*<sup>95</sup>.

Para provar esse ponto, se compartilham constantemente matérias que exemplificam tanto a capacidade dos ateus de comportamento probo, mesmo altruísta, quanto dos religiosos cometerem os crimes mais horrendos. Neste quesito, a história da Igreja Católica, inclusive recente, fornece não poucos exemplos em favor da postura ateuísta. Novamente, o blog do jornalista Paulo Lopes<sup>96</sup> é uma fonte privilegiada deste tipo de conteúdo. Uma rápida olhada permite encontrar titulares como *“Ateus são mais generosos com cristãos do que cristãos com ateus, diz pesquisa”*, *“Pesquisa derruba estereotipo de que ateus são imorais e arrogantes”*, *“Com mais de 60% de moradores ateus, Berlim se destaca por ser solidária”*, e vice-versa, *“Ataques a terreiros partem de convertidos nos presídios, os ‘traficantes de Jesus’”*, *“Bispo argentino protegido pelo papa é acusado de abusar de seminaristas”*, *“Padre e três falsas freiras julgados por crime de escravidão em Portugal”*, *“Pastor mata pastor por se desentenderem sobre a ‘palavra de deus’”*, *“Bispo evangélico é suspeito de estuprar fiéis em atendimento espiritual”*, entre muitas outras, fortemente replicadas pelos círculos ateuístas do Facebook e outras mídias sociais.

Alguns apontamentos podem ser feitos a partir do conjunto de questionamentos da religião relevados até aqui. Em primeiro lugar, é possível afirmar que, entre ateus a religião é levada a sério. As críticas morais exprimidas pelos descrentes que encontrei no campo vinham da própria vivência da fé religiosa e de uma vivência que foi assumida a consciência. Os questionamentos do que veem como falhas morais da religião não são teóricos nem externos, mas se desprendem dos próprios relatos de vida dos implicados. Estes relatos tendem a enfatizar o descompasso entre o conteúdo verdadeiro da mensagem religiosa e a prática da fé que observaram de perto no cotidiano. Se critica a aparelhagem institucional, litúrgica e doutrinária em torno da fé como uma traição ao sentido da própria fé e as ideologias sociais que se dizem de inspiração divina como excessos prejudiciais em si mesmos. Nota-se, nestes questionamentos, que aqueles que os expressam se negam a fazer concessões quando se trata do sagrado. Nota-se, também, que se se outorga algum valor à religião é pelos valores que surgem desta, os quais, ao se ver constantemente contraditos por aqueles que deveriam

---

<sup>95</sup>Grupo de WhatsApp da COMAAFOR, 12/05/2017.

<sup>96</sup><https://www.paulopes.com.br>. Data de acesso: 04/07/2019.



preservá-los acabam esvaziando o conjunto de sentido. Afinal, é possível viver conforme estes valores sem pertencer à igreja, sem mesmo acreditar em deus.

Ora, de que mensagem e de que valores se trata? Sem dúvidas, do cristianismo no que tem de mais básico, isto é, a narrativa dos ensinamentos de Jesus e a mensagem de amor e compaixão que entranha. Ora, é precisamente com o cristianismo não em tanto mensagem, mas em tanto religião que se travam as maiores lutas. Num determinado momento do campo, cheguei questionar meus interlocutores sobre este fato e a resposta deles foi explícita e autoconsciente: *‘ateu pega mais no pé de evangélico’*, pois outras religiões como as afro-brasileiras, tendem a ser aliadas na luta contra o preconceito, o mesmo que eles veem como contraditório aos princípios de um cristianismo bem entendido.

Em se tratando de cristianismo, a multiplicidade de credos e denominações em concorrência (e conflito) entre si é tido como uma prova da inconsistência do conjunto. Novamente, não se fala aqui de ideias em abstrato, mas da experiência pessoal dos ateus que se encontraram ao longo do trabalho de campo. A pluralidade de igrejas é um fato cotidiano para o comum deles, assim como é frequente que os hoje descrentes tenham atravessado por períodos de busca religiosa na qual se adentraram em várias denominações diferentes. Paradoxalmente ou não, esta circulação parece ter tido o efeito de relativizar cada um desses credos, com suas pretensões de verdade e exclusividade. Ao mesmo tempo, o trânsito pus de manifesto os conflitos entre denominações, apesar da mensagem cristã comum. Salvando as distâncias históricas e culturais, um efeito similar tiveram as guerras de religião que sucederam à Reforma Protestante em Europa:

*“...Na atmosfera caótica das guerras de religião, as denúncias se multiplicam, as acusações recíprocas ganham amplidão, as palavras, por vezes, vão mais longe do que o pensamento. Apesar disso, a impressão que se tem é que uma das consequências paradoxais dos conflitos religiosos foi a perda da fé numa parcela da população: escandalizada com os confrontos, ela perdeu toda confiança na providência e na existência de Deus”* (MINOIS, 2012, p. 155)

Ora, qual é a concepção de religião que pode ser deduzida deste tipo de questionamento? Em primeiro lugar se trata de uma fé entendida em termos individuais e privados. Não pode ser imposta, deve derivar do compromisso pessoal livre de constrangimentos e coações. Além disso, se trata de uma religião que deve guiar o comportamento individual. A religião não pode

ditar leis nem dizer respeito da política nem da economia, na prática, não vai além da ética no comportamento interpessoal. É precisamente nesta esfera que o compromisso com o sagrado deve ser assumido sem reservas nem relativizações. Ao menos no que tange aos valores, a consistência entre o que se prega e o que se pratica não admite matizes, assim como não admite a substituição da reflexão pelo seguimento mecânico de regras. Afinal, uma fé semelhante se torna na prática impossível fora de comunidades extramundanas e absurda dentro destas.

## 4 O ATEÍSMO COMO RELIGIÃO: AS CRÍTICAS LÓGICAS

### 4.1 O ABSURDO E A IGNORÂNCIA

Num meio onde se tem em alta estima a racionalidade, o questionamento do absurdo inerente às religiões aparece como uma tarefa central. Que a religião seja, em geral, considerada falta de lógica e obsoleta não evita, na prática, a insistência em ilustrar esta conclusão com os mais diversos sem-sentidos particulares. Seja parte do proselitismo antirreligioso ou tentativa quase obsessiva de reforçar a convicção entre os próprios ateus, o fato é que os círculos ateístas –ao menos os que foram observados no trabalho de campo– se mostram sempre prestes a apontar toda e qualquer inconsistência no universo religioso. Uma parte não menor das conversas, tanto face a face quanto no mundo virtual, consistem na revista pontual e assistemática de extravagâncias variadas, tanto mais quanto mais ostensivos sejam os ritos e excêntricos os mitos em questão. E, embora nenhuma tradição esteja isenta deste tipo de questionamento, o cristianismo continua sendo o alvo principal, em especial ali onde se torna mais carismático e menos racionalista (FERNANDES, 1982). Isto é, ali onde é mais teatral e ruidoso e menos comprometido com a sobriedade e a verossimilhança.

Compreende-se, portanto, que estas contestações estejam tipicamente dirigidas aos cultos pentecostais, com seus louvores, curas, exorcismos e prodígios similares. Altamente performáticos, e por isso fáceis de caricaturar, estes ritos são alvo constante de humoradas nem sempre respeitadas, que contrastam frontalmente com a gravidade que seus seguidores lhes atribuem. A ridicularização das curas impossíveis, das expulsões de demônios, do frenesim dos louvores ou do afetado das pregações são moeda corrente entre os ateus, afeição que se vê alimentada, em particular, pela criatividade do sempre renovado campo religioso nacional. Assim como acontece com outras críticas, os questionamentos ao absurdo também surgem da própria experiência com a religião. Embora não falem as populares anedotas sobre grandes pastores que destacam pela sua inventividade, tendem a predominar as pequenas histórias sobre o estranhamento causado por cultos e práticas nas que tentaram participar, ou viram de perto.

Na XVIII COMAAFOR foram ouvidas várias histórias neste sentido. Um dos participantes, um jovem formado em fisioterapia, contou que cresceu no interior do Ceará, no seio de uma família com poucos estudos. Ambos os pais eram religiosos, porém de confissão diferente o que gerava discordâncias entre eles: o pai era católico e a mãe evangélica. Por ser mais próximo do pai, de pequeno se inclinou pelo catolicismo, porém teve oportunidades em

que assistiu à igreja evangélica e se lembra vividamente do estranhamento que a experiência lhe causou. A cena *'parecia uma loucura'* pois *'as pessoas pulavam, rodavam, dançavam'* com exagero, indo muito além de *'rezas e falas'*, que *'até vai'*. Exagero também lhe parecia o regime de preces de madrugada ao qual tinha sido submetido pela mãe, a fim de conseguir a benção de passar no vestibular, pois aparentemente deus é mais generoso a essas horas.

Outro rapaz, cujo Facebook o apresenta como motorista de Uber, conta toda uma trajetória de estranhamento religioso. Proveniente de um lar católico relata que *'recebeu doutrinação'* desde cedo, mas sempre teve dúvidas que procurava *'tirar da cabeça'* para que não importunassem. Num momento (entende-se que já adolescente ou jovem adulto) participou de um Seminário de Vida no Espírito Santo da Renovação Carismática Católica, mas não conseguiu *'sentir a presença de deus'* como os colegas, para seu próprio desapontamento. Na busca religiosa, mais tarde experimentou a igreja Deus é Amor, mas se assustou com a cena das pessoas em transe. Contou a anedota com muito senso do humor, apontando que no momento teve que disfarçar a surpresa e conter o riso. Aquele dia, o pastor tinha dito a um dos fiéis que ele estava com a Pomba Gira e então este foi derrubado pelos *'irmãos'* para efetuar a *'cura ou exorcismo'*, para estupor do visitante. Apesar disto, o hoje descrente tentou sorte na Universal onde, de novo, não conseguiu *'sentir a presença de deus'*. Acabou desistindo da busca quando conheceu outras pessoas na sua mesma situação.

Uma incapacidade similar de partilhar do êxtase religioso foi narrada pela mulher que tinha assumido a organização dos encontros. Contou que provém de uma família muito católica e que quando jovem (mais jovem, ela não é velha) participava ativamente de um grupo denominado "Encontro de Jovens com Cristo" na paróquia que frequentava, os quais eram calcados, segundo explica, nos "Encontros de Casais com Cristo". Num determinado momento, pessoas da Renovação Carismática se infiltraram no grupo para *'resgatar as ovelhinhas perdidas'*. Foi assim como começou participar de um *'seminário de vida no Espírito Santo'* onde acontecia *'meio que uma hipnose coletiva'*. Ela nunca conseguiu orar em línguas, apenas imitar, enquanto os colegas não mostravam nenhuma dificuldade para tanto. O grupo rapidamente resolveu este problema falta de *'dons'* (ela, além do dom da palavra carecia do dom da profecia): inventaram um *'dom furreca'* para ela, que tinha a ver com a capacidade de aglutinar pessoas (aliás, o mesmo que põe em prática hoje com o grupo de ateus).

Na época tinha 14 ou 15 anos e, a raiz do grande enquadramento religioso, sentia que tudo que fazia era pecado. Chegou a entrar em depressão, até que descobriu que era a *'mais santa'* do grupo. Segundo conta, ali acontecia *'de tudo'* e brinca que *'o inimigo tentava muito'*,

expressão que se usava para falar dos pecados. Entre a estranheza com relação aos transe coletivos e o descobrimento de que não havia relação fática entre a posse dos dons e o comportamento virtuoso, acabou abandonando o grupo, embora continuasse a assistir as missas e praticar o catolicismo em geral. O ateísmo veio vários anos depois e após um caminho de busca religiosa que incluiu a passagem pelo espiritismo. Interessa aqui que, na retrospectiva que faz do seu percurso religioso, destaque sua incapacidade de partilhar dos dons como uma primeira marca no caminho à descrença.

Ora, no caso dos evangélicos, este conjunto de questionamentos não pode ser imputado apenas à extravagância, mas também e sobre tudo à visibilidade e expansividade no espaço público. Especialmente para aqueles que habitam em zonas com alta concentração de igrejas (ou convivem com crentes no cotidiano), o escandaloso das suas práticas se faz incontornável. Isto foi colocado de manifesto por uma conversação no grupo de WhatsApp da COMAAFOR, que uma manhã acordou com a reclamação de uma participante: *“Olá p vc que acordou as 5:00 com um culto do lado de casa”*. Cerca das nove horas, outro participante acrescentou: *“Ninguém merece chegar no primeiro cliente com o som nas alturas e ainda uma música gospel”*. De noite, a moça que tinha sido tirada da cama pelo som dos louvores continuou: *“Essas igrejas me tiram do sério... jesus voltou foi? Essas Porhra tão fazendo Culto desde da madrugada”*<sup>97</sup>. Por vezes a crítica à extravagância é apenas uma reclamação sobre a dificuldade de convivência com práticas semelhantes, especialmente para quem não vê o menor sentido nelas.

Em prol da exatidão é preciso acrescentar que, não obstante a ênfase no universo evangélico, qualquer prática ou grupo tido por religioso é susceptível de crítica em função de sua incoerência ou *nonsense*. Práticas cristãs bastante mais austeras como as preces, o pagamento de promessas ou a eucaristia são igualmente apontadas como irracionais e ridicularizadas pelas suas expectativas inverossímeis. E grupos que distam da afetação e o colorido das grandes denominações evangélicas, como os Testemunhas de Jeová ou os Mórmons são igualmente caricaturados por suas práticas, estilos de vida ou crenças, ou tudo ao mesmo tempo. Sempre levando em conta o privilégio das religiões de matriz abraâmica, é possível afirmar que a imputação de absurdo, irracionalidade ou falsidade é susceptível de se voltar para toda a qualquer manifestação exterior da fé religiosa. Na prática, qualquer ritual levado a sério ou grupo religioso cujo visual ou modo de vida os faça diferenciáveis é motivo potencial para a objeção e o deboche minucioso e sempre assistemático que é típico dos meios

---

<sup>97</sup>Conversa de WhatsApp no grupo da COMAAFOR em 11/05/2017.

ateus, em particular na Internet. É assim que se questiona, do mesmo modo, o absurdo das burcas, dos códigos alimentares judaicos, a irracionalidade de práticas como a circuncisão, a ingenuidade inerente a despachos e macumbas, ou a irreabilidade de possessões, aparições e milagres.

Em todos os casos, a bizarrice e a espetacularidade são tidas como os exemplos mais cabais da ignorância que acompanha a religião em todas suas formas. Se a crença e a prática da fé são tidos, genericamente, por indicadores de debilidade no raciocínio e falta de conhecimento, isto se torna mais evidente nos casos em que a tolerância ao absurdo é maior e as expectativas mais irreais; em outros termos, onde é mais aparente a quebra com a “*ordem natural das coisas*” (BRANDÃO, 1980, p.131). Ali onde se esperam verdadeiras exceções às leis da física ou da biologia, onde se afirma que entes sobrenaturais estão de fato presentes, ou se celebra a iminência do Armagedon. Seguindo o já clássico estudo de Rodrigues Brandão, isto resulta mais frequente e cotidiano quanto mais popular é a forma religiosa em questão, motivo pelo qual as críticas tendem a se concentrar em suas manifestações menos letradas, aquelas que são igualmente as mais festivas e pragadas de maravilhas.

#### 4.2 A CRÍTICA BÍBLICA LEVADA A SÉRIO

Ora as críticas à (falta de) lógica do religioso não se detém nas suas manifestações externas, mas atingem igualmente (e em particular) suas concepções e doutrinas. Isto é particularmente certo no caso do cristianismo, que outorga um lugar central às sagradas escrituras e se baseia numa mitologia culturalmente omnipresente. Aqui as objeções não remitem apenas ao obvio irrealismo do relato bíblico (especialmente do Antigo Testamento), mas também e principalmente a suas contradições internas e externas. A crítica da Bíblia e das interpretações da Bíblia ocupa um lugar central na sociabilidade ateísta, que dedica não pouco afínco à tarefa de desconstruir a verdade e o sentido do texto sagrado, assim como a coerência entre este e os modos em que é entendido e praticado. Neste ponto, é possível afirmar que, embora esta crítica permeie os meios virtuais e presenciais por igual, muda de tom entre um e outro. O que na rede se mostra como deboche superficial, nas reuniões aparece inserido em certa leitura do contexto, certa compreensão do cristianismo e, principalmente, percursos religiosos onde o texto bíblico resultou central. Aqui, as investidas atingem por igual as vertentes populares e doutas do cristianismo, e as carismáticas tanto quanto as racionalistas (FERNANDES, 1982; BRANDÃO, 1980).

De certo modo, a fixação dos círculos ateístas com o texto bíblico parece replicar (e contestar) a centralidade que este assume em várias denominações evangélicas das de maior crescimento. A minúcia colocada numa crítica a simples vista banal se torna compreensível se se considera a relevância que se outorga ao texto sagrado e os usos que se fazem deste em grupos como os Batistas ou os Mórmons. Questiona-se que um relato fantástico semelhante seja lido e aceito em sua literalidade, mas se condena por parcial e enviesada qualquer interpretação metafórica. Se questiona igualmente que um texto da idade antiga seja utilizado como guia para definir os códigos de convivência social na atualidade, mais ainda as regras da moral e o senso ético. Se questiona o fato de que não possa ser questionado, que se pretenda ditado por deus estando tão pragado de contradições, que se tenha por imperecedouro quando são tantas as vicissitudes históricas que lhe deram sua forma atual e que seja tido por universal quando é tão evidentemente situado. Ao todo, a oposição à Bíblia parece se apresentar como a oposição ao cristianismo no que tem de mais essencial e o questionamento da relevância social do texto Bíblico como um questionamento da relevância social que o cristianismo soube adquirir.

Nos dois encontros COMAAFOR aos que assisti *‘se falou muito de Bíblia’*, como bem apontou um dos presentes no segundo deles, que a diferença do resto não era ateu. Uma das principais *questões de interesse* (LATOIR, 2005) foi aquela das inconsistências lógicas e morais que podem ser achadas ao interior das escrituras, preocupação que foi expressa já nas conversas que se desenvolveram antes do início (diga-se) formal da reunião. Um dos líderes do grupo –apelidado de Professor– introduziu o tema comparando as *‘incompatibilidades’* do texto sagrado as do livro O Senhor dos Anéis de J. R. R. Tolkien. Apontou que a Bíblia possui muitas mais contradições que a obra de ficção, que constitui um todo mais coerente e logrado. Pelo que contaram, semelhante comparação se justifica de cara à ideia de que a bíblia tem um autor só, deus, que por definição não pode se contradizer. O orador principal explicou com o tom pedagógico que lhe característico que a bíblia possui diversas *‘inconsistências’* desde o ponto de vista da *‘lógica formal’* e que por isso precisa da *‘construção teológica’* para quebrar ou contornar essas incongruências. Para ele, teologia equivale a falácia e o afirma sem a menor sombra de dúvida.

A teoria da argumentação constitui, de fato, um assunto de interesse geral entre os ateus e a reunião do dia estava dedicada, precisamente, às falácias lógicas, tema sobre o qual o mesmo Professor brindaria uma palestra. A exposição estava explicitamente destinada a instruir os presentes sobre os modos corretos de estabelecer uma discussão com teístas, revistando os

principais argumentos falhos utilizados por estes: inversão do ônus da prova, alegação especial, apelo à autoridade, entre muitas outras que introduzem deus na conversa. Inevitavelmente, em determinados momentos as discussões derivaram para a questão da exegese correta da Bíblia, que se mostrou uma autêntica preocupação geral. Para eles, como é comum nos círculos ateístas, o fato de certas partes do texto bíblico serem interpretadas de forma literal e outras de forma metafórica constitui uma espécie de trapaça, artimanha útil capaz de resolver qualquer problema que a leitura apresente. Afinal, os critérios que dividem o literal do metafórico ou o fático do simbólico nunca são esclarecidos.

Os porquês de tanta insistência na imperfeição do texto bíblico se tornaram mais claros a partir dos relatos biográficos dos participantes da reunião. O fato é que boa parte deles dava conta de um passado religioso significativo, que incluiu a pertença altamente engajada a uma ou várias igrejas e uma sólida formação religiosa. Esta formação comportou, em todos os casos, o estudo sério e continuado da Bíblia e, sobretudo, o compromisso cotidiano com os ensinamentos extraídos desta. Em contextos semelhantes, a evidência de contradições no texto sagrado, ou as meras dúvidas sobre sua fiabilidade possuem o potencial de minar os fundamentos pessoais da fé, o que não poucas vezes alavanca ou acompanha crises vitais. Ao menos, assim foi colocado pelas narrativas dos sujeitos, que se mostraram interessados em contar suas histórias, embora isto não estivesse particularmente previsto na planificação do trabalho de campo. Em muitos casos, o relato de como se tornaram ateus consiste, em parte, no relato de como começaram a duvidar da Bíblia. Se estas dúvidas não explicam, por si só, a desconversão, sim dão indícios da relevância do texto bíblico na afirmação (e portanto na contestação) da fé cristã.

O mesmo Professor relata uma estória na qual a descrença emerge, em parte, como consequência não desejada do estudo religioso compromissado. Ele conta que, tendo sido criado no catolicismo, aos treze anos passou a fazer parte da Igreja Batista “Deus é vida”, onde foi batizado como tal e *‘teve que ler a Bíblia de verdade’*. Ali assistia à *‘Escola Dominical’* onde – segundo conta – se faziam *‘interpretações fundamentalistas’*, isto é, *‘literalistas’* dos textos sagrados. Nesse espaço periodicamente acontecia o encontro com um teólogo que *‘vinha doutrinar’* e, basicamente, *‘dizia no que deviam acreditar’*. Para o professor essa experiência foi decisiva na sua formação como ateu, pois o impulsionou a se perguntar sobre o que está escrito e o que não, de fato, na Bíblia e sobre os critérios para distinguir aquilo que devia ser tido por *‘simbólico’* e o que não. Curioso e abrigando o projeto de se tornar teólogo, o então aluno tomou parte num seminário de seis meses dedicado a explicar *‘por que o catolicismo era bárbaro’*. O



curso surtiu o efeito contrário: descobriu que *‘tinha que entender a história para entender a vida’*.

Dando curso a suas curiosidades, tomou emprestado do pastor um livro dedicado às evidências históricas da fé cristã<sup>98</sup>. Era, segundo ele, um livro apologético que apresentava *‘evidências fracas’* e incorria em *‘falácias de apelo emocional’* entre outras. Na época ele *sentia* que eram falácias, mas não as raciocinava como tais. Como seja, a leitura o impulsou a se questionar *‘por que Cristo era Cristo’* considerando que se trata de *‘uma palavra grega’* que significa *“redentor”*, e sobre o Jesus Histórico de Nazaré, sobre o qual não tinha se perguntado até o momento. Em conjunto, estes questionamentos foram *‘a semente da ideia de que pode não ter havido um Cristo’*. Um novo curso, esta vez de história mundial, não fez se não aumentar suas dúvidas. Nele descobriu que a humanidade não tinha *‘apenas 6.000 anos de idade’*, mas *‘uns 30.000 como mínimo’* assim como apreendeu que houve religiões anteriores ao cristianismo. Conta que estava atônito e *‘se sentido um herege’* com tanta curiosidade.

Outro participante da reunião –homem, de meia-idade engenheiro e professor num Instituto Federal– conta uma estória na qual o problema não foram tanto as inconsistências fáticas quanto as morais. Ele se apurou a contar que cresceu no seio da Igreja Batista, da qual era muito presente e praticante. Tão a sério a levava este compromisso que *‘até os 20 anos nunca tinha dito uma mentira’*. Como batista, foi incentivado na adolescência a ler a Bíblia e também participava de um grupo de estudo no qual se encenavam partes da mesma. Numa dessas ocasiões, lhe foi outorgado o papel de advogado de Ananias e Zafira, enquanto outros colegas representavam a parte oposta, aquela de deus. Ele representou muito bem seu papel, tanto que os adversários não conseguiram convencê-lo de que estava errado. Até hoje ele não consegue entender como deus pode punir uma mentira com a morte, como se uma e outra fossem equiparáveis<sup>99</sup>.

No entanto, longo do trabalho de campo, foram surgindo estórias nas quais as inconsistências lógicas e morais das Sagradas Escrituras eram erigidas em argumentos fortes em favor da falsidade do cristianismo e, com isso, em motivo para a descrença. Um participante do mesmo encontro, de passado pentecostal, confessou nunca ter conseguido enxergar a *‘tal de justiça divina’* na Bíblia e não ter entendido por que deus não perdoa a blasfêmia, isso apesar de ser participante ativo da escola dominical. Outro narrou os problemas que teve ao tentar

---

<sup>98</sup>Se tratava do livro “Evidência que exige um veredito. Evidências históricas da fé cristã” compilado por Josh McDowell.

<sup>99</sup>A cena aparece em Atos, 5 do Novo Testamento.

seguir na vida prática os ensinamentos essencialmente contraditórios das escrituras e o sofrimento que isso lhe causou. Uma das lideranças da LiHS e também militante LGBTQI+ conta que nas suas épocas de batista era estudante entusiasmada da Bíblia e gostava muito do Eclesiastes, precisamente de alguns trechos que o pastor entendia terem sido escritos por Salomão enquanto se encontrava ‘afastado de deus’. Nos populares “memes” questionamentos como esses são cotidianos.

Figura 11: Charge de autor desconhecido.



Fonte: <http://americanofilosim.blogspot.com/2015/06/ateismo-em-cartuns.html>.

Acesso: 01/02/2020.

Figura 12: Imagem extraída do Grupo de Facebook "Contradições da Bíblia".



Fonte:

<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=2058873657659081&set=g.348791771946170&type=1&theater&ifg=1>. Acesso:01/02/2020.

Esta insistência na Bíblia foi notada na segunda reunião pelo único participante que se reconhecia como teísta. Tratava-se de um senhor, de uns 60 anos de idade, que se identificou como *'católico que não frequenta igreja'* e estava lá a convite de um amigo ateu, por curiosidade. Ele contou sua própria experiência com o texto bíblico. Relatou que com 14 anos pegou emprestada uma Bíblia na Biblioteca Pública a qual, além de ser o primeiro exemplar que jamais teve entre as mãos, estava pragada de anotações sobre suas contradições e inconsistências. Embora nem padres nem pastores tivessem dado respostas satisfatórias aos seus questionamentos, estes não constituíram, como no caso dos ateus, um passo na direção da descrença. Sem se surpreender com o fato, ele explica que *'a Bíblia foi feita por homens'* que *'juntaram alguns livros e deixaram outros de fora'* e portanto, *'é compreensível que tenha incoerências'*. Outra mulher, que não especificou religião mas também não se declarou atea, colocou a questão de modo mais direto: *'por que não relevar o fato da Bíblia não fazer sentido, descartar e pronto?'*.

O organizador do churrasco em São Paulo, que chegou a frequentar a Igreja Católica, a IURD e fez parte dos Testemunhas de Jeová, sintetiza uma percepção bastante estendida entre

todos eles: ‘*o melhor caminho para o ateísmo é a leitura da Bíblia*’. Cabe hipotetizar que isto se torna mais acertado quanto mais central é o texto bíblico para a concepção que se tem da fé e da boa prática da fé. Não parece casualidade que aqueles que outorgam maior relevância ao fato banal dos textos sagrados possuam inconsistências sejam aqueles de passado batista (ou Mórmon, ou Testemunha de Jeová), isto é, aqueles foram membros engajados de grupos religiosos onde o texto tende a ser tido por pilar fundamental da fé e onde se outorga grande importância à literalidade deste. Como o desconforto da ex-mórmon do churrasco de São Paulo deixou em evidência, se trata de aceitar o que está escrito no livro tal como está escrito no livro, ou de rejeitá-lo da mesma maneira, sem meios termos.

Para além da literalidade das Escrituras, o mito cristão é igualmente objeto de questionamento intensivo, recebendo objeções que não se dirigem apenas (nem principalmente) ao fantástico da narrativa, mas ao seu estatuto como história que se apresenta (ou lhes foi apresentada) como verdadeira, única e definitiva. Ao que tudo parece, o que interessa não é tanto marcar a banal impossibilidade do nascimento virginal, da concepção por obra do Espírito Santo ou da transmutação de um deus incorpóreo em homem de carne e osso, mas dessacralizar o relato colocando-o como (mero) produto da história e a cultura. Numa operação que não é estranha à antropologia, os ateus que conheci tem questionado a excepcionalidade e originalidade da história de Cristo comparando-a com outras mitologias. Nas conversas, as semelhanças entre Cristo e Dionísio, Mitra ou Hórus é tida como mais uma prova da origem humana do cristianismo e, *portanto* de sua falsidade como religião que se anuncia única e verdadeira. Uma constatação quase banal para qualquer um que tenha frequentado um curso de ciências humanas se apresenta nesses contextos como uma revelação, um dado curioso e ao mesmo tempo escandaloso face à sacralidade da simbologia cristã.

Figura 13: "Meme" publicado por um dos contatos do Facebook.



Fonte: [https://scontent.ffln1-1.fna.fbcdn.net/v/t1.0-9/s960x960/72349334\\_1947027925400051\\_5109160088774377472\\_o.jpg?\\_nc\\_cat=110&\\_nc\\_ohc=hGKPjAZXlfkAX-bUFVm&\\_nc\\_ht=scontent.ffln1-1](https://scontent.ffln1-1.fna.fbcdn.net/v/t1.0-9/s960x960/72349334_1947027925400051_5109160088774377472_o.jpg?_nc_cat=110&_nc_ohc=hGKPjAZXlfkAX-bUFVm&_nc_ht=scontent.ffln1-1). Acesso: 01/02/2020.

Outros argumentos que poderiam se chamar de históricos e antropológicos são esgrimidos com idêntico intuito desmistificador. Em diversas ocasiões durante o trabalho de campo meus interlocutores chamaram a atenção para a falta de evidências fiáveis sobre existência efetiva do Jesus histórico ou lembraram com ironia que não há quem acredite em deuses de culturas perimidas. Aqueles com conhecimento teológico lembraram, por sua vez, das controvérsias muito terrenas que deram sua forma atual aos dogmas cristãos, mostrando que aquilo que se tem hoje por indubitável foi uma vez motivo de dissidências e conflitos.



Durante o campo, este tipo de questionamento foi realizado, em geral, por sujeitos com vários anos de escolarização e certa bagagem de leitura, embora circule também em memes e outros materiais característicos das mídias sociais.

Dentre os sujeitos da pesquisa, tal vez o mais entusiasta na desconstrução mitológica e histórica do cristianismo seja Eduardo Banks, quem possui uma teoria própria sobre o assunto. Baseado no estudo independente de Nietzsche e da mitologia clássica, Eduardo conclui que Jesus é ‘*um Dionísios judeu*’ no sentido de que ‘*a vida de Cristo já se encontra contida no mito de Dionísios*’ porém, ‘*com uma moral inversa*’. Acrescenta que a ideia de nascimento virginal já existia na Grécia Antiga, assim como a ideia de ressurreição. O mesmo Dionísios, segundo o mito, morreu como semideus e ressuscitou como deus e tinha sua festa celebrada em 24 de dezembro. Considerando estes fatores, Eduardo acredita que basta a figura de Dionísios para refutar o cristianismo, visto que este culto já fazia parte do meio cultural helênico: para ele o cristianismo bem poderia ter surgido do encontro da cultura grega com a judaica. Semelhante afirmação considera, conjuntamente com o mito em questão, a disseminação geográfica dos judeus na época, e foca numa zona de contato entre ambos os povos como berço do cristianismo. Para ele, o cristianismo se desintegra junto com a figura de Jesus, apenas e sem necessidade de ‘*chamar Lévi-Strauss para a conversa*’.

Uma vez desconstruído o mito, para Eduardo ‘*só resta a questão do Jesus histórico*’, questão que nem deveria existir, pois, ‘*não é falseável*’. Para ele, a célebre paródia realizada pelo grupo Monty Python no filme “*A vida de Brian*” é suficiente para demonstrar o absurdo da questão<sup>100</sup>. A ligeireza com que trata do tema contrasta, por outro lado, com a gravidade com que o Professor lembra de suas primeiras dúvidas sobre o Jesus histórico de Nazaré e o sentimento de heresia que veio com elas. Em ambos os casos, no entanto, a crítica serve ao mesmo propósito: se houve de fato alguém chamado Jesus é, afinal, irrelevante. Qualquer um, como o desafortunado Brian do filme, pode ter sido aclamado messias, seguido por multidões e ter tido suas palavras tomadas por verdades religiosas, mesmo ter sido crucificado, sem que isso tenha por que revestir nenhuma significância particular, muito menos uma origem divina. É a estória (e a história) que faz o Cristo, e não ao contrário.

---

<sup>100</sup> O filme foi mencionado mais de uma vez por sujeitos diferentes durante a pesquisa, constituindo uma referência recorrente nos meios ateístas. Considerado em seu conteúdo, o clássico do humor inglês apresenta várias críticas ao cristianismo análogas às que foram relevadas em campo, sem que a conexão tenha sido feita pelos sujeitos nessas ocasiões. Com efeito o filme zomba com a confusão entre interpretações literais e metafóricas da palavra de Cristo, do nascimento virgem, da pluralidade de profetas na época antiga, dos códigos morais, entre muitos outros pontos.

Ora, assim como Jesus, a figura de deus pai também pode ser historizada, como bem mostrou o organizador do Encontro de Ateus do evento da Nova Consciência, em Campina Grande. Durante o evento, ele brindou uma palestra intitulada “*Direto da Internet: E se Deus existisse? Héim ateus? O que vocês fariam?*” na qual partiu das respostas que essa pergunta recebeu nos grupos de Facebook “*Mundo Ateu*” e “*Ateus e meus amigos agnósticos*” para refletir sobre a particularidade da ideia de um deus totalizante e universal que predomina em nossa sociedade. Fazendo gala de seu ofício de professor de antropologia (ensina na UFCG), ele explicou que o termo “*deus*”, em tanto que substantivo masculino tem uma história, constituindo uma ‘*variação*’ do termo grego ‘*Zeus*’. Através da história do conceito, ele procurou ‘*desmontar a suposta universalidade da figura chamada deus*’ mostrando como esta é cultural e, por isso, variável. Citando o livro de Karen Armstrong “*Uma história de deus*”, demonstrou que nosso conceito de deus foi moldado pelo cristianismo e que constitui um entre muitos possíveis. Assim, à pergunta do que faria se deus existisse, ele responde com outra pergunta: ‘*qual deus?*’<sup>101</sup>.

A abordagem que o cientista social fez da questão de deus contrasta com a utilizada pelo Professor durante a 8º COMAAFOR. Se a exposição sobre falácias lógicas que realizou naquela ocasião esteve, em seu conjunto, direcionada a mostrar os falhos dos argumentos teístas mais comuns, na prática revelou uma aproximação à questão baseada nos princípios do materialismo científico. Reproduzindo o argumento que Richard Dawkins apresenta no livro *Deus, um delírio*, o professor enquadrou a questão da existência de deus como uma *hipótese*, isto é, uma afirmação sobre a realidade abordável em função de sua probabilidade. Seguindo didaticamente seu mestre, explicou que, segundo o estado atual do conhecimento sobre o universo, ‘*a possibilidade de deus existir existe porém é muito pequena*’ e, por conseguinte, ‘*as probabilidades deste não existir são notavelmente maiores*’. Embora não seja possível ‘*colocar a cereja no bolo*’, pois o método científico nunca prega verdades definitivas, o mais razoável a se fazer é considerar, com Dawkins, que “*Deus, quase com certeza, não existe*” (DAWKINS, 2007, p.214)<sup>102</sup>.

<sup>101</sup> A exclusividade que o deus cristão reclama para si de cara a diversidade de deuses culturalmente existentes foi explorada com propósitos humorísticos pelo grupo Porta dos Fundos. Num vídeo intitulado “Deus” uma jovem morre e é recebida, para seu próprio espanto, por uma divindade australiana que era, afinal, o verdadeiro deus. Vide: <https://www.youtube.com/watch?v=t11JYaJcpxg>. Data de acesso: 01/08/2019.

<sup>102</sup> Nas palavras de Dawkins “*O fato de que não se pode provar nem contraprovar a existência de alguma coisa não coloca a existência e inexistência em pé de igualdade*” (DAWKINS, 2007 p.78). Mais adiante: “*O fato de que não se pode provar a inexistência de Deus é aceito e trivial, nem que seja só no sentido de que nunca podemos provar plenamente a inexistência de nada. O que interessa não é se a inexistência de Deus pode ser comprovado (não pode), mas se sua existência é possível. Essa é outra história. Algumas coisas não*

Agora: *qual deus?* Durante a exposição ficou claro que o professor estava se referindo ao velho e conhecido Deus Cristão, pessoa e criador do universo, tido entre nós por único e, por isso, o único que faz sentido refutar, dado o contexto. Embora o professor não tenha esclarecido este ponto na sua aula, Dawkins sim o faz ao apresentar o argumento no seu livro. O autor, formula a “*Hipótese de que Deus Existe*” nos termos de “*uma inteligência sobre-humana e sobrenatural que projetou e criou deliberadamente o universo e tudo o que há nele, incluindo nós*” (DAWKINS, 2007, p. 56). O autor aponta que procurou definir a hipótese do modo mais defensável possível, isto é, sem ligá-la às qualidades de nenhum deus em particular de modo que resultasse válida, tanto para Javé quanto para Jesus, Alá, Baal, Zeus ou Wotan, por citar as figuras mencionadas no mesmo parágrafo. De todas maneiras, a compreensão de deus como uma “*superinteligência criativa*” (DAWKINS, 2007, p. 90) assim como o decorrer do argumento, no qual debate principalmente com os partidários da teoria do design inteligente, tornam claro que se refere principalmente ao deus cristão, no melhor dos casos ao deus abraâmico<sup>103</sup> (GORDON, 2011, p. 23).

O argumento da probabilidade da existência de deus veio à tona para explicar a diferença entre as posturas ateia e agnóstica, argumentando a superioridade da primeira. Nas conversas prévias ao início da reunião eu tinha me posicionado cautelosamente como agnóstica, sendo a única a fazê-lo, pelo que entendi que as explicações estiveram dirigidas a mim. De fato, a explicitação de minha posição com base a insolubilidade da questão chamou a atenção do professor quem adiantou que falaria do assunto no decorrer de sua apresentação. E de fato, ao assumir a voz de Dawkins, este assumiu também a causa em prol da justificação pública do ateísmo, a qual é indissociável da desconstrução das ressalvas agnósticas. Conforme o argumento, o fato da ciência não conseguir provar definitivamente a inexistência de deus não significa que não possa estimar suas probabilidades. Como o professor corretamente colocou, ‘*nem tudo o que não sei está 50% a 50%*’ e, portanto, não cabe descartar o ateísmo em função de uma dúvida marginal a qual, no entanto, não é negada como tal.

---

*comprováveis são julgadas, de modo sensato, bem menos possíveis que outras coisas não comprováveis. Não há motivo para achar que Deus está imune à análise ao longo do espectro das probabilidades. E certamente não há motivo para supor que, só porque Deus não pode ter sua existência comprovada ou descartada, a probabilidade de sua existência seja de 50%*” (DAWKINS, 2007, p.84).

<sup>103</sup> O argumento que emprega, com efeito, se serve do evolucionismo. Sua contra-hipótese, com efeito, afirma que “*qualquer inteligência criativa, de complexidade suficiente para projetar qualquer coisa, só existe como produto final de um processo extenso de evolução gradativa*”. Ao constituir produtos e não premissas dos processos evolutivos, as inteligências criativas “*necessariamente chegam mais tarde ao universo e, portanto, não podem ser responsáveis por projetá-lo*” (DAWKINS, 2007, p.56).



Conforme o mesmo Professor explicou durante uma entrevista realizada por Skype posteriormente a importância dada à nuance da probabilidade marca a diferença entre o ateísmo como posição *ontológica* e o ateísmo como posição *política*. Ontologicamente, o posicionamento que tinha explicado ao começo da reunião pode ser categorizado como ateísmo agnóstico e é de fato a opção de várias figuras admiradas no meio, como Neil de Grasse Tyson. O professor, porém, se identifica como *'ateu militante'* e, com isso, com a definição *política* da questão: aquela que desestima conscientemente as sutilezas epistemológicas em prol da efetividade no debate. Trata-se de uma definição e um posicionamento de combate destinado a convencer antes de que a enunciar verdades tecnicamente corretas. Em termos linguísticos, o professor deu primazia aos efeitos perlocucionários dos enunciados, antes do que ao seu conteúdo locucionário (AUSTIN, 1962), muito embora o fato de inserir tal esclarecimento no contexto de uma palestra sobre lógica proposicional indicasse o contrário. Como seja, quando inquirido, o Professor admite o jogo duplo com os sentidos das palavras, que é intrínseco à dinâmica da militância, tal como a entende.

Ora, nem todos os participantes da COMAAFOR entendem o assunto ao modo do Professor e alguns fizeram questão de dar conta dos porquês. A discussão surgiu novamente no encontro seguinte, no qual alguns marcaram suas diferenças com a doutrina de Dawkins, em diferentes sentidos. Um homem jovem, músico de formação marcou suas diferenças afirmando que para ele, *'a religião é intrinsecamente fictícia'* e por isso, *'nem sequer pode ser considerada uma hipótese'*. Embora aceitasse conceitualmente a explicação sobre o caráter nunca definitivo da ciência, afirmou que ele na prática *'sim fecha a questão'* que, segundo entende, *'se resolve semanticamente'*. Mais incisivo (e ao mesmo tempo menos pretensioso), o músico entendeu que a justificação pública do ateísmo não precisa de tantos tecnicismos: as religiões podem ser descartadas apenas atentando a suas narrativas e significados. Deus nada mais é que uma mera e óbvia fantasia e como tal deve ser tratado, sem mais. Lançar mão de demonstrações formais, como a do Professor, constitui, nesse contexto, um excesso.

No sentido oposto, outros se manifestaram mais sensíveis ao resto de dúvida inerente à questão. Um jovem, estudante de secretariado executivo, refletiu sobre a ideia epicurista de um deus que *'criou tudo mas foi embora'*. Para ele, *'um deus que não interfere'* nem *'pode ser coagido a atuar de determinado modo'* é *'a mesma coisa que um deus que não existe'*. Hoje em dia, diz *'não ligar para rótulos'*, mas que, se questionado *'se identifica como agnóstico'*. Deixa

assim aberta a possibilidade da existência de ‘*alguma coisa*’ como o tal “deus preguiçoso”<sup>104</sup> de Epicuro, possibilidade que de todas maneiras, resulta puramente teórica e, por isso, irrelevante. O jovem contou que é originário do interior do Ceará e vem de uma família batista muito atuante na igreja. Após se mudar para São Paulo, ficou impressionado pela quantidade de templos e propaganda religiosa, momento em que decidiu não seguir nenhuma denominação, embora continuasse ‘*temente de deus*’. No seu relato, essa postura mudou quando deu com os Pensamentos de Epicuro, que mudaram sua forma de enxergar a questão.

Por sua vez, a companheira do músico –quem se dedica à gestão esportiva do lazer e trabalha com dança especificamente– após contar sua história concluiu honestamente que ‘*não pode provar que deus existe nem que não existe*’ e que ‘*só quer viver em paz*’. Outros colegas contornaram a questão da (in)existência divina de modos similares. Outra jovem por exemplo, afirmou: ‘*se deus existe ou não, não é importante para mim*’. Para ela, a questão de interesse não era tanto a existência de deus ou o estatuto dessa (in)existência mas a de onde e quando se reconhecer publicamente como atea. Funcionária da Caixa Econômica, afirma estar hoje em dia numa posição mais segura para assumir sua posição com todas as letras, mas teve uma ocasião em que foi questionada sobre sua religião numa entrevista de emprego e se declarou teísta para não perder a oportunidade de trabalho. Por similares constrangimentos, um terceiro rapaz adota uma definição de compromisso: se diz ‘*agnóstico ateu*’. Como trabalha na área da saúde (é fisioterapeuta) estima que falar abertamente que é ateu lhe traria problemas, pois as pessoas ‘*poderiam se assustar*’ ou ‘*achar que estão nas mãos erradas*’. Explicitando sua postura, afirma que não acredita ‘*no deus de nenhuma religião*’, assim como ‘*não acredita num criador*’. Quanto ao restante dos matizes, nem sequer os menciona.

Neste ponto, se torna claro que a questão da (in)existência de deus acaba, nas abordagens dos participantes da reunião, se diluindo ou bem se deslocando para aquela das implicâncias de se posicionar publicamente como ateu. Certamente, quando referidas a um deus desprovido de narrativas, as discussões perdem a substância que tinham quando o que estava em questão era a refutação da mitologia ou dos textos sagrados. Se a maior parte dos presentes tinha algo a dizer sobre a falsidade da estória (que não é história) de Cristo e sobre as inconsistências do texto bíblico (sem falar de cultos, igrejas e agentes religiosos) o deus hipotético de Dawkins não parecia despertar maior interesse. Eles não estavam ali para discutir a possibilidade puramente lógica de um deus abstrato, mas pela oposição comum ao deus vigilante e punidor,

---

<sup>104</sup> A expressão é usada por Dawkins para caracterizar o deus dos deístas, que é basicamente a figura invocada pelo informante.

subornável, mentiroso, ambíguo, psicopata, impiedoso e arrogante que souberam conhecer em suas épocas de fé. Certamente, todos ali eram ateus com relação a esse deus próximo e cotidiano, sempre atrelado a igrejas, pastores e padres, cultos e missas, escolas dominicais, preces, promessas e irmãos na fé, cuja refutação não precisa tanto de sofisticação quanto de coragem.

Nesse ponto, o interesse se desloca da epistemologia, a lógica ou mesmo a semântica, para a *pragmática*, muito embora a ênfase em argumentos e falácias. Na prática, parece interessar antes o peso social do rótulo que seu conteúdo preciso, que cada um define para si e explica de forma pessoal. Em outras palavras, aquilo no que “acreditam” exatamente como descrentes perde protagonismo para a questão do que estão dispostos a expor publicamente. E isso não é um problema tanto pelas dúvidas internas (que podem existir ou não) quanto pela carga de estigma que vem atrelada à condição de descrente. Segue-se daí que o quadro de referência dos posicionamentos não é nenhum edifício filosófico particular, nem nenhuma comunidade mais ou menos fechada de pares, mas o contexto religioso cotidiano que rejeitam, mas do qual não deixam de fazer parte. As preocupações e precauções à hora de se definir socialmente como ateus vem dadas pela relação com um entorno tido por eminentemente religioso, inclusive ali onde *a priori* não o é, como os espaços de trabalho. Carregado de tensões, um meio semelhante impõe ônus e consequências difíceis evitar para aqueles que resolvem prescindir de deus e fazê-lo público.

É precisamente neste sentido que o argumento de Dawkins não interessa tanto pelo que tem de *ontológico*, quanto de *político*. A distinção *não é original ao argumento do autor* mas uma introdução do Professor que marca um registro de leitura voltado ao confronto com um meio que se sabe adverso. E como parte desse mesmo confronto, a ambiguidade de sentidos implicada na distinção serve para rebater as acusações de fundamentalismo frequentemente dirigidas aos ateus. Mesmo o professor, com seu rol autoassumido de porta-voz de Dawkins entende necessário separar a ontologia da política, salvaguardando, desse modo, o resto devido de dúvida e a possibilidade, mesmo que insignificante, de erro. Salvaguardando, ao mesmo tempo, a possibilidade de definições diferentes da descrença ao interior do mesmo movimento. Aqui o desafio é debater com religiosos sem se tornar religiosos eles mesmos, segundo entendem, sem segregar com base em profissões de fé rigidamente entendidas<sup>105</sup>.

---

<sup>105</sup> Este ponto será abordado novamente na segunda parte.

Mas há quem entenda a questão de maneira mais taxativa. Prévio à XI COMAAFOR tinha surgido uma discussão acirrada a respeito do tema no WhatsApp do grupo. Enquanto dava avanços sobre a segunda viagem a Fortaleza através do aplicativo, fui questionada por um dos participantes sobre minha crença. Já esclarecida pelas explicações do Professor durante a VIII COMAAFOR, defini tecnicamente minha posição como “ateísmo agnóstico”. Minha resposta despertou uma reação que descreveria como “*ira digital*” de parte de quem tinha colocado a pergunta e de outro colega que se somou às réplicas, ambos considerados membros controversos do grupo: “*ou ateu ou é agnóstico*”, “*ou fede ou cheira*”, “*ou dá ou desce*” “*Ateu agnóstico é o mesmo que Ateu cristão... Ou Ateu satanista*”. Um deles resolveu a suposta ambiguidade por mim “*Sabrina é agnóstica. Ponto*” e acrescentou “*tinha até um presentinho show pra ela. Agora fudeu*”.

Na mesma comunicação e sempre com o intuito de “quebrar o gelo”, tinha contado para eles que indo para o aeroporto, acabei dividindo o táxi com dois norte-americanos que estavam no Brasil como missionários e aproveitaram para me tomar por alvo do seu trabalho de evangelização. Achei que o incidente seria tomado com humor pelas pessoas do grupo, assim como eu o fiz, mas de fato aconteceu o contrário. A avançada dos missionários gringos foi entendida como uma sorte de perigo, ainda mais após se desiludirem como o fato de não ter me apresentado como atea sem atenuantes. Não é infrequente que um posicionamento ponderado seja visto como uma manifestação de indecisão, uma não definição de posição, um meio caminho entre o teísmo e o ateísmo e, por isso, susceptível de ser levado para um lado ou o outro. Pelas respostas que recebi, deduzo que fui vista como alguém atribulado pela dúvida: “*E ainda veio sendo pressionada por religiosos... Imagina a cabeça? Tá um caos*”.

A atitude destes participantes provocou o chamado de atenção dos administradores quase de imediato: “*Ateus fundamentalistas! Que ótimo!*”, apontou da coordenadora do grupo, “*Que tal pedir pra ela te explicar o que esse termo significa?*”. A resposta foi seca: “*não preciso. Já aprendi o suficiente*”. Então as reprimendas continuaram: “*Kkkkkk Parece papo de religioso*”, mais adiante, o sujeito se defendeu “*Kkk... Não sou fundamentalista*” ao que a coordenadora retrucou “*bem, vc pode não gostar do termo, mas as coisas têm nome, querendo vc ou não*”. Posteriormente, o Professor saiu na minha defesa (que eu não tinha solicitado) “*O mesmo ateísmo dos mais proeminentes ateus PENSADORES da atualidade!*”, mas recebeu um ataque ele mesmo: “*chegou quem pesa as almas*”. A discussão continuou esquentando, até que o professor insistiu no fundamentalismo como uma postura eminentemente religiosa e outros intervieram para terminar o altercado.

Ao chegar em Fortaleza, tanto o Professor quanto a organizadora da reunião se desculparam pelo incidente, visivelmente envergonhados com as ofensas e ameaças proferidas por um dos sujeitos<sup>106</sup> (que não foram reproduzidas aqui). De todas maneiras, na conversa ficou claro que ao menos aqueles que assumem o papel de lideranças se posicionaram veementemente contra tais atitudes e ninguém, exceto os diretamente envolvidos no episódio, os contradisseram. Finalmente, os participantes controversos do grupo de WhatsApp não compareceram ao encontro, e os que sim foram exprimiram a vontade suas preocupações e visões particulares. Ao todo, a questão central parecia ser a expressada pela mulher que ‘*só queria viver em paz*’. Foi exatamente após esta expressão de cansaço que o participante não ateu da reunião colocou uma pergunta que para ele parecia iniludível: ‘*por que é tão importante provar que deus não existe?*’. As respostas se misturaram, mas uma voz destacou: ‘*para ser respeitados como religiosos são*’. Não mais. Estas declarações deixam claro o posicionamento do ateísmo como uma *minoria religiosa* em busca de respeito e reconhecimento (MONTERO; DULLO, 2014).

#### 4.3 A RAZÃO E A FÉ

A utilização de uma narrativa neoiluminista de confronto entre fé e razão na justificação da descrença tem sido apontada como característica distintiva do neoateísmo. Como já se mencionou, *ao menos* no Brasil, os trabalhos que se ocuparam do assunto abordaram principalmente a filosofia do movimento, tal como exposta por seus autores de vanguarda, os quatro “cavaleiros do ateísmo”. Estes fazem gala de um materialismo científico de combate, que opõem frontalmente à cosmologia religiosa como se um e outro tivessem o mesmo fim incontestado de *explicar* o mundo. Assim, os trabalhos prévios se ocuparam, principalmente, de apontar as limitações desta filosofia, ao menos denunciar a forma caricata e de senso comum em que é operacionalizada pelo movimento (GORDON, 2011; FRANCO, 2014, FERNANDES, 20015; MOREIRA, 2015). Em particular, Franco chama a atenção para as interpretações parciais que Dawkins e companhia fazem da religião, nas quais não há espaço para a compreensão dos aspectos mitológicos e simbólicos que lhe são constitutivos (FRANCO,

---

<sup>106</sup> O episódio despertou, tal vez, o temor de que minha pesquisa acabasse qualificando o ateísmo como fundamentalista ao que eu respondi dizendo que se tratava apenas de ‘mais um dado’ que eu não podia esconder nem tergiversar, sem risco de comprometer as ‘evidências’. Ele se surpreendeu positivamente com essa resposta e concordou com a constatação do fato de que existem ateus fundamentalistas, pouco instruídos, vulgares no movimento ateísta do Brasil, gostemos disso ou não.

2014, p. 14). E Gordon (2011) destaca o teor *teológico* de uma filosofia semelhante, ao ponto de inscrevê-la como uma caso particular de Gnosticismo, isto é, um movimento de revolta contra a transcendência surgido dentro e não fora do cristianismo.

Aqui não interessa apontar as limitações do discurso da vanguarda neoateísta, muito menos apontar as falhas nas concepções dos ateus locais<sup>107</sup>. Apenas tomar nota da efetiva presença de um marco interpretativo semelhante *também* no movimento ateísta local (embora constitua um elemento entre outros) e descrever as apropriações que dele se fazem no Brasil. Com efeito, na miscelânea de argumentos utilizados na justificação da descrença, aquele da superioridade da razão sobre a fé se faz presente de diversos modos. A adoção da narrativa de confronto entre religião e ciência típica da vanguarda neoateísta internacional foi particularmente explícita na exposição do Professor, quem procurava ensinar como refutar corretamente argumentos teístas e “evangelizar” sobre o materialismo científico ao mesmo tempo. Durante a palestra, ele transitou fluidamente entre a explicação das falácias lógicas e da epistemologia da ciência, tal como a entendia, seguindo em particular os ensinamentos de Dawkins. Para ele, o biólogo ‘*ensina o que é a realidade*’, isto é, ‘*o que existe e o que não existe*’ o qual era entendido em sentido objetivista e materialista, sem matizes. Numa afirmação surpreendente para alguém formado em letras, sentenciou que ‘*o mundo não é criado pela linguagem*’ mas ‘*existe à margem dela*’, e distinguiu as ciências naturais das humanas que, para ele, ‘*têm problemas*’, já que as vezes são ‘*negacionistas*’ e ‘*humanistas exacerbadas*’.

Ilustrou as bondades do ceticismo e a importância inestimável das evidências lembrando uma famosa anedota que Sagan conta no livro *O Mundo Assombrado pelos Demônios* e Dawkins recupera em *Deus, um delírio*. O Professor explicou que Sagan era cético com relação à existência de vida extraterrestre, já que se atendo às evidências não tinha como afirmar que existisse. Um jornalista, que não conseguia que Sagan desse uma afirmação definitiva sobre o assunto, perguntou como último recurso, o que o cientista acreditava “*visceralmente*”. Este respondeu que ‘*não costumava pensar com as vísceras*’, afirmando seu ceticismo<sup>108</sup>. O Professor contou a anedota com paixão, e ainda acrescentou outras palavras do cientista, quem teria dito, por exemplo, que era a pessoa que mais queria no mundo que existisse vida extraterrestre, mas que seus desejos particulares nada tinham a ver com “a verdade”. Inclusive, contou, fundou um

---

<sup>107</sup> Dado que os trabalhos prévios se ocupam especificamente de realizar uma crítica das concepções neoateístas sobre a religião e a ciência neste trabalho se optou por evitar esta abordagem. Assim, fica fora do escopo da pesquisa apontar as simplificações, falhas ou francos erros nas ideias dos nativos.

<sup>108</sup> A anedota se encontra no capítulo 10 de “*O mundo assombrado pelos demônios*” (SAGAN, 2006, p. 209-210).

centro de pesquisas dedicado a buscar evidências de vida fora da terra, o SETI, que funciona até hoje.

Entre ateus é constantemente lembrado que as maiores bondades de ciência se devem ao método pelo qual arriba a suas conclusões. Este se caracteriza, segundo as falas dispersas que se fizeram ouvir durante o trabalho de campo, pelo apego sistemático às evidências, a correção no raciocínio lógico e a busca pelo aperfeiçoamento constante. Este último, em particular, vem atrelado à humildade de saber reconhecer os próprios erros, virtude que entendem, constitui a principal diferença com os dogmas religiosos. Conforme esta visão, não haveria na ciência autoridades infalíveis nem verdades absolutas, apenas conclusões parciais e temporárias por definição, que vão mudando conforme avançam os métodos e se acumulam as evidências. Novamente, o Professor contou uma anedota proveniente de um livro de Dawkins para ilustrar esse ponto: tratava-se de um professor de biologia que após uma longa palestra, reconhece publicamente que estava errado após um dos seus alunos (isto é, um inferior) lhe apontar uma falta no que estava dizendo. A moral do relato se faz explícita no desfecho segundo o qual *‘todo mundo aplaudiu até as mãos doerem’* a inteireza do professor.

A ideia de um cosmos mecânico e impessoal por completo independente dos medos e anseios humanos foi frisada repetidamente durante a noite. O professor lembrou de diversas maneiras que *‘a ciência desmitifica um monte de conceitos absurdos em que você é o centro de universo’* e, utilizando expressões fortes como *‘você é uma lesma perante a natureza’*, *‘o universo não nos deve porra nenhuma’*, *‘somos nada perante o cosmos’* ou *‘somos macacos’* tentou pôr do modo mais duro possível que o homem não tem nenhum significado especial, nem lugar de privilégio na ordem natural das coisas. Tal veio a ser a conclusão que fechou a aula de falácias lógicas. No final, o Professor pontuou o ateísmo como uma *‘dose de consciência chata’* que lembra realidades desagradáveis como essas o tempo todo. A colega que estava organizando o evento discordou, para ela um universo semelhante não era *‘chato’*, mas *‘poético’*. A contraposição implícita vem dada entre a visão subjetivamente reconfortante do universo das religiões, e a fria objetividade da ciência, que não oferece aconchego nem garantias aos homens.

Neste sentido, não chama a atenção que os temas de ciência mais lembrados nos círculos ateístas sejam aqueles que confrontam diretamente com o relato bíblico, em particular o mito de criação do Gênesis. Interessam principalmente aqueles conhecimentos que dizem sobre a composição e forma do universo no sentido mais literal e concreto do termo, assim como aqueles que tratam do surgimento da vida, muito em particular o processo evolutivo que

conduziu aos seres humanos. Os temas que resultam mais significativos, em outras palavras, são aqueles que dizem respeito ao lugar dos homens entre os seres vivos e no cosmos em seu conjunto, mesmo quando se trate de saberes que afirmam, paradoxalmente, que não possuímos privilégio algum, nem em um nem no outro domínio. É com este transfundo que se conversa sobre o espaço exterior e a exploração espacial, sobre as evidências que sustentam a teoria pioneira de Darwin e as inúmeras hipóteses a que segue dando lugar, ou sobre os descobrimentos mais surpreendentes da biologia e da física.

Se trata de meios em que se valora o conhecimento e se procura fazer gala desse interesse, mesmo quando os participantes dos encontros não são sempre, nem principalmente, acadêmicos ou científicos com formação que explique esse envolvimento. Trata-se, em geral, de leigos que fazem esforços notáveis por se informar sobre teorias e avanços científicos diversos, tenham ou não relevância prática no cotidiano. As informações que partilham podem provir de diversas fontes, que não sempre se especificam: séries e documentários, canais de YouTube, e também sites e blogs, jornais e revistas, ou bem livros ou palestras, quando há acesso a estes. Trata-se de canais que não necessariamente estão ligados ao chamado neoateísmo ou seus autores de destaque, embora os incluam. Com efeito, a fonte mais lembrada, tanto nos encontros quanto na Internet é, sem dúvidas, a série Cosmos que Carl Sagan realizou em 1980 e foi transmitida no Brasil pela Rede Globo em 1982, pela TV Escola em 2008 e pela National Geographic em 2014.

Há quem, inclusive, coloque o contato com estes conhecimentos como origem, pelo menos parcial, das dúvidas com relação à religião. O fisioterapeuta que devia acordar cedo para rezar pelo sucesso do vestibular, por exemplo, menciona que assistiu Cosmos, assim como outra série sobre astronomia na infância. Segundo seu relato, esses ensinamentos e o fato de terem sido corroborados, mais tarde, pelas disciplinas da faculdade foi um dos fatores que contribuíram para a incredulidade religiosa. Outros colocam os próprios conteúdos apreendidos na universidade como semente da descrença. O engenheiro que ensina no IFSC reagiu com alegria quando, em meio das explicações, o professor mencionou a famosa “navalha de Occam”, dizendo que foi graças a ela que se fez ateu. Assim, lembrou de uma aula na qual o professor tinha se desviado do tema para falar do famoso princípio metodológico, utilizando a “hipótese de deus” como exemplo, o que lhe causou grande impressão. Naquele momento, já tinha deixado atrás a leitura literalista da Bíblia e passou a se reconhecer como ateu, porém sem militância. Nesse estágio, considerava a igreja como algo bom apesar de estar fundada em erros e continuava frequentando, basicamente por causa dos amigos.



Se alguns mencionam, pontualmente, o acesso a determinados saberes científicos como fatores significativos no caminho ao ateísmo, outros fazem uma contraposição genérica entre a religião e a “a ciência”, sem mais. A mulher que *‘só queria viver em paz’*, por exemplo, ao narrar sua trajetória de desconversão conta que pouco a pouco foi chegando à conclusão de que *‘se tem muita religião tem algo de errado’* e que *‘a ciência está mais perto da realidade que a religião’*. Tal conclusão, no entanto, se desprende de uma história onde foi o contato com as artes, e não com a ciência que desempenha o papel central. Em sua narrativa, o quebre com a religião foi concomitante à entrada no curso de psicopedagogia e à participação num grupo de teatro e em aulas de dança (hoje se dedica à gestão esportiva do lazer). Tendo uma trajetória como catequista e participante num grupo de jovens da Renovação Carismática Católica, ela conheceu novas perspectivas ao se adentrar em meios artísticos, onde aprendeu a *‘não fazer julgamentos’*, *‘botar os bichos para fora’* e onde *‘ninguém nunca tinha ouvido falar de Satanás’*.

Assim mesmo, temas de ciência pipocam permanentemente nas conversas nos meios ateístas, que sempre procuram fazer gala do amor pelo conhecimento. Por exemplo, durante a mesma VIII COMAAFOR as explicações sobre falácias lógicas se misturaram com exemplos e digressões sobre diversas curiosidades científicas. O professor introduziu sua palestra sobre falácias falando sobre a faculdade humana da linguagem, evolutivamente adquirida e se lançou a algumas breves explicações sobre a evolução contando sobre a capacidade de fala da baleia-azul e a hipótese do “macaco aquático”, (segundo a qual os seres humanos possuem um passado como animais marinhos). Durante o restante da exposição fez menções à física quântica, os estromatólitos a farmacodinâmica dos anticoncepcionais, e à teoria biológica de Maturana, que foram enriquecidas com intervenções dos colegas sobre o demônio de Laplace, a lógica paraconsistente, o famoso Gato de Schrodinger, e o não tão famoso “gato fantasma” da física quântica<sup>109</sup> ou a linguagem entre os Pirahã, entre vários outros temas.

Este tipo de intercâmbio constitui uma constante nos meios ateístas, tanto presenciais quanto virtuais, constituindo um autêntico *hobbie* coletivo. Sem exceção, em todos os encontros de ateus observados durante o trabalho de campo os participantes se mostraram abertos ao aprendizado e ávidos por informação científica. Em fevereiro de 2017 o grupo da COMAARJ, por exemplo, se reuniu para comemorar o aniversário de Darwin, como é comum entre ateus mundo afora. O grupo assistiu as celebrações do Darwin Day realizadas no Museu do Amanhã

---

<sup>109</sup> <https://revistagalileu.globo.com/Ciencia/noticia/2014/09/o-gato-fantasma-da-fisica-quantica.html>. Data de acesso: 15/09/2019.

no Rio de Janeiro, que consistiriam na exibição de dois documentários sobre o célebre cientista e o posterior debate com acadêmicos da área. Embora o evento não fosse em si mesmo de teor ateu, foi entendido pelos ateus como afim a seus posicionamentos, percepção que veio ser confirmada pelo tratamento que os documentários fizeram da oposição entre as visões de Darwin e aquelas da ortodoxia científica e teológica da época, bem como pelo curso que tomaram as rodadas de perguntas do público.

Para deleite dos ateus com os que tinha assistido, uma das assistentes à palestra questionou sobre a aparente aversão dos meios científicos às crenças religiosas. As respostas dos cientistas que coordenavam a sessão foram políticas, mas não deixaram de ser polêmicas. Estes separaram a questão da existência (ou não) de deus como não susceptível de ser respondida pela ciência e focaram nas muitas possíveis ideias do divino, destacando que há algumas que podem ser perfeitamente *'acomodadas'* junto ao conhecimento científico. As respostas chegaram a citar a Dawkins, não como ateu, mas como divulgador científico. Como seja, na opinião dos ateus que eu acompanhava, os palestrantes foram muito contidos nas suas respostas: eles teriam gostado de alguém que respondesse de forma mais incisiva e direta. Como leigos, pensaram que uma figura popular como o famoso “Pirulla” que fala de ciência no seu canal de YouTube teria sido preferível ao academicismo<sup>110</sup>. Para eles, uma pessoa que explique as coisas com linguagem simples, que traga a ciência para o cotidiano, mesmo não sendo alguém com credenciais acadêmicas, seria alguém *'muito melhor'* para conduzir um evento como esse. Esta percepção foi eloquente quanto à aproximação que fazem ao mundo da ciência.

O contraponto entre estes saberes e aqueles que supostamente derivam da revelação ou a fé se fazem particularmente evidentes quando a conversação gira em torno de temas de saúde humana. No churrasco entre ateus, por exemplo, os participantes debateram sobre o conflito entre ir a um culto de cura ou ir no médico. Se lhes apresentava como contraditório que uma pessoa não deixe de ir no médico apesar de assistir ao culto de cura e lhes parecia atroz e idiota que a pessoa recursasse atendimento médico em nome de crenças religiosas (a cura pela fé de qualquer maneira não faz sentido). Aqui foram lembrados os conhecidos e recorrentes casos de testemunhas de Jeová que perdem a vida ou preferem ver um menor de idade morrer que receber uma transfusão de sangue ou um transplante. Alguém lembrou dos casos em que juízes intervêm em favor dos incapazes e também dos casos em que não tiveram sucesso. A partir disso, as conversas derivaram para os absurdos da *'medicina alternativa'* como o caso do *'chinês que cura no tapa'* e *'ainda cobra por isso'* e aqueles que oferecem serviços de hipnose.

---

<sup>110</sup> Para mais informações ver: <https://www.youtube.com/channel/UCdGpd0gNn38UKwoncZd9rmA>.

Teorizaram sobre isso e alguém concluiu que, se traz algum benefício, este é *‘apenas psicológico’*.

Em outros casos, as concepções religiosamente fundadas sobre a saúde e a doença foram ligadas à ignorância e o preconceito mais básicos. Foi o caso do participante da COMAAFOR que tinha tentado, sem sucesso, se inserir num seminário no Piauí. Ele sofre de alergias, que pioravam nos claustros das igrejas. Longe de receber compreensão ou ajuda com o problema, este foi tomado como signo de tentação e ele acusado de comportamentos imorais que não tinha (a diferença de outros colegas sem alergias que *‘fugiam de noite para fazer coisa ruim’*). Uma estória similar foi contada pela fundadora da APCE de Brasília. Original do interior de Goiás e nascida numa família católica não muito praticante, ela se tornou atea após ver o pai sofrer e morrer por um câncer. Descreve o progenitor como a melhor das pessoas, certamente alguém para quem tal calvário era injusto. No entanto, no meio social em que cresceu as pessoas achavam que doença era castigo divino, em particular o câncer. Acreditava-se que a pessoa que o sofria tinha cometido atos horríveis para ser punido de tal forma, e o estigma era tal que se evitava mencionar o nome sendo referido como *‘aquela doença’*. Ela entende que, assim, o pai foi castigado duas vezes: pela doença em si e pela condena social. Não merecia nenhuma das duas.

Embora nem sempre a ciência seja colocada explicitamente como contraponto da religião, é possível afirmar que a mesma se apresenta como uma espécie de alternativa por defeito às concepções religiosamente fundadas. A ciência é assumida como algo similar ao um substitutivo genérico dos quadros interpretativos da fé que são ostensivamente rejeitados. Isto se faz, claramente, em nome de uma aproximação leiga e assistemática à ciência, formada sobretudo a partir de canais de divulgação científica. Não é necessário que uma narrativa precisa da ciência seja mobilizada nos relatos de vida, nem na argumentação do ateísmo a nível pessoal ou coletivo para que esta apareça como símbolo da resistência à religião. Isto se faz particularmente visível nas logomarcas dos coletivos ateístas, que frequentemente recolhem elementos ligados semanticamente com este campo, bem como nos materiais de divulgação de encontros e reuniões.

Figura 16: Banner no site da ATEA com o planeta Terra.



Fonte: [www.atea.org.br](http://www.atea.org.br)

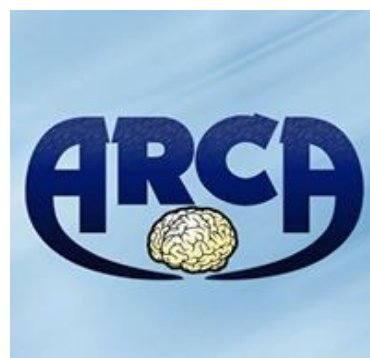
Figura 16: Logomarca da APCE. Embora pareça uma flor, o desenho é de um átomo.



Fonte:

<https://www.facebook.com/165413173618117/photos/a.165414633617971/498784623614302/?type=3&theater>

Figura 16: Logomarca da Associação de Racionalistas Céticos e Ateus



Fonte: <http://arcateus.blogspot.com/>

Figura 17: Cartaz de divulgação do Encontro de Ateus dentro do Encontro da Nova Consciência de 2018



Fonte: Enviado pela organização do evento.

O evento ao que refere este último cartaz constitui uma boa ilustração dos usos da ciência no movimento ateuista. Embora o material de divulgação remita a exploração espacial como conquista da ciência e a técnica perante o obscurantismo religioso, na prática, o evento tratou de temas diversos dentre os quais a ciência assim entendida não foi sequer o principal. Com formato de congresso acadêmico, das doze exposições que tiveram lugar seis abordaram diretamente o ateísmo (a atualidade do movimento, a questão da existência de deus, os debates na Internet, e similares) e as seis restantes trataram de temas como a relação do ateísmo com o veganismo, o movimento Punk, e a literatura de Lima Barreto, da questão de gênero no cristianismo, e apenas uma tratou de um tema “científico”, precisamente, sobre a teoria da evolução. Assim ao tempo que uma imagética da ciência era utilizada para divulgar o evento, na prática, o conteúdo deste era bem variado podendo incluir, de fato, visões que são frontalmente opostas à narrativa iluminista do progresso frequentemente associada ao ateísmo.

Ora, se nem sempre a descrença é formulada em torno da oposição entre religião e ciência em sentido estrito, sim é possível afirmar que o ateísmo, em todos os casos, é defendido em nome da razão em tanto que capacidade humana e individual de pensar de forma autônoma. Neste sentido, a religião é identificada com a ignorância, a manipulação mental, a falta de senso crítico, o puro conformismo burro, enfim, com a recusa de observar a realidade tal qual é por pura preguiça ou por imaturidade emocional. Pelo contrário, os espaços ateístas procuram se identificar com o desenvolvimento de tal capacidade de pensamento, daí não apenas o interesse na divulgação científica, se não também na lógica e na filosofia bem como a valorização da leitura e do debate. O grupo que leva a cabo as COMAAFOR oferece uma síntese deste ponto.

Após alguns meses realizando as COMAAFOR eles passaram a se denominar, sobretudo nos ambientes virtuais, como “*ATeia da Razão*” e se identificam com a seguinte logomarca, que é criação original do professor.

Figura 18: Logomarca da "ATEia da Razão".



Fonte: <https://www.facebook.com/ateiadarazao/>



Paradoxal ou não, o mesmo relato bíblico oferece subsídios para uma postura semelhante com relação à fé. Afinal, “*quem come da árvore do conhecimento sempre acaba expulso de algum paraíso*”<sup>111</sup>. Assim, os ateus reivindicam como um valor e não como um pecado comer do fruto proibido da dúvida e do questionamento. A tentação, neste caso, parece ir no sentido contrário: o pecado está na preguiça de se questionar, no conforto das explicações fáceis, na condescendência das mentiras piedosas. Sabe-se que a ousadia do raciocínio independente traz sofrimentos e dificuldades, mas se o reivindica em nome da liberdade e do crescimento pessoal e coletivo. Trata-se de uma afirmação das capacidades humanas, que se sabem limitadas e falíveis, mas nunca insignificantes. Quando não há absolutos, transcendências nem paraísos, resta fazer o melhor uso possível daquilo que é tido como a faculdade principal do homem: a razão.

Figura 19: Imagem de apresentação do grupo Saganistas no Facebook parodiando uma representação de satã.



Fonte: <https://www.facebook.com/saganistas/>. Acesso: 02/02/2020.

<sup>111</sup> A frase, hoje popular nos meios virtuais, pertence a William Ralph Inge que, surpreendentemente ou não, era pastor anglicano.

Se a expulsão do paraíso é ligado ao uso da razão, o expulso mais famoso também o é. Como bem explicou o organizador do churrasco de ateus em São Paulo, “*a palavra satã em sua tradução do latim quer dizer ‘o opositor’ aquele que se opõe a algo*”. Assim como acontece com os ateus a único pecado do demônio foi o de se revelar contra deus e, como estes, sofre o estigma dessa ousadia. O mesmo descrente continua afirmando que “o satanismo nada mais é do que uma aversão ao cristianismo” ao ponto que o mesmo fundador da famosa igreja de Satã, Anton La Vey, era, na verdade, um ateu que apenas queria “*chamar a atenção e ganhar adeptos*”. No mesmo churrasco ouvi falar por primeira vez da “Marcha para Satanás” organizada pela filial brasileira dessa mesma instituição como inversão e paródia da multitudinária “Marcha para Jesus”. Com alguns ateus tentei assistir à edição de 2017, a ser realizado um domingo de janeiro pela tarde, na Avenida Paulista. Não encontrei a tal manifestação, que até onde tenho conhecimento, nunca aconteceu. Tal vez foi vontade divina, pois um dilúvio despençou sobre a cidade exatamente no horário marcado para o começo.

Figura 20: Ilustração do cartunista Carlos Ruas publicada no grupo de Facebook Mundo Ateu.



Fonte:

<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=1417895818251918&set=gm.1410956422249313&type=3&theater&ifg=1>. Acesso: 01/02/2020.

O mesmo organizador do churrasco possui um aprecio particular pela figura de Baphomet, de quem guarda uma estatueta. O objeto foi presente de um antigo colega de trabalho que, preso da confusão acima mencionada, o tinha tomado por satanista. De família evangélica, resolveu guardar a imagem no guarda-volumes do local de trabalho, embrulhada em papel de jornal, até o dia em que houve uma inspeção e esta foi descoberta. Conta que desde esse dia, os colegas passaram a ter medo dele, exceto um que continua sendo seu amigo e estava presente no churrasco, apesar de não ser ateu. Hoje em dia a estatueta continua escondida, numa gaveta da casa, a salvo do fervor evangélico da irmã. Ele afirma que não gosta *‘quando alguém discrimina o Baphomet’* sendo que *‘antes dessa fama ele era um símbolo usado pelos templários’*. Explica que a personagem *‘na verdade seria uma reverência ao cordeiro de deus, esculpido em algumas insígnias das armaduras dos cavaleiros’* e *‘após uma das sociedades ser acusada de heresia, os cavaleiros foram assassinados e o símbolo da cabeça de bode foi demonizada pela igreja e propagada como algo do satanás’*.

Transitando entre figuras do maligno, acrescenta que *“nas escrituras sagradas Lúcifer seria o anjo mais bonito e inteligente que deus criou, portanto numa interpretação mais correta seria a perfeição das perfeições, não um bode chifrudo mesclado com humanos”*. A partir disso, esboça uma interpretação original do mito bíblico. Para ele *“Satanás deveria ser um herói bíblico, pois nos trouxe o conhecimento”* e *“Foi lançado do céu apenas por questionar demais”*. Assim, na Bíblia mesma está escrito que *“sem o conhecimento vc fica a mercê de um deus que não vê e de suas ordens... como adão e eva... após ter adquirido o conhecimento através de satanás ele puderam fugir da ‘matrix’ e por isso foram punidos sendo expulsos do paraíso”*. Enfim, nada muito diferente da forma em que os ateus se veem a si mesmos vivendo numa sociedade fundamentalmente religiosa. A identificação com a figura de satã, ao menos como símbolo, é eloquente.



## 5 SOBRE A PRAXE ATEÍSTA

### 5.10 ROSTO VISÍVEL DO ATEÍSMO: O PROSELITISMO VIRTUAL

Se o ateísmo organizado foi abordado principalmente em função de suas ideias, é preciso apontar que se trata, em geral, de ideias expressas com intuito proselitista e dirigidas à polêmica com setores religiosos. De fato, o neoteísmo foi caracterizado como religião não apenas pelo conteúdo de suas ideias, mas também pela atitude militante que frequentemente as acompanha. Tanto no Brasil quanto alhures o novo ateísmo é conhecido pela insistência no ativismo antirreligioso, que lembra ao ânimo evangelizador de muitos cristãos. Expressões como “*ateísmo evangélico*” (GRAY, 2008; JOHNSON, REYNOLDS, 2010 *apud* GORDON, 2011) ou “*fundamentalismo ateísta*” (MCGRATH, MCGRATH, 2007; RUSE, 2009 *apud* GORDON, 2011) são ilustrativas a este respeito. Gordon, por sua vez, baseado sobre tudo nos escritos de Dawkins definiu o neoteísmo como um “*movimento de catequese ateísta*” e como “*um processo de “renovação carismática” ocorrendo no interior do ateísmo*” (GORDON, 2011, p. 12). Em todos os casos, é própria ideia de um ateísmo militante que se apresenta como autocontraditória (BAGGINI, 2003, p. 122 e seguintes.).

De fato, não é difícil encontrar manifestações de um tal ateísmo combativo, particularmente na Internet, que foi precisamente o foco das observações etnográficas dos trabalhos precedentes. As redes se mostram como a linha de frente do confronto com a religião e, ao mesmo tempo, o espaço onde os contornos religiosos do movimento se tornam mais nítidos. É na informalidade das mídias sociais que a narrativa de confronto entre fé e razão se torna mais maniqueísta, o endeusamento da razão mais obvio e o culto aos gurus do racionalismo menos pudoroso. É igualmente na volatilidade do mundo virtual que as posturas ateístas se mostram mais dogmáticas e menos tolerantes, esquecendo as precauções do método e da dúvida. É no relativo anonimato das interações virtuais que os ataques a religiões e religiosos chegam a ser mais diretos, o deboche mais ofensivo e a blasfêmia mais escandalosa. Ao mesmo tempo, é nestes espaços que o proselitismo é mais ostensivo e agressivo como se o propósito fosse apagar a religião da sociedade, ao menos do espaço público.

Nos meios ateístas este “espírito missionário” é, de fato, explícito. Tanto nas interfaces virtuais quanto nos encontros face a face os ateus frequentemente conversam sobre os devotos que conseguiram “desconverter”. Fazer um religioso duvidar de sua fé ou mesmo desistir desta é celebrado como uma vitória e muitos costumam levar uma contagem da quantidade de almas

(ou razões) que têm conseguido ganhar (ou perder, dependendo do ponto de vista). Não é infrequente que os ateus discutam entre eles sobre as diferentes formas de se aproximar dos religiosos: se revelar a condição de ateus desde o começo ou se fazê-lo após travar uma relação de confiança com eles, se tentar convencer através do confronto ou fazê-lo de forma “lenta, gradual e associativa” como recomendou um ativista que, por ter sido formado como sacerdote entendia de trabalho pastoral, se apontar aos religiosos mais radicalizados ou apenas aqueles que já têm dúvidas com relação à própria fé. Questões que, no fundamental, não são diferentes daquelas que se colocam em qualquer empresa missionária.

De todas maneiras, o trabalho que no cotidiano vital é realizado em pequena escala e com muitas reticências, nas redes constitui uma impronta de conjunto. É possível afirmar que o proselitismo ateu acontece, em primeiro lugar e sobre tudo, na Internet. Como bem têm mencionado as monografias precedentes, o ateísmo em tanto que movimento existe, em boa medida, em virtude da multiplicidade de sites, grupos, canais e perfis que se dedicam à difusão da descrença e o ceticismo no mundo virtual (FERNANDES, 2015; FRANCO, 2014; MOREIRA, 2014). Se múltiplas e bem diversas, estas iniciativas se distinguem entre si, precisamente, pela abordagem que fazem deste proselitismo, abordagem que não deixa de ter consequências em termos de popularidade. Com efeito, aqueles sites que conseguem se tornar mais conhecidos dentro (e inclusive fora) dos meios ateístas são, precisamente, os mais polêmicas e iconoclastas, os que menos se preocupam com a etiqueta de politicamente correto e que apelam antes ao golpe de efeito que à elaboração das reflexões.

Uma comparação entre as estratégias de comunicação da ATEA e da LiHS nas mídias sociais permite ilustrar bem esta diferença. Se a primeira é conhecida pelo caráter intencionalmente provocativo de suas postagens, a segunda mantém uma linha correta e sóbria, orientada antes à informação que ao entretenimento. A ATEA se fez conhecida pelas postagens informais e de consumo fácil, que debocham abertamente de religiões e religiosos, enquanto a LiHS publica textos e vídeos de conteúdo mais denso, acadêmico em ocasiões, que tanto evitam a ofensa e o desrespeito quanto exigem certo investimento de tempo e esforço de parte do internauta. As consequências da estratégia de comunicação em termos de popularidade são claras: enquanto a página de Facebook da ATEA contava, quando estava ativa, com 600.000 seguidores<sup>112</sup>, a da LiHS possui uma quantidade vinte vezes menor. Tal como sucede com a mídia em geral, a popularidade parece vir em detrimento da profundidade e a sutileza.

---

<sup>112</sup> Esta foi desativada em 22 de outubro de 2018 pelo próprio Facebook e por causas desconhecidas. Posteriormente foi reativada, para ser tirada do ar novamente em 6 de outubro de 2019. Fonte:

Destas abordagens diferencias derivam, igualmente, as críticas que cada associação recebe. Enquanto a ATEA é tida por fútil, infantil, intolerante e inclusive fundamentalista graças a sua política de comunicação agressiva, a LiHS é tildada de elitista, chata e paladina do politicamente correto por adotar a estratégia oposta. Apelando as representações gerais e estereotipadas que predominam nas redes sociais, se os ataques aparentemente gratuitos à religião da primeira são questionados por acentuar a imagem já negativa dos ateus e promover a intolerância, a segunda com toda sua moderação é acusada de promover um desserviço à causa, silenciando as vozes ateístas ao abonar a visão (muito estendida e religiosa em si mesma) de que crenças religiosas devem permanecer isentas de toda crítica. Em definitiva, se a primeira facilita às críticas ao movimento ao reproduzir os vícios das religiões, muito em particular o pentecostalismo, a segundo cede perante os privilégios destas, ao projetar a figura do ateu amigável que é também um ateu dócil e, principalmente, calado.

Na prática, as críticas cruzadas entre a ATEA e a LiHS não se limitam aos pontos assinalados, mas se ramificam em debates de longa data que não interessa apresentar em detalhe aqui. Este breve contraponto deixa clara, no entanto, uma questão central: quando se trata de atrair seguidores e dar visibilidade ao ateísmo, o recurso à polêmica e o deboche resulta, sem dúvidas, mais efetivo. Num contexto onde o alcance do movimento se mede em “curtidas”, “compartilhamentos” e “seguidores” este fato é facilmente mensurável e, por isso, inconteste. Segue-se daí que as iniciativas ateístas que, como a ATEA, optam por uma linha mais informal e irreverente, são as que se tornam mais conhecidas e, por isso, acabam respondendo pela imagem que o movimento como um todo tem perante o público. Se, em termos estritamente numéricos, é verdade que este é o estilo de ativismo ateísta virtual predominante, por motivos de precisão é preciso afirmar que o movimento é, na prática, bastante mais heterogêneo, existindo iniciativas ateístas que abertamente se opõem ao proselitismo ostensivo e agressivo considerado característico do neoateísmo.

A despeito das críticas, informantes ligados a ATEA consideram que o humor e a polêmica são os principais recursos com os que contam, como organização, para ‘*chegar às pessoas*’, e assim, ‘*ir plantando a sementinha da dúvida*’ nas mentes de muitos, que podem vir a se tornar descrentes no futuro. Aliás, quando o objetivo é ganhar destaque, não interessa se a “visualização”, o “compartilhamento” ou o comentário têm o objetivo de endossar o publicado ou de criticá-lo. Afinal, a estratégia de ativismo dá amostras de se basear antes em cálculo que

em ideologia. Quer dizer, entre as iniciativas que aspiram a se tornar conhecidas e recrutar o maior número possível de seguidores, o que se posta é basicamente aquilo que gera maior repercussão. Portanto, fora certa pauta bastante geral, não pode se dizer que haja uma filosofia orientando o conteúdo. Se a miscelânea de postagens acaba adquirindo certa configuração reconhecível, isto é antes efeito da economia própria ao mundo virtual que um projeto preconcebido. É neste sentido que abordar o movimento ateu contemporâneo a partir das ideias de seus vozeiros de vanguarda (que são também estrangeiros) é no mínimo parcial em se tratando do contexto local.

Na prática, e além da ATEA e da LiHS, entre ativistas encarregados da administração de páginas ateístas as discussões sobre estratégias de luta derivam invariavelmente em discussões sobre marketing digital. Do que se trata é de saber jogar conforme as regras deste universo, quer dizer, as regras do Google, do Facebook, do YouTube ou da plataforma que se utilize, um universo onde tudo está classificado e automatizado através de algoritmos de programação. Na prática, isto não é diferente para as associações ateístas que para qualquer empresa ou figura que se publicite através das redes. Em todos os casos, do que se trata é de “administrar” eficazmente grupos e páginas, de fazer um bom “gerenciamento” da própria imagem, de “produzir” conteúdos capazes de “captar a atenção do público” e conceitos similares. Nos casos em que isso é viável, se trata, inclusive de contratar serviços pagos para ganhar destaque nos motores de busca ou direcionar publicidade a um “perfil de usuário” desejado.

Ora, se entre administradores de páginas ateístas mais ou menos estabelecidas a discussão das estratégias de luta adota a linguagem dos negócios, entre ativistas em geral estas se aproximam de algo que poderia ser descrito como “guerrilha digital”. Entre ateístas são comuns as alusões a “roubos” de páginas<sup>113</sup>, roubos cujas motivações não são claras, mas se entendem associadas à quantidade de seguidores do endereço em questão. Também são habituais as alusões a denúncias em massa de publicações ou mesmo de páginas, que por vezes acabam sendo “derrubados” pelo Facebook. É política da plataforma, de fato, tirar do ar aqueles domínios ou “postagens” que recebem um número alto de denúncias, sem mediar nenhum tipo de análise do mérito destas. Uma forma de evitar ou minimizar este problema é, segundo os informantes consultados, a contratação de publicidade paga, já que a empresa evita prejudicar àqueles que lhes beneficiam economicamente. Assim, a contratação deste tipo de serviços não obedece só à lógica do marketing, mas também constitui uma estratégia de luta neste contexto.

---

<sup>113</sup> Durante o campo, participantes do antigo NASP e da APCE narraram episódios semelhantes.

De fato, as denúncias em massa são atribuídas à ação coordenada de setores religiosos, portanto, conseguir neutralizá-las é entendido como uma vitória e o contrário como uma derrota.

No mesmo sentido, não é incomum que páginas e grupos ateístas sejam administradas por usuários da rede que se apresentam através de um “perfil fake”, isto é, uma identidade falsa, precisamente devido ao grau de conflitualidade que impera nos ambientes digitais. Desta forma, a responsabilidade pelos tais domínios não pode ser atribuída a nenhuma pessoa reconhecível, evitando assim tanto demandas na justiça regular quanto ameaças a título pessoal (os informantes juram que intimidações, mesmo do morte, são habituais) ou mesmo a identificação do círculo de amigos e relações pessoais. Em outros casos, os tais “perfis fake” servem para tornar anônimos os ativistas em questão, em particular nos casos em que o círculo próximo de relações não está informado sobre o ateísmo do implicado ou quando, mesmo sabendo, pode se ofender pelo teor das publicações. Em outros casos, esta situação é resolvida não com um perfil falso, mas com “perfis alternativos”, isto é, duas ou mais contas que correspondem à identidade da mesma pessoa, mas estão ligadas a redes de contatos diferentes, de modo de segregar auditórios (GOFFMAN, 1956).

Aliás, a preocupação com a verdadeira identidade daqueles por trás das contas nas redes sociais é uma constante entre os ateus. Identidades falsas são associadas a uma maior impunidade e por isso a uma probabilidade maior de agressões gratuitas. No caso do grupo de Facebook da ATEA, por exemplo, é política recusar as solicitações de acesso daqueles perfis que “não parecem verdadeiros”. Com efeito, a solicitação da própria pesquisadora foi recusada num primeiro momento dado que um perfil com (então) poucos contatos e nula informação pessoal se mostrava duvidoso aos olhos dos moderadores. No meio, é sabido que há “infiltrados” nos grupos ateístas (inclusive sem perfis falsos), que entram apenas para semear a discórdia ou mesmo tentar “converter” ovelhas perdidas. Estes, por sua vez, são alvos particularmente cobiçados de desconversão: mais de uma vez durante os encontros tenho ouvido algum ativista se gabando de ter desconvertido algum religioso encoberto neste ou aquele grupo virtual de ateus. Naturalmente, ateus também costumam se infiltrar em grupos religiosos, com propósitos similares: criticar e ridicularizar as crenças alheias e, se não desconverter algum fiel pensante, ao menos gerar algo de caos.

Nesta atmosfera, assim como na Internet em geral, os conflitos são comuns e, via de regra, bastante acirrados, embora guardem graus variáveis de civilidade dependendo da “política” do espaço em questão. Aliás, há aqueles que optam por “excluir” o “banir” aqueles membros que se mostram pouco respeitosos ou desviantes da temática, enquanto outros optam

por um *laissez faire* mais ou menos selvagem. Também é frequente que os próprios participantes optem por sair voluntariamente após uma “treta” que os ofendeu particularmente ou os convenceu da inutilidade de continuar participando. Algumas destas discussões provocam verdadeiras sangrias de seguidores, mesmo a divisão de grupos e páginas, qual cisma religioso. De fato, um tema frequente de discussão entre ateus –cuja sociabilidade acontece sobre tudo no mundo virtual– são as próprias discussões: qual é o modo correto de argumentar na Internet, o que constitui um argumento válido e o que não, quais os limites das críticas e a tolerância às ofensas e do se sentir ofendido, quais temas são aptos a serem discutidos nesse contexto e quais não. Assim como acontece com associações e sites, a resposta que se dá a estas questões define o perfil do grupo e também a reputação que se adquire nos círculos ateístas.

Vale mencionar que os conflitos não surgem apenas onde se encontram ateus e religiosos, mas também entre os mesmos ateus<sup>114</sup>. Num e outro caso variam, no entanto, os temas que se discutem. Com efeito, a velha questão sobre se o ateísmo militante constitui ou não um fundamentalismo é um debate que os ateus empreendem frente a setores religiosos, aos que costumam imputar a mesma falta. Neste sentido, o principal questionamento feito ao ateísmo militante por parte daqueles fiéis que se veem ofendidos com suas práticas coincide, no fundamental, com aquele dirigido pelos cientistas sociais que têm abordado o movimento. Entre ateus, onde é consenso que o ateísmo não constitui religião muito menos fundamentalismo, as disputas essenciais tendem a se centrar na questão de como definir esse ateísmo aos fins do movimento (vide capítulo seguinte) e, como já se mencionou, sobre as formas e limites da praxe militante.

## 5.2 A CEIA NÃO SANTA: O MOVIMENTO ATEÍSTA ALÉM DAS REDES

Quando se trata de debater sobre a praxe do movimento, um dos pontos em discussão é aquele da suficiência das interações virtuais e da pertinência (ou não) de criar espaços de encontro presencial. Embora as possibilidades oferecidas pelas novas tecnologias sejam amplamente valoradas, há aqueles que reivindicam a necessidade de espaços de socialização direta para a construção do movimento. Seja para aproximar aqueles que compartilham as dificuldades da condição de descrentes, seja para coordenar ações de luta que vão além das

---

<sup>114</sup> Com efeito, não há apenas grupos ou páginas exclusivamente ateístas ou exclusivamente religiosas (na autodefinição, ao menos), mas também inúmeros espaços destinados ao debate entre ateus e religiosos ou outros que acabam se convertendo em arena destas discussões, mesmo sem estar destinados a este público exclusiva ou prioritariamente.

redes, ou como mero ato político de afirmação da existência pública dos ateus, o fato é que uma fração daqueles que se apresentam como ateus no mundo virtual participam fisicamente de eventos abocados à celebração, articulação e afirmação desta mesma descrença. Nisto, novamente, a analogia com o acionar religioso se faz bastante evidente: se trata, afinal, de reuniões de pessoas cujo único vínculo é a *falta de fé* e que de outro modo muito provavelmente não teriam se encontrado. Em outras palavras, se trata de reuniões de indivíduos que entram em contato se não por uma profissão de fé comum, pela comum oposição às profissões de fé.

Ora, embora os encontros de ateus tentem evitar a semelhança com as reuniões de culto (ou tal vez por este motivo) o fantasma da religião costuma pairar sobre elas, de uma forma ou outra. Se tem um elemento que as caracteriza –e aqui é possível arriscar uma generalização, ao menos no que respeita ao trabalho de campo levado adiante– é a aproximação a contextos e momentos de lazer e distensão. Os encontros de ateus são rigorosamente informais e descontraídos, pouco pautados e sempre acompanhados de comidas e bebidas, dentre as quais destaca, indubitavelmente, a cerveja. Alguns destes eventos, como o Bar dos Hereges (posteriormente renomado Encontro Ateísta) são oficialmente realizados em bares enquanto outros adotam a forma de piqueniques ou churrascos. Este, aliás, não é um fato novo, Minois em sua História do Ateísmo afirma que desde a idade média a taberna, como espaço de vida dissoluta, rivaliza com a igreja, sendo local de encontro de descrentes e de propagação de ideias ateístas (MINOIS, 2014, p. 330). Em qualquer caso, não é difícil ver este enquadramento dos eventos ateístas como uma tentativa bastante explícita de oposição à gravidade e ritualização dos cultos religiosos, em particular os cristãos.

Mesmo que seja por inversão, os paralelismos e piadas sobre a religião estão sempre presentes, o que não faz se não colocar de manifesto a religião mesma. Tal vez a síntese mais cabal desta associação sejam as paródias da última ceia que são recorrentes nos meios ateístas, e não apenas no Brasil. No Facebook da ARCA é possível encontrar duas destas imagens, realizadas durante as reuniões de Rio de Janeiro e Fortaleza, respectivamente, e ambas utilizadas como apresentação da página em diferentes momentos<sup>115</sup>. Em si mesmas bastante explícitas, estas imagens superpõem a sacralidade da cena bíblica com a banalidade proposital dos encontros de ateus. Se a célebre pintura remete à gravidade e continência dos lugares de culto, o deboche ateísta não faz se não mostrar a leveza do encontro terreno entre amigos. Ora,

---

<sup>115</sup> Por esse motivo, se trata de imagens públicas.

em ambos os casos, há um elemento em comum entre o original sacro<sup>116</sup> e a heresia ateísta: a mesa, recheada de comida e bebida é um elemento constitutivo de uma e outra.

Figura 21: Paródia da última ceia realizada durante uma COMAARJ e datada em 30/04/2016.



Fonte: <https://www.facebook.com/arcateus/photos/a.499984686866820/499933840205238/?type=3&theater>. Acesso: 23/10/2019.

Figura 22: Paródia da última ceia, realizada durante uma COMAAFOR e datada em 05/04/2017, atual banner central da página de Facebook da ARCA.



Fonte: <https://www.facebook.com/arcateus/>. Acesso: 23/10/2019.

<sup>116</sup> Uma das tantas imagens da famosa pintura pode ser encontrada aqui: <https://fineartamerica.com/featured/22-the-last-supper-leonardo-da-vinci.html>. Acesso: 23/10/2019.



Na segunda imagem, é possível observar o grupo de ateus de Fortaleza em torno de uma mesa servida e vestida com um pano branco. O encontro é habitualmente realizado no salão de festas do prédio onde mora uma das organizadoras, quem como anfitriã se encarrega de detalhes como esse. O pano branco que costuma colocar sobre a mesa tem se convertido ao mesmo tempo em marca distintiva da reunião e motivo de piadas entre os presentes, que o associam a sessões de espiritismo. Durante minha primeira visita a Fortaleza, ajudei a organizadora a arrumar o salão para a reunião. Uma vez terminados os preparativos, ela mesma observou, em tom de brincadeira, que a mesa branca parecia preparada para uma sessão espírita e que as entidades já podiam descer pois estava tudo pronto. A brincadeira se repetiu várias vezes ao longo da noite, geralmente provindo dela mesma. Durante a reunião, a humorada se estendeu à pesquisadora mesma. Como costuma suceder durante o campo, os presentes repararam no trabalho que eu tinha me dado de anotar tudo no meu caderninho. A mesma organizadora brincou, para graça de todos, de que eu estava “psicografando a reunião”. As analogias seguiram notando minha blusa ampla e branca e a postura supostamente similar à do Chico Xavier na hora de escrever. Inclusive tiraram fotos de minha postura e concentração quando estava “psicografando”.

Figura 23: Eu "psicografando" a VIII COMAAFOR.



Fonte: Fotografia tomada espontaneamente pelos próprios participantes.

Humoradas que associam os encontros ateístas a cultos religiosos são comuns também em outros espaços. Por exemplo, o convite para a 15º COMAAFS (Confraternização de Ateus e Agnósticos de Feira de Santana) foi enunciado da seguinte maneira: “*Gente, o cara ao centro da mesa tem prazer de convidar todos os baianos para a confraternização de ateus. Que Darwin os abençoe. Não esqueçam os 10%, é pra obra do garçom*”<sup>117</sup>. O “cara ao centro da mesa” era, ao mesmo tempo, Jesus e um dos ateus da confraternização carioca, pois a imagem comemorativa era a paródia da famosa pintura de Da Vinci apresentada acima. Ora, se na apresentação da COMAARJ se associa a propina do garçom ao dízimo, o 30º Bar dos Hereges se anunciava como um encontro de “*Ateus e Agnósticos reunidos em adoração a cerveja!*”<sup>118</sup>. A imagem usada como distintivo deste evento fala por si mesma, condensando referências ao bar e à ciência, dois polos de oposição ao universo religioso.

Figura 24: Imagem distintiva do Bar dos Hereges / Encontro ateísta



Fonte: <https://www.facebook.com/encontroateista/>. Acesso: 04/11/2019.

Para além de piadas e brincadeiras, por vezes os mesmos participantes questionam o parecido dos seus encontros com “reuniões de igreja”. Nas conversas iniciais entre os ateus que iam chegando na 8º COMAAFOR, entrou em discussão a possibilidade de se marcar o evento num bar, onde –alguém opinou– haveria mais convocatória e seria mais divertido. Este parece ser um tema de reflexão recorrente, pois a organizadora do evento voltou ao assunto outras vezes durante o final de semana. Aparentemente, uma de suas preocupações é evitar a descaracterização do grupo, por isso mantém o formato baseado em apresentações sobre um tema predefinido e sempre afim ao ateísmo, com um espaço posterior para discussão. A proposta de certa forma similar à de um congresso acadêmico exige um local apropriado, e por isso as

<sup>117</sup> Fonte: <https://www.facebook.com/events/1824480817838197/>. Acesso: 25/10/2019.

<sup>118</sup> Fonte: <https://www.facebook.com/events/1708647999375554/>. Acesso: 25/10/2019.

reuniões são realizadas no salão de festas do prédio onde mora, um espaço que é ao mesmo tempo privado e tranquilo. Mesmo reconhecendo que é esse mesmo formato que levanta críticas, não possui planos de mudança. Ela não quer a COMAAFOR se torne apenas um encontro de amigos que se reúnem conversar sobre qualquer coisa.

Ora, mesmo sendo precisamente essa a norma entre os ateus, os paralelismos e comparações com a vida religiosa surgem de todas maneiras e nem sempre com sentido pejorativo. Por exemplo, o rapaz que tinha assumido a organização do churrasco de ateus em São Paulo explica sua iniciativa através de uma comparação com “*as religiões e os crentes*” os quais, apesar de todas as críticas que se lhes fazem, têm algo que falta aos ateus: “*ORGANIZAÇÃO e FRATERNIDADE*”. Ele entende que ateus, por muito tempo têm estado sozinhos e que “*somos uma minoria que tenta se bater e que estamos saindo dos nossos armários*”. Para ele, é “*hora de dar um pontapé nisso*”, “*hora de falar*”<sup>119</sup> e por isso decidiu tomar conta da organização do encontro. Relata que a ideia partiu dele mesmo e amadureceu durante dois anos no grupo de WhatsApp do qual participa junto com outros ateus “*espalhados pelo Brasil*”. Aliás, o propósito do evento era o de proporcionar a oportunidade de se conhecerem pessoalmente após tanto tempo de interação virtual.

Estes paralelismos realizados pelos mesmos nativos, bem como a claríssima explanação de propósitos do ativista paulistano sugerem, uma vez mais, que os encontros de ateus se apresentam como um equivalente do espaço comunitário oferecido pelas igrejas. Como já foi apontado, a maior parte dos descrentes que comparecem a estes encontros tiveram uma trajetória religiosa de importância, sobre tudo em espaços cristãos. No caso típico, isto implicou o estabelecimento de vínculos significativos com os irmãos de fé e a convivência cotidiana em espaços religiosos. Dos relatos biográficos se desprende, de fato, que ‘ir à igreja’, muito mais que a assistência aos cultos, significava todo um contexto de socialização e um marco de sentido que, quando desaparece, deixa um vácuo difícil de ser preenchido. Assim, se opção pelo ateísmo pode ser entendida como a opção pelo corte das redes religiosas (BLANES, OUSTINOVA-STJEPANOVIC, 2015), a criação de espaços de socialização entre ateus pode facilmente ser vista como uma tentativa de criar redes análogas entre descrentes.

Tal vez o relato que melhor reflete a centralidade dos espaços de socialização religiosos seja o do engenheiro de passado batista que participa das COMAAFOR. Ele contou que durante o período em que foi amadurecendo sua postura ateu ainda considerava a igreja como ‘*algo*

---

<sup>119</sup> Conversa de WhatsApp do dia 8 de novembro de 2016. Os destaques pertencem ao original.

*bom a pesar de estar fundada em erros*’ e continuava frequentando *‘a causa dos amigos*’. Mesmo ao mudar de cidade para fazer faculdade, continuou assistindo *‘como sempre tinha feito*’, foi com o tempo que percebeu que *‘sem as amizades*’ esta *‘não significava nada*’. Foi após este esvaziamento que ele se tornou não apenas ateu, mas militante. Aliás, nas narrativas vitais é relativamente frequente a alusão à manutenção da assistência à igreja mesmo após a quebra da fé e do descrédito das cosmologias religiosas. Não é infrequente que o vínculo com os irmãos do fé seja o último que se perde da fé e o mais difícil a perder.

No mesmo sentido pode ser entendido o relato de outro participante da mesma reunião quem, para surpresa de todos, se declarou ateu e também maçom. Questionado pelos pares que associavam a maçonaria a uma religião –em função da crença num ‘princípio criador’ – o rapaz se esforçou por explicar suas razões. Entre uma série de motivos altruístas e abstratos, declarou que participa da maçonaria *‘pela irmandade*’, já que ao não participar da igreja *‘não tinha grupo*’. Acrescentou ainda que graças à *‘irmandade universal*’ dos maçons ele não fica desamparado em nenhum lugar do mundo, já que outros maçons o ajudariam em caso de dificuldade. Perante este relato, o Professor saiu em auxílio do colega, destacando que esta busca por um grupo é compreensível e algo *‘humano*’ pois *‘ateus também precisam socializar*’. Destes relatos se desprende que o modelo de sociabilidade emprestado pelas igrejas ocupa um lugar central, ao ponto que quando falta, tende a ser emulado antes do que abandonado em prol de outros quadros de referência.

Os modos em que acontece o desligamento dos quadros religiosos e as dificuldades que apresenta é bem retratado, aliás, pelas histórias de desconversão, que os ateus estão sempre bem dispostos a contar durante seus encontros. Em quase todos os encontros aos que tenho assistido os presentes espontaneamente se dispuseram a compartilhar suas experiências religiosas e de afastamento da religião. Tal vez este empenho tenha se devido à presença da pesquisadora, mas o fato é que quase todo mundo tinha uma história para contar, bem como interesse em ouvir as histórias dos colegas. Nestas narrativas, era colocada especial atenção no relato das dificuldades e percalços sofridos no processo de afastamento da religião, aspectos que despertavam a solidariedade dos colegas e eram celebrados como uma sorte de provações da firmeza da descrença. Não é difícil observar nesta dinâmica o parecido de família com a prática do “testemunho” da fé entre diferentes grupos religiosos<sup>120</sup>. Na miríade de denominações cristãs não é infrequente que os cultos reservem certos momentos ao

---

<sup>120</sup> Por exemplo em Nelson (1985).

compartilhamento das estórias de conversão que são mais valoradas quanto maiores os obstáculos vencidos no caminho.

Nos capítulos anteriores tem se mencionado várias destas estórias, entre as quais a do organizador do churrasco em São Paulo, quem contrastava a sua própria vida como ateu com a do irmão que ‘virou crente’ (ver relato em 3.3). Embora o paralelismo tenha sido feito a fim de ilustrar um ponto de vista moral, considerando o relato globalmente é possível afirmar que tais estórias (tal como contadas pelo próprio ateu) são inversas, porém simétricas. De um lado, o irmão que após ter sido criminoso descobre a fé e hoje peregrina entre igrejas dando testemunho de sua estória. Do outro, o ativista que tendo levado sempre uma vida correta, se definiu ateu após a experiência e o estudo de várias religiões e conta sobre isso ao pequeno grupo de semelhantes que conseguiu reunir. Se a intenção do narrador foi marcar o contraste, subjaz o fato de que fazer pública a própria estória (ir)religiosa se apresentava como significativo tanto num contexto, quanto no outro e por motivos análogos: dar testemunho dos obstáculos e percalços que se apresentaram no caminho e da certidão do ponto de chegada.

Assim colocados os relatos de desconversão põem de manifesto as muitas resistências que a rejeição da religião apresenta no Brasil e celebram os momentos de iluminação e fortaleza em que se conseguiu fazer frente a estas. Em geral, os ateus tendem a se apresentar nos relatos como uma espécie de cruzados da descrença, lutando praticamente sozinhos contra um entorno que exerce sérias pressões em favor da pertença religiosa. As estórias pontuam como os descrentes lidam com o peso do estigma e a sombra constante do preconceito, qual seguidores de um novo culto perseguido. Logicamente, a situação do descrente se torna mais complicada quanto mais próximos e significativos são aqueles a reprovar a descrença. Se o ateísmo pode ser entendido como um corte nas redes religiosas, deve ser apontado que, ali onde as redes são além de religiosas familiares, laborais, de amizade ou outro tipo, o corte tende a ser parcial e a dar lugar a todo tipo de compromissos e acomodamentos<sup>121</sup>.

Ora, se os encontros de ateus podem ser entendidos como espaços de socialização quase-religiosa, os esforços que os fazem possíveis são dificilmente compreensíveis sem algum tipo de motivação do mesmo tipo. Com efeito, a tarefa de organizar os eventos ateístas é geralmente assumida como uma iniciativa pessoal por um ou uns poucos indivíduos que

---

<sup>121</sup> Tais compromissos e acomodamentos, bem como as estórias de desconversão em geral mereceriam um estudo detalhado e específico que não é possível realizar aqui. O tema permanece como um horizonte para a continuação da pesquisa no futuro.

investem uma quantidade considerável de tempo, trabalho e inclusive dinheiro próprios sem um retorno aparente. De fato, o esforço investido em prol do ateísmo não oferece ganhos financeiros, apenas dispêndio, assim como não mostra benefícios perceptíveis em termos de prestígio ou de poder, a julgar pela convocatória, sempre marginal e esporádica (como os eventos mesmos). Por definição, também não oferece benefícios ultraterrenos: o trabalho pelo ateísmo não promete salvação, nem redenção, nem vida eterna. Apesar disto, pelo empenho que se coloca, e a gratuidade deste, o esforço realizado se assemelha àquele feito em nome de uma vocação, missão ou chamado que, apesar de tudo, não tem como ser de origem divina (WEBER, 2003).

O caso do churrasco em São Paulo ilustra bem essa entrega. O evento foi realizado por iniciativa espontânea (sem mediar uma organização ou projeto maior) de um único ativista quem levou adiante todos os preparativos praticamente sozinho. Ele se ocupou de marcar uma data, reservar o local, fazer as compras necessárias e, inclusive, preparar a comida. Assim mesmo, se encarregou de divulgar o evento nas mídias sociais e cuidou de manter contato com os interessados para avisar dos detalhes e possíveis problemas no transporte. Teve ajuda parcial do irmão e de uma prima, mas o peso do trabalho recaiu principalmente nele, assim como os custos, que financiou graças a seu negócio de entregas<sup>122</sup>. Em aras da precisão é necessário dizer que ele pediu uma colaboração aos participantes, mas esta foi apenas para reduzir a carga financeira e não para cobri-la. E é preciso dizer que o churrasco esteve belamente servido e o evento foi pensado até nos mínimos detalhes, apesar dos recursos limitados e de alguns contratempos<sup>123</sup>.

Ora, este tipo de investimento pessoal não é um caso isolado no movimento ateu brasileiro. Já foram mencionadas as COMAAFOR, onde a organização dos encontros recai maiormente sobre uma única mulher, que facilita até mesmo o espaço físico. Embora o convite especifique que os comes e bebes devem ser aportados de forma cooperativa pelos presentes, na prática é ela (ao menos era na época do trabalho de campo) quem aporta a maior parte dos itens, preocupada pelo sucesso do evento que é praticamente um empreendimento pessoal. Aliás, a ideia de realizar os encontros de ateus Fortaleza partiu dela mesma, após saber de

---

<sup>122</sup> Possui uma pequena empresa de entregas em motocicleta, no jargão popular um negócio de “motoboys” da qual se orgulha muito. A pesquisadora foi considerada convidada de honra no churrasco e, por isso, impedida de colaborar.

<sup>123</sup> Com efeito e como já se apontou, o encontro devia acontecer um semana antes, porém o dono do restaurante onde iriam se reunir cancelou a reserva ao saber que se trataria de um evento ateu o que obrigou à procura de um novo espaço. Alguns participantes, em particular aqueles que viriam de outras cidades, acabaram desmarcando devido a isso (ver subtítulo 2.5, p.47).

reuniões similares em outras cidade. Ela conheceu o trabalho da ARCA navegando por sites ateístas na Internet e, prévio contato com os administradores, resolveu iniciar a organização das Confraternizações Mensais de Ateus e Agnósticos característicos da associação na cidade onde mora. Para tanto, a ARCA colabora com a divulgação através dos seus veículos virtuais e determina o nome (COMAA mais a sigla da cidade correspondente) porém, a organização concreta do evento corre sempre por conta de quem se faz responsável localmente.

De modo similar, o Bar dos Hereges (redenominado Encontro Ateísta) depende principalmente dos esforços de um único ativista que assume a maior parte do trabalho. Se bem recebe ocasionalmente ajuda financeira a fim de veicular anúncios pagos no Facebook (outras vezes aporta dinheiro do próprio bolso), na prática, cuida do conjunto da organização em solitário. Ele se encarrega da página no Facebook, de elaborar os anúncios (os encontros são mensais), bem como de contatar e fazer as reservas correspondentes no bar onde será realizado cada encontro (o local muda mês a mês, assim como o bairro da cidade) e está presente em todos eles, afim de receber aos que chegam e cuidar que tudo aconteça sem contratemplos. Chega a pagar parte da conta do que se consume com o próprio dinheiro quando os participantes vão embora sem cancelar a totalidade do saldo, bem como responde ele mesmo em caso de desentendimento com o estabelecimento.

Ora, o que vale para os eventos é válido também para os grupos e associações que contam com uma existência mais ou menos estável. É possível afirmar, inclusive, que qualquer iniciativa ateísta –seja ocasional, seja duradoura ou com intenções de sê-lo– depende do esforço de um ou uns poucos indivíduos cujo engajamento pessoal é tão grande quanto indispensável. Mais ainda, costuma se tratar de projetos que foram iniciados por uma ou umas poucas pessoas, por iniciativa própria e de forma totalmente voluntária. Novamente, não é difícil ver aí projetos inspirados num chamado a missão quase-religiosa, a julgar pelo sacrifício das lideranças, sorte de empresários morais que investem por convicção e sem perspectivas claras de ganhos. Embora –parafrazeando um famoso poema<sup>124</sup>– o ateísmo ‘nada tenha a oferecer’ se faz merecedor de esforços notáveis.

Exemplos deste tipo de compromisso abundam no meio ateísta. A Associação Brasileira de Ateus e Agnósticos foi fundada por três pessoas, Alfredo Spínola (advogado, recentemente falecido), Maurício Palazzuoli (biólogo) e Daniel Sottomaior (engenheiro civil),

---

<sup>124</sup> Trata-se do poema “*Atheism is*” de Richard Coughlan, que é conhecido nos meios ateístas e foi traduzido a vários idiomas, incluindo o português. O texto pode ser lido em vários sites, entre eles: <https://www.betterthanfaith.com/videos/atheism-is-by-richard-coughlan>. Acesso: 12/11/2019.

mas é este último que exerce a presidência e assume o papel de rosto visível. A LiHS, por sua vez, foi fundada por um antigo associado da ATEA, Eli Vieira (biólogo), quem descontente com o trabalho desta, decidiu criar uma nova associação com uma proposta diferente. A situação da Associação Ateísta do Planalto Central é similar, já que foi fundada por uma professora de história aposentada que, até o dia de hoje, se ocupa pessoalmente de praticamente todos dos afazeres ligados a organização e que, na prática, não é distinguível desta. Aliás, as imputações cruzadas de personalismo são frequentes nos sempre animados debates virtuais entre ateus, e a verdade seja dita, em boa parte das iniciativas ateístas há ao menos uma liderança que destaca ao ponto de imprimir sua marca pessoal ao projeto.

O caso da “A Teia da Razão” é particularmente ilustrativo da entrega de muitos destes líderes e da medida em que os projetos que empreendem são assumidos como uma missão pessoal. A ATR foi iniciada como um grupo de WhatsApp por um ativista cearense que, para tanto, procurou membros em outros grupos de ateus já existentes. Ele definiu a política com que se administra o grupo (quem pode participar, a quem se concedem “privilégios de administrador”, os motivos para a exclusão de um membro entre assuntos similares), o tipo de conteúdo admitido nas postagens, bem como o nome e a logomarca, que ele mesmo desenhou. Quando, durante uma COMAAFOR, ele propôs uma fusão dos coletivos (a COMAAFOR existe tanto nos encontros mensais quanto num grupo de WhatsApp), o fez sob a condição de que o nome e a identidade visual –das quais se orgulha muito– fossem mantidas. Questionado pelos pares na hora de defender sua proposta, não ocultou o envolvimento pessoal no projeto, bem como o intuito de destacar como liderança.

Se os empreendimentos ateístas parecem, por vezes, obedecer a uma inspiração de tipo religioso não é incomum que os próprios envolvidos nesses projetos comparem sua missão com a dos líderes religiosos. Com efeito, nas discussões sobre as dificuldades da gestão cotidiana das organizações, grupos ou página ateístas, são comuns os contrastes com a situação de igrejas e similares. Sobre tudo no que tange aos aspectos materiais da existência do movimento, a situação a todas vistas precária do ateísmo é comparada ao poderio econômico, social e político das igrejas, em particular evangélicas. Os articuladores do movimento sabem que nunca conseguirão arrecadar tanto dinheiro, nem conseguir tantos seguidores quanto estas, assim como sabem que nunca conseguirão convencer juizes, nem lançar políticos como o fazem os setores religiosos mancomunados. É em função desta desproporção de poderes que eles estimam seus recursos e definem suas estratégias, que serão sempre as estratégias de uma



minoria, e de uma minoria que fica definida, assim, como *religiosa* (MONTERO; DULLO, 2014).

Isto se fez evidente nas conversas em torno da mesa do 31º Bar dos Hereges, que reuniu alguns ativistas de longa data, a saber, um dos membros fundadores do NASP também envolvido nas primeiras edições do Bar dos Hereges, o diretor executivo da ATEA, e o organizador mesmo do evento, também participante do antigo NASP. Um tema que permeou as conversas durante o encontro todo foi a da escassez de dinheiro, principal obstáculo ao ativismo ateu sério. O colaborador da ATEA, em particular, explicou aos colegas que fazer militância custa dinheiro: os processos custam, as campanhas custam, os eventos custam. Inclusive, é necessário pagar ao FB para não ter os próprios posts ou mesmo as páginas ou grupos banidos quando acontecem denúncias em massa (que se atribuem a setores evangélicos). Enquanto os líderes religiosos arrecadam facilmente grandes somas através do dízimo e práticas similares, o dinheiro que eles conseguem a título de doação —principal fonte de ingressos com a que contam— é mínima desde todo ponto de vista, e por isso exige um uso racional.

Em termos de convocatória, a situação é similar. Se os ateus são uma minoria no Brasil, os ateus que se interessam pelo movimento e se associam às instituições que os representam são uma minoria dentro desta minoria<sup>125</sup>. Por sua vez, dentre os que resolvem se associar à ATEA ou à LiHS, aqueles que de fato se disponibilizam como voluntários são poucos, e muitas vezes instáveis. A dificuldade é conseguir colaboradores comprometidos e perseverantes no trabalho, sobretudo quando o orçamento é insuficiente para contratar um staff pago. O site da ATEA deixa isto claro logo na tela de boas-vindas da área do associado, com a seguinte mensagem, escrita em caracteres vermelhos:

Quer colaborar com trabalho voluntário? A maioria dos trabalhos pode ser feita em casa e online.

Muitos(as) associados(as) empolgados(as) por encontrarem a ATEA, se colocam à disposição no início, mantêm contato com a diretoria executiva, assistem os vídeos de treinamento, e até começam a realizar algumas atividades, mas depois de poucos dias (ao perceberem que o trabalho é diário, sério, de extrema responsabilidade e não um passatempo) desaparecem. Isso se torna muito desgastante para a equipe de voluntários, que já dispõe de pouquíssimo tempo para acompanhar e treinar os iniciantes. Devido a falta de voluntários comprometidos, os poucos que atuam fazem o máximo que podem, priorizando as tarefas administrativas mais importantes. Todos que trabalham na Atea conciliam seus empregos e trabalhos para atender as

---

<sup>125</sup> Segundo o presidente da ATEA, a associação possui 20 associados por cada 700 fãs nas redes sociais em proporção exata. A informação é de julho de 2017.

demandas da associação, geralmente sacrificando horas e horas que poderiam estar dedicando às suas famílias, lazer e descanso<sup>126</sup>.

O contraste com as igrejas não poderia ser mais claro. Estas arrebanham multidões para seus templos, não possuem problema algum em recrutar voluntários e ainda são gerenciadas por um quadro de funcionários pagos. É em vistas destas desproporção que a ATEA define sua estratégia de luta, optando por focar nas mídias sociais e no ativismo jurídico. Esta abordagem visa maximizar os escassos recursos disponíveis, que não permitem a realização de ações mais contínuas, encontros, eventos ou campanhas publicitárias, como já se fizeram no passado. A juízo da diretoria, é na divulgação agressiva via Internet e nos tribunais que têm as maiores chances de gerar alguma mudança social digna de nota. Através das redes é possível chegar a um grande número de pessoas, prescindindo da presença física e evitando as dificuldades da organização de eventos. Do outro lado, denunciando os casos de discriminação contra descrentes e de violações à laicidade estatal se espera estar cooperando na gestação de uma sociedade mais aberta e tolerante.

### 5.3 A INTERFACE COM O ESTADO: O ATEÍSMO COMO MINORIA RELIGIOSA

Ora, em sua atuação perante a justiça a ATEA se apresenta explicitamente como organização *religiosa*. É em qualidade de tal que ela se habilita a mover processos conforme os procedimentos da Ação Civil Pública regulamentados pela lei 7347/85<sup>127</sup>. Esta indica que, para ser capaz de propor ações em matéria de religião é necessário que o requerente tenha entre seus objetivos institucionais a proteção “*dos direitos de grupos religiosos*”. *Quer dizer, aquele que é considerado o trabalho sério da principal entidade ateaista do país é explicitamente realizado em nome de uma categoria populacional definida como religiosa*. Estas ações procuram defender os ateus, agnósticos e seus afins em casos de discriminação ou intolerância e, mais frequentemente, denunciar casos de instrumentação religiosa do Estado. Considerando a lista de ações iniciadas no ano de 2017, estas referem principalmente ao uso de recursos e espaços públicos para fins religiosos e à realização de cultos ou rezas em dependências do Estado<sup>128</sup>.

---

<sup>126</sup> Extraído da área de associado da ATEA: <https://www.atea.org.br/registro/index.php>. Data de acesso: 15/11/2019.

<sup>127</sup> O texto da lei pode ser consultado em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L7347orig.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L7347orig.htm). Acesso: 22/11/2019.

<sup>128</sup> O listado dos processos iniciados em 2016 pode ser consultado em: <https://www.atea.org.br/associacao/realizacoes-da-atea-em-2017-ativismo-juridico/>. Acesso: 22/11/2019.

Considerando que a maior parte (se não todas) as ações empreendidas referem a irregularidades cometidas por parte do Estado, a associação por vezes opta por realizar representações perante o Ministério Público em lugar de mover Ações Cíveis Públicas por conta própria. Neste caso, é o MP que se encarrega de conduzir as investigações e, de serem procedentes, prosseguir com o processo correspondente. A opção por uma ou outra via é uma questão estratégica e depende de uma avaliação das possibilidades de sucesso, mas o conteúdo dos processos permanece o mesmo. Se trata sempre de denunciar episódios de utilização do Estado em favor de uma determinada confissão ou segmento religioso, via de regra cristão. Em não poucos casos, se entende que este favorecimento constitui, ao mesmo tempo um ato de discriminação contra os descrentes, assim como contra qualquer outro segmento religioso excluído do acordo. Aqui, no entanto, não é necessário o enquadramento do requerente como entidade religiosa, pois “qualquer cidadão pode representar ao Ministério Público” assim como “as pessoas jurídicas, entidades privadas, entidades de classe, associações civis e órgãos da administração pública”<sup>129</sup>.

A ATEA não é a única a realizar ativismo judiciário neste sentido, a LiHS –que também conta com constituição formal– desenvolve uma atividade similar, embora em menor escala<sup>130</sup>. A entidade realiza, basicamente, representações perante o Ministério Público e pedidos de participação como *amicus curiae* em processos junto ao STF<sup>131</sup>. A atuação mais notória foi no julgamento de Ação Direta de Inconstitucionalidade nº 4439 que decidiu sobre a constitucionalidade do ensino confessional nas escolas públicas. A associação realizou uma campanha de arrecadação de fundos para levar o advogado Tulio Vianna à audiência pública realizada em setembro de 2017, quem fez sua arguição junto a vários outros “amigos da corte” maiormente entidades confessionais. Logicamente, a postura da LiHS foi contra o ensino de religião na rede pública, ao igual que a postura da ATEA, quem também tomou parte no processo.

Não é apenas na justiça que o ateísmo se enquadra (explicitamente ou por defeito) entre as religiões ao tratar com o Estado. Também o faz ao tomar parte nos diversos comitês,

---

<sup>129</sup> [Http://www.mpf.mp.br/rj/servicos-1/copy\\_of\\_perguntas-frequentes/o-que-e-uma-representacao](http://www.mpf.mp.br/rj/servicos-1/copy_of_perguntas-frequentes/o-que-e-uma-representacao). Acesso: 23/11/2019.

<sup>130</sup> A ATEA não considera a LiHS uma associação ateuista, pois esta não se apresenta como tal, mas sob a bandeira do humanismo secular. Porém, dada a afinidade entre os objetivos de ambas, as duas foram aqui consideradas entidades destinadas a nuclear descrentes, entendidos em sentido amplo.

<sup>131</sup> A ATEA também solicitou o ingresso como *amicus curiae*, porém não dá a esta modalidade de ação o mesmo destaque que a LiHS. No ano de 2017 o fez o próprio no processo correspondente à Ação Direta de Inconstitucionalidade contra o estudo da bíblia em escolas estaduais do Rio de Janeiro.

conselhos ou fóruns destinados a promover e proteger a diversidade de culto que têm surgido a nível federal, estadual e inclusive municipal nas últimas duas décadas. Descrentes tomam assento nestes espaços junto a representantes dos mais diversos cultos e denominações, colocando-se assim, como *parte* do sempre heterogêneo cenário religioso do país. Não apenas os ateus e agnósticos (como sempre, entendidos em sentido amplo) se apresentam aqui como uma minoria religiosa a mais em busca de aceitação e tolerância, se não que estas constituem uma das poucas situações em que é possível encontrar descrentes agindo como tais de maneira oficial e pública. Que um dos poucos lugares onde isto é possível sejam colegiados de representantes religiosos deixa claro qual é o posicionamento do ateísmo no espaço público (MONTERO; DULLO, 2014).

Estes órgãos vêm surgindo desde meados dos anos 2000 na esfera do executivo a nível federal, estadual e inclusive municipal por todo o Brasil. Embora existam variações nos nomes que adotam, todos eles têm por missão genérica a promoção da liberdade de culto, a proteção da diversidade religiosa, a luta contra a intolerância e, em segundo plano, a defesa do Estado laico. Se trata sempre de órgãos colegiados, destinados à comunicação entre o poder público e a chamada “sociedade civil”. São geralmente coordenados pelas áreas de direitos humanos e/ou justiça e reúnem representantes de ambas as partes, a saber, funcionários de setores pertinentes da administração pública (educação, saúde, segurança), membros de ONGs, emissários de universidades e conselhos profissionais e, claramente, representantes religiosos. Procura-se, com efeito, que os mais diversos segmentos se vejam representados sem considerar sua importância demográfica, histórica ou cultural. Pelo contrário, colocam o foco de sua atuação nas minorias e, portanto, estão abertos a todos os cultos e filosofias religiosas ou “perireligiosas”<sup>132</sup> com interesse em intervir no diálogo.

Nestes espaços as mais variadas formas de cultos são tratadas na sua singularidade como religiões unitárias e o pluralismo é um valor de base, compreendido como a convivência pacífica e harmoniosa dessa multiplicidade na sociedade e nas relações com o Estado. Os consensos são claros: todas as formas de crença e culto são válidas e boas *per se*, sem uma discussão ou formalização prévia daquilo que as define como “religião”<sup>133</sup>. Igualmente, todas

---

<sup>132</sup> Não incluem apenas religiões propriamente ditas, mas também filosofias ou grupos entendidos como equivalentes ou afins, por algum motivo que não se especifica. Alguns destes colegiados incluem, por exemplo, a maçonaria ou “povos indígenas” de forma genérica, sem distinção de etnias.

<sup>133</sup> Uma anedota ilustra bem até que ponto a diversidade é levada a sério: durante a reunião do CEPLIR o novo coordenador do espaço se apresentou aos membros do grupo de trabalho com um discurso cheio de boas intenções, propondo o trabalho conjunto para lutar contra a intolerância. Fechou sua fala com um chavão, que tinha tomado do apresentador de televisão Luciano Huck “quem tem amigos não morre pagão”. Foi corrigido

têm direito de serem praticadas e expressadas publicamente, sem sofrer perseguições ou constrangimentos. Assim mesmo, compete ao Estado garantir o direito à liberdade de culto, buscando soluções para as ocasiões em que o seguimento dos deveres litúrgicos ou rituais colide com o cumprimento das obrigações civis e atuando contra os casos de intolerância, principalmente protegendo suas vítimas. Resulta claro a partir destas descrições que, se os objetivos são amplos, o foco está posto na proteção dos cultos subalternos, aqueles que têm as maiores dificuldades para se expressar publicamente.

Estes comitês surgiram a raiz de episódios de intolerância sofridas pelo povo de terreiro, que muitas vezes chegaram ao limite da violência e a profanação dos locais de culto. Embora o espaço seja aberto a todas as minorias, as religiões afro-brasileiras costumam estar em destaque, tanto por serem as mais expostas à discriminação e à violência, quanto pelo empenho de suas lideranças em se fazer ouvir. Inversamente, é o cristianismo hegemônico, muito em particular os setores mais radicalizados do meio evangélico, que se reconhecem como os responsáveis da maior parte dos episódios de intolerância e principal obstáculo à convivência pacífica entre as religiões. Logicamente, aqueles setores menos abertos ao diálogo e com aspirações de dominação raramente enviam seus representantes a um espaço voltado à proteção das minorias. Contam, em seu lugar, com instâncias próprias, como as “*Frentes Parlamentares pela Liberdade Religiosa*” que, apesar do nome são impulsionadas por políticos cristãos em defesa dos próprios interesses<sup>134</sup>.

Aliás, o aumento da intolerância religiosa é ligado, de forma ampla, ao crescimento da importância social e política dos evangélicos, que se soma à conhecida influência histórica do catolicismo. O número crescente de cristãos declarados em cargos políticos assim como sua penetração na administração pública são ligados a um projeto de poder inspirado em leituras pouco pluralistas do cristianismo, que se procura impor ao conjunto da sociedade. A influência evangélica em todos os setores do Estado –desde o legislativo até as capas mais inferiores da burocracia pública– é entendida como uma ameaça à diversidade e à liberdade religiosas, a claro, ao Estado laico. As ações e intencionalidades destes setores se entendem no sentido não

---

por uns dos presentes, ali o paganismo era considerado mais uma opção religiosa que merece tanto respeito quanto as outras.

<sup>134</sup> Por exemplo, a Frente Parlamentar Mista da liberdade Religiosa, Refugiados e Ajuda Humanitária lançada em maio de 2019 é presidida pelo Deputado Federal Roberto de Lucena (Podemos/São Paulo) quem é também pastor evangélico. Além disso, trabalha em articulação como a ANAJURE – Associação Nacional dos Jurista Evangélicos. Fonte: <https://anajure.org.br/urgente-com-articulacao-da-anajure-e-frente-parlamentar-comissao-especial-do-estatuto-da-liberdade-religiosa-e-reinstalada-na-camara-dos-deputados/>. Acesso: 02/02/2020.

apenas de utilização da *res pública* em favor da religião dominante, mas de aumento efetivo da impunidade nos casos de intolerância contra religiões outras e, notadamente, de aumento da violência simbólica de cunho religioso cometida pelo próprio Estado.

Com efeito, os problemas mais discutidos nesses comitês são, em primeiro lugar, aqueles referidos a agressões contra adeptos às religiões afro-brasileiras, principalmente quando incluem violência física, seja contra as pessoas, seja contra os lugares de culto. Representantes sobre tudo da umbanda e do candomblé são veementes na hora de dar a conhecer os vexames cada vez mais frequentes pelos que passam e as dificuldades para conseguir o amparo da polícia e da justiça. Além disso, se discutem casos de preconceito mais brando, de todo tipo, que de novo é especialmente dirigido às religiões afro-brasileiras. Especial atenção recebem os casos onde a violência simbólica não vêm de parte da cidadania, mas do próprio Estado. Por exemplo, quando maestras ou diretoras de escola obrigam alunos não cristãos a rezar o Pai Nosso ou quando a força pública ou a justiça desestimam denúncias de crimes religiosos cometidos contra religiões outras que a própria. Discute-se, igualmente, a possibilidade de criar exceções às regras por razões de fé: como dar a possibilidade a mulheres islâmicas de fazer a prova da OAB com véu ou aos sabatistas de não precisar realizar concursos públicos aos sábados.

Considerando as diferentes propostas de ações colocadas nos comitês visitados, é notável a preocupação com a garantia dos direitos religiosos da população. Isto é, o direito ao livre exercício da própria fé sem preconceitos, discriminações nem violências e inclusive, sem restrições por parte do poder público. Entende-se que o estado deve, por mandato constitucional, proteger as diversas religiões, garantindo que estas possam ser exercidas sem constrangimentos e de forma pacífica. Tal entendimento se baseia no artigo 5º inciso 4 da Constituição Federal: “*e inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e a suas liturgias*”<sup>135</sup>. Por baixo disso subsiste uma concepção de que a religião é um fato fundamental de vida social e que o Estado está obrigado a intervir quando uma forma de fé é agredida ou discriminada. Ante tudo, deve atuar quando são os próprios organismos do Estado que cometem esses atos.

Sendo estes as questões de interesse, é possível afirmar que os comitês de diversidade religiosa são concebidos, na base, em termos de um ecumenismo igualitário compartilhado por coordenadores estatais e representantes religiosos. Não passa desapercibido o fato de que o

---

<sup>135</sup> Extraído de: <https://www.jusbrasil.com.br/topicos/10730845/inciso-vi-do-artigo-5-da-constituicao-federal-de-1988>. Acesso: 02/02/2020.

termo ecumenismo designa na origem um movimento em prol da união das diferentes igrejas *cristãs*, especialmente após a Reforma Protestante<sup>136</sup>, embora na prática acabe se utilizando para aludir a um diálogo inter-religioso mais amplo. As menções às religiões como instâncias de paz, à necessidade do convívio mútuo em harmonia, as referências ao trabalho nos comitês em termos de “caminhada”, “convívio” e “aprendizado” não fazem mais que insinuar a impronta religiosa que marca a configuração mesma desses espaços. Neste sentido, a tolerância, o pluralismo, a diversidade e inclusive a laicidade, são eles mesmos concebidos em termos religiosos<sup>137</sup>.

Não resta dúvida, portanto, quanto ao enquadramento do ateísmo nesses espaços. Trata-se de mais uma opção religiosa válida que merece o mesmo respeito e consideração que as outras. Na prática, os representantes ateus estabelecem alianças com aqueles das religiões de matriz africana na luta contra a intolerância e os privilégios históricos de cristianismo. Uns e outros são, com efeito, os principais alvos de preconceito, embora os ateus sejam poupados da violência física pela ausência de sinais diacríticos. Os ateus e o povo de terreiro são os mais veementes ao denunciar as aberrações cometidas em nome do Deus Cristão ao longo da história, e a perseguição sofrida ao longo dos séculos por aqueles que não confessavam devoção a este deus, ou mesmo pelos estratos sociais desfavorecidos, como os escravos, já que a Igreja nunca hesitou em se aliar com o poder e os poderosos. Mais do que os fatos históricos, interessam aqui o relato que se faz deles e o modo como esse relato aproxima as posições do ateísmo com as o povo de terreiro.

Isto ficou claro num debate surgido após umas das palestras no seminário acadêmico sobre Estado Laico, Intolerância e Diversidade Religiosa, organizado pelo CNRDR em parceria com a Comissão de Liberdade Religiosa da OAB/SP. Nesta ocasião, um dos advogados chamados a discursar começou sua fala esclarecendo os fundamentos jurídicos do Estado laico, mas em seguida derivou para a questão de como a cultura ocidental foi moldada pela cultura judaico-cristã. Ao falar disto, respondeu ao ‘colega ateu’ que tinha questionado previamente a presença de crucifixos em dependências públicas. Em meio a referências a vários documentos religiosos, inclusive os dez mandamentos, o orador citou a Régis Fernandes de Oliveira, para alegar que os instrumentos jurídicos estão influenciados ou moldados pela Bíblia. Apontou,

---

<sup>136</sup> Segundo o Novo Dicionário Aurélio, o termo ecumenismo possui duas acepções. A primeira: “*Nos primórdios do cristianismo, todos os povos aos quais se deveria dirigir a pregação do Evangelho*”. A segunda: “*Movimento surgido nas igrejas protestantes e, posteriormente, na Igreja Católica, originado na crença de terem uma identidade substancial a doutrina e a mensagem de Cristo*”. (1986, p. 618).

<sup>137</sup> O tema foi abordado de forma mais detalhada em Testa (2018).

também, que a Carta Magna cita a ‘inspiração de Deus’ e lembrou da influência judaico-cristã na declaração da independência de 1776.

O palestrante continuou falando que ‘valorizava este encontro’, mas que não era possível ‘apagar a história, nem mudar o nome da cidade de São Paulo ou tirar o Cristo Redentor, pois somos todos herdeiros dessa tradição’. Continuou argumentando que a Declaração Universal dos Direitos Humanos também tinha uma influência cristã e que aí já consta o direito à família. Derivou para outros temas que parecia ver como correlatos, e lamentou o que via como perda ou perspectiva de perda ‘do direito de uma mãe de educar o filho como menino e a filha como menina’ porque ‘do jeito que as coisas estão indo, vai se perder’ isso em nome de uma ‘ideologia de gênero’ que para ele não tinha o menor valor nem fazia o menor sentido. Como veio a se tornar popular na direita brasileira nos últimos tempos, este posicionamento incluiu as críticas correlatas ao trabalho de Judith Butler ao tempo que se destacaram as virtudes de pensadores bastante menos creditados, como a católica tradicionalista Gabrielle Kuby.

Estas declarações despertaram, logicamente, questionamentos por parte do auditório, bem variado em termos culturais e religiosos e com presença significativa de representantes do povo de terreiro. Chegada a hora da rodada de perguntas começaram as réplicas que já se vislumbravam no clima tenso gerado pela apresentação. O primeiro a responder foi o representante ateu, citado durante a palestra. Ele questionou o argumento da tradição judaico-cristã alegando que *‘nem tudo o que vem de nossas raízes culturais é bom’*. Não teve dificuldades para encontrar exemplos. Rebateu que a escravidão também pertence a nossa tradição ocidental, assim como o genocídio indígena, que foi apoiado pela Igreja. Rematou dizendo que ao Estado não cabe fazer juízos de valor sobre crenças e que *‘nem tudo que é cultural é legal’* e acrescentou novos exemplos como machismo, ou o jogo do bicho. Foi o primeiro a destacar o ponto de que não correspondia a ele agradecer à cultura judaico-cristã pelos direitos de que hoje goza.

Isso veio à tona porque num momento o palestrante se dirigiu ao advogado ateu para lhe advertir que *‘deveria agradecer à cultura judaico-cristã’* pelo fato de *‘poder estar ali expressando seu ponto de vista’* ateu, pois em outros contextos *‘seria calado, ou morto’*. Que se deve a essa cultura que hoje ele tenha esse direito, como também se deve a essa cultura o restante dos direitos e igualdades que hoje existem. Estas declarações revoltaram a plateia, em particular aqueles que se viam como representantes de grupos excluídos. De fato, foram mulheres negras as mais veementes na hora de responder ao palestrante. Assim, a representante



do CEPLIR ali presente, que é também mãe Umbanda, fez seu descargo logo depois do advogado ateu. A mulher deixou claro que não precisa agradecer *‘porque agora é respeitada pela cultura judaico-cristã’* e relatou a história da sua família que primeiro foi escrava, depois favelada, e agora ela goza de educação superior. A seguir duas babalorixás denunciaram as condições de discriminação nas que vivem que é dupla, já que unifica religião e raça. Os questionamentos foram tantos e tão contundentes que o orador acabou a rodada calado, sem sequer atinar a responder. Mais tarde, umas das conselheiras de CNRDR explicou que as mesas foram montadas já com o intuito de rebater discursos como esse que, visivelmente, se encontrava nas antípodas daquilo que o CNRDR e o restante dos comitês defendem.

Para finalizar, é preciso acrescentar uma observação, relativa ao perfil dos ateus que foram entrando no horizonte da pesquisa através destes comitês. A ideia de incluir estes colegiados no trabalho surgiu a raiz da participação da ATEA em alguns destes, anunciada no site da associação como parte do trabalho sério que leva adiante. Porém, logo a primeira visita (o seminário na sede da OAB em São Paulo) mostrou a intervenção de ateus não afiliados à ATEA ou outras organizações do gênero em vários destes espaços. O que é mais interessante, tais comitês permitiram o contato com um perfil de descrentes alheio ao movimento ateuista, mas interessado no diálogo ecumênico, além de conhecedores do universo religioso e, por vezes, estudiosos do mesmo. Trata-se de sujeitos que de forma alguma é possível tildar de hostis à religião, como frequentemente acontece com os chamados neoteuistas, antes bem o contrário. Se apresentam como ateus ou agnósticos, mas mantêm a proximidade com o universo religioso e dialogam com este de forma cotidiana e, em mais de um caso, são bastante críticos com as formas e concepções do ateísmo mais militante.

Aliás, naquele seminário na OAB se estabeleceu contato com um advogado radicado em Brasília, quem participou dos primórdios do Comitê Nacional de Defesa da Diversidade Religiosa durante o governo de Lula da Silva, e atualmente atua como conselheiro no órgão. Ele mesmo se define como *‘agnóstico místico’* pois *‘está para ser convencido’*. Se trata do ativista pela convivência inter-religiosa que faz parte da URI (Iniciativa das Religiões Unidas) patrocinada pela ONU e de caráter internacional<sup>138</sup> e o Encontro da Nova Consciência, onde

---

<sup>138</sup> A URI se apresenta assim: *“Nascida para semear a cooperação inter-religiosa pelo planeta, a URI – Iniciativa das Religiões Unidas foi idealizada à partir de 1993, depois de convite da ONU ao Bispo da Igreja Anglicana para organizar a Celebração Inter-religiosa em gratidão pelos 50 anos de assinatura da Carta da ONU na Catedral da Graça em San Francisco, Califórnia, EUA.*

desempenha um papel destacado<sup>139</sup>. Através desta atuação, ele se encontra em contato com diversas vertentes religiosas, conhece de perto líderes de diferentes tradições e assiste cultos e outras cerimônias diversas. Se interessa por todas, mas não adere a nenhuma delas. Como disse, mesmo com toda essa influência ninguém conseguiu convencê-lo a entrar uma fé particular e ele se mostra confortável nessa posição. Em todos os casos, não é um problema nem muito menos.

O Encontro da Nova Consciência merece por si mesmo uma menção. O evento é realizado desde o ano de 1992 na cidade de Campina Grande (Paraíba) “*com o intuito de promover a diversidade religiosa, a cultura de paz, a preservação do meio ambiente e o respeito às diferenças*”<sup>140</sup>. Se define como um evento de “cultura alternativa” com raízes no movimento hippie que integra pessoas de todas as idades, credos e opções de vida. Notadamente, reúne diversas vertentes religiosas e não exatamente religiosas, como povos indígenas, movimentos sociais, praticantes de terapias alternativas e práticas divinatórias, ufologistas, filósofos, psicólogos, entre uma variedade de figuras difícil de sintetizar. É realizado sempre durante o período do carnaval e se compõe sobre tudo de palestras e mesas redondas, mas inclui igualmente cerimônias inter-religiosas (como o ágape ecumênico eucarístico a cargo de um monge beneditino), feiras de artesanato e artefatos religiosos, apresentações artísticas, ofertas de terapias diversas e logicamente, as solenidades oficiais<sup>141</sup>.

Ora Carnaval da Nova Consciência, não apenas conta com um agnóstico entre seus principais impulsores, se não que também alberga o encontro de ateus e agnósticos mais antigo e mais estável do Brasil. Acontece todos os anos desde 1998, formando parte da programação paralela do evento principal. Isto significa que se aproveita o apoio organizativo do evento maior (como a plataforma de divulgação, o a gestão do local físico), mas quem o organiza goza

---

*Contando hoje com mais de 904 Círculos de Cooperação espalhados pelo Planeta, a URI é a maior rede de cooperação inter-religiosa permanente na história da humanidade, promovendo a cultura de paz, justiça e cura planetária, buscando erradicar a violência por motivação religiosa.”* Fonte: <http://casadasreligiosesunidas.org.br/uri/>. Acesso: 28/11/2019.

<sup>139</sup> Se trata do ativista já apresentado em 2.6 O ateísmo Institucional e a laicidade do Estado, p. 55 e seguintes,

<sup>140</sup> Assim foi apresentado pelo jornal G1: <https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2019/02/18/encontro-da-nova-consciencia-divulga-programacao-para-edicao-2019-em-campina-grande.ghtml>. Acesso: 28/11/2019.

<sup>141</sup> O encontro da Nova Consciência integra o “carnaval da Paz” da cidade, que se promove como uma alternativa ao carnaval regular, junto a um megaevento sobre tudo evangélico mas com participação da Renovação Carismática Católica, que recebe amplo financiamento público e privado. O “*Encontro para a Consciência Cristã*” é posterior ao ecumênico, mas foi ganhando preeminência com o passar dos anos, até opacar completamente seu predecessor. O contraste entre ambos não poderia ser mais marcado e constitui uma metáfora bastante acurada da situação das minorias no atual contexto político e social do Brasil. Segundo meus informantes, durante os primeiros anos do Encontro da Nova Consciência, evangélicos realizavam atos de repúdio como panfletagens denunciando o evento como coisa do demônio, interromper as falas dos palestrantes com pregações ou cercar o teatro onde era realizado orando por quem estava dentro.

de independência quanto aos conteúdos, sempre que se respeitem os valores pluralistas e inclusivos do conjunto e se evite o proselitismo. Chama a atenção, de todas maneiras, que o evento ateuista com maior trajetória do Brasil seja realizado no marco de um evento inter-religioso com inclinação à Nova Era<sup>142</sup> e o esoterismo, no qual os palestrantes ateus compartilham cartaz com monges, bruxos, xamãs, cartomantes, ufologistas e sanadores de todo tipo. Neste caso a tolerância chega ao ponto da aceitação daquilo que em outros meios ateístas seria imediatamente condenado como pseudociência.

De fato, o ativista que se encontra a cargo da organização deste evento não se enquadra no estereótipo do “neoateu” descrito pelas pesquisas precedentes. Trata-se de um professor de antropologia da UFPB, doutor em Ciências Sociais pela PUC/SP com uma tese sobre a imprensa operária de começos do século XX e estudioso da literatura anarquista brasileira, em particular o trabalho de Lima Barreto. Aficionado à música rock faz parte de uma banda punk (a rigor “anarcopunk”) denominada “CUSPE” de estética e sonoridade iconoclasta e contestatária (vide imagem em baixo). Não surpreende, considerando este perfil, que não partilhe da visão otimista sobre o progresso da ciência que caracteriza boa parte do discurso ateuista contemporâneo, nem se posicione –nem muito menos– como um férreo defensor da ciência normal. Isto, no entanto, não lhe impede de reconhecer a importância do trabalho de Dawkins e outros na difusão do ateísmo e, principalmente, da crítica às religiões. Quer dizer, o fato de ter questionamentos a fazer desde seu ponto de vista particular não lhe impede de reconhecer o trabalho destes autores como necessário.

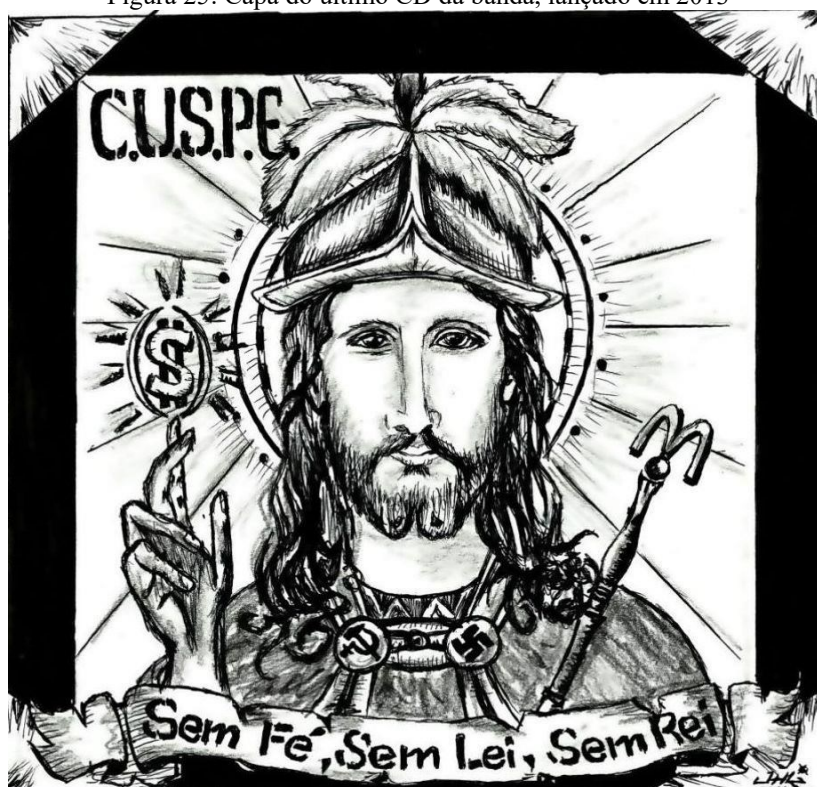
Esta singularidade se viu refletida na programação do Encontro de Ateus e Agnósticos que se teve a oportunidade de observar. O evento teve quatro dias de duração e todos eles começaram com uma fala do próprio organizador, nas quais desenvolveu seus próprios argumentos de crítica da religião (sempre baseados nas fontes de sua trajetória intelectual e política) tomando como ponto de partida discussões comuns nos meios ateístas virtuais. Em todos os casos, esta primeira intervenção foi seguida de outras, dedicadas a temas heterogêneos ao ponto de desafiar qualquer rotulação, a cargo de palestrantes convidados. Houve duas exposições dedicadas a explicar a relação do movimento punk com o ateísmo, realizadas por um graduando em história, e uma que explicitou a relação entre o ateísmo e o veganismo, a cargo de um artista visual que se identifica com ambos. Além disso, um mestre em literatura falou sobre a crítica anticlerical de Lima Barreto, um professor de inglês abordou o ceticismo,

---

<sup>142</sup> O Encontro da Nova Consciência iniciou oficialmente como um evento dedicado à Nova Era. O título foi mudado após os ataques evangélicos com suas acusações de satanismo.

e uma pedagoga se estendeu sobre a forma negativa em que o cristianismo trata as mulheres. Houve, ademais, uma exposição sobre a evolução biológica, equívocos comuns relacionados a esta teoria e os desafios que se apresentam ao ensino da mesma nas escolas. Esta foi a fala que poderia se qualificar de mais próxima às preocupações de figuras como Dawkins (que de fato foi citado na exposição). A programação se completou com uma intervenção da autora deste trabalho, dedicada a descrever a situação atual do movimento ateuista no Brasil.

Figura 25: Capa do último CD da banda, lançado em 2013



Fonte:

<https://www.facebook.com/C.U.S.P.E.HC/photos/a.598133886920111/1119990574734437/?type=3&theater>. Acesso: 12/12/2019.

Por outro lado, da interação com os conselheiros destes comitês se obteve a notícia da participação de ateus em outros colegiados do gênero. A informação nem sempre veio de parte dos informantes ateus, mas muitas vezes de representantes religiosos, que em geral se mostraram interessados na pesquisa e dispostos a colaborar. Foi por esta via que se entrou em contato, em particular, com dois descrentes com formação em ciências humanas e altamente críticos do movimento neoateísta. Chama a atenção que os questionamentos apresentados por estes sujeitos coincidem, nos seus pontos fundamentais, com aqueles colocados nas pesquisas já feitas sobre o ateísmo e relevadas ao longo deste trabalho. Basicamente, apontam que o movimento neoateísta constitui uma repetição ou mimese da religião, em particular do

cristianismo. Questionam, igualmente, a ‘*confiança cega na ciência*’ que entendem o caracteriza, e acusam certo fundamentalismo na cosmovisão correlata que sustentam, isto é, falta de abertura para discutir com pontos de vistas diferentes. Como bons intelectuais, questionam a escassa formação filosófica daqueles que se constituem em vozeiros do movimento, assim como o ‘espantalho’ das religiões<sup>143</sup> que se esgrime nos debates e que evidencia uma incompreensão profunda do assunto.

O primeiro destes contatos foi fornecido por uma pastora presbiteriana participante do CNRDR, quem o apresentou como um “filosofo ateu”. Com efeito, se tratava de um jovem teólogo, atual mestrando em ciências da religião na Universidade Católica de Pernambuco. Ele toma parte em espaços inter-religiosos de discussão, como o Observatório Transdisciplinar das Religiões do Recife, da mesma UNICAP e o Fórum de Liberdade Religiosa de Pernambuco. De passado presbiteriano, terminou o curso livre de teologia se reconhecendo ateu, mas mantém até hoje o interesse na religião como fenômeno e na Bíblia como literatura. Dedicou seus estudos à chamada teologia crítica que, segundo umas breves explicações dadas pelo telefone, consistiria numa rama da teologia como disciplina acadêmica que, paradoxalmente ou não, abandona a metafísica para reter apenas o texto. Perante a pergunta de se, sendo assim, tratar-se-ia de uma “teologia ateia”, a resposta foi evasiva e de certa forma ambígua, já que rejeitando o nome, reconhece que ‘*em última instância*’ se trataria, sim, de uma teologia ‘*sem deus*’.

Foi ele quem sugeriu entrevistar um amigo ateu a quem tinha por versado no tema e por isso achava interessante incluir na pesquisa (segundo a ideia que ele mesmo tinha de uma tese). Se tratava de um jovem músico com formação em filosofia também pela UNICAP, com quem conversei por videochamada. Logo no início do diálogo, ficou claro que seu nome tinha sido indicado pela sua bagagem filosófica, já que o sujeito se apurou a esclarecer que não participava em absoluto do movimento ateu e não tomava parte em espaços inter-religiosos. Citando a Nietzsche, ele se definiu como ‘*fisiologicamente ateu*’ já que é descrente ‘*desde que tem memória*’, apesar de ser filho de um médium kardecista e ter sido obrigado a assistir cultos e aulas de religião. Em geral, a conversa se estendeu sobre a ‘*filosofia da imanência*’ da que é praticante e abordou as críticas que, a partir desta, é possível realizar ou objetivismo e o materialismo científicos. Citando a autores como Deleuze, Spinoza e Heidegger, além de Nietzsche, falou sobre devires, critérios de verdade, ontologia e metafísica, num intercâmbio que, em geral, permaneceu nas alturas excelsas da intelectualidade.

---

<sup>143</sup> Se faz referência aqui à falácia do espantalho.

## 6 O PROBLEMA DA DEFINIÇÃO DO ATEÍSMO

Nos capítulos anteriores se apontou que um dos principais argumentos utilizados para subordinar o ateísmo à religião provém da consideração do significado mesmo do termo. Neste sentido, o *a-teísmo* nada mais seria que a negação do teísmo e, portanto, logicamente posterior e dependente deste. Se trata de um argumento bastante comum na abordagem do tema, que justifica a sujeição teórica e por princípio do ateísmo à religião e sua consideração, em consequência, como uma decorrência desta. Embora frequente, trata-se de um argumento questionável precisamente na sua correção lógica. Baggini, por exemplo, explica que tal raciocínio encerra um equívoco que chama de falácia etimológica, isto é, a confusão anacrônica da acepção original de uma palavra com seu significado atual (BAGGINI, 2003, p.16 e seguintes). Nas suas próprias palavras, a consideração da etimologia do termo ateísmo não seria suficiente para demonstrar que se trata de um conceito negativo e, neste sentido, secundário.

O mesmo autor desenvolve um argumento em contrário, para demonstrar que o ateísmo não depende do teísmo para existir. Hipotetiza que se, por acaso, o número de pessoas que acreditam no monstro do Lago Ness aumentasse, logo poderia surgir um termo para designá-los, tal vez “néssicos”. Se o número continuasse a aumentar, ao ponto de se tornar maioria, ser “*néssico*” passaria a ser a norma e, em consequência, aqueles que não participam dessa crença ficariam em destaque como minoria, sendo chamados, tal vez, de “anéssicos”. Ora, “*seria verdadeiro dizer que as crenças dos anéssicos dependem das crenças néssicas para existir?*”. A resposta é clara: os *anéssicos* existiam antes do surgimento dos *néssicos*, mesmo que sem uma denominação específica. Mais ainda, os “anéssicos” continuariam a ter as mesmas crenças se os néssicos nunca tivessem surgido, ou viessem a desaparecer. Conclui-se que “*o surgimento dos néssicos simplesmente daria nome a um conjunto de crenças que sempre existiu, mas era considerado tão comum que não precisava de um nome especial*” (BAGGINI, 2003, p.18).

Ora, o mesmo raciocínio pode ser afirmado com relação à crença em deus: o ateísmo como posicionamento marcado<sup>144</sup> é, sim, decorrência da importância social da religião. Todavia, o ateísmo como cosmologia, visão de mundo o posicionamento existencial independe desta, e continuaria a existir mesmo que a crença em deus fosse totalmente erradicada. Como lembra Baggini, “*esse mundo imaginado seria o trunfo do ateísmo, e não uma derrota*” (BAGGINI, 2003, p.18). Com efeito, do lado daqueles que sustentam que o ateísmo é

---

<sup>144</sup> Note-se que este trabalho está dedicado integralmente ao ateísmo como posicionamento *marcado*.

parasitário a religião há aqueles que argumentam que constitui um posicionamento positivo por direito próprio, isto é, não limitado à não crença. Minois, por exemplo, em sua História do Ateísmo (2012) afirma que:

A atitude descrente é um componente fundamental, original, necessário e, portanto, inevitável em qualquer sociedade. Por isso tem obrigatoriamente um conteúdo positivo, e não se reduz unicamente à não crença. É uma afirmação: a afirmação da solidão do homem no universo, geradora de orgulho e angústia; sozinho diante de seu enigma, o homem ateu nega a existência de um ser sobrenatural que intervenha em sua vida, mas seu comportamento não se apoia em tal negação; ele a assume, seja como dado fundamental (ateísmo teórico), seja inconscientemente (ateísmo prático) (MINOIS, 2012, p.3).

Este autor entende o ateísmo como uma *atitude*, isto é, uma conjugação de ideia e comportamento que não se reduz à recusa, rejeição ou indiferença às religiões<sup>145</sup>. Trata-se de uma atitude “*positiva, construtiva e autônoma*” que comporta suas próprias crenças, se não em deus, no homem, na razão, na matéria, por mencionar os exemplos apontados pelo autor e também os mais atuais e conhecidos. No que tange a esta pesquisa, é preciso apontar que há nas redes ateístas locais iniciativas que procuram dar a descrença uma formulação positiva e propositiva integrando-a numa visão de mundo ou proposta filosófica abrangente, que prescinde ou procura prescindir de figuras divinas, sobrenaturais ou planos transcendentais. Julgar, em termos teóricos, o sucesso ou fracasso efetivo dessas tentativas exigiria adentrar em discussões filosóficas e teológicas que excedem o recorte deste trabalho. Em todos os casos, em se tratando de uma tese em antropologia, o que interessa é tomar nota destas concepções e da maneira em que são mobilizadas cotidianamente, sem negar *a priori* a possibilidade de uma cosmologia sem deus, literal nem putativo.

Tal vez, o esforço mais evidente de positivação da descrença é aquele da LiHS, que se apoia na bandeira do humanismo secular, seguindo o caminho de organizações estrangeiras sobretudo anglofalantes. Na prática, isto significa que a organização defende tanto uma visão de mundo baseada na ciência e, com isso, desprovida de elementos sobrenaturais, quanto uma ética inteiramente secular. Neste sentido, procuram conjugar tanto o empirismo e o racionalismo científico com uma preocupação pelos valores humanos e sociais. Como explicou

---

<sup>145</sup> Minois distingue conceitualmente entre ateísmo teórico e ateísmo prático, isto é, entre um ateísmo assumido como dado fundamental e outro que se manifesta inconscientemente, é apenas vivido. Considerando que este trabalho versa sobre o movimento ateísta, se lida sempre com posicionamentos conscientes. Aqui o ateísmo é sempre ao mesmo tempo teórico e prático.

a então presidente da associação<sup>146</sup>, Åsa Heuser, entendem que há mecanismos biológicos para o comportamento ético nos seres humanos, o que implica que não é possível traçar uma divisão clara entre a biologia e a sociedade (em termos antropológicos, a natureza e a cultura) e, ao mesmo tempo, que a moralidade não precisa de “sanção externa” –quer dizer, divina– pois decorre do “entendimento e a preocupação para com os outros” que é intrínseco à “natureza humana”. A página de Facebook sintetiza bem este conjunto de concepções ao anunciar que a entidade se dedica “a apoiar e representar pessoas não-religiosas que buscam viver eticamente sem crenças sobrenaturais e supersticiosas, e que queiram se identificar de forma positiva e afirmativa”<sup>147</sup>.

Fora estes lineamentos muito gerais, não há uma definição oficial e específica para o conceito chave de humanismo secular. Isto porque entendem que “o humanismo é não-dogmático, e não impõe um credo a seus aderentes”, mas está “comprometido com a educação livre de doutrinação”. A diferença das religiões, que buscariam impor concepções tidas por certas e verdadeiras, “o humanismo reconhece que o conhecimento confiável sobre o mundo e nós mesmos emerge através de um processo contínuo de observação, avaliação e revisão”. Assim, contra o dogmatismo religioso, o humanismo secular não define uma filosofia específica, muito menos indica livros ou autores. Mais ainda, não se entende como uma teoria ou filosofia em abstrato, mas como uma “postura de vida democrática e ética que afirma que os seres humanos têm o direito e a responsabilidade de dar sentido e forma às suas próprias vidas”. Acrescentam que defendem “a construção de uma sociedade mais humana, através de uma ética baseada em valores humanos e outros valores naturais dentro do espírito da razão e do livre-pensamento, com base nas capacidades humanas”<sup>148</sup>.

Fica claro que o núcleo ideológico mínimo da associação radica num racionalismo ponderado por preocupações morais. Se entendem que “as soluções para os problemas do mundo estão no pensamento e ação humanos”, isto é, nos “métodos da ciência e à livre investigação”, consideram também que a aplicação da ciência deve estar “moderada pelos valores humanos” e “deve ser utilizada criativamente, não de forma destrutiva”. Aqui se faz explícita a divisão weberiana entre meios e fins: a ciência aporta apenas os meios, que sejam

<sup>146</sup> Se tratou de uma entrevista informal, realizada por Skype em 27/09/2016. A entrevistada era uma mulher de mais de 50 anos e de origem finlandesa, emigrada ao Brasil aos 13 anos, quem trabalha como professora de inglês e sueco. Em geral, a mulher não se mostra como uma acadêmica profissional, mas antes como uma pessoa com certo grau de instrução, interesse pela leitura e argumentos para defender suas posições, que provém de referências que circulam no meio em que se desempenha.

<sup>147</sup> Extraído de: <https://www.facebook.com/LigaHumanista/>. Acesso: 10/10/2017.

<sup>148</sup> Estas definições são remetidas à “declaração mínima sobre o humanismo” da IHEU, da qual a LiHS faz parte.



empregados para o bem ou para o mal depende dos fins aos quais sejam dirigidos, isto é, aos valores que se tenha como meta (WEBER, 1974, p.20). Contudo, no final das contas não se foge da narrativa iluminista do progresso da razão contra o obscurantismo da fé que é característica do discurso neoateísta e criticada, precisamente, pelo seus viés religioso. Sempre é possível alegar que a devoção a deus não é eliminada, mas transmutada em devoção à ciência, à razão, enfim, às capacidades humanas. Quanto a isto, no entanto, há igualmente contra-argumentos a analisar.

Aqui é preciso apontar que uma leitura semelhante não aparece apenas em sites, canais e fóruns explicitamente ateístas, mas também em endereços virtuais cujo propósito declarado é a divulgação científica. Estes últimos são bem conhecidos pelos ateus, e são frequentemente referenciados nos meios virtuais ateístas como fontes de informação confiável. Este tipo de iniciativa normalmente apresenta as versões mais acabadas do relato de confronto entre fé e razão – cavalo de batalha do neoateísmo – e da cosmologia materialista que lhe é correlata. De fato, ao ter como objetivo primário a divulgação de ciência – e não a militância ateísta como tal – se ocupam da exposição e explicação dos conteúdos de forma didática e mais ou menos detalhada, pondo em relevo os argumentos e questões de interesse fundamentais. É precisamente ali, onde o ateísmo (inclusive o que poder-se-ia chamar de neoateísmo) cuida de ser mais popperiano em sua leitura da ciência, mais difícil resulta assimilar sua filosofia a uma teologia.

Na prática, é possível afirmar que o meio virtual que pode se chamar especificamente de “neoateísta” se superpõe àquele dos aficionados à ciência, mesmo que nem sempre estes últimos (e os projetos que comandam) se apresentem explicitamente como ateístas. Cinco deles em particular, que mostraram ser bastante ativos e populares entre os descrentes: a Sociedade Racionalista, a Sociedade Racionalista da USP, o Blog Cético, o Universo Racionalista, a Organização Livres Pensadores e o Projeto do mesmo nome que é sua continuação. Todos estes sites se propõem, explicitamente, divulgar ciência e principalmente, os modos da razão científica, diga-se, o ceticismo, o livre-pensamento e o racionalismo. E todos o fazem entendendo que se trata de uma tarefa de utilidade pública.

## 6.1 O ATEÍSMO DOS DIVULGADORES DE CIÊNCIA

Se é evidente que todas estas plataformas se propõem fazer divulgação científica, fica claro também que este propósito vem explicitamente ligado a um conjunto de posturas

intelectuais expressas nos nomes que adotam: ceticismo, racionalismo, livre-pensamento, entre outros similares. Todas elas constituem um manifesto contra a credulidade carente de provas ou mesmo de argumentos lógicos. É por isso que se ocupam de definir o que querem dizer com os termos acima. A Sociedade Racionalista explicita que, com racionalismo, se refere ao racionalismo crítico de Popper. Especificam que a crítica “*não é destinada apenas ao conhecimento científico, mas a tudo a que se pode observar: ou seja, sempre encarar afirmações como questionamentos – e procurar falsear suas questões*”<sup>149</sup>. Acrescentam que encaram as posturas como “*mais aproximadas*” ou “*menos falsas*” rejeitando verdade absolutas, já que “*tudo é passível de debate racional, com argumentos lógicos*”. A Sociedade Racionalista da USP, por sua vez, explica o racionalismo como a “*atitude de não acreditar ou fazer com que outros acreditem em qualquer asserção cuja evidência não exista*”<sup>150</sup>.

Esta defesa, em todos os casos, tem um inimigo bem definido: as crenças, os dogmas, a superstição, a ignorância e as paixões, todas formas de irracionalismo. Este alvo comum é explícito na apresentação da Organização Livres Pensadores: “*uma organização sem fins lucrativos que advoga por uma sociedade na qual as decisões e políticas sejam guiadas pela razão e evidências científicas, em vez de crenças baseadas em dogmas, religião, autoridade, superstições e paixão*”<sup>151</sup>. E também se faz explícito na descrição da “missão” da Sociedade Racionalista da USP, que conta entre seus objetivos os de “*promover atitudes éticas e morais baseadas na razão e evidência ao invés de em revelação*” e “*encorajar a liberação pessoal de superstições, irracionalismo e dogma*”. Já o Projeto Livres Pensadores define o livre pensamento ao estabelecer que procura “*difundir toda gama de pensamento independente, liberto da influência da tradição, autoridade ou dogma*”. Fica claro, a partir disso, por que o ateísmo, o agnosticismo e o secularismo aparecem junto ao ceticismo, o racionalismo e o livre-pensamento nas apresentações dos sites.

Ora, estes ideais vem acompanhado de uma série de valores de cunho social que se vêm como correlatos ao livre pensamento que apregoam. Assim, a Sociedade Racionalista diz promover “*o pluralismo, a liberdade, a laicidade do Estado e os Direitos Humanos*” bem como “*combater todas as formas de preconceito e discriminação*” a fim de “*contribuir para construção de uma sociedade livre, justa, solidária e democrática*”. Pretende, assim mesmo, se constituir num “*espaço para debates de questões éticas e morais relativas à sociedade*

---

<sup>149</sup> Extraído de: <http://sociedaderacionalista.org/>. Acesso: 08/09/2016.

<sup>150</sup> Extraído de: <https://racionalistasusp.wordpress.com/>. Acesso: 15/09/2016.

<sup>151</sup> Extraído de: <http://organizacao.livrespensadores.net/>. Acesso: 14/09/2016.

*contemporânea*” e “*conscientizar a sociedade civil, sobre a importância do pensamento racional, cético, secular e laico, na tomada das decisões pelos governos e demais setores da sociedade*”. A organização Livres Pensadores, por sua parte, defende além do livre-pensamento “*a democracia, emancipação política, a liberdade humana, os Direitos Humanos e o secularismo*”. Finalmente, a Sociedade Racionalista da USP, que se define como democrática e pluralista, ao especificar sua “missão” propõe que a ética e a moral sejam guiadas pela razão em lugar da revelação. Aqui não apenas os valores sociais, mas também os individuais vêm de mãos dadas com o uso da razão, ela mesma um valor supremo.

Nas definições de ceticismo, tanto a Sociedade Racionalista quanto a Organização Livres Pensadores lembram das virtudes da dúvida metodológica. A primeira define ceticismo como a ação de promover a dúvida e o questionamento e convida a colocar velhas ideias e conceitos a prova. A Organização Livres Pensadores, por sua vez, explica que “ceticismo é uma abordagem para aceitar, rejeitar ou suspender o julgamento sobre novas informações, que exige que essas novas informações sejam suportadas por boas evidências. Esclarecem que eles não seguem o ceticismo filosófico, mas o científico; para os cidadãos comuns, aquele que somente aceita alegações que tenham probabilidades de serem verdadeiras com base em hipóteses testáveis e pensamento crítico. O fim é “*contribuir para a formação, em cada indivíduo, de uma capacidade de apropriação crítica do saber humano, combatendo assim o cientificismo (Wikipédia), pseudociências e o misticismo*”.

Não resulta surpreendente que seja a definição de ciência a que se revela mais interessante. A Sociedade Racionalista entende por ciência o “*conhecimento rigoroso e racional sobre os assuntos*” isto é “*o pensamento lógico e a investigação racional, defendendo a ciência e seu método de autocorreção*”. Já a Organização Livres Pensadores faz uma exposição mais longa sobre este conceito, citando a Wikipédia e vários cientistas renomados. Fazem ênfase sobre o autoaperfeiçoamento constante e sobre a renúncia correlata a qualquer verdade absoluta ou mesmo definitiva. Para eles,

...a ciência é como uma casa constantemente em construção e que, provavelmente, nunca será terminada. Quem a constrói são os cientistas, todos eles, não importando em que local ao redor do mundo estejam. Para contribuir nesta construção, adicionando seus próprios tijolinhos, tudo o que eles precisam fazer é publicar monografias, teses e artigos, sobre suas pesquisas e resultados. Coisa na qual todos podemos contribuir, bastando para isto que sigamos carreira acadêmica. Assim, não é algo pronto e acabado, com a qual todos tenhamos de trabalhar. Ao contrário, ela é um processo constante, que

está sempre se ajustando (se auto-corrigindo) e melhorando, à medida que o tempo passa.

Porém, o mais interessante aqui não são as definições em si mesmas, mas a série de citações de personalidades da ciência que as sucedem e, em particular, um vídeo curto que aparece no final intitulado “*Poesia da Realidade (Um hino para a ciência)*”. O vídeo foi produzido pelo projeto *Symphony of Science* sob o título original de “*The Poetry of Reality (An Anthem for Science)*” e apresenta as falas de vários cientistas, com a particularidade de que as vozes foram modificadas de modo de parecer que cantam ou recitam no ritmo da música de fundo. O vídeo em si mesmo consiste numa colagem de trechos de outros vídeos, e mistura imagens com temática científica e tecnológica – como tubos de ensaio em laboratórios, foguetes espaciais, geradores eólicos girando placidamente ou as indispensáveis imagens do espaço exterior – junto com paisagens naturais e uma recopilação de primeiros planos dos próprios cientistas falando, que foram filmados em diferentes momentos e com diferentes propósitos (em entrevistas para TV, palestras do TED e outras), mas em todos os casos explicam o que entendem por ciência.

O elenco de “gurus” está composto por Carl Sagan (astrônomo e astrofísico) e Richard Dawkins (biólogo e etologista) como estrelas, fazendo o refrão da música. O restante da letra está a cargo de Neil de Grasse Tyson (astrofísico), Michael Shermer (Skeptic Magazine), Jacob Bronowski (matemático, biólogo, poeta), Jill Tarter (astrônoma), Lawrence Krauss (físico teórico), Richard Feynman (físico quântico), Brian Greene (físico teórico), Carolyn Porco (planetóloga), PZ Myers (biólogo e blogueiro – cf. site Pharyngula) e Stephen Hawking (físico teórico). Inclusive a voz computadorizada deste último foi trabalhada pelos editores do vídeo, de modo de parecer que cantava quando estava apenas falando. Todos estes referentes, a pesar dos seus currículos de alto nível, se expressam em linguagem simples e direta, compreensível para o público leigo.

Isso não surpreende, considerando que se trata de uma seleção de acadêmicos – no geral – destacados pelo interesse em tender pontes com o grande público e a cultura popular. Sagan (1934-1996) e Dawkins são, sem dúvida, os mais conhecidos por este trabalho. O primeiro protagonizou uma série documental de divulgação científica em 1980, intitulada “*Cosmos: uma viagem pessoal*”, que ganhou três prêmios Emmy e um Peabody, ambos em 1981. A série foi exibida em mais de 60 países e vista por mais de 500 milhões de pessoas, convertendo-se em material de culto para os aficionados à ciência. A série teve uma continuação feita em 2014, estrelada pelo discípulo de Sagan, o astrofísico Neil de Grasse Tyson, e intitulada “*Cosmos:*

*uma odisseia no espaço-tempo*”. Além deles, o físico contemporâneo Stephen Hawking é também conhecido pelo seu trabalho de divulgação científica (seu best-seller “*Uma breve história do tempo*” foi prologado por Carl Sagan) e pelas suas aparições na mídia, seja como notícia, como protagonista ou mesmo como personagem, interpretado por atores.

Fica claro que esta seleção de científicos não se dedica apenas à divulgação do conhecimento em si, mas também dos modos do pensamento científico como um valor social. Eles têm falado publicamente em favor do ceticismo e o livre-pensamento, da alfabetização científica da população e com isso, da superação de superstições e dogmas. Os casos mais óbvios são sem dúvidas os de Sagan e Dawkins, cujos livros “*O mundo assombrado pelos demônios*” e “*A magia da realidade*”, respectivamente, dedicam-se a propagar o ceticismo e o raciocínio crítico entre o público leigo (em particular os jovens). A reputação de ambos neste quesito é tão estendida que dispensa qualquer apresentação adicional. Similar é o caso de Neil de Grasse Tyson, sucessor de Sagan na reedição da série Cosmos. Ele tem participado como orador em eventos como The Amazing Meeting, organizado pela James Randi Educational Foundation, dedicada a “*ajudar as pessoas a se defender de alegações paranormais e pseudocientíficas*” e o Beyond Belief Workshop, organizado por The Science Network, com o fim de responder aos esforços da Fundação Templeton para reconciliar a ciência com a religião<sup>152</sup>.

Voltando ao vídeo, este destaca pelo refrão, repetido várias vezes, que na voz assertiva de Dawkins, afirma: “*existe poesia de verdade no mundo real. A Ciência é a poesia da realidade*” e segue com a cadência característica de Sagan (que por um momento parece que dança) “*Nós podemos praticar a Ciência, e com isso, melhorar nossas vidas*”. O corpo da música inicia com o divulgador científico Michael Shermer, quem alega com seriedade que “*a ciência é a melhor ferramenta já criada para entendermos como o mundo funciona*”. Na sequência aparece Jacob Bronowski, explicando com amplos movimentos das mãos que a “*Ciência é uma forma muito humana de conhecimento. Estamos sempre nos limites do que é conhecido*”. Volta Sagan, dessa vez fora do refrão, apontando o caráter social e inacabado da ciência: “*A Ciência é uma empreitada colaborativa que atravessa as gerações. Nós nos lembramos dos que prepararam o caminho e somos os seus continuadores*”.

---

<sup>152</sup> [https://en.wikipedia.org/wiki/Beyond\\_Belief:\\_Science,\\_Religion,\\_Reason\\_and\\_Survival](https://en.wikipedia.org/wiki/Beyond_Belief:_Science,_Religion,_Reason_and_Survival);  
[https://en.wikipedia.org/wiki/The\\_Science\\_Network#Beyond\\_Belief\\_Conference\\_Series](https://en.wikipedia.org/wiki/The_Science_Network#Beyond_Belief_Conference_Series);  
<http://thesciencenetwork.org/programs/beyond-belief-science-religion-reason-and-survival>;  
<http://thesciencenetwork.org/>. Data de acesso: 01/03/2018.

Não podia faltar Neil de Grasse Tyson, que aparece numa entrevista para TV explicando que *“Quando se é alfabetizado cientificamente, o mundo parece diferente à sua vista, e essa compreensão lhe dá poder”*. Mais adiante, Jill Tarter, numa palestra TED, declara com elegância que *“A história dos humanos é a história das ideias que lançam luz em cantos escuros”*. Segue o físico Lawrence Krauss desfazendo uma concepção comum sobre os cientistas: *“Os cientistas amam os mistérios. Eles amam não saber”* e depois o ganhador de prêmio Nobel Richard Feynman insistindo na mesma questão numa filmagem bastante antiga: *“Não me sinto ameaçado por não saber algumas coisas. Penso que assim é bem mais interessante”*. A seguir, Brian Greene afirma com entusiasmo que *“Existe uma realidade universal maior da qual estamos todos à parte”* e seu deslumbramento é compartilhado por Stephen Hawking explicando que *“Quanto mais fundo exploramos o universo, mais extraordinárias são as descobertas que fazemos”*.

Mais tarde, aparece Carolyn Porco, apontando que *“A busca pela verdade, por si mesma, é uma história cheia de intuições”*. A seguir volta Brian Greene com idêntico entusiasmo para lembrar da pequenez da terra e seus habitantes: *“Do nosso ponto solitário do cosmo possuímos, através do poder do pensamento, a habilidade de assistirmos a um instante após o início do universo”*. PZ Myers, intervém em seu momento exprimindo sua visão da ciência: *“Eu penso que ciência muda a forma que nossa mente funciona para pensar um pouco mais profundamente sobre as coisas”*. E fora do refrão, Dawkins intervém mais uma vez asseverando que *“A ciência substitui o preconceito particular pela evidência publicamente verificável”*.

Em conjunto, o vídeo permite realizar uma série de apreciações sobre a concepção de ciência propagada por estes ativistas e endossada por sites de divulgação científica como os mencionados. Embora o vídeo apareça em apenas um deles, considera-se aqui que as ideias que apresenta são compartilhadas pelos quatro sites aqui relevados e que, em geral, constituem uma *concepção* da ciência bem disseminada entre divulgadores científicos, céticos, racionalistas e livres pensadores. Trata-se de uma concepção abrangente e dotada de sentido do empreendimento científico que se faz certamente evidente nas definições explícitas, mas também no cuidado e o esforço investido na apresentação desses sites, na afeição que a ciência com maiúsculas desperta nos autores e seguidores dessas iniciativas, no entusiasmo por saber das novidades dos grandes centros de pesquisa –embora estas careçam de embasamento prático no cotidiano dessas pessoas– assim como no nível de detalhe na reprodução dos conteúdos, e claro, na insistência em tirar dessas descobertas e da vida dos cientistas mais admirados lições sobre como viver, individualmente e em sociedade.

Os protagonistas do vídeo explicam algumas implicâncias do método científico, tal como teorizado pela filosofia da ciência. Assim, contra certezas e verdades imutáveis, os protagonistas explicam que o método científico se baseia no princípio da falseabilidade, que implica um questionamento constante do que se tem por sabido. Assim mesmo, contra qualquer senso de completude, afirmam que a ciência é uma empresa sempre inacabada e que encontra seu estímulo, precisamente, naquilo que não conhece ou não compreende. Em soma, destacam que a ciência se baseia –pelo menos na teoria– não em certezas, mas na dúvida sistemática, no questionamento e na obsessão pelo desconhecido. Assim mesmo, insistem em que a ciência é sempre uma empresa coletiva e pública, porque levada adiante por gerações sobre gerações de cientistas e porque exige a prestação de contas da evidência daquilo que se tenta estabelecer como descoberta ou avanço.

Embora no vídeo apareça como um elemento entre outros, estes sites de divulgação científica tendem a destacar a necessidade de evidências como elemento definidor da ciência. A condição *sine qua non* de apresentar evidências válidas sobre qualquer alegação é, em todos os casos, aquilo que protege contra credices e superstições de todo tipo. Com evidência se faz referência não a qualquer tipo de prova, mas à evidência *válida*, isto é, àquela de caráter empírico, lógica, sistemática, proporcional aos fatos a explicar e, principalmente, creditada como tal pelo método científico (e seus centros especializados). Deixam-se de lado, portanto, evidências anedóticas, crenças generalizadas, alegações com base apenas na tradição ou na autoridade, subjetivismos, e, em geral, tudo aquilo que a lógica proposicional entende por *falácias*. Em todos os casos, sem exceção, o que se tem por verdade deve estar fundado em provas fáticas, explícitas, verificáveis e reproduzíveis. Por provisório e inacabado que seja o conhecimento científico, ele é fiável precisamente por este preceito.

É claro que cada um destes aspectos pode ser facilmente questionado pelas ciências humanas a partir de propostas teóricas e metodológicas as mais diversas – pensar, por exemplo, Pierre Bourdieu em “*Os usos sociais da ciência*” (2003), Latour e Woolgar em “*A Vida de Laboratório*” (1997) ou Adorno e Horkheimer em “*Dialética da Ilustração*” (1998)<sup>153</sup> – mas isso não altera o fato destes porem de manifesto certa autocompreensão estabelecida do mundo

---

<sup>153</sup> Não se entrará aqui nestas discussões assim como, em geral, este trabalho não se dedica à crítica da concepção da ciência do neoateísmo ou os médios de divulgação científica. Que esta concepção possa resultar simplista ou meramente falsa não é algo que está em questão aqui. O propósito é expor seus traços mais sobressalentes e relevantes à descrição do movimento tal como é conceituado neste trabalho.

científico. É igualmente claro que, da forma em que estes traços foram apresentados, formam um contraponto frontal com a religião, sem mencioná-la. Quer dizer, com a religião cristã em primeiro lugar, entendida a partir de uma narrativa histórica que faz parte, igualmente, da autocompreensão do mundo ocidental. Um método de conhecimento que se corrige a si mesmo permanentemente, que é chamado à dúvida e o questionamento é exatamente o contrário da verdade revelada, dos livros sagrados, dos dogmas e do princípio de infalibilidade. Assim mesmo, um conhecimento baseado em evidências e capaz de ser publicamente verificado é também o contrário exato dos elementos anteriores, assim como das discricionariedade de messias, profetas e autócratas de toda ordem, é o contrário de milagres e prodígios bem como das histórias míticas. É também o contrário de teocracias, de inquisições e guerras santas, todas responsáveis por capítulos escuros da formação do dito mundo moderno.

Contudo, o *modus operandi* científico não faz oposição somente à religião, mas também às pseudociências, superstições, credices e misticismos em geral. No caso, a religião –qualquer uma, mas especialmente o cristianismo– é mais um caso de “crença”, isto é, de alegação não devidamente fundamentada em evidências mas igualmente tida por verdadeira. O conjunto, como cabe supor, é amplo e variado, incluindo tanto o mito de origem do gênesis quanto a astrologia, a fosfoetanolamina, os milagres (dos creditados pelo vaticano aos mais simples e populares), o reiki, a homeopatia, o poder da imposição de mãos, as bênçãos ou as rezas, os boatos científicos que relacionam a aplicação de vacinas com desenvolvimento de autismo ou o uso de micro-ondas com a incidência de câncer, histórias fantásticas sobre aparições marianas ou mesmo extraterrestres, o design inteligente o terraplanismo, a crença popular de que gatos pretos e terças-feiras treze trazem azar, todo tipo de deuses, santos, espíritos, gnomos e sereias tanto quanto qualquer versão de paraísos ou infernos, apocalipses ou terras prometidas. Por mencionar apenas alguns elementos de um conjunto tão eclético quanto indeterminado e não inventariável.

O conhecimento científico é confiável pelo método e as evidências que o respaldam, mas também pela prova inequívoca do seu sucesso efetivo evidente na tecnologia que usamos dia a dia. A ciência foi capaz de colocar homens na lua e naves em Marte, foi capaz de achar cura para as pestes antes vistas como castigo divino, colocou tecnologias complicadas ao alcance de qualquer um, como a Internet, a telefonia celular e os anticoncepcionais. Como menciona Sagan num dos trechos da música, a ciência está aí para *melhorar nossas vidas*. O avanço científico e tecnológico é visto em sentido positivo, como um progresso que nos permite viver melhor e aumentar o poder que temos sobre o mundo natural. Neste sentido, entender



“como o universo funciona” não é apenas um passatempo intelectual, é um modo de resolver problemas muito práticos, de ganhar conforto, saúde, autonomia, de aumentar nossas capacidades, entre muitas outras *utilidades*.

Trata-se, sem dúvidas, de uma concepção iluminista do progresso da Razão *humana*, evidente também na metáfora utilizada por Jill Tarter no vídeo, que vê o progresso da ciência como um *iluminar* aquilo que antes permanecia na *escuridão*. No mesmo sentido, não é por acaso que o subtítulo do livro “O mundo Assombrado pelos demônios” é “*A ciência vista como uma vela no escuro*”. Nem estas metáforas, nem a ideia mesma de “iluminismo” (ou “*lumières*” no idioma original) são independentes de uma certa concepção do conhecimento que é, nos termos de Strathern (2014, p. 402) fundamentalmente euroamericana. Nesta perspectiva, a visibilidade está axiomáticamente ligada ao conhecimento do mundo onde com “mundo” quer se significar o universo abrangente em que se vive. Esta concepção ao mesmo tempo do mundo e do conhecimento encontra-se bem condensada no material publicitário da segunda edição da série *cosmos*, onde a imagem de uma nebulosa se confunde com o desenho de um olho humano:

Figura 26: Imagem promocional da nova edição da série *Cosmos*.



Fonte: <https://www.hollywoodreporter.com/live-feed/tv-ratings-foxs-cosmos-pulls-687189>. Acesso: 11/12/2019.

Ora, a compreensão da ciência veiculada por Sagan e companhia não se esgota na explicitação de suas características técnicas e suas vantagens epistemológicas e tecnológicas. Sutilmente, esses cientistas apresentam a ciência como muito mais do que a fria razão instrumental. Eles afirmam que as descobertas científicas são capazes de provocar

deslumbramento e as mais elevadas experiências estéticas. Que dúvidas e incertezas não são fraquezas nem problemas, mas estímulos e desafios. Alegam que a ciência é também arte, poesia, e que revela a beleza do mundo real. Asseguram, ainda, que diz respeito do lugar do homem no universo, de suas origens e do seu destino. E que por tudo isso, é capaz de dar sentido à vida, bem como de embasar a moral e a convivência em sociedade. Afirmam, em soma, que ciência é –até agora– insuperável como método de conhecimento e como motor do desenvolvimento das capacidades humanas, mas que, ainda assim, não é *apenas* isso.

Entende-se aqui, que tal como apresentada nos sites de divulgação científica pesquisados e na rede de outros sites de fins similares que é possível traçar através deles, a ciência não apenas fornece explicações técnicas para fenômenos físicos, mas oferece ao mesmo tempo uma narrativa altamente convincente sobre a origem do cosmos, da vida e do homem. E se trata, nestas apresentações, de uma narrativa baseada em evidências ditas *válidas*, que se pretende *verdadeira* e, por isso, *superior* a outras narrativas sobre as origens que ficam, assim, relegadas à categoria de mitos e ficções. E a ciência oferece igualmente uma narrativa sobre o que virá depois, sobre o fim da vida e do universo, narrativa que se coloca, igualmente, *por cima* de qualquer *fábula* do fim dos tempos.

Enfim, no que tem de essencial, a alegação principal é que o sentido da existência não precisa de deuses, nem de propósitos transcendentais. A beleza intrínseca do universo e a desconcertante improbabilidade do mero fato de ser convidam a venerar aquilo que realmente é e realmente existe. A sermos gratos pela enorme –porque insignificante– contingência de apenas existir, sem necessidade de fugas nem acréscimos. A julgar pelas palavras, não há nessas concepções nada além da pura imanência da matéria e dos sentidos que os seres humanos, porque dotados de inteligência, são capazes de lhe atribuir. Entidades superiores e propósitos transcendentais não são, afirmam, nem verdadeiros, nem necessários. É perfeitamente possível levar adiante vidas plenas felizes num mundo que se limita a existir sem pedir licença nem se ligar de maneira especial aos humanos, mas não deixa de ser fantástico por isso. A capacidade de conhecer, de apreender e de se maravilhar são, a todas luzes, suficientes.

Não é de estranhar que as disciplinas mais valorizadas na empreitada da divulgação científica sejam a cosmologia e a biologia. A primeira estuda a origem, estrutura e evolução do cosmos, que como explica Sagan no primeiro capítulo de sua famosa série, “*é tudo que existe, que existiu ou existirá*”. Essa rama da astronomia fala de nosso lugar nesse universo<sup>154</sup>, dos limites do espaço conhecido, dos modos em que esse todo sempre incompleto e nunca

---

<sup>154</sup> Cosmos e universo foram usados como sinônimos neste trabalho, atentando para o uso corrente das palavras.

totalmente definido se formou e das formas que poderia vir a desaparecer, e ainda arrisca hipóteses sobre outros universos possíveis. Já a biologia diz respeito do universo interior do seres vivos, sua constituição celular, seus códigos genéticos, suas variações e mutações, atenta para a origem dessa vida, sua evolução e diversificação e para as possibilidades de desaparecimento que, aliás, não parecem tão remotas. Essas ciências ensinam, em soma, do que estamos feitos, o que somos, onde vivemos, como surgimos e nos mostram que, inevitavelmente, pereceremos.

As respostas que essas ciências dão para as grandes questões se enquadram, logicamente, no objetivismo e no materialismo científico, ao menos no nível em que são divulgadas para o grande público. Fica fora dos objetivos deste trabalho fazer uma exposição detalhada dessas explicações, bem como fazer um mapeamento completo desses materiais, aliás altamente cativantes e facilmente localizáveis na World Wide Web. Muito menos cabe aqui entrar nos tecnicismos desses assuntos, complexos e totalmente alheios a área de formação de quem aqui escreve. Do que se trata, apenas, é de mostrar o “a mais” que é extraído dessas explicações, o modo em que informam uma *cosmologia* no sentido antropológico do termo, isto é uma cosmologia que define quem o homem é qual é seu lugar entre todas as coisas. Quanto a isso, há uma expressão bem difundida que sintetiza a concepção astronômica mais elementar sobre o ser e a matéria: tudo que existe, inclusive nós humanos, está constituído de material estelar<sup>155</sup>.

No primeiro capítulo da série Cosmos, Sagan explica “*O cosmos está dentro de nós, somos feitos de matéria estelar. Somos uma forma do próprio cosmos se conhecer a si mesmo*”<sup>156</sup>. Com simplicidade desconcertante, considerando as complexidades normalmente associadas à ciência espacial, Sagan nos conta que nada mais somos do que poeira de estrelas<sup>157</sup>. Assim como todas as coisas que existem, existiram ou existirão, somos pó. O físico teórico Lawrence Krauss fez uso da mesma expressão de um modo um tanto mais incisivo, e criativo, durante uma palestra que proferiu na Richard Dawkins Foundation em 2009:

---

<sup>155</sup> A expressão é atribuída a Sagan, já que foi ele o principal responsável pela sua difusão, no primeiro capítulo da série cosmos de 1980, intitulado “*Shores of cosmic ocean*”. No entanto, se trata de uma expressão bem difundida, empregada por várias personalidades, algumas delas antes do próprio Sagan. Vide: <https://hipertextual.com/2017/04/frase-mas-famosa-carl-sagan>. Data de acesso: 15/03/2018.

<sup>156</sup> O universo racionalista se ocupou do tema nos seus artigos: <https://universoracionalista.org/voce-sabia-que-somos-feitos-de-poeiras-estelares/>; <https://universoracionalista.org/confirmado-somos-realmente-poeira-das-estrelas/>. Data de acesso: 15/03/2018.

<sup>157</sup> Inúmeras derivações podem ser feitas a partir desta afirmação, mas as comparações com o relato cristão estão entre as mais óbvias. Segundo o antigo testamento, Deus disse a Adão “*Lembra-te que és pó, e ao pó hás de voltar*” (Gn 3,19) quando o expulsou do paraíso e o condenou a viver do pão ganho com o próprio suor.

Cada átomo do seu corpo veio de uma estrela que explodiu. E os átomos em sua mão esquerda provavelmente vieram de uma estrela diferente que os de sua mão direita. Essa é realmente a coisa mais poética que sei sobre a física. Todos são pó de estrelas. Você não poderia estar aqui se estrelas não tivessem explodido, porque os elementos –o carbono, o nitrogênio, o oxigênio, o ferro, todas as coisas que importam para a evolução e para a vida– não foram criados no início do tempo. Foram criados nos fornos nucleares das estrelas, e a única maneira de entrarem em seu corpo é se essas estrelas tiveram a gentileza de explodir.

Então, esqueça Jesus. As estrelas morreram para que você pudesse estar hoje aqui hoje.<sup>158</sup>

Ora, ensinamentos como esses constituem, como afirmam seus entusiastas, uma lição de humildade. Brian Greene afirma no vídeo que “*Existe uma realidade universal maior da qual estamos todos à parte*” e esse é o primeiro ponto a relevar. A realidade não precisa de nós, não foi feita para nós, não depende de nossos medos e anseios, nem precisa de um significado feito a nossa medida. Nas palavras de Sagan “*não nos foi dado o papel principal no drama cósmico*”. E isso se aplica tanto ao universo exterior como ao interior, que compõe nossa biologia. Para a ciência, a realidade não é antropocêntrica e essa é toda uma lição de humildade e de convivência pacífica. Somos insignificantes e efêmeros em demasia para nos crermos superiores a outros homens ou mesmo aos animais, para brigarmos por diferenças ideológicas, políticas ou religiosas, para não ter empatia com homens e animais, para não cuidar do planeta, nosso único endereço, para não valorizar o fato de estarmos vivos e termos a rara oportunidade de partilhar, mesmo por tempo limitado, dessa maravilha.

Como deve ter ficado evidente a partir dos exemplos anteriores, a leitura da ciência feita nestes canais de divulgação oferece uma *narrativa* capaz de suplantando àquela da religião – tipicamente, das religiões abraâmicas– em vários dos seus quesitos fundamentais. A ciência responde as grandes perguntas sobre a origem do mundo, da vida e sobre seus possíveis destinos e sobre a identidade e o lugar do homem dentre o restante da outrora criação. Trata-se de explicações que prescindem de deus, de transcendências e em geral de qualquer elemento outro que a própria *matéria* e suas leis imutáveis. Mas ainda assim, são susceptíveis de provocar epifanias perante a beleza e os mistérios do universo. Não por materialista o cosmos assim

---

<sup>158</sup> Tradução própria do original: “*Every atom in your body came from a star that exploded. And, the atoms in your left hand probably came from a different star than your right hand. It really is the most poetic thing I know about physics. You are all stardust. You couldn't be here if stars hadn't exploded, because the elements – the carbon, nitrogen, oxygen, iron, all the things that matter for evolution and for life – weren't created at the beginning of time. They were created in the nuclear furnaces of stars, and the only way for them to get into your body is if those stars were kind enough to explode. So, forget Jesus. The stars died so that you could be here today*”. Extraído de: <https://www.youtube.com/watch?v=7ImvIS8PLIo#t=16m49s>. Data de acesso: 15/03/2018.

recriado perde a sensibilidade estética, nem a reverência frente ao mistério. E se perde o autoconvencimento férreo das escrituras e revelações o suplanta pela confiança nos mecanismos autocorretivos do seu método e pela parcimônia de uma empreitada que se sabe sempre inacabada.

A ciência renúncia aos absolutos e os sentidos últimos, assim como à obrigação de responder todas as perguntas. O ceticismo sistemático, bem entendido e bem aplicado, sempre se permite deixar a resposta em aberto ali onde faltam evidências ou argumentos. Mas isso não conduz, como Sagan soube muito bem explicar, à falta sentido, o vazio e o desespero. A narrativa da ciência é bem capaz de embasar a filosofia de vida, a visão de mundo, e inclusive uma certa espiritualidade. Tudo isso sem planos divinos, nem paraísos, nem infernos, pecados nem histórias de redenção. Ao que tudo indica, o objetivo primário de todos estes divulgadores não é questionar nem refutar a religião, mas comunicar a ciência, pela ciência mesma. É a narrativa que apresentam dessa ciência que *prescinde* totalmente de deus. Eis a relação entre o mundo da divulgação científica e o ativismo ateu: fornece uma explicação sólida, cativante e bela do tudo em que estamos imersos que prescinde de deus, logo fornece uma visão de mundo positiva ao ateísmo que não se limita à simples negação ou questionamento de deus.

Vale a esclarecimento. Não necessariamente os cientistas que falaram acima se definem como ateus<sup>159</sup>, assim como não necessariamente os sites de divulgação científica que aqui foram elencados se apresentam como canais de ativismo ateísta ou mesmo voltados a ateus. No entanto, a compreensão da ciência e uns e outros apresentam acaba por coincidir com uma visão de mundo fundamentalmente ateu, na medida em que não possui qualquer ideia de deus ou o relega a uma posição remota, residual, totalmente inócua. E o fato é que entre esses divulgadores (os conhecidos mundialmente e os locais) há um número não desprezível de ateus e que o mesmo acontece entre os seguidores anônimos desse tipo de conteúdo. *Na prática – sustenta-se aqui – não há solução de continuidade perceptível entre o espaço da divulgação*

---

<sup>159</sup> As nuances são muitas, mas pode-se afirmar que Sagan se definia como agnóstico (<https://universoracionalista.org/afinal-carl-sagan-era-ateu/>, data de acesso: 16/03/18), Neil de grasse Tyson se define como agnóstico, embora prefira evitar essas categorias (<https://www.youtube.com/watch?v=CzSMC5rWvos>, data de acesso: 16/03/18), Stephen Hawking se reconhecia como ateu, porém não militante (<http://time.com/5199149/stephen-hawking-death-god-atheist/>, [https://www.washingtonpost.com/news/acts-of-faith/wp/2018/03/14/im-not-afraid-what-stephen-hawking-said-about-god-his-atheism-and-his-own-death/?utm\\_term=.997f1596aad5](https://www.washingtonpost.com/news/acts-of-faith/wp/2018/03/14/im-not-afraid-what-stephen-hawking-said-about-god-his-atheism-and-his-own-death/?utm_term=.997f1596aad5), <https://www.usatoday.com/story/news/world/2018/03/14/brief-history-stephen-hawkings-atheism/425724002/>, data de acesso: 16/03/18), e Richard Dawkins certamente como ateu, na versão mais combativa do termo. Vale dizer que não interessa quanta sutileza os cientistas coloquem em definir sua posição, o fato de se apresentar como “não-religiosos” os converte automaticamente em objeto de reivindicação do movimento ateu.

*científica e àquele do movimento ateuista*. Conteúdos, personagens, ideias, imagens e referências circulam entre um e outro sem que seja possível traçar uma linha divisória clara entre ambos. Canais dedicados à ciência atraem ateístas e todo tipo de afins e empreendimentos ateístas de cunho militante normalmente assumem para si a tarefa de divulgar ciência.

## 6.2 A AUTODEFINIÇÃO DOS ATEUS E OS PERIGOS DO FUNDAMENTALISMO

Se a definição de ateísmo foi discutida pelos pesquisadores em suas sutilezas teológicas e filosóficas, as concepções dos próprios ateus sobre sua condição têm sido, em geral, desconsideradas nos trabalhos. Em outras palavras, na hora de categorizar o ateísmo, aquilo que os ateus têm a dizer sobre a questão tendeu a ser ignorado, ou bem subordinado à teoria. Todavia, na antropologia (ao menos a que se ensina no meio acadêmico que origina esta tese) o ponto de vista do nativo constitui um dado fundamental de qualquer pesquisa e, mais ainda, deve ser respeitado e levado a sério pelo antropólogo na elaboração de suas descrições. Este não é o posicionamento de um autor ou uma escola particular, mas a concepção do trabalho antropológico de diversas linhas teórico-metodológicas que, em outros quesitos, discordam entre si. No que respeita aos ateus (isto é, aqueles que tomaram parte nesta pesquisa) o consenso é claro: se defende o ateísmo como um posicionamento *sui generis*, separado e diferente das religiões. Num dizer habitual entre os representantes da ATEA, “*ateísmo é religião tanto quanto careca é cor de cabelo*”<sup>160</sup>.

Ora, quando de explicitar tal posicionamento se trata, é igualmente claro o consenso por uma formulação mínima: ‘*ateu é quem não crê em deuses*’. E ponto. Ao longo do trabalho de campo, os ‘nativos’ recusaram insistentemente e sistematicamente qualquer tentativa de precisar, enriquecer ou introduzir determinações nesta definição. A opção é por um conceito, nos termos da filosofia da linguagem, de intensão mínima e extensão máxima e isso, precisamente, porque se identifica o fechamento da definição com o traçado de fronteiras religiosas. Como bem se encarregaram de frisar os participantes da 8º COMAAFOR a militância ateuista ‘*não tem cláusulas*’, fora a de ‘*não acreditar em deus*’. No mesmo sentido, os diversos ativistas presentes no 31º Bar dos Hereges, se posicionaram como defensores do livre-pensamento, e em virtude disso manifestaram oposição a qualquer figura que queira se tornar ‘*guru*’ do ateísmo e

---

<sup>160</sup> <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/sorria-o-inferno-nao-existe/>. Acesso: 15/12/2019. A expressão, pertencente ao ativista norte-americano Don Hirschberg foi repetida mais de uma vez pelos representantes da ATEA ao longo do trabalho de campo.

determinar ‘*o que um ateu é ou não é*’. Para um dos participantes das COMAARJ –aquele que já foi seminarista e hoje milita pelo PSOL– definições semelhantes recaem na “falácia do escocês de verdade” e constituem ‘*tentativas de dogmatizar a descrença*’, algo que a todas custas deve ser evitado.

O ativista chamado de Professor, explicou bem este ponto no seu estilo característico. Num dos textos que compartilhou no grupo de WhatsApp das COMAAFOR, intitulado “*Da religião pelo ateísmo*”, expressa:

Difícil de se digerir na sua acepção, muitas vezes até pelos próprios adeptos, o ateísmo detém tão somente "não crer em divindades" como significado. Não é acessório ao termo, na sua completude, qualquer ideologia supostamente correlata como parte da sua acepção, a não ser, à preço de se deformar um vocábulo que cabe tão bem, simples que é, em um número razoável de pessoas sem qualquer aptidão àquele apelo ao sacrossanto. Certamente, mutilar o termo para que se sente ao trono que a religião ocupou, é paradoxal - sendo sucinto. Analogamente, a ciência, não merece ser antropomorfizada sob encomenda para o mesmo cargo inglório. Concordo que, uma vez que o ateísmo fosse, em um futuro possível, estabelecido, massificado... Não deveriam existir "neo-divinizações" dogmáticas. O que não requer, de qualquer forma, que o nosso senso poético de contemplar morra junto com a nossa inclinação forte para a mentira.

Como já foi relatado no subtítulo 4.2, nas conversas de WhatsApp que precederam a XI COMAAFOR se desenvolveu uma discussão sobre a diferença entre atues e agnósticos. Isto veio à tona após a pesquisadora se apresentar utilizando o termo técnico de “ateísmo agnóstico” perante a pergunta de um dos participantes. Fora o teor da ira que esta resposta despertou em alguns dos meus interlocutores, interessa chamar a atenção para a urgência em resolver aquilo que, por alguns, era visto como ambiguidade ou falta de decisão. A despeito de minhas tentativas de explicar as sutilezas do conceito, aqueles que se erigiram em interlocutores centrais exigiam a escolha de uma entre duas posições que viam como inconciliáveis. Como também se relatou anteriormente, os coordenadores do grupo se apuraram a marcar suas diferenças com tais atitudes, reprovando-as como fundamentalistas, superficiais e, no limite, ignorante dos conceitos.

Mais tarde, e numa conversa face à face ambos os coordenadores frisaram seu desacordo com a reação desmesurada dos colegas no WhatsApp e a visão restritiva do ateísmo que defenderam. O professor, principalmente, foi enfático na postura de não definir o que o ateísmo é para além da não crença em deuses. Contra o conceito segregacionista do colega, disse pregar um ‘*ecumenismo ateu*’, onde todas as definições de ateísmo tenham cabida. Esta é, de fato, a

política habitual das agrupações ateístas, ao menos aquelas que fizeram parte da pesquisa: procura-se incluir a todo aquele que recuse a ideia de deus ou deuses, seja qual for a maneira específica em que se conceba essa descrença. Ao menos ao nível da praxe, distinguir entre descrentes más ou menos autênticos conforme uma definição particular e particularista do conceito constituiria uma tentativa de estabelecer um fundamento ou um dogma e, com isso, uma recaída na forma-religião. Segue-se daí que a insistência em manter a definição mínima, aberta e, por isso, *negativa*, obedece precisamente uma tentativa de se opor ao universo religioso sem cair dentro dele. Em todos os casos, a confissão de ignorância e dúvida é preferível à arrogância da definição definitiva.

Isto não significa, no entanto, que os desacordos não existam e as diferenças não se discutam. Pelo contrário, entre ateus são frequentes as discussões sobre o significado preciso dos termos e sobre os esquivos limites entre a crença e a descrença. Estes, porém, nunca chegam ao ponto de estabelecer novas definições por direito próprio, como deixou claro uma controvérsia desenvolvida no meios virtuais ateístas entre 2011 e 2012. Se chegou a esta discussão logo nas primeiras semanas do trabalho de campo, quando a então presidente da LiHS recomendou a leitura de uma série de ensaios sobre a questão de autoria de Gregory Gaboardi, então graduando em Comunicação Social na UFRGS<sup>161</sup>. Estes artigos e deram lugar a uma discussão acalorada que se estendeu por vários meses e incluiu uma variedade de interlocutores. As réplicas e réplicas das réplicas aos esclarecimentos conceituais de Gaboardi colocaram de manifesto tanto a resistência coletiva ao estabelecimento de definições quanto o teor e os limites do racionalismo que os caracteriza.

Antes de continuar é preciso notar que desacordos semelhantes, que dizem respeito da definição mesma daquilo que se defende, se desenvolvem antes nos meios virtuais que nos encontros presenciais, ou ao menos foi tal a observação realizada durante o campo. É nos blogs e redes sociais onde as vozes dissidentes e minoritárias têm maior espaço para se expressar e, por isso, as controvérsias se desenvolvem mais livremente. Isso se observa em menor escala nos grupos de WhatsApp, em particular aqueles que correspondem a eventos presenciais ou grupos que se reúnem esporadicamente (a rigor, todo evento tem seu grupo de WhatsApp). Já nos encontros, questões como as colocadas por Gaboardi ou os participantes díscolos da COMAAFOR não têm maior cabida. Nesses contextos é consensualmente implícito aquilo que

---

<sup>161</sup> Segundo o currículo Lattes, Gaboardi cursou graduação em comunicação social na UFRGS entre 2007 e 2012, mestrado em filosofia na PUC/RS entre 2015 e 2017 e possui doutorado em andamento pela mesma instituição, no qual se insere na linha de epistemologia analítica. Fonte: <http://lattes.cnpq.br/3149268526394242>. Acesso: 20/12/2019.



o ateísmo é e principalmente, o que não é: não é dogma, nem doutrina, nem Igreja; não admite gurus nem sacerdotes; não é nem pode ser um *a priori*, nem um fundamentalismo. Quanto ao que é, quase nada ou bastante pouco: apenas a não crença em deus.

### 6.3 SER OU NÃO SER CRENÇA: A CONTROVÉRSIA DEFINICIONAL

Focando na controvérsia, a série de ensaios que deu origem à cadeia de reações foi publicada pelo Bule Voador entre 2011 e 2012 sob o título de “*Por que o ateísmo é uma crença*”<sup>162</sup>. Nestes, o autor procurou em primeiro lugar mostrar as falhas dos argumentos que dizem que o ateísmo não é uma crença, em segundo lugar explicitar a noção de “crença” segundo a teoria dos sistemas intencionais de Daniel Dennet (um dos chamados quatro cavaleiros do ateísmo) para, por último, defender a proposição de que o ateísmo constitui, sim, uma crença. Chama a atenção a quantidade de tecnicismos filosóficos empregados pelo autor, bem como o interesse por definir cada termo com precisão e a minúcia com que são amarrados os elos da cadeia argumental. Ao todo, os textos fazem lembrar das preocupações do positivismo lógico, pelo afincamento por eliminar as ambiguidades e imprecisões da linguagem natural, e chamam a atenção pela adoção de pressupostos teóricos que, do ponto de vista das ciências sociais tal como entendidas no Brasil, resultam perpassados, mas não perdem vigência a nível internacional em particular na academia anglofalante, a saber, o behaviorismo e a teoria da ação racional.

A tese defendida por Gaboardi afirma que, *para ser racional* –isto é, uma posição racionalmente justificável– o ateísmo deve ser entendido como “*a crença de que não existem divindades*”. Esta afirmação deriva de uma depuração do conceito natural de crença de modo de liberá-lo dos “*preconceitos do senso comum ou vícios linguísticos*” que identificam a noção de “crença” com aquela bastante mais restritiva de “*fê*”. Ao mesmo tempo, implica distinguir a “*ausência de crença*” –da qual não é possível predicar racionalidade nem irracionalidade– da “*crença em que algo não é o caso*” que pode ser, sim, sujeita a argumentação. Com o mesmo intuito de desambiguação, o autor distingue o ateísmo (entendido neste último sentido) do agnosticismo como a postura que entende que não é possível saber se divindades existem ou

---

<sup>162</sup> Considerando que a série de ensaios não era inteiramente acessível através do site do Bule Voador, se utilizou como fonte uma versão revisada e aumentada do artigo que o mesmo autor subiu à rede social “Academia.edu”. Todas as citações foram extraídas desse texto. Extraído de: [https://www.academia.edu/7339141/Por\\_que\\_o\\_ate%C3%ADsmo\\_%C3%A9\\_uma\\_cren%C3%A7a](https://www.academia.edu/7339141/Por_que_o_ate%C3%ADsmo_%C3%A9_uma_cren%C3%A7a). Acesso: 30/09/2016. A paginação corresponde também a esta versão do ensaio.

não e, portanto, requer suspender o juízo sobre a existência ou inexistência delas. Nem ausência de crença nem suspensão desta, o ateísmo é entendido como uma afirmação da inexistência do divino que pode e deve ser sujeita a argumentação racional.

Com efeito, o autor entende que o ateísmo é uma tese filosófica posto que “*não há teoria científica que possa estabelecer que divindades não existem, sequer há interesse científico em estabelecê-lo*” (p.22). Gaboardi explica que a ciência ajuda a dispensar razões para acreditar na existência de divindades, mas não oferece razões para acreditar na inexistência destas. Para ele é falsa a ideia científicista de que basta o conhecimento científico para tornar o ateísmo razoável. Aliás, “*A tese de que o conhecimento científico nos mostra como o mundo realmente é não é, ela mesma, uma tese científica*” (p. 23), mas filosófica (a chama de naturalismo metafísico) e, por banal que pareça, controversa. Em tanto que crença e tese filosófica o ateísmo cai no território daquilo que deve decorrer de argumentos razoáveis para resultar racional<sup>163</sup>. O ônus da prova, enviado ao campo teísta pelo célebre argumento de Bertrand Russell, é assim, redirecionado aos ateus<sup>164</sup>.

Desta maneira, Gaboardi questiona a adoção de uma classificação errônea com objetivos sócio-políticos. Excluindo o ateísmo da categoria de crença se demarca uma fronteira clara entre ateus e religiosos e, ao mesmo tempo, se ensancha o grupo dos primeiros que passa a incluir agnósticos, céticos e todos aqueles que, *grosso modo*, não simpatizam com divindades. Para Gaboardi, a estratégia de manter o grupo grande e a fronteira nítida pode render bons réditos políticos, mas o faz a custas de sacrificar a racionalidade. Em suas próprias palavras, “*Por mais repressão que os ateus tenham sofrido e ainda sofram, a razão não deveria ser negociável para garantir corpo ao grupo*”. Contra os vícios do científicismo e do radicalismo antiteísta, liberta o conceito de razão dos limites da ciência, mas reivindica sua posição como valor supremo. É precisamente em nome da Razão que as definições devem antes ser proposicionalmente verdadeiras que pragmaticamente eficazes.

Em conjunto, o artigo acaba sendo uma espécie de manual para ateus debaterem com teístas, tentando rebater seus argumentos e desmascarando seus mal-entendidos. No entanto, os debates efetivamente existentes na “arena pública”, por não dizer “mundo real”, dificilmente são tão regrados e autolimitados como quer o autor do artigo. Aliás, o texto não despertou a

---

<sup>163</sup> Sem intenção de ser exaustivo nem conclusivo, o autor oferece três argumentos em favor da tese do ateísmo-como-crença: argumento do naturalismo metafísico (só existe aquilo que é físico), argumento do mal (se existem males fortuitos não pode haver deus) e argumento do deus escondido.

<sup>164</sup> Curiosamente, o blog onde o ensaio foi publicado se chama “bule voador” em homenagem a célebre formulação do argumento da inversão do ônus da prova realizada por Bertrand Russell.

rejeição de religiosos, mas dos próprios ateus que saíram em defesa da linguagem natural, com toda sua riqueza, imprecisões e ambiguidades. Surpreendentemente ou não, tomaram distância da rigidez lógica proposta por Gaboardi para reivindicar a legitimidade dos conceitos nativos, a importância da pragmática da linguagem e inclusive de sua poética, entre uma variedade de aspectos fundamentais do discurso humano que excedem, em muito, o ambiente controlado da filosofia analítica.

No mapeamento da controvérsia (VENTURINI, 2010) se tomaram em conta as réplicas diretas ou indiretas aparecidas em outros blogs e os comentários que suscitaram<sup>165</sup>. Na época do trabalho de campo, a série de artigos publicada pelo Bule Voador tinha algumas partes faltando, por isso foi tomado como fonte um artigo completo, com o mesmo título, publicado pelo autor em Academia.edu, que ao que tudo indica, constitui uma versão ampliada e revisada dos originais<sup>166</sup>. Na prática, a polêmica foi um achado semiocasional das tentativas de busca do ensaio completo na Internet. Foi esta pesquisa que descobriu tanto as réplicas e discordâncias aos artigos de Gaboardi quanto sugeriu, pela primeira vez, a noção de um campo, ou ao menos um espaço de discussão virtual, integrado por ateus, iniciativas ateístas e simpatizantes (entre os quais se incluem divulgadores de ciência). Das interações, é possível afirmar que ao menos os participantes principais se conheciam previamente de outras polêmicas, algumas das quais foram constitutivas das principais divisões que dão forma ao campo ateu do Brasil.

Dentre as repercussões geradas pelo ensaio do Bule Voador (ao menos, aquelas que conseguiram ser rastreadas) destaca a polêmica surgida no Blog do Paulo Lopes, como já se mencionou, um dos principais meios de difusão de notícias relevantes aos ateus no Brasil. Este canal repercutiu a finais de 2011 uma coluna da Folha de São Paulo de autoria do jurista e integrante da Opus Dei Ives Gandra Martins na qual este criticava o “*fundamentalismo ateu brasileiro*”<sup>167</sup>. O blog noticiou, igualmente, a réplica de Daniel Sottomaior a estas declarações, na qual tilda o fundamentalismo ateu de “ficção”, aparecida no mesmo jornal uns dias mais

<sup>165</sup> Não há aqui pretensões de exaustividade. A Polêmica comportou mais réplicas e mais personagens que os aqui mencionados. Por sua vez, muitas das respostas, sejam em comentários ou em novas publicações continham links para outras fontes que, se bem foram revistadas, não tiveram cabida nas interpretações aqui apresentadas.

<sup>166</sup> Com efeito, logo no título aparece a chamada de uma nota de rodapé com a seguinte mensagem: “*Agradeço ao Francisco Boni Neto por ter editado algumas partes deste artigo (na época em que foram publicadas no Bule Voador) e pelos comentários. Agradeço também, e especialmente, ao Eli Vieira, que sugeriu o título, revisou o conteúdo, e sempre apoiou as ideias que são aqui defendidas, mesmo que isso tenha danificado sua relação com a comunidade de ateus, céticos e simpatizantes.*”

<sup>167</sup> <http://www.paulopes.com.br/2011/11/integrante-da-opus-dei-critica-o.html#.V-0kPPkrLIU>. Artigo original na Folha de São Paulo: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/10741-fundamentalismo-ateu.shtml>. Acesso: 28/09/2016.

tarde<sup>168</sup>. Estas publicações deram lugar a uma enxurrada de comentários, alguns dos quais foram convertidos em novas publicações pelo administrador do blog, e deram, por sua vez, lugar a novos comentários. É o caso da resposta de Eli Vieira, fundador da LiHS ao presidente da ATEA, onde o acusa de “cometer falácia” ao definir o ateísmo<sup>169</sup> e, da resposta a esta resposta, elaborada pelo blogueiro Marcelo Esteves, na qual acusa o referente da LiHS de fugir da questão<sup>170</sup>.

Ao todo o foco da controvérsia se desloca do fundamentalismo à definição de ateísmo e, daí, à praxe do movimento. Este percurso mostra que o primeiro debate se estabelece em resposta a investidas de agentes externos ao movimento, tipicamente religiosos, mas também descrentes desconformes com os rumos tomados por este. Já a discussão sobre a definição de ateísmo constitui uma preocupação quase que exclusivamente interna ao ativismo ateu e deriva em reflexões antes pragmáticas que ontológicas. Com efeito, se as respostas às acusações de fundamentalismo são em geral matizadas, a rejeição ao estabelecimento de uma definição fechada e substancial de ateísmo tende a ser mais homogênea, mostrando uma sorte de consenso entre os ativistas ateus que podem discordar sobre quase qualquer outro tema.

Como era de se esperar, a matéria sobre o artigo de Gandra Martins despertou as críticas acirradas dos ateus que reagiram, principalmente à comparação com os fundamentalistas de Oriente Médio (o jurista afirmou que os ateus “*só não se assemelham aos ‘fundamentalistas’ do Oriente Médio porque não há terroristas entre eles*”). Embora houvesse entre os comentaristas alguns teístas defendendo a Gandra, a maioria se dedicou a refutar seus argumentos ou diretamente a criticar os excessos atuais e históricos da Igreja Católica (e da Opus Dei). Sob o alias de “Cognite Tute” um internauta reagiu à comparação do prelado da Opus Dei dizendo:

Justamente! E é uma diferença e tanto, baseada, veja só, no fato de não termos verdades absolutas, creditadas a um ser absoluto e onipotente, contra o qual não há argumento ou razão a ser oposta. Abraão não podia “argumentar” com Jeová, sobre o absurdo que é sacrificar o próprio filho para Ele. Ele, como todo terrorista, pode apenas obedecer a vontade de deus, não interpretar ou relativizar (o horror da fé, pensar sobre o assunto). Se o bem e mal, certo e errado, derivam de deus, então se ele deseja algo, é certo e pronto...

<sup>168</sup> [Http://www.paulopes.com.br/2011/12/sottomaior-responde-gandra.html#.V-0kR\\_krLIW](http://www.paulopes.com.br/2011/12/sottomaior-responde-gandra.html#.V-0kR_krLIW). Artigo original na Folha de São Paulo: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniaio/13603-o-fundamentalismo-de-cada-dia.shtml>. Acesso: 28/09/2016.

<sup>169</sup> [Http://www.paulopes.com.br/2011/12/daniel-sottomaior-comete-falacia-ao.html#.V-w9o\\_krLIU](http://www.paulopes.com.br/2011/12/daniel-sottomaior-comete-falacia-ao.html#.V-w9o_krLIU). Acesso: 28/09/2016.

<sup>170</sup> [Http://www.paulopes.com.br/2011/12/eli-rouba-um-foco-do-daniel-para-se.html#.V-wvOfkrLIU](http://www.paulopes.com.br/2011/12/eli-rouba-um-foco-do-daniel-para-se.html#.V-wvOfkrLIU). Acesso: 28/09/2016.

O ponto principal da discussão recaiu sobre a impossibilidade de existir *fundamentalismo* ali onde não existem *fundamentos*. Um anônimo expressou: “*Não existe Fundamentalismo ateu, assim como não existe fanatismo por NÃO torcer por um time. O que mais perto chega disso é o fanático anti teísta*”. Esse foi, precisamente, o ponto da coluna de Sottomaior, que questionou –parafrazeando a Gandra– a existência “*de uma coisa chamada “fundamentalismo ateu”, que empreende “guerra ateia contra aqueles que vivenciam a fé cristã*””. Como o anônimo do comentário acima, o presidente da ATEA entende que “*...o ateísmo é somente a ausência de crença em todos os deuses, e não tem qualquer doutrina. Por isso, fundamentalismo ateu é um oxímoro: uma ficção ilógica como “círculo quadrado*””. Em conjunto, o artigo de Sottomaior se dedicou a demonstrar as dificuldades que os ateus têm de se expressar publicamente no Brasil e a denunciar a incontestável porém despercebida influência social das religiões, cuja manifestação mais preocupante são, segundo ele, as violações à laicidade do Estado.

O artigo do titular da ATEA recebeu comentários que celebraram suas ideias e outros que as questionaram, mas uns e outros giraram em torno do tema central do fundamentalismo, embora o conceito variasse entre os interlocutores. Esta situação mudou quando o referente da LiHS interveio para criticar a premissa principal do raciocínio de Sottomaior: a definição de ateísmo como ausência de crença em divindades. Para ele, tal definição incorre em falácia etimológica e por isso deve ser eliminada por “ilógica”, a risco de incorrer nas mesmas faltas que se imputam ao adversário. Seguindo a Gaboardi, Vieira entende que “*O ateísmo é, sim, uma crença ou conjunto de crenças. E isso não é um demérito. Conhecimento também é um tipo de crença: a crença verdadeira e justificada*”. Acrescenta, ainda, que ateus deveriam ter conhecimento das elaborações filosóficas sobre o assunto na hora de debater, para fazê-lo com propriedade:

Lidar com definições e conceitos ignorando o trabalho dos filósofos é como lidar com animais e plantas ignorando o trabalho dos biólogos e lidar com ondas e partículas ignorando o trabalho dos físicos”; e ainda: “Uma gafe conceitual de um ateu definindo ateísmo é análoga a uma gafe de um enfermeiro procurando o baço ou o fígado no lado errado.

Este comentário provocou um deslocamento das discussões, que passaram a orbitar em torno da definição de ateísmo como crença. Tanta foi a repercussão da réplica do titular da LiHS a Sottomaior, que o administrador do Blog converteu seu comentário numa nova publicação

que deu lugar, por sua vez, a novos comentários. Estes se orientaram, em sua maioria a questionar o conceito purificado de ateísmo proposto por Vieira e isso em nome da linguagem natural e da conveniência da definição mínima. Se dentre as respostas a Sottomaior se misturavam aquelas que concordavam com seu ponto de vista e aqueles que o criticavam, tanto quanto misturavam descrentes e religiosos, as respostas a Vieira pareciam provir quase que exclusivamente de descrentes em desacordo com sua visão elitizada do ateísmo. A julgar pelo número de comentários, é possível afirmar, inclusive, que esta questão de interesse se mostrava mais urgente aos ateus que a anterior: se o artigo de Sottomaior provocou 92 comentários (dos que participaram crentes e descrentes), a intervenção de Vieira deu lugar a três vezes essa quantidade (mas da discussão participaram apenas ateus ou filoateus, pelo que pode se deduzir).

As críticas às colocações do Eli Vieira apontaram ao elitismo e o intelectualismo implícitos na proposta de uma definição de ateísmo que desestima o significado natural do termo tanto quanto a autocompreensão da maioria dos ateus, letrados ou não. Um usuário identificado como “Empório do Vidro” foi eloquente ao colocar este questionamento:

olá a todos, meu nome é claudio cordeiro, fiz o segundo grau há 20 anos, estou defasado intelectualmente, se é se já entendi alguma coisa de filosofia, finalmente peço desculpas a todos acima. me desculpem por eu ter tido o displante de ter me tornado ateu sem saber de que forma, lendo os posts tenho desconfiaça que nunca fui ateu, deve existir um nome para quem não acredita em amigo invisível, para quem não acha graça em anjos, santos fadas, sacis, cucas ou gnomos, com certeza não sou ateu, com certeza não acredito em deuses, nenhum deles. pena que, 25 anos depois, eu não saiba quem sou, se não botafoguense incredulo em divindades.

Outros entenderam que a preocupação do intelectual da LiHS introduzia complicações desnecessárias e, no final das contas, contraproducentes para o crescimento do movimento. De forma técnica, um internauta explicou: “*Não entendo tanto leriado em torno do princípio de ateísmo ser crença ou descrença. Vejamos: se digo que o ateísmo é uma descrença na existência, estou usando a estrutura  $A = (\sim E)$ , se digo que é a crença na inexistência, estou dizendo  $A = \sim(E)$ . Tanto faz, pois, no fim, será tudo  $A = \sim E$* ”. Desde um ponto de vista pragmático, outro opinou: “*Francamente, entre esta explicação pretensiosa do Eli Vieira e a de Sottomaior, fico com a última. Faço minhas as palavras do Peter Moon, “Sou ateu. Sou agnóstico. Escolha o nome que preferir” Discutir a etimologia do termo, para propósitos de defesa do estado laico é irrelevante*”. E, de fato, houve quem defendeu a definição mínima e inclusiva de Sottomaior por considera-la mais adequada à construção de um movimento articulado e –sublinhe-se– diferente das religiões: “*Se nos colocamos o ateísmo com fortes*

*divisões nos enfraquecemos, se padronizamos e criamos uma doutrina nos tornamos religiosos”.*

Houve, inclusive, aqueles que não apenas criticaram a “higiene” da definição do ateísmo, mas a jogada essencialmente política que vem com esta. Foi o caso do internauta conhecido como Marcelo Esteves, cujo comentário foi convertido em publicação pelo administrador do blog. Este sujeito, que assina como “*co-fundador arrependido do Bule Voador e ex-membro emérito da LiHS, desligado a pedido*” interpretou a resposta do titular da LiHS num contexto de disputas com a ATEA pela representação dos descrentes:

Tal como o diabo da cruz, é impressionante como o Eli foge da questão de suas reais motivações para criticar o Daniel. Nas duas oportunidades em que foi questionado, tergiversou.

Mas para aqueles que acompanham os bastidores da “militância ateísta”, não é segredo que o texto segue uma agenda política: fazer do Eli o grande líder dos ateus no Brasil, bem como tornar a LiHS sua fiel representante.

Para isso, Eli se valerá até das vírgulas que o Daniel esqueça de digitar, mas terá a “coragem” de dizer que defende causas maiores e nobres. Catará cerejas à rodo, mas sustentará que seu objetivo é preservar os ateus.

Bobagem. A intenção do Eli é se autopromover.

A partir do comentário-artigo de Esteves o debate deslocou-se novamente, agora para a praxe da LiHS e o caráter alegadamente pouco pluralista e liberal de sua política institucional. O altercado foi tal que chegou a motivar a publicação de um pronunciamento público por parte da associação esclarecendo que “*recebeu e sempre receberá de braços abertos ateus e agnósticos de todos os tipos*” e afirmando seu compromisso com o debate de ideias. Com efeito, o Bule Voador, ligado à LiHS tinha sido acusado, tanto pelo autor do comentário artigo como por vários dos comentaristas de censurar comentários e destratar seguidores. No fim, no entanto, percebe-se uma relação direta entre a definição exclusivista de ateísmo e a política restritiva atribuída à organização. Isto foi notado por um internauta conhecido no meio, cujas palavras sobre a polêmica foram recuperadas, embora este não tenha intervindo diretamente na discussão no Blog do Paulopes. Trata-se de Kentaro Mori, um blogueiro dedicado à divulgação científica que em outras ocasiões já tinha vindo a público para mostrar as diferenças entre as propostas de ATEA e a LiHS e o caráter exclusivista de esta última.

Segundo Mori, “*Quando a ATEA foi criada a definição etimológica foi usada justamente para ser a mais inclusiva possível, afinal, é uma associação de ateus e agnósticos. Não foi propriamente um “erro”, “gafe” ou “ingenuidade”, foi uma decisão pragmática e política*”. Em consequência, “*A LiHS, ao rejeitar a definição etimológica, inversamente,*

*assumiria um outro posicionamento, também político, que seria muito menos inclusivo. Espero que esse posicionamento do Eli não se traduza em algo formalizado pela organização”. Nas respostas a Vieira, outro internauta tinha recuperado uma fala deste mesmo referente, em seu momento publicada como comentário no Bule Voador onde explicava que “Definir que a conceituação no dicionário para ateísmo é um erro é definir que todos que se declaram ateus de acordo com esse conceito são ateus em auto-engano. Por certo isso os excluirá, porque duvido que alguém gostaria de fazer parte de um grupo que de antemão o classifica como incorrendo em um erro”.*

Ora, Mori se encarregou ele mesmo de elaborar uma réplica a Vieira e Gaboardi que publicou no seu blog de divulgação científica “100Nexos”<sup>171</sup>. Neste texto, ele ataca o “escolasticismo filosófico que pretende extrair verdades absolutas a partir da tortura de definições” em nome do “conhecimento concreto sobre o mundo natural” que bem sabe distinguir entre as palavras e as coisas. O interessante do artigo é que procura demonstrar a infrutuosidade dos esforços definicionais de Gaboardi nos mesmos termos em que este argumenta sua importância. Se a série de ensaios do Bule Voador se fundamentava na filosofia analítica, a resposta a estes esteve baseada nos desenvolvimentos filosóficos, alguns provindos desta mesma escola, que mostraram os limites intrínsecos da empreitada logicista de depuração da linguagem.

Mori questiona a postura de Gaboardi quem, fundamentando-se na filosofia analítica e citando a Dennett, Ryle, Searle e outros filósofos desta escola “defende que pensar que o ateísmo seja “ausência de crença” ou “descrença” seria um “grande erro”” ou, nos termos de Vieira, uma “gafe conceitual contrária à filosofia”. Mori, pelo contrário, sustenta que, “a definição filosófica estaria sendo promovida veementemente em desfavor do uso comum, para nenhum efeito exceto revelar mais sobre como as pessoas definem e interpretam crença e ateísmo do que no que de fato acreditam ou não”. Isso porque, na prática, “o ateísmo como “crença sobre a existência de deuses” pode ser equivalente à “ausência de crença na existência de deuses” em seu uso mais diverso na linguagem natural”. Tratar-se-ia, em soma, de uma mera preocupação nominalista que dista, em muito, de uma conclusão lógica inconteste:

Talvez surpreenda, mas esta posição filosófica não é consenso nem mesmo na filosofia. Mesmo entre os que a defendem boa parte acaba reconhecendo a dificuldade de transpor a linguagem comum para o campo filosófico e mesmo na filosofia analítica em sua busca por formalismo e clareza, na figura do

---

<sup>171</sup> [Http://scienceblogs.com.br/100nexus/2011/12/atesmo-halsenflugel/comment-page-1/](http://scienceblogs.com.br/100nexus/2011/12/atesmo-halsenflugel/comment-page-1/).  
Data de acesso: 30/09/2016.



próprio Gilbert Ryle, mentor de Dennett, reconhecem-se as dificuldades e limitações dessa tarefa. Há mesmo uma escola filosófica, a filosofia da linguagem comum, defendendo como alguns problemas filosóficos seriam problemas conceituais da filosofia ao distorcer ou esquecer o que eles significam na linguagem comum!

E Mori empreende, de fato, uma defesa da linguagem comum em termos filosóficos, retomando primeiro a Bertrand Russell, um dos pioneiros da Filosofia Analítica, e posteriormente a Gödel, cujos teoremas de incompletude demonstraram os limites não apenas da formalização da linguagem natural, mas também de muitos sistemas propriamente formais. Foi ele que concluiu que estes não podem ser nunca, ao mesmo tempo, inteiramente coerentes e completos. Manuela Carneira da Cunha já tinha refletido sobre o mesmo problema ao considerar os significados do termo “cultura”:

Qualquer linguagem que seja suficientemente expressiva para poder fazer citações, e que portanto seja dotada de autorreferência, leva a paradoxos. Pode-se escolher entre resignar-se a não poder dizer tudo – e a linguagem será incompleta – ou poder dizer tudo, mas nesse caso ser-se-ia levado a afirmações contraditórias. É preciso optar – e esse é o cerne do teorema de Gödel – entre completude e coerência. Russell, é claro, optou pela coerência. Mas só lógicos e advogados exigem coerência. A escolha do senso comum privilegia a completude e, é por isso que nós, antropólogos que lidamos com o senso comum, estamos interessados em linguagens completas. (CUNHA, 2009, p.358)

Como sei viu, essa foi a escolha prevalecente também entre os ateus.

Chama a atenção, com efeito, que a defesa da linguagem natural e do ponto de vista do nativo seja levada adiante por um vozeiro da divulgação científica debatendo contra alguém que fala ou pretende falar em nome da “filosofia”. Um dos comentaristas do artigo captou bem este ponto: *“Toda a discussão é muito positivista mesmo, mas ocorre aqui uma inversão rara de se ver: o lado “científico” aqui é bastante mais reflexivo que o “filosófico”. Quando alguém se coloca de tal forma que a filosofia é taxada de positivista, começamos a desconfiar que algo não cheira muito bem”*. O que “não cheira bem” para os participantes da discussão é, precisamente, a tentativa de estabelecimento de normas e definições para além do mínimo necessário para existir. No melhor dos casos, a norma é a definição mínima. De resto, tudo está sujeito a discussão.

Isto se fez claro no debate que seguiu à publicação do artigo de Mori no qual participaram internautas desconhecidos, Vieira e Gaboardi e algumas figuras relativamente

conhecidas no meio virtual ateuista, entre eles um dos fundadores do Projeto Livres Pensadores e do Bar dos Hereges. Em geral, aqueles que intervíram nos comentários o fizeram para manifestar concordância com o autor e inclusive parabeniza-lo pela qualidade do texto<sup>172</sup>. Se ocuparam também, de manifestar desacordo não apenas com as ideias mais também com as atitudes de Vieira e Gaboardi, que intervíram insistente e repetidamente em defesa de sua postura. Ao todo, o debate alcançou alto voo intelectual e não cabe aqui retomar suas sutilezas, apenas destacar o alinhamento genérico do espectro ateuista com a política da definição mínima: praticamente não houve em nenhum dos espaços revistados vozes a favor de Vieira e Gaboardi<sup>173</sup>.

Quanto aos comentários a este texto, é preciso destacar a preocupação por colocar as questões de interesse do movimento antes sobre a praxe que sobre a semântica e a lógica. Uma das comentaristas, aparentemente conhecida no meio, deixou isto bem claro ao discutir com Gaboardi:

Já quando eu vejo a que ponto se chegou nessa história de ateísmo ser “crença justificada na inexistência de Deus”, eu não me privo de lembrar as centenas de discussões que eu já presenciei sobre o tema, bem como a total impossibilidade de fazer-se entender quando a discussão gira em torno da finalidade da filosofia para assuntos práticos. E ateísmo é um assunto prático. Trata-se de uma questão de eliminar o que não interfere, não acrescenta nem subtrai e abrir espaço para o que realmente importa. E o que realmente importa em se tratando de nós mesmos é a forma como driblamos nossa natureza agressiva, vingativa, rancorosa, destrutiva, através de condicionamentos impostos. Deus entra então como parte desse condicionamento visando tornarmos aptos a vivermos em grupos maiores que uma família. O problema todo quando se fala em Deus então é confundir o condicionamento a que estamos sujeitos desde tenra idade nesta porção ocidental-cristã do mundo, com a crença em Deus. O agente tem sido o ser humano desde sempre. A crença ou não em Deus é um detalhe. Ser “bom” ou “mau”, uma opção a despeito de tal crença. Tratar o ateísmo como crença

<sup>172</sup> O comentário ligado ao projeto LP expressou: “EXCELENTE texto, Kentaro. MUITO BOM MESMO. Vou publicá-lo amanhã no LP como um link para cá. Isto é, ao clicar no link, nem entra no LP, mas vem direto para cá”. Recebeu resposta do autor, que deixa claros os alinhamentos e fraturas ao interior do campo ateuista: “Obrigado, Mário. Lamento contudo este conflito pessoal, do Eli para com o Sottomaior, e seu com o Eli e vice-versa. Não impediria a indicação deste texto como link no LP, de fato agradeço, mas peço encarecidamente que não seja usado para alimentar o conflito pessoal de forma direta ou não. Ao liderar a LP, por favor, não repita a história da LiHS com a ATEA em seus pontos negativos”.

<sup>173</sup> O mesmo Mori, por exemplo, expressou num dos comentários: “Gregory, o espaço onde você publicou e publica seus textos, o Bule Voador, é mantido no ar por mim, como parte do projeto HAAAN, tanto financeira como tecnicamente desde seu início há alguns anos. A filosofia que você defende é um dos motivos pelos quais solicitei minha remoção como membro emérito da LiHS e que o Bule Voador se retire do projeto HAAAN assim que tenha condições. Não tomei tais atitudes porque tenha aversão a toda filosofia, mas \*a filosofia que você defende\*, de forma inflexível, servindo de fundamento para que o presidente da LiHS e o então presidente do Conselho de Mídia se envolvam em discussões onde por vezes cometem excessos, como já reconhecido e retratado pelo próprio Eli, foi um dos motivos para tomar tais decisões”.

então, entra naquela necessidade humana de fazer com que as idéias caibam no entendimento e não expandir o entendimento para ficar compatível com tais idéias... Dá na mesma quando se quer explicar o que é dobra espaço-temporal pra quem não está a fim de entender a teoria da Relatividade do ponto de vista de um físico. Falar que ateísmo é crença então é coisa de quem não assimila o ateísmo a partir do ponto de vista de um ateu.

[...]

O que um ateu faz, seja sabendo disso ou não, é chegar à conclusão da não-necessidade do conceito Deus usado para o condicionamento a que me referi acima. É simples, rápido, prático, sem esforço. Deus é invenção nossa, de nossa espécie, um regente supremo a que todos devemos obediência por imposição de outros humanos assumindo para si mesmos o papel de assistentes desse regente para e a partir disso regerem a nossa espécie. Tirar Deus da jogada então é uma consequência direta de quando entendemos o papel dele em nossa sociedade. Não se trata de uma crença na inexistência dele mas da compreensão do que ele representa na vida das pessoas. Portanto, descartar a crença nesse personagem criado à nossa imagem e semelhança, do tamanho de nossas aspirações e entendimento, não se trata de uma crença. Mas da compreensão da não-necessidade de tal crença.

Afinal, o que importa na definição do ateísmo é como os ateus se veem a si mesmos e entendem o mundo. E o que importa é o que importa em termos práticos, não teóricos ou, ao menos, não teóricos no sentido em que Gaboardi entende a teoria. Mais do que a precisão lógica ou a verdade ontológica, interessa a *postura*, a *atitude* que se adota perante o mundo, individual e coletivamente. Uma discussão com o Professor durante a XI COMAAFOR fez explícito este contraste: da minha apresentação como “*ateia-agnóstica*” disse que se tratava de uma postura ontológica. Ele, como militante, entendia o assunto em termos políticos, por isso adotava os argumentos de Dawkins e insistia em desestimar o resto de dúvida para se definir em função de um ateísmo puro e simples<sup>174</sup>. Ora, se se faz questão de manter o conceito simples, mínimo e negativo se insiste também em que este não comporta nada de substancial. Aqui pouco importam as nuances, desde que não se trata de uma questão de fé. Importa a rejeição ou mero desprezo da figura de deus, seja qual for a forma precisa em que se a concebe tal rejeição ou desprezo.

Há aqueles, inclusive, que não fazem questão de se colocar como ateus, a menos que sejam interrogados a respeito. Entre os aficionados à ciência, é comum a afirmação de que a descrença em deus vem como uma conclusão ou consequência da visão de mundo que sustentam. Trata-se de um aspecto quase banal, que não merece maior atenção em si mesmo. Todavia, trata-se de espaços que se reconhecem e são reconhecidos como descrentes e formam

---

<sup>174</sup> O episódio da autodefinição da pesquisadora foi abordado em 4.2 e 6.2.

parte, na prática, das redes ateístas embora se definam em outros termos. Ao chegar ao encontro Saganista em Curitiba me apresentei ao grupo e contei, logicamente, de minha pesquisa. Ninguém pareceu surpreso: uma das participantes apenas comentou que a maior parte dos que estavam ali era “ateístas agnósticos”. Fora isso, as conversas fluíram pelos canais da ciência e eventualmente da crítica da influência evangélica.

Neste ponto da exposição, é possível afirmar que os descrentes são, em geral, conscientes das críticas que os desqualificam como tais qualificando o ateísmo como religião. Qual fantasma sempre prestes a fazer sua aparição, a religião é um perigo próximo, que exige um esforço constante para ser mantido a distância. Este esforço não consiste apenas no desenvolvimento de contra-argumentos mas também, e sobre tudo, na recusa sistemática de qualquer definição que exceda o mínimo necessário para a existência do ateísmo como posicionamento marcado e aspirações coletivas. Neste sentido, a aceção negativa do a-teísmo como ‘ausência de crença em deuses’ não constitui um vício, mas uma virtude. Indicar apenas o que o ateísmo não é em lugar de afirmar o que é evita, no raciocínio dos próprios ativistas, cair em dogmas e doutrinas, elementos constitutivos da religião tal como entendida no cotidiano. O estabelecimento de definições substantivas e vinculantes é imediatamente associado ao traçado de fronteiras religiosas e por isso é evitado a todo custo, mesmo aquele da falta de consistência. Como argumentou o advogado da ATEA, o ateísmo ‘*não tem cheiro nem cor*’ e está bem que a assim seja.

É com o mesmo intuito que se resistem as tentativas de classificação de formas de ateísmo, ou de linhas diferentes ao interior do movimento. Entende-se que a proliferação de divisões e subdivisões faz parte de uma dinâmica e de interesses propriamente religiosos. Embora se reconheça e inclusive se estimule o debate de ideias e a diversidade de posicionamentos sobre os mais variados assuntos, se insiste em que o ateísmo é um só e que epítetos como o de “neoateísmo” não fazem sentido. Uma das participantes mais ativas da COMAARJ lembrou da ocasião em que duvidaram de sua condição de ateia por ‘não ter cara’ de tal. A ativista se pergunta, então ‘*que cara um ateu tem? Porque eu conheço ateu preto, branco, alto, baixo, gordo, magro e assim por diante*’. Todos coincidiram em que ateus ‘*não tem cara*’ assim como não tem ideologia ou doutrina definida, ‘*cheiro nem cor*’. Insistem em que o único denominador em comum entre todos eles é não creditar em deus, quanto ao resto, tudo pode variar e de fato varia, principalmente as posições políticas. Se há heterogeneidade,

esta permanece indefinida e caótica, sem se estruturar em “classes”, “tipos” ou “gêneros” ao menos no que tem de coletivo.

## 7 O PROBLEMA DA AGREGAÇÃO DO ATEÍSMO

No capítulo anterior se defendeu a tese de que o ateísmo, no que tem de coletivo, recusa o estabelecimento de definições positivas a fim de evitar, com isso, o estabelecimento de dogmas e doutrinas. No mesmo sentido, se afirmou que o ateísmo ali onde se torna mais reflexivo tende a desconfiar de qualquer “excesso interpretativo” que supere a disciplina das evidências e a austeridade das conclusões provisórias<sup>175</sup>. Se interpretou esta aversão como uma recusa ao traçado de fronteiras outras que aquelas que demarcam o limite com o religioso. É preciso acrescentar aqui que a recusa que se encontra ao nível das ideias, a teoria ou as (ditas) crenças se replica ao nível da praxe, isto é, da organização e da liturgia. Se evita constituir igreja e com ela, ritos ou cultos, do mesmo modo que se evita o estabelecimento de dogmas e doutrinas: para impedir que o ateísmo cristalize em religião. Isto é bastante eloquente quanto ao conceito de religião que se faz efetivo em suas concepções e que está claramente moldado pelo cristianismo, com a igreja católica como instituição paradigmática.

Se renega o traçado de fronteiras sociais tanto quanto se evita o traçado de fronteiras simbólicas, por isso o ateísmo brasileiro está antes constituído por redes sem solução de continuidade, que por grupos no sentido substancial do termo<sup>176</sup>. O único corte na rede é com a religião, quanto ao resto, se evitam as delimitações na medida em que se evita constituir congregações ou denominações no sentido religioso. Do mesmo modo, a organização do (chamado) movimento ateísta tende a permanecer frágil e embrionária, pois se desconfia das estruturas, das hierarquias e, principalmente, das lideranças fortes. Igualmente, qualquer tipo de regulamentação do comportamento que exceda certas normas básicas como o respeito mútuo é equiparada ao controle religioso e evitado mesmo ao custo da descaracterização e as acusações de inconsistência. Com o mesmo intuito (consciente ou não) se evita tanto a ritualização dos encontros quanto o estabelecimento de condições específicas ou obrigações ligadas à participação. Ao todo, o resultado é um movimento reticular, de vínculos interpessoais frouxos e limites difusos, carente de sinais diacríticos, onde as pautas de conduta e a filosofia de vida são deixados a critério dos descrentes. Em termos sociológicos, tratar-se-ia de um movimento que não chega a ser completamente, desde que se identificam os traços da institucionalização com os da religião.

---

<sup>175</sup> Devo a expressão a uma observação do meu orientador.

<sup>176</sup> É preciso frisar que o único sentido em que é possível falar de grupos no chamado movimento ateísta é com relação aos “grupos” de WhatsApp. No sentido tradicional do termo, é preciso afirmar que não há no ateísmo brasileiro nem grupos nem coletivos propriamente ditos.

## 7.1 A ORGANIZAÇÃO MÍNIMA: A ATEA E A LIHS

Algo que pode ser afirmado sem ressalvas sobre o movimento ateu é que este se encontra escassamente institucionalizado. As iniciativas que se encontraram em geral não possuem de formalização como pessoas jurídicas, assim como não costumam contar com uma estrutura organizativa propriamente dita. Não há, salvo em contadas exceções, divisão de funções, hierarquia, cargos estáveis, fontes regulares de ingressos ou mesmo uma sede física, por mencionar apenas alguns aspectos que Weber (1974) atribui às comunidades religiosas em vias de institucionalização. Trata-se em geral de um punhado de indivíduos que –como já se apontou– levam adiante o trabalho como um projeto pessoal ou quase pessoal. Quando estas pessoas deixam de assumir este trabalho, seja por circunstâncias pessoais, seja por desgaste, as iniciativas mesmas tendem a declinar ou desaparecer. Trata-se, igualmente, de projetos com limitada margem de ação, que fora a publicação de conteúdo na Internet, se limitam à organização de pequenos eventos na maior parte das vezes esporádicos ou, no caso da ATEA e a LIHS, a realização de ativismo judiciário.

Mesmo estas duas organizações, as mais importantes e conhecidas no Brasil, funcionam com uma estrutura organizativa mínima. Nenhuma das duas possui sede física apesar de contar com personalidade jurídica. Tampouco possuem staff pago, dependendo completamente do trabalho de uns poucos voluntários, isto é, de pessoas que trabalham de outra coisa e contam apenas com o tempo livre para dedicar ao ateísmo. Assim mesmo, ambas as entidades se financiam com doações, o que significa que não contam com fontes estáveis (e previsíveis) de ingressos. Da escassez de recursos humanos, materiais e financeiros deriva, entende-se aqui, a alta dependência dos recursos tecnológicos para o funcionamento cotidiano. A Internet, as mídias sociais e tudo aquilo que genericamente se conhece como “novas tecnologias” resultam, de fato, indispensáveis para a existência mesma destas associações. O conceito Latouriano de redes sócio técnicas descreve de forma acurada iniciativas que estão literalmente ensambladas através de inovações técnicas, resistem a petrificação em estruturas e são dificilmente distinguíveis das *ações* com que levam adiante seus propósitos.

Segundo o próprio site, a Associação Brasileira de Ateus e Agnósticos é levada adiante por uma equipe técnica composta pelo presidente, cinco diretores<sup>177</sup> e três advogados. Na

---

<sup>177</sup> Secretário geral, tesoureiro, e três conselheiros fiscais.

prática, porém, aqueles efetivamente envolvidos cotidianamente na gestão constituem apenas uma fração desse conjunto e dedicam uma quantidade considerável de tempo e esforço no dia a dia, à margem de suas obrigações quotidianas. Também segundo o site, a organização conta com uma equipe de voluntários que se encarrega da informática e, principalmente, da gestão das mídias sociais. O grupo de Facebook da associação, por sua vez, acusa um “administrador” e sete “moderadores” segundo a terminologia própria da plataforma. Ao não contar com sede física, estas pessoas trabalham desde seus lares, fazendo uso dos próprios computadores e muitas vezes nem se conhecem pessoalmente. Isso é especialmente verdade para aqueles que se ocupam das mídias sociais, que moram distantes uns dos outros, inclusive fora do país.

A dificuldade de conseguir colaboradores comprometidos e a sobrecarga dos poucos efetivamente engajados são problemas constantes para a organização. Um dos diretores (tal vez a pessoa mais diretamente envolvida na organização junto com o presidente) explica que no começo perdia muito tempo treinando os novos voluntários, que desistiam pouco tempo depois. Por isso, hoje em dia não procuram atrair pessoas, mas esperam que estas mostrem interesse. Logo na tela de boas-vindas da área do associado avisam que a demanda de trabalho é grande e que será necessário um alto nível de compromisso. Este mesmo diretor opina que é difícil achar ateus firmes na sua posição, que tenham chegado e se mantenham nela por puro pensamento racional. Ateus racionais e, por cima, comprometidos, há poucos, a diferença dos ‘*ateus passionais*’ que abundam. Segundo ele mesmo explica, trata-se de pessoas que se fazem ateias por algum problema pessoal, geralmente um desengano amoroso, e não pelo uso da razão. Podem estar muito empolgados e se envolver com a causa, porém, essa condição por definição não dura muito. Opina que é preciso ter cuidado com essas pessoas, já que podem desistir do ateísmo a qualquer momento e depois se voltar contra, ou simplesmente abandonar a causa de um dia para o outro.

Na gestão da organização a escassez de colaboradores é compensada, em parte, com o uso da tecnologia. Há entre os voluntários de longa data um programador, quem automatizou vários processos administrativos, conseguindo ‘*reduzir o trabalho dos voluntários pela metade*’. No momento do trabalho de campo especulava-se com a possibilidade de que esta pessoa conseguisse automatizar também as representações judiciais que a ATEA faz perante a justiça em casos de violação da laicidade do Estado. Tratar-se-ia de um software capaz de ler todos os diários oficiais do Brasil e gerar automaticamente as representações judiciais quando pertinente. Isso diminuiria a quantidade de trabalho e a necessidade de advogados. Mais do que a ideia do “robô que lê” chama a atenção a confiança nestes sistemas operacionais, e a clara



intenção de prescindir do trabalho humano na medida do possível. É preferível que o trabalho seja realizado por máquinas, sempre previsíveis, a ter que contar com pessoas e todas suas inconsistências.

Ora, no que respeita ao ativismo judiciário, a expectativa não é tanto a de reduzir a necessidade de mão de obra, mas também de dinheiro, já que não todo o trabalho dos advogados é realizado de forma gratuita. Um dos diretores da associação explicou que os profissionais que se voluntariam, ou aqueles que conseguem contratar, não dão conta de ler todos os diários oficiais do país (uma tarefa titânica considerando o tamanho do Brasil) e que, portanto, fazem representações judiciais apenas daqueles casos que conseguem captar. Por outro lado, quando há um processo judicial específico contra a ATEA ou movido por esta a necessidade de dinheiro é ainda mais evidente. O mesmo ativista explica que as possibilidades de sucesso nos processos grandes (por exemplo, o famoso caso Datena) dependem muito do escritório de advocacia contratado, e que contratar estúdios de renome custa dinheiro. Os recursos dos que dispõem para tanto são limitados, mais ainda se se tem em conta a envergadura dos oponentes religiosos.

Aliás, a associação se sustenta quase exclusivamente através de doações individuais cujo monto é irrisório se comparado ao de suas homólogas americanas, em particular a *American Atheists* que, asseguram, conta com milionários entre seus benfeitores. Além disso, tais entradas de dinheiro são imprevisíveis, já que se trata de contribuições estatutariamente *voluntárias*. Na assembleia geral de janeiro de 2017 se contabilizaram mais de 2.000 “inadimplências” durante 2016, correspondentes a sócios que se cadastraram como contribuintes (o que não é obrigatório) e posteriormente esqueceram ou simplesmente decidiram deixar de pagar os boletos<sup>178</sup>. Fontes alternativas de dinheiro provém da venda ocasional de merchandising ou a realização de “vaquinhas” online para propósitos específicos, mas na prática a associação sobrevive graças aos aportes dos associados e de uma gestão financeira prudente.

Logicamente, a escassez de dinheiro limita o que a associação pode fazer, isso sem contar o baixo número de voluntários realmente comprometidos e a impossibilidade de ter funcionários contratados com o orçamento disponível. O foco no ativismo judiciário constitui, de fato, uma racionalização da estratégia de luta em função desta situação, que não permite ações de caráter mais contínuo, eventos, encontros, campanhas e similares. Desde a diretoria, considera-se que é nessa frente que a entidade possui mais possibilidades de gerar mudanças

---

<sup>178</sup> Na mesma assembleia se contabilizaram 245 membros contribuintes. Como as contribuições são voluntárias, não é possível exigir o pagamento via SERASA ou SPC.

sociais significativas em favor dos ateus. E de fato, a maior parte das despesas do ano de 2016 corresponderam a diárias e honorários do advogado contratado. Outro tipo de ações, se existiram, foram abandonadas por desgaste, custo excessivo, resultados irregulares, ou uma combinação destes motivos. Com efeito, as campanhas de outdoors realizadas em 2010 e 2014<sup>179</sup> que tiveram vários obstáculos para serem viabilizadas, não voltaram a se repetir, e inclusive têm diminuído as aparições midiáticas do presidente Sottomaior, cansado de assistir a debates onde, julgam, todo está preparado para que os religiosos se mostrem vitoriosos.

Durante a assembleia de janeiro de 2016 um dos presentes refletiu que era necessário fortalecer a forma de pensar dos ateus e que para isso era necessário fazer reuniões mais amígdas, para ‘trocar ideias’ e socializar. Ele sugeriu a ATEA organizar encontros numa biblioteca que ele frequenta, onde há um salão de uso gratuito. Acrescentou que tais reuniões poderiam ser divulgadas pelo site da associação, e que as pessoas deveriam ser convocadas para “debater”. Pelas expressões dos diretores presentes, notei que a ideia do senhor não levaria um parecer favorável. Mencionando os estatutos, um deles respondeu que *‘promover encontros sociais não é o objetivo da associação’*. Acrescentou que embora isso, a ATEA não é contra esse tipo de encontros e que incentiva quem se disponibilizar a fazer. Outro, de forma mais incisiva disse que não ajudava *‘apenas propor’*, que *‘era necessário fazer’*. Alguém lembrou que o “Bar dos Hereges” se ocupa dessa tarefa há muito tempo, e não consegue reunir mais de 20 pessoas. Aparentemente o participante desavisado captou a mensagem, já que no final da reunião disse que ele mesmo reservaria a sala em questão, como se quisesse, meio timidamente, se encarregar da organização.

Em conversas posteriores, aquele entre os diretores que gentilmente se disponibilizou a colaborar com a pesquisa, manifestou seu descontentamento com aqueles que, como o senhor da reunião, fala o que a associação deve fazer, mas não se envolvem nem aportam trabalho. Ele se encontrava visivelmente cansado, pois não tinha dormido a noite anterior preparando a prestação de contas que seria apresentada na assembleia. Além disso, teve de lidar com um problema de última hora antes da formalidade começar: o diretor que tinha facilitado seu escritório como local do encontro esqueceu do compromisso e estava fora da cidade nesse dia. Meu informante acabou oferecendo a própria casa como local, mas teve que se ocupar de avisar os associados da mudança além de pensar no transporte daqueles que iam chegando no primeiro endereço. O contratempo, assim como o fato deste recair nos ombros de um par de pessoas não pareciam um fato isolado, mas o cotidiano da organização. Na prática, quando se sugere a

---

<sup>179</sup> <https://www.atea.org.br/campanhas-de-outdoors/>. Acesso: 08/01/2020.

ATEA fazer tal o qual coisa, se está pedindo isso aos poucos indivíduos que de fato a levam adiante.

Tomando ciência desta situação, refleti que as igrejas conseguem seguidores e colaboradores com mais facilidade porque vinculam os fiéis de forma pessoal. Já o ateísmo, com toda sua coerência e racionalidade, não atinge esta faceta por isso as pessoas não se comprometem. Era uma forma sutil de sugerir que não era má ideia a criação de espaços de socialização ateus, desde que poderiam dar lugar a esse envolvimento pessoal para atrair mais pessoas interessadas em trabalhar para o movimento. Não deu certo. Embora meu interlocutor concordasse com que é difícil que as pessoas se comprometam com causas abstratas como a “laicidade do Estado”, não via isso como algo a ser mudado. Para ser engajado e responsável e por isso um colaborador fiável, o ateu em questão deve ser, necessariamente, um ateu racional. Aparentemente, confraternizações e amizades vão contra a ideia que ele tem de militância ateísta: se precisa desse tipo de incentivo, não é adequado para a tarefa.

Passando da ATEA para a LiHS, o panorama organizacional se torna ainda mais limitado. A associação não apenas não dispõe de sede física (ou não dispunha no momento do trabalho de campo), se não que os membros da equipe moram distantes um dos outros, inclusive no exterior, (como é o caso de Eli Vieira, fundador da entidade) e alguns deles não se conhecem pessoalmente. A associação é conduzida inteiramente de forma virtual, mesmo as assembleias anuais estatutárias, que são realizadas através da “área do inscrito” do site. Ao início do trabalho de campo, o site apresentava uma diretoria composta por onze pessoas distribuídas em diferentes cargos. Porém, após as eleições de finais de 2017 foram introduzidas mudanças significativas. As novas lideranças propuseram ‘*um grupo de diretoria pequeno, mas engajado*’, sem divisão de funções, de modo que todos tenham responsabilidade por tudo o que acontece. Além disso, apresentaram a proposta de ‘*profissionalizar a LiHS*’, já que uma estrutura baseada em voluntários resultava limitada para o ambicioso projeto que tinham para ela.

A chapa eleita –composta por Glenda Varotto como presidente e Eli Vieira como vice e a única a se apresentar– se propus imprimir um giro integral na orientação da associação, e convertê-la num “think tank”. O termo de origem norte-americana é caro às ciências políticas e à administração pública faz referência, em sua formulação ortodoxa, a instituições formadas por especialistas diversos, dedicadas à pesquisa com o fim de influenciar a elaboração de política pública, direta ou indiretamente. São considerados instituições de elite, que se legitimam pela sua expertise e procuram se inserir nos processos de decisão política através da

difusão de suas ideias junto à opinião pública, a mídia, os formuladores de políticas e os tomadores de decisão<sup>180</sup>. Não esteve claro, na explicação das propostas, como tais mudanças seriam implementadas e, principalmente, financiadas.

Ora bem, dentre o conjunto de medidas concretas a ser adotadas estava a de hierarquizar as publicações da LiHS, tendo como modelo nada menos que a revista *Nature*, de modo de veicular artigos sobre direitos humanos, secularismo e ceticismo de alto nível, evitando tanto o excesso de tecnicismos quanto de linguagem popular. Até o momento a ‘atividade de mídia’ da associação vinha sendo delegada no Blog Bule Voador que, embora se apresentasse como o “Blog Oficial da Liga Humanista Secular do Brasil” não se confundia e, principalmente, não dividia a responsabilidade das publicações com esta. Segundo a presidente eleita, as publicações do blog foram perdendo qualidade ao longo do tempo, em particular aquelas veiculadas através da rede social Facebook, o que acabou desacreditando o blog (e por extensão, a associação) perante o público, inclusive antigos seguidores. O blog foi descontinuado em fevereiro de 2016 anunciado que “*as atividades de mídia da Liga Humanista Secular do Brasil foram devolvidas à associação*” mas o site e seu arquivo permanecem no ar<sup>181</sup>.

A mudança na política de comunicação da LiHS se materializou igualmente numa mudança do site, que passou a ter um design mais profissional. Aliás, a organização possuía, na época do campo, dois endereços virtuais: o site propriamente dito, mais antigo, bem detalhado e contendo toda a memória de publicações da organização (de onde foram tiradas as informações aqui reproduzidas) e o portal, mais novo, com um desenho melhorado, moderno, cheio de imagens, porém com informações mínimas. Alguns meses mais tarde o antigo site foi desativado, restando apenas o portal como endereço oficial virtual<sup>182</sup>. Em conjunto, a julgar pela estratégia de comunicação, a associação parece ter entrado numa fase de depuração estética e também das informações divulgadas ao grande público. Não apenas o cancelamento do Blog Bule Voador significou uma centralização das atividades de mídia, se não que também esta

---

<sup>180</sup> <http://www.anpocs.com/index.php/papers-38-encontro/spg-1/spg19-1/9308-os-think-tanks-e-o-liberalismo-economico-no-brasil-estudo-de-caso-do-instituto-millennium/file>;  
[http://www.ipea.gov.br/observatorio/images/ppp\\_n46\\_art12.pdf](http://www.ipea.gov.br/observatorio/images/ppp_n46_art12.pdf).  
<https://cienciapolitica.org.br/system/files/documentos/eventos/2017/04/think-tanks-brasileiros-e-seus-modos-presenca-cena-politica.pdf>. Apologético, o artigo do IPEA faz parte de um projeto que procura vincular think tanks e universidades e é promovido por uma rede destes. Geralmente as definições apologéticas focam no “conhecimento científico” os artigos mais ligados às ciências sociais acadêmicas focam no exercício da influência.

<sup>181</sup> O aviso pode ser observado na parte superior da página <https://bulevoador.lihs.org.br/blog/>. Acesso: 09/10/2019.

<sup>182</sup> A maior parte das informações sobre a LiHS aqui elencadas provém do site antigo, muito mais nutrido de conteúdos que o novo. A mudança parece indicar o início de uma fase de hermetismo na organização com um zelo extremo nas informações que se divulgam. Nem mesmo a equipe aparece detalhada no novo portal.

atividade parece ter se tornado mais sucinta e controlada, fazendo o andamento da associação menos público e, por isso, menos rastejável. Além disso, a presidente eleita explicou que pretendem ‘ir adiante do discurso’ e empreender ações e campanhas que transcendam a mera publicação de conteúdo. Em termos gerais, este projeto pretende influenciar a política e estimular a participação popular. Em termos concretos, visa intensificar o ativismo judiciário em prol da laicidade do Estado, trabalho que a associação já vinha desenvolvendo. Esta é, de fato, a frente de atuação que possui maior visibilidade no momento nos canais de comunicação da LiHS, em particular a partir da intervenção da associação no processo de julgamento da Ação Direta de Inconstitucionalidade 4.439 relativa à oferta de ensino religioso nas escolas públicas, que constitui, sem dúvidas, o ponto máximo dessa trajetória. De resto, a liga realiza representações perante o MP, contra medidas como a obrigatoriedade por parte das escolas de disponibilizar Bíblias aos alunos ou à inscrição “*Deus seja louvado nas cédulas de Real*”.

Por outro lado, e de forma mais pontual, no momento de sua eleição, a nova liderança se propus fazer acontecer o Congresso Humanista Mundial que seria realizado em São Paulo em agosto de 2017 cuja organização passava por dificuldades. Trata-se de um evento trienal, patrocinado pela *International Humanist and Ethical Union* (IHEU), uma organização de organizações, dedicada a nuclear entidades humanistas, ateístas, racionalistas, seculares, céticas e livre-pensadoras ao redor do mundo. A LiHS faz parte dessa rede, e foi em virtude desta participação que recebeu a incumbência. O evento, no entanto, foi cancelado em fevereiro desse ano pela casa central, alegando dificuldades financeiras devido a situação econômica do Brasil e mudanças nos procedimentos migratórios, especialmente para aqueles palestrantes que teriam de passar pelos Estados Unidos para chegar ao Brasil. A IHEU, no entanto, reconheceu o esforço feito pela LiHS, que foi descrita como uma organização pequena, com escassez de recursos e sem uma equipe paga que, ademais, esteve passando por mudanças recentes<sup>183</sup>.

Ora, embora o cancelamento deste evento pode ser entendido como o desfecho esperável de um projeto visivelmente por cima das capacidades de uma associação semelhante, o certo é que a esta já mostrava uma retração em suas atividades. Por exemplo, no novo portal assim como no perfil de Facebook é possível encontrar fotos e notícias sobre campanhas passadas, mas se trata, em todos os casos, de ações do ano de 2012 ou anteriores. Na listagem é possível conferir uma mobilização organizada em 2010 nas ruas de Porto Alegre para protestar contra o apedrejamento de mulheres no Irã, como parte de uma iniciativa internacional que teve

---

<sup>183</sup> [Http://iheu.org/cancellation-of-world-humanist-congress-2017-and-new-plans-for-august/](http://iheu.org/cancellation-of-world-humanist-congress-2017-and-new-plans-for-august/). Data de acesso: 05/04/2018.

sucesso em salvar a vida da iraniana Sakineh Mohammadi Ashtiani. Assim mesmo, encontra-se a notícia de uma manifestação promovida pela organização, também como parte de uma mobilização internacional, desta vez dedicada à educação popular sobre a ciência médica. Tratou-se da posta em cena de uma “overdose homeopática” na via pública de Porto Alegre em 2012. Assim mesmo, encontram-se fotografias do 1º Congresso Humanista Secular do Brasil organizado pela LiHS em 2012, na mesma cidade.

No site antigo, há notícias da existência de núcleos regionais em diferentes pontos do Brasil, mas para o momento do campo se encontravam desativados<sup>184</sup>. Figura a participação da Aliança Estudantil Secular de Curitiba, filiada a LiHS, na Maratona de Cartas da Anistia Internacional em 2012. Bem como a participação do núcleo regional do Ceará na instalação do Comitê de Respeito à Liberdade Religiosa desse estado, acontecida em 2014. Assim como a participação do núcleo regional de Minas Gerais num protesto acontecido em 2013 contra o estatuto do nascituro ou o “Café Humanista” organizado pelo Núcleo Regional do Amazonas no mesmo ano. No arquivo de imagens, encontram-se, igualmente, registros do evento “*Skeptics in the Pub*”, que consistiu basicamente num encontro de confraternização acontecido em 2011 na capital gaúcha. Também é passível de menção o apoio dado pela instituição ao debate “Enfrentando o machismo, o racismo e a lesbofobia” acontecido na Câmara Municipal de Porto Alegre em 2013 ou a participação de Ása Heuser na mesa de abertura do X Seminário Nacional LGBT realizado em Brasília no mesmo ano. Toda esta atividade foi declinando até praticamente desaparecer no momento do trabalho de campo.

## 7.2 AS INICIATIVAS MENORES

Se esta é a situação das duas principais iniciativas ateístas do país, o panorama se torna ainda mais instável ao observar empreendimentos menores. Quer dizer, ao passar da ATEA e a LiHS para casos como o da APCE, a ARCA ou vários outros, se encontram projetos mais dependentes de um indivíduo particular e por vezes identificados com este. Não gozam da formalização e a estrutura de suas homólogas maiores e se colocam objetivos mais limitados, embora não faltem, por vezes, expectativas de crescimento. Assim mesmo, não há, como nos casos anteriores, sistemas estabelecidos para a arrecadação de fundos. No limite, tais iniciativas não são distinguíveis dos eventos que se encarregam de organizar de tanto e em tanto e nos

---

<sup>184</sup> Em entrevista via Skype, a presidente Ása Heuser (gestão 2015-2016) explicou que o motivo era a falta de tempo dos integrantes.

perfis nas mídias sociais que usam para sua promoção. Assim como as campanhas da ATEA e a LiHS tais eventos vêm em claro declínio nos últimos anos: encontros outrora regulares se tornaram esporádicos ou simplesmente deixaram de acontecer, mostrando uma retração do movimento ateu no Brasil. No mesmo sentido, vários projetos (quando identificáveis) têm visto decrescer a sua quantidade de projetos e alguns tem sofrido cismas no mesmo período.

A Associação Ateísta do Planalto Central (APCE) baseada em Brasília teve início em 2011, fundada por uma docente aposentada<sup>185</sup> que permanece até hoje como presidente e figura central. Ela mesma reclama da ‘falta de comprometimento’ daqueles que seriam chamados de “sócios” ou “membros” se a associação contasse com um registro de tais. Em concreto, há um pequeno grupo que intervêm nas conversas do grupo de WhatsApp e, com isso das negociações sobre as ações a serem tomadas pela organização, mas na prática o trabalho costuma ser assumido quase por completo pela presidente. Além disso, estão aqueles que frequentam os encontros de confraternização realizados em nome da entidade, e que nem sempre se interessam pelo trabalho dito “sério” que esta leva adiante. Este consiste no trabalho institucional em representação dos ateus (a APCE possui inscrição em cartório), realizada em geral em instancias de diálogo entre a sociedade civil e o poder público que abundam em Brasília.

Logo após a chegada no piquenique de março de 2016, foi possível perceber a tensão entre estas duas facetas da APCE. No relato da própria presidente, há um setor que apenas ‘*quer se reunir para beber e socializar*’, sem uma pauta definida nem muitas formalidades. O que querem é encontrar pessoas que pensam de forma similar e passar bons momentos, tendo pouco interesse na construção de um movimento no sentido político do termo. Este último é tarefa quase solitária da fundadora, quem possui longa trajetória na militância política e nos movimentos sociais. Ela é, sem dúvidas, a figura central da APCE, se ocupa pessoalmente da maior parte dos afazeres e decisões e, inclusive, aporta a verba com que são realizadas as diferentes ações, dado que a APCE não arrecada dinheiro dos associados. Como ela mesma contou, a parte “informalista” dos simpatizantes resiste um pouco o papel de militante séria e engajada que ela cumpre. Aqui é preciso dizer que salvo alguns poucos adultos, o resto dos presentes no Picnicateu era jovem, havendo uma notória diferença geracional com relação à presidente.

---

<sup>185</sup> História, nível ensino médio. Ela é original do interior de Goiás, tendo emigrado a Brasília em sua juventude.

Figura 27: A fundadora e presidente da APCE com um banner feito para o Fórum Mundial de Direitos Humanos.



Fonte: Foto tirada em 12/03/2017. Acervo próprio.

Aliás, a presidente da APCE contou que, por conta do cansaço, delegou neste setor a organização dos encontros de confraternização. No começo, era ela que organizava, inclusive emprestava a própria casa para isso, mas o desgaste era grande e a ajuda pouca ou nula. Nos primeiros anos a APCE organizava o “Churrasteu”, sem um calendário fixo, porém com entre duas e quatro edições por ano. Os churrascos tiveram início em 2011 e se estenderam até agosto de 2016, totalizando 17 edições. Deixaram de acontecer pelo motivo habitual: desgaste dos poucos que em efeito se disponibilizavam a organizar os eventos. Em março de 2017 houve um novo encontro –edição à qual se assistiu- onde se resolveu trocar os churrascos por piqueniques, precisamente para diminuir os esforços de organização. Na ocasião, cada participante devia levar comida e bebida para compartilhar de modo que os organizadores não deveriam realizar compras prévias nem lidar com potenciais participantes inadimplentes. Desde então, houve apenas um encontro, realizado em agosto 2019 sob uma modalidade similar.

Quanto ao trabalho institucional, o perfil de Facebook da entidade detalha algumas participações em eventos como o Seminário sobre Liberdade Religiosa e Estado Laico



organizado pelo Ministério Público em setembro de 2013, um seminário estudantil do curso de jornalismo da UniCEUB em outubro de 2013 e dois na Universidade Católica de Brasília, ambos em 2014. Também participaram de audiências públicas, como a realizada pelo Supremo Tribunal Federal em 15/06/2015 para tratar do ensino religioso em escolas públicas. Listam, assim mesmo, a participação no Ato do Dia Nacional de Combate à Intolerância Religiosa em 2016 e na V Conferência Distrital dos Direitos Humanos no mesmo ano. Contudo, a participação mais notável foi no Fórum Mundial dos Direitos Humanos, onde a associação contou com um estande e distribuiu material informativo sobre o ateísmo com grande sucesso.

Por sua parte, o Bar dos Hereges é basicamente levado adiante por um único ativista, com a ajuda eventual de uns poucos outros que intervêm por vezes com dinheiro, por vezes com expertise na luta ateísta. O ativista em questão é um jovem simples, morador do ABC paulista quem trabalha de “office boy” numa loja de autopeças. Toma conta da divulgação, a gestão das mídias sociais, a reserva dos locais, a montagem do calendário e claro, de cuidar que tudo corra bem no dia dos encontros. Tais encontros requerem, de todas formas, uma organização mínima, por serem realizados em estabelecimentos onde é possível comprar comida e bebida, a cargo de cada participante. Estes são divulgados pelo Facebook e contam, entre seus frequentadores, pessoas conhecidas do meio ateísta paulistano, e outras que simplesmente se conhecem da participação repetida nos encontros. Eventualmente aparecem recém-chegados que de algum modo ficaram sabendo do evento e resolveram participar, mas é difícil manter a regularidade assim como o volume de público.

Com efeito, o Bar dos Hereges começou a ser realizado entre finais de 2012 e inícios de 2013. A primeira edição foi realizada pelo Projeto Livres Pensadores, a segunda em parceria entre esta e O Núcleo Ateísta de São Paulo (NASP) quem passou a se encarregar sozinho da organização a partir da terceira edição. Quem se ocupa disso hoje em dia é um dos membros fundadores do NASP<sup>186</sup>, que não mais existe como tal. O nome do evento foi ideia do fundador do projeto LP, mas durante o transcurso do trabalho de campo o foi mudado para “Encontro Ateísta” na esperança de aumentar a convocatória. Com o mesmo fim, mudou-se a política de realizá-los sempre no mesmo local para ir variando entre diferentes lugares da cidade, e se começou a pagar pela publicidade do Facebook, com recursos que, a falta de outra forma de arrecadação, saíram do próprio bolso dos organizadores. Chama a atenção, igualmente, que o

---

<sup>186</sup> O NASP surgiu por iniciativa de um grupo de pessoas que se conheceram no I Encontro Nacional de Ateus, realizado em São Paulo em 2012.

encontro, que é feito regularmente há alguns anos, não seja amplamente conhecido no meio ateuista virtual, nem mesmo entre aqueles radicados em São Paulo<sup>187</sup>.

Uma iniciativa relativamente conhecida é a ARCA, que organiza confraternizações mensais desde 2014 em diferentes cidades do país. Em termos práticos, a ARCA constitui um endereço virtual que, assim como outros, reúne ateus de diferentes pontos do país, embora suas principais figuras estejam radicadas no Rio de Janeiro<sup>188</sup>. Como já foi apontado (ver subtítulo 5.2), os encontros mensais surgem como iniciativa de um seguidor, ou de um pequeno núcleo, e são publicitados pela página, além de ganhar o nome padronizado com as iniciais da cidade onde acontecem e numeração consecutiva para contabilizar as edições. As Confraternizações de Ateus e Agnósticos do Rio de Janeiro, São Paulo e Feira de Santana (BA) iniciaram todas em 2014 mas tiveram sortes diferentes com o tempo<sup>189</sup>. A COMAASP teve apenas cinco edições, entre agosto e dezembro de 2014. Posteriormente, deixou de acontecer ao menos como encontro aberto, o que não exclui eventuais reuniões privadas dos antigos frequentadores. Além disso, o grupo realizou entre novembro de 2013 e novembro de 2016 “hangouts” através do seu canal de YouTube<sup>190</sup>. Se tratava de bate-papos virtuais entre colaboradores da iniciativa e pessoas convidadas que se tornaram bem conhecidos no meio ateuista, ao menos no período de sua constituição.

Retornando às confraternizações mensais, é preciso apontar que as COMAAFS aconteceram regularmente até finais de 2015. Em 2016 houve dois encontros na primeira metade do ano e depois disso não foram retomados. Ao todo, foram realizadas 14 COMAAFS. Segundo o organizador as confraternizações deixaram de acontecer por simples desistência dos próprios participantes. Pouco menos de um ano depois do cese da COMAAFS o organizador se encontrava impulsando a criação de uma nova organização de ateus, que deveria, quando constituída, retomar as confraternizações mensais. O projeto era de uma organização formal, com existência jurídica, advogado, estatutos, carta de princípios e assembleias regulamentares. A assembleia de fundação da que foi chamada de ICAAR, “Associação Integradora de Céticos,

---

<sup>187</sup> Como já se apontou, dentre os participantes da assembleia de ATEA havia aqueles que não sabiam do encontro, do mesmo modo que era totalmente desconhecido para aqueles que compareceram ao churrasco entre ateus avulso que aconteceu em novembro de 2106 na mesma cidade.

<sup>188</sup> Um dos fundadores do projeto (um homem de ao redor de 40 anos que possui um emprego regular como informático e é ator amador em seu tempo livre), contou que previamente tinha tentado instituir a ARCA como sociedade civil, a fim de torna-la mais sólida e importante, mas não teve sucesso.

<sup>189</sup> Interessa mencionar que em 2015 houve apenas uma edição da COMAABRA, em Brasília, que não teve continuidade.

<sup>190</sup> [https://www.youtube.com/watch?v=ZgyENYxHMII&list=PLQEfTjebtz1SEpFznSK5cKif0li\\_fEHox](https://www.youtube.com/watch?v=ZgyENYxHMII&list=PLQEfTjebtz1SEpFznSK5cKif0li_fEHox). Acesso: 12/01/2020.

Ateus, Agnósticos e Racionalistas”<sup>191</sup> foi remarçada três vezes desde o início de 2017, para acontecer finalmente no mês de abril. Até o momento da escrita deste texto as COMAAFS não foram retomadas. Nesse lapso de tempo o organizador também comunicou seu desligamento da página e do grupo Mundo Ateu, bastante popular no meio ateuista digital<sup>192</sup>.

Figura 28: Banner de promoção da 1º COMAAFS.



Fonte: <https://www.facebook.com/events/957436130952817/>. Data de acesso: 07/07/2018.

As COMAARJ, por sua parte, aconteceram regularmente e com relativo sucesso até dezembro de 2016. Depois disso, os frequentadores continuaram se reunindo mas antes como indivíduos unidos por interesses comuns e uma relação de confiança construída que como um evento aberto ao público. O encontro da ARCA no Rio de Janeiro do qual participei apresentava estas características. Foi combinado pelo WhatsApp e fui convidada a participar como pesquisadora, mas não houve publicitação para que anônimos compareçam. Indaguei com os organizadores sobre esta mudança e alegaram os motivos habituais: desgaste, cansaço, escasso sucesso na convocatória. Não são infrequentes os relatos de eventos nos quais todo os preparativos tiveram como contrapartida um único assistente. Menos frequentes ainda são os cancelamentos de reuniões previstas ou mudanças de datas ou planos, sempre procurando que as pessoas consigam assistir. Desde esse ponto de vista, focar nos ateus conhecidos, aqueles de

<sup>191</sup> Surpreende o parecido da sigla com àquele da Igreja Católica Apostólica Romana (ICAR). O primeiro a ser construído foi a página de Facebook da organização e no momento da primeira assembleia já contavam com estatutos e carta de princípios. <https://www.facebook.com/ICAAR-Associa%C3%A7%C3%A3o-Integradora-de-C%C3%A9ticos-Ateus-Agn%C3%B3sticos-e-Racionalistas-900229050105415/>. Data de acesso: 06/07/2018.

<sup>192</sup> <https://www.facebook.com/geraldo.araujo.16/posts/1893584850711948>. A página Mundo Ateu conta hoje com mais de 2.000 seguidores, e o grupo com quase 96.000 participantes. No mundo das mídias sociais, a popularidade se mede pela quantidades de seguidores e “curtidas”.

provada perseverança no comparecimento aos eventos, aqueles que se tornaram amigos e partilham interesses e opiniões parece simplesmente lógico.

Figura 29: Convocatória para a 19ª COMAARJ, a última realizada.



Fonte: <https://www.facebook.com/events/1227707753961873/>. Data de acesso: 07/07/2018.

As COMAAFOR, tal vez pelo fato de serem mais recentes, são as únicas confraternizações da ARCA que continuam vigentes conforme a ideia original. As reuniões iniciaram em agosto de 2016 por iniciativa de uma ateia que achou a página da ARCA procurando informação sobre o tema na Internet. Se disponibilizou a organizar as reuniões em Fortaleza, onde não existia um espaço semelhante. Estas se realizam mensalmente desde que iniciaram e reúnem uma boa quantidade de pessoas, maior as vezes que o Bar dos Hereges. Porém, como nos outros casos, a realização efetiva dos encontros depende do esforço de uma pessoa, que no caso disponibiliza o salão de festas do prédio onde mora, fornece parte das comidas e das bebidas e se ocupa de boa parte do trabalho de divulgação<sup>193</sup>. A mulher manifesta cansaço com esta dinâmica e confessa ter simplificado as tarefas e principalmente reduzido as despesas, a raiz da falta de colaboração do resto dos assistentes.

Foi tal vez a causa desta situação que via ela com bons olhos a fusão das COMAAFOR com a Ateia da Razão, que na prática, existia no WhatsApp e no Facebook e era administrada pelo Professor, seu criador, quem também participava das confraternizações mensais. Durante o encontro de maio de 2017 a proposta de união foi apresentada aos participantes e deu lugar a interessantes discussões sobre a natureza e constituição do movimento ateu no Brasil. A grandes traços, duas posturas emergiram: uma que prioriza os espaços de encontro face a face para a construção do movimento ateu, e foca por isso na manutenção das COMAAFOR, outra

<sup>193</sup> <https://www.facebook.com/arcateus/>; <http://arcateus.blogspot.com/>. Data de acesso: 07/07/2018.

que coloca o foco quase exclusivo na visibilidade e influência nas esferas virtuais. Se a primeira foi defendida pela organizadora das COMAAFOR e alguns dos seus participantes habituais, especialmente aqueles com mais idade, e segunda foi a posição quase exclusiva do Professor que falava em nome do grupo que era sua criação e orgulho.

Com efeito, o professor se desfez em explicações sobre a administração do grupo de WhatsApp: quem teria privilégios de administrador, a política de admissão de membros, quais as normas de discussão e as normas de segurança contra roubos, dentre questões técnicas semelhantes. Na sua fala o “grupo” era sem dúvidas o grupo de WhatsApp e o que importava deste era a quantidade de seguidores e o conhecido que poderia chegar a se tornar nas esferas virtuais. Aliás, chegou a propor a desvinculação completa da ARCA e o lançamento do grupo (assim reforçado) sob a identidade visual e o nome que ele tinha desenhado, com o aparente intuito de obter um lugar próprio no cenário ateuista brasileiro. Os colegas questionaram, basicamente, dois aspectos deste discurso: por um lado o lugar secundário dado aos encontros, e por outro, a atitude possessiva com relação ao coletivo assim concebido. Notava-se nas reações certo ânimo de resistir a liderança forte que o professor tentava impor e destacar a importância dos encontros presenciais como fundamentais para a construção do movimento e como espaços democráticos de discussão.

Um participante, advogado trabalhista com convicções abertamente de esquerda e experiência na luta política opinou que ‘*era necessário prestar atenção aos boatos de que ateus não se encontram*’. Outro participante sugeriu ao Professor que convidasse os membros do grupo dele a participar da COMAAFOR e assim discutir as possibilidades entre todos. O professor tinha respondido afirmando que sim se encontravam, pois realizavam churrascos periodicamente e que convidaria as pessoas para a COMAAFOR após e não antes da fusão dos grupos. O mesmo participante, duvidando da existência do grupo para além do ciberespaço perguntou sobre a frequência das reuniões. Após alguma insistência recebeu a resposta que esperava: se encontravam, em geral, apenas a cada seis meses e às reuniões compareciam entre 12 e 15 pessoas, dos 40 que formavam parte virtualmente. Quando se fez evidente que o “grupo” não era nem tão grande nem tão material fora do WhatsApp, vários dos participantes frisaram que, para eles, o aplicativo serve para organizar e divulgar os encontros propriamente ditos, que é meio e não fim em si mesmo.



Afinal, venceu uma postura moderada: houve fusão dos grupos no entorno virtual, mas se decidiu pela continuação das confraternizações no formato que vinham acontecendo. Ignora-se aqui se após esta reestruturação a organização dos encontros foi facilitada, mas se sabe que pelo menos a gestão das mídias sociais foi distribuída entre vários. Aliás, os administradores formaram um subgrupo no WhatsApp denominado “Conselho da Razão” para resolver os problemas que vão se apresentando, principalmente as famosas “tretas” habituais nos espaços virtuais. Quanto ao restante, os encontros continuaram a acontecer e além disso se lançou um projeto denominado “*Criança com Razão*” destinado à realização de atividades educativas junto a crianças de comunidades carentes. Entre fins de 2017 e o ano de 2018 se realizaram quatro visitas a um centro comunitário da periferia de Fortaleza, nas quais se entregaram livros, plantaram plantas, contaram histórias e programas semelhantes. Este não teve continuidade durante 2019, assim como não prosperou a iniciativa de formalizar a ATR como associação, projeto que estava em pauta durante a visita de campo.

Figura 30: Churrasco da Paixão edição 2018.

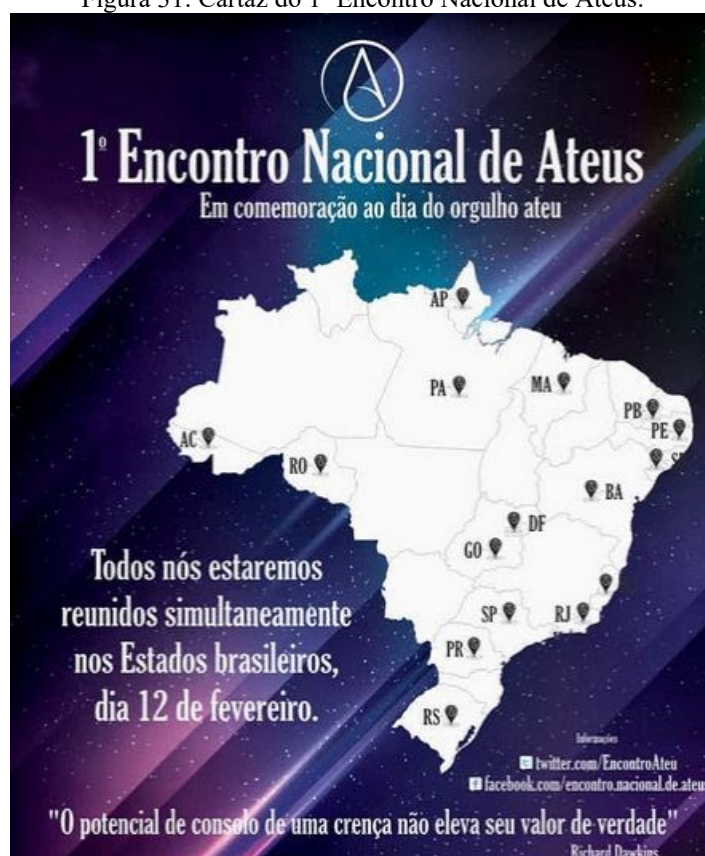


Fonte:

<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=10216198307258561&set=oa.1863914093650789&type=3&theater>

Tal vez o principal indicador deste declínio seja o desaparecimento do outrora importante e Encontro Nacional de Ateus (ENA). Este teve sua primeira edição em fevereiro 2012, foi realizado em várias cidades simultaneamente e resultou da conjugação de esforços de várias iniciativas ateístas, a saber a Sociedade Racionalista, a ATEA, e o hoje abandonado blog Ateus do Brasil, entre outros. O evento foi repetido nos dois anos seguintes, sempre em fevereiro, e foi realizado novamente com o concurso de várias organizações e em várias cidades. O formato organizativo descentralizado, no qual cada grupo tomava autonomamente a iniciativa de realizar o evento na própria cidade não impediu que este assumisse em alguns locais o formato de congresso, com reserva de auditório e programação de palestras, enquanto que em outros permaneceu como reunião de confraternização, grupo informal de debates no melhor dos casos<sup>194</sup>.

Figura 31: Cartaz do 1º Encontro Nacional de Ateus.



Fonte: <https://www.paulopes.com.br/2012/01/ateus-brasileiros-vao-realizar-seu.html>. Data de acesso: 07/07/2018.

<sup>194</sup><https://www.paulopes.com.br/2012/01/ateus-brasileiros-vao-realizar-seu.html>; [https://www.facebook.com/enateus/?ref=br\\_rs](https://www.facebook.com/enateus/?ref=br_rs); <https://www.paulopes.com.br/2012/11/25-cidades-ja-confirmaram-participacao-em-encontro-de-ateus.html>; [https://www.facebook.com/enateus/?ref=br\\_rs](https://www.facebook.com/enateus/?ref=br_rs); <https://www.facebook.com/events/430253590466955/>; <https://www.paulopes.com.br/2016/07/quinto-encontro-nacional-de-ateus-homenageia-turing.html#.W0FDbNVKjIV>.

Figura 32: Cartaz de divulgação do 4º Encontro Nacional de Ateus.

**4º Encontro Nacional de Ateus - ENA 2015**  
apresenta

**SARA(TE)U**  
uma noite dionisiaca


30/04 a partir das 18hs  
COLISEU DA UFAC

RAP:  
**PASTA DEU Renegado's**

Pop Rock:  
**Raul Seixas Experiência**  
**Camundogs**  
**Lateral Cruzoé**

Metal:  
**Rock Acclaim VIOLAÇÃO ANAL**

e mais:  
**PsicoLoral** **SAFETY** **CALIGULOVE**  
**Pink Pussy**




e 01/05 (sexta-feira), a partir das 16hs, tem:  
**4º Encontro Nacional de Ateus - ENA 2015**

na **Biblioteca da Floresta** Palestrantes:  
Prof. Dr. Sávio Maia  
Prof. MSc Leonardo Lani  
Prof. Francisco Nepomuceno

Coffe break com comidas regionais  
Certificação de 20hs pela UFAC

Entrada: Gratuita  
Censura: 16 anos

Apoio: Distribuidora do Normando  
**Novo Acre**

Realização:  

Fonte:

<https://www.facebook.com/events/430253590466955/>.  
Data de acesso: 07/07/2018.

A partir da sua quarta edição, em 2015, o ENA foi continuado apenas pelos seus organizadores no Acre. Passou a acontecer apenas em Rio Branco (apesar do epíteto de nacional) no seio da UFAC, organizado por um grupo de estudantes e o auxílio de professores. Com tintes de evento ao mesmo tempo acadêmico e cultural o encontro passou a contar com apresentações artísticas, além das palestras, e a dar direito a certificado aos participantes. Em 2014 foi realizado no mês de maio, em coincidência com o dia dos trabalhadores e sob o título “Ateísmo e Política” homenageou o “ateu materialista por excelência” Karl Marx. Em 2016 o evento foi dedicado a homenagear a figura de Alan Turing e debater o preconceito contra ateus. Desta vez, o ENA contou com várias atrações, espalhadas entre os meses de julho e agosto, a saber, palestras, exibições de filmes e apresentações musicais.

<http://g1.globo.com/ac/acre/noticia/2014/02/rio-branco-sedia-iii-encontro-nacional-de-ateus-no-domingo-16.html>; [https://istoe.com.br/190240\\_OS+ATEUS+SE+ORGANIZAM/](https://istoe.com.br/190240_OS+ATEUS+SE+ORGANIZAM/). Data de acesso: 07/07/2018.



Figura 33: Cartaz de divulgação do 5º ENA.



Fonte: <https://www.paulopes.com.br/2016/07/quinto-encontro-nacional-de-ateus-homenageia-turing.html#.W0FDbNVKjIV>. Data de acesso: 07/07/2018.

Em 2017 o evento foi descontinuado. Tinha entrado em contato com os organizadores, que me incluíram no seu grupo de WhatsApp, onde esperava conhecer a data com a maior antecedência possível e assim viabilizar a viagem para Rio Branco. Com o passar dos meses foi se fazendo claro que o encontro não aconteceria. Mais tarde, seu principal impulsionador reconheceu dificuldades de financiamento e empecilhos pessoais. Nos anos anteriores o ENA tinha sido organizado dentro da universidade, com o apoio de um professor e com financiamento obtido através dos editais de apoio a eventos culturais da UFAC. No ano em curso (2017) o impulsionador do evento se encontrava finalizando sua segunda graduação, o que lhe restava tempo e também o estatuto de aluno da UFAC, necessário para a organização do evento dentro da universidade. Ficou evidente, com isso, a dependência dos esforços de uma única pessoa para que o evento aconteça.

Uma exceção parcial a esta tendência de enfraquecimento é a Revista Ateísta, que começou em formato digital em setembro 2013 e no ano seguinte foi lançada em formato impresso. Até o momento a revista conta com quatro edições de 2014, 2016, 2017 e 2018. Quem

fundou e coordena o projeto é Gabriel Filipe um jornalista e escritor que é também fundador e editor-chefe do conhecido site “*Pense, é grátis*”<sup>195</sup>. A produção, impressão e distribuição se financia por um sistema de pré-venda via Internet, já que a revista é “*independente e colaborativa*”<sup>196</sup>. Isso não impede, no entanto, que o conjunto apresente uma qualidade notável<sup>197</sup>, contando com a colaboração de colunistas, humoristas e entrevistados conhecidos no meio ateu e fora deste. Os colaboradores são em muitos casos “youtubers” ou “blogueiros” conhecidos, mas há também acadêmicos menos populares. Entre os colaboradores se encontram o famoso Youtuber Pirulla do “Canal do Pirulla”, David Ayrolla fundador do canal “Papo de Primata”, Douglas Rodrigues Aguiar de Oliveira fundador do “Universo Racionalista”, Pedro Ivo de Souza Alcântara do canal “Ateu Informa”, Wagner Kirmse Caldas da página “Bar do Ateu” o humorista Marcio Américo conhecido pelo personagem do “Pastor Adélio” ou mesmo o cartunista Carlos Ruas criador das tiras “Um sábado qualquer”. No ano de 2019 em lugar da revista, o fundador Gabriel Filipe, lançou um livro de sua autoria “*Deuses, Fantasmas e outros mitos. O pensamento mágico no jogo das lacunas*”. Se ignora se o projeto terá continuidade no futuro.

No vídeo de divulgação da última edição da revista fizeram uma reflexão que toca o ponto central deste capítulo:

Muita gente olha com um pouco de desconfiança o fato dos ateus se organizar em grupos, associações e até mesmo para fazer uma revista. Eles dizem ‘ah, o ateísmo está virando uma espécie de religião’, mas vamos a parar e pensar por um minuto. O ser humano, como já dizia Aristóteles, é um animal social e político, dessa forma, é por meio da organização social que ele consegue resolver seus conflitos. Os ateus fazemos parte da sociedade e temos uma demanda que precisa ser compartilhada e resolvida. A religião não tem o monopólio dessa organização social, é apenas o subproduto.

---

<sup>195</sup> A página se propõe “Difundir conhecimento de maneira gratuita para a sociedade, fundamentando-se no racionalismo, ceticismo, secularismo, pluralismo, liberdade, história, filosofia, ciência, humanismo, no diálogo e na política”, assim como combater o preconceito e contribuir para construção de uma sociedade livre, igualitária, justa, solidária e democrática. <https://www.facebook.com/pensegratis/>. Acesso: 13/01/2020.

<sup>196</sup> [https://www.catarse.me/revista\\_ateista\\_4\\_edicao\\_45fa](https://www.catarse.me/revista_ateista_4_edicao_45fa). Acesso: 13/01/2020.

<sup>197</sup> Foi reconhecida pela Richard Dawkins Foundation e a Atheist Alliance International. O mesmo Dawkins declarou que “*O Brasil é um dos países mais religiosos do mundo, e iniciar uma revista sobre o ateísmo lá não é tarefa fácil*”. A declaração encabeça o artigo “A difícil tarefa de ser ateu no Brasil” publicado na primeira edição sem autor definido.

### 7.3 A SOCIOGÊNESE INCOMPLETA DO MOVIMENTO ATEÍSTA

Percebe-se que a caracterização do ateísmo como religião em virtude de suas aspirações coletivas e tentativas de organização é uma concepção habitual no contexto brasileiro. Com efeito, parece existir certa concepção protodurkheimniana em estado livre que identifica a organização social com a religião e à qual os ateus devem contestar continuamente. Aliás, um protesto similar foi expresso pelo JC, uma das principais figuras da ARCA durante a comemoração do Darwin Day. Ele argumentou, com visível desgosto, que se as pessoas se reúnem pelos motivos mais variados e esdrúxulos, *‘por que os ateus não poderiam se reunir também?’*. Em todo caso, por que apenas no caso dos ateus a socialização é entendida como um culto e a criação de estruturas como uma igreja? Numa entrevista ao blog “Atheist think” (que por sua vez pertence a uma colaboradora da ATEA), elaborou a mesma reflexão:

Gostaria que todos os ateus parassem para refletir o quanto é importante nos unirmos. As pessoas se reúnem para fazer aviões de papel, para ver quem cospe mais longe, se reúnem pra tudo nessa vida. Nós seres humanos precisamos disso que se chama "socialização". Isso não é vergonhoso e nem irá se transformar em uma religião. É apenas uma forma de nos reunir para trocarmos ideias, nos conhecer melhor. Deixem de ser desconfiados e apareçam em encontros presenciais de ateus. Não vai tirar pedaço e o máximo que pode acontecer é você não gostar e não querer ir mais. Isso é seu direito e dessa forma você poderá falar com razão, que não gosta de ir a encontros de ateus. Mas também respeite os direitos dos demais de se encontrarem. Isso não é pecado! Ninguém é obrigado a fazer nada que não queira. Pensem nisso!

Ora, se desde as ciências sociais é acertado afirmar que a religião não detém o monopólio da organização social, também é acertado afirmar a partir do trabalho de campo realizado, que o movimento ateísta consegue realizar apenas parcialmente as aspirações de associação e organização defendidas por seus impulsores. Em outras palavras, é possível afirmar que –ao menos até o momento– a sociogênese do movimento ateísta permanece incompleta, é sempre fragmentária e trunca, ao menos considerando a diferença entre as expectativas daqueles que assumem a iniciativa e o que se realiza efetivamente. As iniciativas ateístas não conseguem criar estruturas organizativas no sentido sociológico clássico do termo, assim como não conseguem se institucionalizar de forma sustentável. No mesmo sentido, os momentos de reunião são em geral esporádicos, conseguem uma convocatória mínima e tendem a desaparecer após um tempo. Tampouco se estruturam grupos ou coletivos de fronteiras mais ou menos nítidas ou vínculos fortes como o fazem as congregações religiosas. Os projetos, por

sua vez, tendem a ser instáveis e sempre vulneráveis a qualquer circunstância externa ou da vida pessoal dos poucos que trabalham nelas.

Esta incompletude, instabilidade, esta volubilidade do vínculo social pode ser considerado decorrência ou ao menos concomitância da aversão generalizada ao excesso semântico e às determinações vinculantes. Não parece haver muito incentivo à criação de sociedade quando a definição de ateísmo é mínima e negativa e se apoia a ausência de dogmas e doutrinas. Como repetem *ad nauseam*, os ateus apenas têm em comum a descrença em deus, e ponto. Além disso, trata-se de um autodenominado movimento que não define critérios de pertença além da mera descrença, muito menos estabelece condições de participação. Não possui, propositalmente, práticas ou rituais específicos. Ao mesmo tempo, parece haver uma aversão generalizada ao estabelecimento de normas comuns, assim como desconfiança para com lideranças e autoridades<sup>198</sup>. Se há consensos positivos, estes recaem sobre o livre-pensamento e um individualismo igualitário que se mostra pouco fértil à criação de instituições, sociedades e coletivos no sentido forte dos termos.

Observando a imagem de conjunto, parece que –sociologicamente falando– o ateísmo se encontra entre duas alternativas problemáticas. Ou se institucionalizar cabalmente e assumir uma configuração religiosiforme, ou renunciar ao coletivo e permanecer como um posicionamento individual. Na prática, os movimento ateu brasileiro fica em algum lugar indefinido entre essas duas polaridades. O ateus insistem na necessidade de se associar e coincidem em que organização não necessariamente equivale a religião mas, na prática, suas tentativas de fazê-lo parecem conduzi-los, infalivelmente ou durkheimnamente ao para-religioso: algo que parece um culto, uma igreja, uma congregação, um guru, um livro sagrado e assim por diante. A tentativa de evitar isto conduz a organizações que não o são tanto, a projetos de instituições que não acabam de se institucionalizar, a ensaios de associação que são sempre parciais e perecíveis. Os ateus não se organizam, mas não tanto, não muito, não por muito tempo. Se trata de iniciativas que se mostram pouco sustentáveis no tempo, que falham em se tornar coletivas e se reconhecem a si mesmas como insuficientes<sup>199</sup>.

Há aqui um esclarecimento a fazer. Ao longo do trabalho tem se outorgado maior importância àquelas iniciativas ateístas que tem alguma existência além da Internet. É precisamente além da Internet que o movimento ateu enfrenta suas maiores dificuldades e é

---

<sup>198</sup> Na prática os que têm se constituído em lideranças de associações ateístas parecem possuir algo oposto ao carisma, é o caso tanto do presidente da ATEA quanto do fundador da LiHS.

<sup>199</sup> Agradeço a meu orientador a colaboração na elaboração destas reflexões em particular.

ali que é mais flagrante a percepção de insuficiência. A dicotomia entre o mundo virtual e aquele que *faute de mieux* costuma se chamar de “real” não é uma decisão da pesquisadora, mas uma concepção generalizada entre os sujeitos da pesquisa. O ateísmo é frequentemente questionado por existir apenas no ciberespaço e aqueles que assumem iniciativas ateístas com a aspiração de criar um movimento social o fazem tendo esperanças transcender estas fronteiras. Não é incomum que associações ou grupos tentem se legitimar dizendo que realizam ações ou têm impacto “*além da Internet*” ou “*no mundo real*”<sup>200</sup>. É neste mesmo contexto que a diretoria da ATEA escolhe focar no ativismo judiciário: sendo tão difícil reunir os descrentes, e mesmo fazer campanhas publicitárias na via pública, o melhor modo de ter impacto na sociedade propriamente dita é através da suas leis. Não apenas se distingue entre a atividade virtual e a outra, se não que a segunda continua, a pesar de tudo, a ser reputada como mais importante.

Ora, quanto a este endosso da dicotomia online/off-line há uma observação a fazer<sup>201</sup>. O movimento ateísta apresenta, de fato, uma imagem diferente na Internet e fora desta. Se as observações preliminares desta pesquisa, realizadas pelo computador, mostraram um movimento forte, ativo e populoso, a etnografia presencial, e principalmente o processo de encontrar os espaços onde realizar essa etnografia, mostrou um panorama bem diferente. O movimento ateísta brasileiro estava constituído por associações pequenas, com poucos recursos, levadas adiante antes por indivíduos que por equipes ou coletivos. Trata-se de iniciativas que estão geralmente à beira do desaparecimento, associações que lutam para sobreviver e eventos que apenas atingem uma convocatória mínima, quando o fazem. Aquilo que na Internet se mostra massivo, combativo e até profissional, resulta incipiente e retraído e maiormente informal quando fora desta. Não se postula aqui que a realidade virtual e a outra existam por separado, mas que o trabalho de campo realizado um e outro deu lugar a conclusões diferentes.

Tudo isto pode ser reformulado nos termos de Latour (2008). Assim, enquanto sites e grupos virtuais mostravam um movimento estabilizado, um produto, uma imagem já pintada, a etnografia clássica permitiu observar *prima facie* o trabalho sendo feito para que tal movimento exista e os modos em que o faz. E o chamado movimento se adequava antes à descrição como uma rede, um fluxo de ação, um rizoma de conexões locais e contingentes que aos construtos

---

<sup>200</sup> Ver, por exemplo, o vídeo de apresentação da última edição da revista ateísta, mencionado acima.

<sup>201</sup> O tema foi objeto de longos debates nos estudos da cibercultura, debates nos quais não se entrará aqui e ficam como possibilidade para o desenvolvimento posterior da pesquisa. Aqui o que interessa é apenas o destaque das observações de campo.

discretos e autossuficientes da sociologia clássica. Aqui os eventos se faziam evidentes antes do que as estruturas e não se identificaram grupos, mas relações, associações sempre frágeis e efêmeras. Poder-se-ia dizer que se trata de um movimento (por continuar utilizando o substantivo adotado pelos mesmos nativos) que luta explicitamente para se manter unido, agregado, enfim, existir como tal e fazê-lo sem configurar um agregado que possa ser tildado de religioso. E aqui, como apontava Latour, as explicações dos próprios cientistas sociais fazem parte, sem pudores, daquilo que procuram explicar.

É por isso que se recusa, por ação ou por defeito, a estabilização das redes, a montagem mais ou menos fixa de um coletivo ou o traçado claro de fronteiras. Acontece como se, para ser fiel a si mesmo, o ateísmo devesse permanecer sempre em estado de plasma, em vias de articulação, a meio caminho entre o ser e o não ser social. Não deixa de haver, nesta percepção, certo entendimento durkheimiano da natureza social da religião (e da origem religiosa do social, no sentido em que o entende). Na introdução de *As Formas Elementares da Vida Religiosa* Durkheim afirma:

A conclusão geral do livro que se irá ler é que a religião é uma coisa eminentemente social. As representações religiosas são representações coletivas que exprimem realidades coletivas; os ritos são maneiras de agir que só surgem no interior de grupos de grupos coordenados e se destinam a suscitar, manter ou refazer alguns estados mentais desses grupos (DURKHEIM, 1996, p.XVI).

É precisamente neste sentido que as iniciativas ateístas parecem fugir da agregação que as converteria, ao mesmo tempo em “coisas” sociais e religiosas. Escolhem, em câmbio, permanecer em tanto que *associação*, no sentido que Latour lhe outorga ao termo. Isto é, como “*movimento de reassociação e ensamblado*” (LATOUR, 2005, p. 21).

Algumas implicações se desprendem daí. Em primeiro lugar, e no entanto as diferenças observadas entre o ateísmo virtual e o outro, fica claro que as chamadas novas tecnologias são fundamentais à existência do movimento ateísta como um todo. Neste sentido, se faz evidente a continuidade entre o online e o off-line, antes contrapostos como contextos de observação. Quer dizer, se as ações além da Internet são tidas por mais importantes e constituem sempre uma meta a alcançar pelo ativismo ateísta, quando o fazem é com o concurso indispensável de algoritmos, códigos de programação, mídias sociais e coisas semelhantes. Estas atuam como autênticos mediadores, determinado as formas e o alcance do que é possível fazer. A quem

chega (e a quem não) uma determinada página ou informação ateísta é determinado pelos mecanismos de publicidade e de circulação da informação de gigantes como Facebook ou Google, cujo funcionamento nunca é claro, muito menos controlável. Estes mecanismos tem clara agência na determinação de quem se encontra (e quem não) nos eventos e campanhas ateístas.

Aliás, os encontros de ateus consistem, em boa medida, em reuniões de pessoas díspares que entraram em contato entre si primeiramente pela Internet. Não há, em geral, relação prévia entre eles, nem um transfundo social, cultural ou econômico comum, tampouco trajetórias de vida semelhantes. Como repetem permanentemente, só têm em comum a descrença e, claro, a cadeia de contingências que fizeram com que soubessem de determinado evento e decidissem participar. Dos encontros observados, chama a atenção a heterogeneidade da convocatória, que contesta o estereotipo dos ateus como indivíduos jovens, altamente escolarizados e pertencentes aos setores médios e altos da sociedade. Não há, entre os ativistas, apenas jovens, apenas profissionais, nem apenas setores favorecidos, embora seja verdade que prevalece certa impronta masculina e um passado religioso notoriamente cristão. Trata-se de pessoas que vêm de diferentes pontos da cidade, que levam estilos de vida diversos e que muito provavelmente não teriam se encontrado se não fosse pela engenharia social informática. Compreende-se, a partir disso, que os vínculos interpessoais tendam a ser esporádicos e circunstanciais.

Finalmente, uma constituição semelhante faz compreensível a ausência de fronteiras e o caráter frontalmente híbrido do ateísmo. As redes ateístas não possuem cortes simbólicos e sociais claros, embora se esforcem constantemente por marcar a diferencia com o universo religioso. Isto implica que o ateísmo, como tal, resulta difícil de apreender por si só e que não há solução de continuidade entre as redes ateístas e aquelas da divulgação de ciência, a militância política, o diálogo inter-religioso ou a intelectualidade filosófica ou mesmo teológica, entre muitas outras possíveis (o movimento LGBTQI+, punk, o black metal, o veganismo...). Isto também implica que o movimento se vê atravessado pelas tensões e fraturas desses espaços que costumam se reconhecer como outros e que repercute as controvérsias que afloram neles.

## 8 A AMBIGUIDADE DO ATEÍSMO NA ESFERA PÚBLICA

No quinto capítulo se abordou brevemente o ativismo judiciário das associações ateístas, bem como sua intervenção em comitês destinados a defender a diversidade religiosa. Se apontou que, em ambos os casos, esta atividade é levada adiante sob um enquadramento explícito do ateísmo como segmento, instituição ou minoria *religiosa*. Neste capítulo, e como fechamento da exposição, se abordará mais detidamente esta intervenção de entidades e representantes ateístas perante o Estado e algumas de suas implicações. Se abordarão, más precisamente, uma série de aspectos que contestam ou, ao menos matizam a apresentação do ateísmo como ator religioso na esfera pública. Invariavelmente, estas discussões dizem respeito à noção mesma de religião que se faz operativa no funcionamento da justiça e à abordagem estatal do fato religioso, bem como atinge as noções relacionadas de laicidade, pluralismo, tolerância e liberdade religiosas com as tensões e controvérsias que as cercam.

### 8.1 DA RELIGIÃO PELO ESTADO

A primeira apreciação a realizar sobre o assunto distingue entre as concepções de organizadores e ativistas em tanto que ateus e as decisões estratégicas tomadas em nome das associações para levar adiante seu trabalho. Enquadrar entidades ateias como organizações religiosas perante a justiça e os comitês inter-religiosos pode ser entendido antes como um movimento pragmático que como definição fundamental. Com efeito, este enquadramento é condição *sine qua non* para poder apresentar demandas nos termos da ação civil pública, meio processual destinado à proteção dos direitos difusos e coletivos<sup>202</sup>. Segundo o advogado da ATEA, se trata de um enquadramento forçado por formalidades técnicas e processuais – o que Beaman (2013) chama criticamente de “*cidadania religiosa obrigatória*” – ainda que desde a entidade entendem enfaticamente que o ateísmo não constitui religião num sentido substancial ou filosófico. Como foi explicado em 5.3, esta leitura deriva da interpretação da Lei 7347/85 que determina que, para estar habilitado a promover ações em matéria de religião, o requerente deve ter entre seus objetivos institucionais a proteção “*dos direitos dos grupos religiosos*”.

Algo similar ocorre com a participação nos comitês inter-religiosos. Como norma geral, todos eles estão abertos a quem tenha interesse em participar, embora coloquem diferentes critérios para o recrutamento dos conselheiros da sociedade civil. O GTIREL (RJ) está

---

<sup>202</sup> <https://jus.com.br/artigos/65693/acao-civil-publica-principais-aspectos>. Acesso: 11/10/2018.



composto por “32 *segmentos religiosos e outras sociedades e grupos tradicionais*”, entre os quais se contam numerosas denominações indubitavelmente religiosas junto a categorias como “ciganos”, “maçons” e “indígenas” (sem distinção alguma de etnia) que, entendem, têm incumbência na matéria. O CNRDR, por sua parte, não prevê representação por segmentos, mas recruta participantes com “*atuação comprovada na defesa da diversidade religiosa*” independentemente da pertença confessional. Há entre os conselheiros líderes religiosos e também ativistas de organizações interreligiosas e estudiosos do tema. Já o Fórum Interreligioso de São Paulo se compõe de 31 “*segmentos religiosos, com sede e representatividade em São Paulo*” que são, na prática, aqueles que se apresentaram nas reuniões informais prévias a institucionalização do colegiado e manifestaram o interesse em participar. Em nenhum caso o Estado se posiciona sobre o caráter religioso ou não de determinado grupo, apenas se aceita todo aquele que se apresente como tal ou alegue ter incumbência na matéria.

Ora, a decisão de ativistas ateus de se enquadrar como religiosos a fim de entrar em diálogo com o Estado não é diferente do movimento realizado pelos representantes de cultos afro-brasileiros durante o período republicano. Segundo Montero (2006, 2009) o processo de criação de uma esfera secular diferenciada da esfera religiosa não implicou apenas a separação jurídica entre o Estado e a Igreja Católica, mas envolveu também uma controvérsia política e científica em torno da legitimidade de uma série de práticas “mágicas” e “supersticiosas” de matriz não cristã, associadas a formas heteróclitas de cura e rituais centrados no transe. Inicialmente criminalizadas em tanto que ameaças à ordem e à saúde pública, estas práticas foram publicamente aceitas na medida em que passaram a se constituir institucionalmente como religiões (MONTERO, 2006; 2009)<sup>203</sup>. Ora, tratava-se de um universo de práticas heterogêneas, que nem se tinham como religiosas na origem, nem obedeciam na prática a um conceito de religião moldado por referência ao catolicismo.

Aliás, nas ações do Estado, foi a Igreja Católica que atuou (e continua atuando) como modelo implícito do que é (ou deve ser) religião, desde que o Brasil nunca estabeleceu uma definição legal do conceito. Nos comitês visitados a questão não entrou nas discussões: todos os presentes, desde representantes de segmentos religiosos específicos a membros de organizações da sociedade civil, burocratas e especialistas em direito, falavam dos problemas da intolerância ou a diversidade religiosa, como se a religião fosse um conceito claro e

---

<sup>203</sup> Esta mesma pesquisadora, entre vários outros, elabora uma discussão sobre a constituição do pluralismo no Brasil que não foi possível integrar a este trabalho. Permanece como possibilidade para desenvolvimentos futuros.

compartilhado por todos. O que se mostrou claro, em troca, foi o princípio de aceitar como religiões a todos os grupos que se reconhecem como tais, quaisquer que sejam os motivos para isso. Isto equivale a dizer que a extensão do que entra como “religioso” nunca está clara e que, em particular nesses espaços, não é possível questionar a adequação de tal ou qual grupo para participar, precisamente, em nome da diversidade e da tolerância.

Com efeito, um dos membros do CNRDR –significativamente um teólogo luterano de origem suíça– via como problemática a falta de uma definição legal do que é religião no Brasil (e conseqüentemente do que não é religião). Explicou que não havendo definição, também não há procedimento de registro religiões, o que implica que a lei não obriga, mas também não protege. O professor então se perguntou se tal indefinição não fomenta a intolerância e sustentou a postura de que é necessário ter conceitos claros. Por isso, o experto propôs como sugestão para o planejamento da Assessoria de Direitos Humanos e Diversidade Religiosa avaliar a conveniência de um registro das religiões/não religiões. Isso deveria envolver uma pesquisa de como isso é feito internacionalmente, e apontou alguns subsídios, incluindo trabalhos dele mesmo.

Este posicionamento despertou a oposição do coordenador do comitê, que atribuiu a posição privilegiada do Brasil no índice de restrição governamental à religião da Pew Research a esta ausência de definição. Para além do interesse das autoridades na boa imagem internacional do Brasil, de parte dos outros conselheiros a proposta não despertou interesse algum, e a voz do teólogo permaneceu isolada. A impressão que persiste é a de que uma discussão semelhante não tinha cabida nesses contextos, sob temores, precisamente, de discriminação e intolerância. A norma é a inclusão, não a exclusão e por isso se procura que os colegiados incorporem a maior quantidade e diversidade de denominações possível. Como não há critério que diferencie o conceito do preconceito, se evitam ambos: ali é no mínimo improvável que um autoproclamado grupo religioso tenha sua participação negada em virtude de um questionamento de sua condição de tal.

Já se falou sobre os consensos pluralistas e democráticos que governam esses espaços, e o foco que colocam na proteção das minorias, em particular aquelas com maiores dificuldades para se expressar publicamente. Os termos utilizados para denominar os colegiados delatam suas definições: respeito à diversidade ou à liberdade religiosa, enfrentamento à intolerância e discriminação religiosa, cultura de paz, diálogo inter-religioso e outros similares. Ora, embora exista um claro consenso sobre o valor da diversidade e da tolerância, as discussões ao interior destes grupos demonstram diferenças na maneira de entender a questão e os melhores modos

de abordá-la e também sobre o papel que cumprem os diversos atores envolvidos nesses assuntos, desde o Estado até os agentes religiosos, passando por profissionais do direito, a medicina e a mídia, entre outros. Enfim, são os próprios modos de entender o pluralismo, assim como a liberdade e a tolerância que estão em jogo nessas discussões, que não se dirigem a conceitos abstratos mas aos modos práticos de fazê-los valer na sociedade.

#### LAICIDADE VERSUS ECUMENISMO<sup>204</sup>

A principal apreciação a realizar sobre os comitês de diversidade religiosa é a de que nem sempre as maneiras de entender a laicidade encontram continuidade na compreensão da tolerância religiosa. Embora ambos os temas sejam preocupação explícita de todos os conselhos e tratados *a priori* como uma unidade temática, na prática há concepções da laicidade que vêm de encontro com os modos de entender e abordar os casos de intolerância religiosa. Este ponto se fez evidente numa discussão acontecida no Fórum Inter-religioso de São Paulo, onde se conversou sobre os princípios que orientam o órgão, expressos no capítulo primeiro do regimento, intitulado “*Objeto – natureza – finalidade*”. Segundo o texto,

O Fórum Inter-religioso orienta-se pelos princípios constitucionais da laicidade, dos direitos humanos, da cultura de paz e da liberdade de consciência e crença e também pelos pactos, convenções e tratados internacionais pertinentes ao objeto deste Fórum Inter-religioso, dos quais o Brasil é signatário.<sup>205</sup>

Essa é a única ocasião em que o regimento menciona a laicidade, no entanto, alguns membros do Fórum encontraram a citação desnecessária. Um sheik que representava o islamismo apontou que o Fórum não precisa se declarar ‘*em defesa do Estado laico*’ porque o Estado já é laico ‘*por imposição constitucional*’. Para ele, a laicidade não é algo que precise ser defendido. O representante da Associação Brasileira de Ateus e Agnósticos se colocou prontamente contra a leitura do colega, apontando que ‘*a laicidade só existe no papel*’, pois a constituição e as leis ‘*são papéis*’, na medida em que não se fazem efetivas. A seguir, um pastor interveio em apoio da tese do sheik, dizendo que defender o ‘*Estado laico*’ não equivale a defender o ‘*Estado laicista*’ e recomendou aprofundar essa discussão. Descreveu o ‘*movimento*

<sup>204</sup> Estas reflexões já foram apresentadas em Testa (2018).

<sup>205</sup> Fórum Inter-religioso para uma Cultura de Paz e Liberdade de Crença. Regimento Interno. Capítulo I – Objeto – natureza – finalidade. Material coletado durante o trabalho de campo.

*laicista*’ como aquele que quer suprimir a religião como algo desnecessário ou pernicioso para a sociedade. Ele propus, inclusive, acrescentar essa distinção no plano de trabalho.

Esta fala motivou a intervenção da representante da Comissão de Justiça e Liberdade Religiosa da OAB/SP, quem endossou a distinção aportando argumentos jurídicos para explicá-la. A advogada expressou que o laicismo, a diferença da laicidade, ‘*é uma ameaça à liberdade religiosa*’, já que embora o Estado seja laico, ele é também ‘*constitucionalmente obrigado a proteger o fato religioso*’. Como profissional do direito, explicou que o Estado laico não interfere, não promove e não faz convênio com religião nenhuma, mas protege o fato religioso. Isso está explícito no artigo quinto da Constituição que estabelece que a liberdade de consciência e de crença é inviolável. Acrescentou que o laicismo seria uma modalidade exacerbada do que se chama de laicidade, já que vê a religião como algo suprimível e não protege contra a intolerância.

Foi, novamente, o representante de ateus e agnósticos o único a expor uma postura diferente. Ele apontou que concordava com as ‘*interpretações divergentes*’, mas que a sua preocupação era com o uso do termo “*laicismo*” ‘*para atacar aquilo que é laico mas eles não gostam*’. “*Eles*”, ficou claro, seriam aqueles líderes religiosos que se valem dessa distinção para promover pontos de vista religiosos sobre a coisa pública ali onde estes seriam vedados pelo princípio da laicidade. A discussão prosseguiu com sucessivas reinterpretações sobre a laicidade e o laicismo, até que um dos presentes fez uma tentativa de conciliar os pontos de vista e o intercâmbio foi encerrado sem que as diferenças sejam resolvidas. Na saída do evento, alguns participantes –entre os quais um representante do povo de terreiro e outro da ABLIRC<sup>206</sup>– (movimento inter-religioso) expressaram seu apoio ao ateu. Curiosamente, nenhum deles se manifestou publicamente durante a reunião. O ativista chegou ironizar esse silêncio dizendo que era bom que ‘*alguém que não seja ele*’ expresse tais posturas.

Mais tarde, em conversa particular, perguntei por que razão os pares não manifestavam o apoio publicamente, durante as reuniões. A resposta foi um olhar de sarcasmo e alguns protestos. Ele destacou que, dentre os presentes, era o único que ‘*não recebia*’ para estar ali. Quer dizer, era o único dentre os conselheiros cuja participação no Fórum não fazia parte do seu trabalho regular, em poucas palavras, o único a não “*trabalhar de religioso*”. Aliás, a conversa se desenvolveu durante a caminhada entre a sede das reuniões e o escritório onde ele

---

<sup>206</sup> Associação Brasileira de Liberdade Religiosa e Cidadania. Trata-se de um movimento interreligioso destinado a “proteger, defender e promover a liberdade religiosa para todas as pessoas em todos os lugares, através de todos os meios legalmente possíveis”. Extraído de: <https://www.facebook.com/pg/liberdadereligiosabrasil/about>. Data de acesso: 25/03/2020.

trabalha, já que precisava regressar imediatamente. As sessões são realizadas em dias e horários laborais e o representante ateu participa daquelas que têm em pauta temas importantes (naquele dia era a discussão do regimento interno). Assim mesmo, o representante ateu parecia ser o único a se manter firme em posicionamentos impopulares e não se importar de debater frontalmente. Chegou ao limite –segundo declarou– de processar o próprio Fórum Inter-religioso por causa de um batuque feito em uma das suas reuniões ou eventos formais e dentro de um prédio público. Para ele, uma manifestação como essa fere a laicidade do Estado do mesmo modo que rezas e cultos cristãos em similares contextos.

O que parece estar em jogo nessas discussões é a compreensão do trabalho que compete aos comitês de liberdade religiosa. De fato, a maior parte das propostas de ações práticas durante os encontros presenciados se referiram à proteção de formas religiosas em situação de subalternidade, especialmente quando sofrem discriminações e violências. Assim, no Rio de Janeiro as responsáveis pelo CEPLIR (órgão que coordena o GTIREL) deram um panorama das denúncias de intolerância recebidas na ouvidoria do centro, destacando que as agressões se dirigem principalmente a fiéis e centros de culto de matriz africana. O relato de casos semelhantes —que frequentemente incluem agressões físicas, seja contra os praticantes, seja contra os terreiros— foram uma constante em todos os colegiados visitados.

Aliás, todos os colegiados possuem membros destes segmentos na sua composição, inclusive o Comitê Nacional que não prevê representação por setores religiosos. Além disso, numerosas ONGs ligadas ao povo de terreiro participam desses colegiados, como membros estáveis ou convidados. Todos eles se fazem ouvir nas reuniões, denunciando a discriminação que sofrem e pedindo medidas concretas para combatê-la. Todos os colegiados, aliás, denunciam um aumento dos episódios de intolerância nos últimos tempos. O CNRDR, por exemplo, já se manifestou publicamente sobre este tipo de casos:

O Comitê Nacional de Respeito à Diversidade Religiosa – CNRDR, reunido em sua 6ª Reunião Ordinária no dia 04 de abril de 2016 em Brasília, DF vem a público manifestar-se contra todas as formas de preconceito, discriminação e violência praticadas por e contra pessoas e grupos religiosos e sem religião. Percebemos que casos de intolerância têm aumentado significativamente em todas as regiões do país. Preocupam-nos profundamente os recentes casos de agressão de lideranças e depredação de espaços de culto de religiões de matriz africana. (CNRDR, 2016)

Por suas próprias características, é o CEPLIR o órgão com maior trajetória no enfrentamento deste tipo de problema. Além da equipe que presta assistência jurídica e

psicológica às vítimas, o centro se ocupa de organizar campanhas de capacitação dirigidas aos funcionários públicos dos setores de educação e segurança, que lidam diretamente com casos semelhantes. As profissionais do CEPLIR destacam que as escolas são o contexto onde acontece a maior parte dos casos de intolerância, ao menos aqueles que são denunciados. Especial destaque merecem aqui os professores de ensino religioso que é consenso devem ser capacitados nos valores da tolerância e a convivência ecumênica. Assim mesmo, destaca-se que muitos policiais não agem corretamente quando uma vítima se aproxima para denunciar episódios de violência religiosa, as vezes por desconhecimento, as vezes por convicções religiosas em contrário.

Contudo, esses foram os únicos exemplos mencionados de ações concretas e continuadas na temática, para as quais –é preciso notar– é indispensável a existência de uma estrutura como a do CEPLIR, que é única no país. No restante dos casos, quando os membros dos comitês elaboraram propostas de ações a empreender, estas assumiram duas formas básicas, ajustadas aos escassos meios práticos que estes espaços possuem por si só: campanhas de conscientização cidadã sobre os valores da tolerância e a diversidade e o aprimoramento dos mecanismos repressivos e legais que punem esse tipo de delitos. Este último tipo de medidas são as mais mencionadas por aqueles conselheiros identificados com os segmentos vítimas de intolerância.

Foi na reunião do Comitê Nacional que a proposição de medidas foi mais clara, dado que o grupo se encontrava discutindo o plano de trabalho. Dentre as diversas iniciativas apresentadas, destacaram aquelas ligadas à educação em direitos humanos. A elaboração e divulgação de cartilhas e publicações sobre a temática em torno da diversidade religiosa foi um consenso entre os presentes, apoiados pela chefia da secretaria da que dependem. Assim mesmo, se enfatizou a necessidade de oferecer cursos para docentes, policiais, funcionários públicos e praticantes religiosos e público em geral, dada a evidente falta de conhecimento sobre o tema tanto na órbita do Estado quanto fora desta. Houve quem, inclusive, elevava a proposta de *‘cursos de capacitação em direitos humanos para políticos’*, preocupado com o evidente desconhecimento da questão evidenciada pela legislação de cunho religioso que surge em todo o país.

No restante, o foco permaneceu no quesito da proteção das religiões discriminadas e agredidas. No mesmo CNRDR, as atuações discutidas giraram em torno do correto encaminhamento e punição dos crimes de intolerância. Dois conselheiros, ambos adeptos à religiões de matriz africana, pediram a correta tipificação dos *‘crimes de ódio’* na hora do

registro das denúncias nas delegacias. Sem uma correta tipificação, tais crimes não entram nas estatísticas e portanto, não são considerados na elaboração de políticas públicas. A essa demanda, o procurador da república deu uma resposta técnica. Alegou que a categoria de *'crime de ódio'* não existe na legislação penal brasileira, contudo é possível colocar a motivação do crime como sendo o racismo, homofobia, e qualquer motivação preconceituosa ou discriminatória por diferentes fatores. Isso permite a qualificação do crime como de *'motivo torpe'* e com isso já é possível gerar dados e produzir estatísticas.

Outro tema falado no CNRDR e repetido nos outros órgãos foram os casos em que uma determinada religião é ridiculizada ou estigmatizada publicamente, através da mídia, via de regra em nome do humor e o entretenimento. O mesmo conselheiro, com efeito, recordou um episódio acontecido no popular *"Programa do Faustão"* no qual tinha-se evidenciado a conotação de que nas religiões afro-brasileiras *'só tem viado'*, através da performance de um humorista que caracterizava um pai de santo (e com isso o desqualificava). O conselheiro denunciou que esse episódio o ofendeu na sua fé e lançou o questionamento, *'o que é humor?'*, ressaltando que acontece com todas as religiões. Para ele, a legislação deveria delimitar o que é humor e o que é ofensa.

O procurador da república deu, mais uma vez, uma resposta técnica. Mencionou a *"ADI do Humor"* como um caso em que o humor religioso foi avalizado pelo STF como amparado pela liberdade de expressão. O procurador acrescentou que *'a melhor resposta é o direito de resposta'* e citou como exemplo o caso do apresentador Datena quem, havendo ofendido os ateus, teve que lhes dar um espaço para replicar no seu mesmo programa, a partir de uma ação movida pela ATEA. E citou também o caso do grupo Porta dos Fundos, que sofreu várias ações no mesmo sentido. Para ele, o direito de resposta é mais eficaz e mais eficiente que a proibição e, portanto, do que se trata é de promover a igualdade de condições de participação no espaço público. No entanto, o procurador cuidou de introduzir uma objeção: quando há incitação à violência e à discriminação não se trata só de humor, logo é preciso denunciar.

Um caso de ofensa religiosa similar, porém desprovida do contexto humorístico foi discutida no Fórum Inter-religioso de São Paulo. Nessa ocasião o sheik tomou a palavra para denunciar um vídeo que estava sendo amplamente compartilhado na Internet e que ele via como uma tentativa explícita de denegrir a imagem dos muçulmanos no Brasil. O vídeo, falado em árabe e legendado em português, mostrava um muçulmano lançando todo tipo de calúnias e ofensas contra o povo brasileiro. Segundo o sheik, o problema era que as legendas não coincidiam com a fala, pois o religioso estava na verdade pregando uma mensagem correta e

pacífica. Como poucas pessoas falam árabe por aqui, explicou, a fraude passa facilmente despercebida e muitos tomam o vídeo como verídico. Perante este caso, ele anunciou que faria um ‘relegendamento’ do vídeo e pediu ajuda aos colegas do fórum com a divulgação do mesmo.

A seguir, um pastor tomou a palavra e disse que o vídeo de fato estava fazendo sucesso no ‘*meio evangélico fundamentalista mais sectário*’ e pediu que o trabalho de colocar novas legendas não seja somente uma ação dos sheiks, mas também da OAB, da Secretaria de Educação e ele mesmo se disponibilizou a colaborar. Outro participante incitou a não repassar tudo o que chega pela Internet e a ser cuidadoso com materiais apócrifos ou não apurados. Finalmente, a representante da Comissão de Justiça e Liberdade Religiosa da OAB chamou a atenção para os perigos da ‘*intolerância religiosa na Internet*’ que não é um fenômeno restrito ao Brasil. Ressaltou que não há campanha educativa a respeito disso, que esse é um trabalho ainda não feito. Acrescentou que ela gostaria de fazer uma denúncia obre o caso para dar tratamento jurídico à questão e que essa denúncia poderia ser encaminhada pelo mesmo Fórum.

Com outro teor, se falou também de um caso em que um hospital não deixou ingressar um padre a um hospital para assistir a um fiel que se encontrava moribundo, pois não era horário de visita. Afinal, o paciente morreu sem a extrema unção e o caso foi encaminhado à comissão de Liberdade Religiosa da OAB. No mesmo sentido, na reunião se levantou a questão da necessidade de garantir aos presidiários atendimento religioso da denominação específica à que pertencem. Normalmente, há apenas sacerdotes e pastores nas penitenciárias o que deixa desassistidos os fiéis de outros cultos que acabam assim sendo vítimas de discriminação e intolerância.

Considerando as diferentes propostas de ações colocadas nos comitês visitados, é notável a preocupação com a garantia dos direitos religiosos da população. Isto é, o direito ao livre exercício da própria fé sem preconceitos, discriminações, nem violências e inclusive, sem restrições por parte do poder público, que deve oferecer “prestações alternativas” para os casos em que uma obrigação religiosa colide com uma obrigação civil. Entende-se que o Estado deve, por mandato constitucional, proteger as diversas religiões, garantindo que estas possam ser exercidas sem constrangimentos e de forma pacífica. Por baixo disso subsiste uma concepção de que a religião é um fato fundamental de vida social e que o Estado está obrigado por mandato constitucional a intervir quando uma forma de fé é agredida ou discriminada. Ante tudo, deve atuar quando são os próprios organismos do Estado que cometem esses atos.



A postura dos ateus com relação a estes problemas crescentes é, sem dúvida, favorável à proteção dos fiéis e formas de culto que sofrem violência, em particular quando inclui agressões físicas. Não é a legitimidade deste reclamo por tolerância que está sendo questionado, mas a limitação do papel dos comitês à discussão deste tipo de casos, cometidos por cidadãos comuns. Para eles, é preciso focar nos desvios religiosos cometidos pelo próprio Estado, entre outros argumentos, porque apenas um Estado verdadeiramente laico –isto é, sem posicionamento nem compromissos religiosos– seria capaz de combater a intolerância e garantir a liberdade de culto de forma consequente. A postura deste setor assumiu contornos mais definidos numa discussão acontecida no Seminário sobre Estado Laico, Intolerância e Diversidade Religiosa, organizado pelo Comitê Nacional de Respeito à Diversidade Religiosa em parceria com a Comissão de Liberdade Religiosa da OAB/SP em dezembro de 2016.

Durante uma das rodadas de perguntas da jornada, o advogado da ATEA ali presente pediu ‘*dar prioridade ao tema da laicidade do Estado*’. Ilustrou a colocação com o velho exemplo dos crucifixos em locais públicos: se tem um crucifixo num tribunal isso habilita, segundo o orador, que qualquer outra confissão coloque seu símbolo também. Nada impede, portanto, que um satanista queira pendurar uma imagem do demônio. Didaticamente, o sujeito raciocinou que ali onde há um crucifixo, deveria haver também um símbolo judeu e outro muçulmano, um ente afro e assim por diante, o que tornaria os tribunais e dependências públicas em feiras de símbolos religiosos. Ao todo, ficou bastante claro que o representante ateu julgava excessiva a ênfase religiosa e multiculturalista da OAB e do CNRDR no tratamento de um tema que deveria, a seu juízo, ser neutro ou imparcial.

Nisso há em jogo duas interpretações diferentes da Constituição Federal com relação à questão da laicidade do Estado, tema que foi objeto de palestras de vários juristas ao longo do dia. Com efeito, os oradores exibiram duas leituras diferentes da Carta Magna que *grosso modo* se alinham com as duas posturas apontadas acima sobre o trabalho dos Comitês de Liberdade Religiosa. É preciso aclarar, no entanto, que não se entrará aqui nos detalhes jurídicos do tema, pois não se tem as ferramentas para tanto, nem é esse o objetivo deste trabalho. O que se pretende destacar são as diferentes leituras da questão sustentadas pelos palestrantes, e as implicações que isto teve para o debate com os presentes, incluindo os representantes religiosos.

Sinteticamente, houve duas leituras da laicidade estatal. Uns, focando no processo histórico e jurídico de diferenciação entre Igreja e Estado destacaram que este último deve ser “neutro” em matéria de religião. Outros baseados no princípio de igualdade de direitos,

alegaram que o Estado não pode ser “só” neutro, pois tem a obrigação de garantir a liberdade religiosa de quem não consegue tê-la, e por isso precisa atuar algumas vezes. Uns e outros se baseiam nos mesmos artigos da constituição para fundamentar seus posicionamentos, em especial o artigo quinto, inciso quatro, que assegura a liberdade de consciência e de crença e o artigo 19 que veda ao Estado a atuação em matéria religiosa.

As diferenças, no entanto, se constroem sobre uma base de consensos, pois todos concordam em que é o Estado que deve ser laico e não a sociedade civil, que tem o direito e a liberdade de lidar com autonomia com suas próprias crenças religiosas. Coincidem, como bons juristas, em que a tolerância surge no Estado de direito, e enfatizaram com veemência que defender o Estado laico não implica abolir as religiões, pois Estado laico não significa Estado ateu. As diferenças parecem radicar antes nas ênfases que se colocam na interpretação do direito, o que encerra uma valoração diferencial sobre os problemas mais urgentes e os cursos de ação mais apropriados.

Assim, a posição que poder-se-ia chamar de ecumênica ou integradora, baseia-se na busca de tolerância com as diferentes religiões, na garantia dos direitos religiosos e na luta contra a discriminação e o preconceito. Esta leitura enfatiza o dever do Estado na garantia da igualdade de direitos e a liberdade de crença e de culto, tal como estabelece o artigo 5º da Constituição. Conforme esta interpretação. O que interessa, em termos práticos, é garantir que as diferentes formas de culto tenham seu lugar na sociedade civil. Por isso, foca na discussão minuciosa dos diferentes casos em que uma determinada confissão se viu prejudicada em função de preconceito, de conflito com obrigações civis ou políticas ou de simples perseguição. A partir desta óptica, interessa debater as ferramentas disponíveis para resolver os casos, atentando para as particularidades inerentes a cada situação.

Já a postura contrária, que pode ser chamada de neutralista ou liberal, enfatiza a distinção rigorosa entre Estado e sociedade civil, entre o público e o privado. Nisso coloca em primeiro plano o artigo 19 da Constituição, que veda ao Estado

...estabelecer cultos religiosos ou igrejas, subvencioná-los, embaraçar-lhes o funcionamento ou manter com eles ou seus representantes relações de dependência ou aliança, ressalvada, na forma da lei, a colaboração de interesse público (BRASIL, 1988)<sup>207</sup>.

---

<sup>207</sup> Consultado em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm).

Assim, se preocupam fundamentalmente por denunciar os casos em que o poder público foi utilizado para promover os interesses de uma determinada religião ou quando concepções religiosas subjazem à interpretação que se faz da lei e ao uso dos aparelhos do Estado. Assim, os temas que ganham preeminência aqui são episódios como a realização de cultos em dependências públicas, a aplicação de fundos públicos para o financiamento de eventos religiosos, a aprovação de projetos de lei com clara ou alegada motivação religiosa, o uso da Bíblia para a interpretação do direito ou o descumprimento dos deveres por parte de funcionários públicos em virtude de crenças religiosas, entre muitos outros.

Este tipo de casos foram os menos discutidos nas reuniões observadas. Exceção foi o Comitê Nacional, onde foram trabalhadas uma série de leis e decretos que claramente contradizem o princípio da laicidade. São estes os casos em que se entregam as chaves de uma determinada cidade ao Senhor Jesus, ou se utilizam recursos públicos para colocar mensagens religiosas (invariavelmente cristãs) em praças e outros espaços públicos. O CNRDR elaborou naquela reunião uma nota pública questionando estas normativas e instando aos órgãos competentes a intervir para corrigir a situação<sup>208</sup>.

Vale insistir em que a distinção de posturas feita acima alude antes de mais nada a diferenças de matizes, que são sempre relativas. Com efeito, ambas as posturas coincidem em uma variedade de temas, especialmente nos casos onde a violação da neutralidade estatal em matéria de religião coincide com um ato discriminatório contra adeptos a determinadas religiões. Como explica a representante do CEPLIR, no caso típico os crimes de intolerância são cometidos por religiosos, que bem podem ser funcionários públicos em exercício. Por exemplo, quando maestras ou diretoras de escola obrigam alunos não cristãos a rezar o pai nosso ou se negam a incluir conteúdos de direitos humanos nas aulas. Policiais e professores da rede pública são os mais mencionados neste quesito.

Ora, as particulares tomadas de posição dos ateus nestes encontros mostram que a deles é uma posição desconfortável entre a multiplicidade de confissões ali presentes. Essa é uma das formas em que pode ser vista a insistência do setor na luta pela laicidade, negativamente entendida. A deles é a única voz que se eleva em defesa dessa posição num contexto onde se privilegia uma leitura positiva da laicidade, que procura discernir os melhores modos do Estado *agir* para proteger o fato religioso e garantir a liberdade de crença e culto. Nesses espaços, a discussão do problema de certa forma oposto, de proteger o Estado da instrumentação religiosa

---

<sup>208</sup> Nota publica nº 5 do CNRDR sobre decretos municipais atentatórios à laicidade estatal de 15 de março de 2017.

fica num segundo plano, a despeito dos reclamos dos ateus e dos poucos setores que lhes acompanham. Resulta evidente, assim, que nestes comitês predomina uma visão que vê a religião como um valor social, algo que é *a priori* positivo e que precisa ser preservado e protegido de abusos e atropelos vários. Entende-se, assim, que a discussão dos casos em que a religião se torna uma ameaça, no caso contra a coisa pública, não encontre maior interesse.

A exceção, compreensível também nesta linha, vem dada pelos casos em que a utilização religiosa do Estado incorre em discriminação ou intolerância contra uma religião outra. Quer dizer, não interessa tanto debater a neutralidade estatal em abstrato ou em geral, mas o caso particular em que a falta desta incorre em atos intolerância religiosa dirigidos a cultos específicos. Por exemplo, quando o ensino de religião nas escolas públicas discrimina adeptos a cultos de matriz africana, ou quando estes não obtêm atendimento adequado por parte de um policial ao denunciar a discriminação que sofrem, motivado pelas convicções religiosas deste. Na passagem dos casos de intolerância cometidos por agentes e instituições do Estado, para a discussão da laicidade em termos gerais o tema perde seu apelo, mesmo num colegiado composto por agentes religiosos. O debate sobre a presença de crucifixos em dependências públicas, sobre a utilização de recursos públicos para a realização de eventos ou a construção de monumentos religiosos, sobre celebração de cultos (da denominação que for) em dependências do Estado ou inclusive sobre a isenção impositiva a templos religiosos não encontram maior eco, a despeito das falas solitárias dos ateus. O tema chega a ser julgado irrelevante por alguns presentes, como se viu.

A situação muda quando aparece um ator que tenta reivindicar a posição de hegemonia histórica do cristianismo atacando com isso o ecumenismo igualitário que constitui o acordo tácito de todo e qualquer comitê de diversidade religiosa. Nesses momentos, os ateus e o povo de terreiro são os mais veementes ao denunciar as aberrações cometidas em nome do deus cristão ao longo da história, e a perseguição sofrida ao longo dos séculos por aqueles que não confessavam devoção a ele, ou mesmo pelos estratos sociais desfavorecidos, como os escravos, já que a Igreja nunca hesitou em se aliar com o poder e os poderosos. Mais do que os fatos históricos, interessa aqui o relato que se faz dele e o modo como esse relato aproxima as posições do ateísmo com as o povo de terreiro, o mais incisivo na defesa da laicidade positiva que concentra as principais críticas dos ateus.

Essa particular configuração acaba por delinear a posição incômoda do ateísmo nos Comitês de diversidade religiosa à qual se fez alusão acima. Com efeito, o segmento ateu vem se apresentar como uma alternativa religiosa entre outras e é desse modo que se insere nos

colegiados chamados a debater a diversidade de culto. É mais, se apresenta como parte de uma minoria que sofre preconceito e discriminação, discriminação que se não se torna aberta é pela falta de sinais diacríticos que os identifiquem, como vestes particulares ou locais de culto. Neste contexto, se apresentar como opção religiosa parece ser o preço a pagar para ter presença na esfera pública, ou seja, para ter voz e voto perante o Estado nas discussões que tangem a problemática da religião. Contudo, à revelia dessa mesma definição, não deixam por isso de questionar o fundamento basicamente religioso que esses espaços guardam. Questionam a leitura ecumênica dos comitês e reclamam mais atenção para o que veem como o problema principal: as ocasiões crescentes em que Estado e igreja acabam por se confundir. Em termos latourianos, poder-se-ia dizer que procuram uma purificação, tanto da religião quanto do Estado, como esferas e categorias separadas. Passam por alto que os híbridos são a regra, que vale inclusive para eles mesmos.

## 8.2 A AMEAÇA EVANGÉLICA FRENTE À PREEMINÊNCIA DAS POSIÇÕES POLÍTICAS

Ora, esta defesa da liberdade religiosa entende-se necessária dada a persistência da intolerância na sociedade brasileira, mas também a raiz da presença cada vez mais marcada de projetos de poder do cristianismo dominante, dentro e fora do Estado. Esta leitura do momento se fez evidente num intercâmbio acontecido na reunião ordinária do Comitê nacional. Na ocasião, um dos conselheiros – autodeclarado agnóstico e militante de um movimento inter-religioso– pediu a palavra e, em se dirigindo ao representante do Conselho Nacional do Ministério Público (CNMP) que acabava de palestrar, apontou que *‘na base do atual governo nos somos minoria’*, e referiu-se a temas como o ensino religioso, o estatuto da família e a reforma do ensino médio como *‘casos em que se tenta impor uma determinada concepção religiosa para toda a sociedade’*. Insinuando uma situação de guerra, o orador perguntou a um Procurador da República *‘como podemos nos colocar para atuar nas trincheiras do CNMP e do MP’* perante as *‘tentativas de instituição de um estado teocrático’*.

Embora o conselheiro se referisse em particular ao acompanhamento de projetos legislativos, o Procurador achou a metáfora bélica razoável para retratar a resistência à *‘hegemonia conservadora que ocorre em todas as instituições, inclusive do MP’* em virtude da qual *‘vivemos um momento desfavorável para o Estado laico’*. Quando falam de “hegemonia conservadora” e “projeto de Estado teocrático” os participantes da conversa se referem, em

particular, as ações e intencionalidades de políticos e funcionários públicos evangélicos. Esse antagonismo foi claro nos três colegiados visitados: em todos os casos, do que se trata, em primeiro lugar, é de combater aquilo que se vê como o projeto de poder dos setores evangélicos radicalizados, associados à direita política e presentes em todos os níveis do Estado, desde o legislativo até as capas mais inferiores da burocracia pública. Essa luta é travada sempre em nome da diversidade, a tolerância e a liberdade religiosa, e claro, do Estado laico.

Vozes importantes dentro do movimento ateu sugeriram que é tal situação política a razão para intervir em espaços como os comitês mencionados que, de outra maneira, não seriam de interesse. O representante da ATEA no Rio de Janeiro que participa do GTIREL atribuiu diretamente sua labor ao avanço político dos evangélicos, cuja visão da sociedade colide diretamente com o liberalismo que prega. No discurso deste sujeito, a militância ateu não aparecia como algo fundamental, nem importante em si mesmo, mas em sentido relativo, dada a proliferação de políticos confessionais em cargos de cada vez maior importância, que tentam impor seus dogmas no exercício de suas funções. Na conversa, expressou o ponto de vista claramente liberal de que a religião é um assunto privado de cada indivíduo e que o Estado, sendo laico, não tem motivo para se intrometer (também) nisso. Contudo, dado o contexto descrito acima, é preciso marcar posicionamentos para não ser atropelados por aqueles que possuem uma visão menos moderna ou modernista das relações entre igreja e Estado.

A preocupação a toda hora era a laicidade do Estado, e não tanto a intolerância religiosa, a diversidade religiosa ou o diálogo ecumênico. De fato, num momento comentou um episódio que tinha acontecido durante a reunião. Uma das coordenadoras do CEPLIR, num dos seus discursos em prol do entendimento universal, fez questão de enumerar as diferentes manifestações religiosas representadas no órgão. Durante isto, fez questão de olhar para a pesquisadora e para o representante da ATEA ao confessar que já se surpreendeu diversas vezes invisibilizando os ateus e agnósticos, mas que com a presença constante destes tinha aprendido a lembra-los. No momento, me surpreendeu que o emissário dos descrentes não respondesse ao discurso conciliador da colega, e não entrevista posterior fez explícito o porquê. Ele explicou que não dava a menor importância ao fato dos ateus serem invisibilizados, para ele esse era um tema menor, irrelevante. Aliás, para ele nem o Grupo de Trabalho nem a religião como matéria de discussão pública tinham maior importância. Dificilmente uma atitude que caberia tildar de religiosa.

Meu interlocutor baseava esta visão das coisas numa postura política bem definida que não hesitava em explicitar. Candidato a vereador pelo Partido Novo e eleito como suplente, ele

se manifestava contrário à velha política e aos velhos políticos. Ao mesmo tempo, ostentava um liberalismo tanto económico quanto social que implicava em posturas ortodoxas em matéria de economia e progressistas em matéria social. Afinal, se não cabe ao Estado regular em demasia o mercado, também não lhe cabe regular sobre a moral sexual ou as opções de gênero dos indivíduos, entre infinidade de outros temas. Em virtude deste sistema ideológico, personagens como Bolsonaro ou Eduardo Cunha personificam tudo que de ruim há na política... a menos que o adversário seja da esquerda. Com efeito, falando da eleição anterior para a prefeitura do Rio de Janeiro, ele manifestou preferência por Crivella antes do que Freixo. Quer dizer, entre um candidato favorável à laicidade, mas de ideias político-econômicas contrárias às suas e outro manifestamente confessional, mas de ideias afins prefere sem dúvidas o segundo. Este exemplo ilustra bem como o ateísmo pode se diluir nas concepções políticas ao ponto de se perder de vista.

Não se trata de um caso isolado. A eleição presidencial de outubro de 2018 ofereceu um contexto de observação privilegiado dos efeitos do debate político sobre o movimento ateu. O segundo turno da contenda, que enfrentou o candidato do Partido dos Trabalhadores Fernando Haddad ao direitista Jair Bolsonaro do Partido Social Liberal, deu lugar a acirrados debates entre os ateus, causando não poucas desavenças entre eles e alguns cortes na rede. Ao todo, a conjuntura não apenas mostrou como no calor das discussões o ateísmo perde importância perante a política, se não que também desfizeram o estereótipo generalizado do ateu como votante de esquerda. Há ateus de todas as cores políticas embora as discussões *grosso modo* oponham esquerda e direita, ou o que popularmente se entende por tais no Brasil, não sem certo maniqueísmo. Na tradução do segundo turno da eleição de 2018, as discussões confrontaram os ateus partidários do candidato petista àqueles que preferiram optar pelo candidato militar, muito embora formasse parte de uma coligação integrada pelas mesmas figuras evangélicas cuja influência o movimento tenta neutralizar.

Embora o debate tenha atravessado as redes ateístas por inteiro, tomou particular repercussão no caso da ATEA. A entidade, como tal, se manifesta apartidária porém, quando transcendeu publicamente que seu presidente apoiava, no plano pessoal, a candidatura de Bolsonaro as reações dos seguidores não se fizeram esperar. Que uma das principais figuras ateístas do país e ferrenho militante pela laicidade à francesa apoiasse uma figura que explicitamente fez da religião uma arma política (ver capítulo 2) não agradou a muitos, mesmo que se tratasse de um posicionamento *individual*. Houve grandes discussões nos veículos virtuais da ATEA, entre aqueles que questionaram o acionar do presidente e aqueles que o

defenderam, e muitas especulações sobre a medida em que as opiniões particulares do líder influenciam a associação como um todo, ou são extensíveis ao conjunto da equipe que trabalha nela (e que se sabe não é muito grande). Seja ou não a causa disto, o fato é que a página de Facebook da ATEA foi “despublicada” pela própria plataforma após estes acontecimentos<sup>209</sup> o que não fez se não alimentar a polêmica.

Ora, o presidente não foi o único a assumir esta postura, houve muitos ateus que manifestaram apoio ao ex-militar. Registros das discussões na página feitos em 12 de outubro de 2018 mostram bem quais são as principais posturas e argumentos a este respeito. Alguns repararam na contradição de haver ateus apoiando publicamente a bancada evangélica: *“Eu sei que a galera quer salvar o país. Mas, eu estou vendo ateu defendendo a bancada evangélica???* *Oh seu moço do disco voador me leve com você pra onde você for!!!!!!!!!!”*; *“Ver ateu votando num cara que é contra o estado laico é inacreditável. Se é que tu é ateu mesmo e não caiu aqui na página de paraquedas”*; *“Saiba que você é ateu e seu candidato não te respeita nem um pouco!”*; *“Se um ateu assumido se candidatar o seu mito vai dizer: pode ser ateu dentro de 4 paredes, aqui fora tem que se adequar”*.

Outros foram mais longe nas reflexões, e não faltaram as acusações de dogmatismo dirigidas contra aqueles descrentes que optaram por candidatos confessionais: *“Ver os comentários de alguns ateus aqui me faz pensar que é mais fácil tirar a pessoa de dentro da igreja do que tirar a igreja de dentro da pessoa. Boa parte dos ateus (ou talvez “novos ateus”) que estão aqui são tão dogmáticos quanto os crentes que eles criticam. É de pasmar ver pessoas dita atéias defenderem essa seita político-religiosa, que diariamente trabalha pra transformar o Brasil num Irã cristão”*. *“Muitos candidatos e evangélicos se entraram por serem apoiadores de Bolsonaro. Ateu que vota em político evangélico e mais hipócrita que os próprios pastores”*. *“Vcs imaginam o terror q é assumir publicamente que é ateu em um estado laico, agora imaginem em um país que o presidente diz que deus está acima de todos...pensei q pelo menos os ateus tinham bom senso, tô vendo que não...”*.

Outros, pelo contrário, notaram que nem o respeito aos ateus nem a laicidade do Estado são temas prioritários no conjunto de problemas enfrentados pelo Brasil. Alguns inclusive opinaram que não são temas importantes em absoluto. Outros que o principal era evitar o perigo do comunismo. *“Foda-se as opiniões ou escolhas religiosas. O que interessa agora é ordem! moralidade e disciplina”*. *“Sou ateu e chega de corrupção! Bora 17! Adeus comunas!”*.

---

<sup>209</sup> <https://www.atea.org.br/associacao/facebook-despublica-pagina-da-atea/>. Acesso:25/01/2011. O aviso data de 22/10/2018 porém a saída do ar da página da ATEA não é um fato inusitado.



“Qualquer coisa é melhor que continuar com o PT, cara!”. “*meu candidato não sabe que eu existo, pfff. Não me obrigando a ir a igreja tá tudo certo*”. “*Desde que seja liberal na economia, eu caguei pra religião da pessoa... Ué tenho que perguntar se o cara é ateu, protestante, católico, umbandista pra votar?*”. “*Ele não gosta de ateu, vou eleger um candidato criminoso que financia a Venezuela e reverência Maduro e Che Guevara*”. *Sou ateu também, mas tem coisas mais importantes em jogo do que isso. Não gostou vai lá, cria uma bancada atéia e pronto porra*”. “*Eu não ligo, eu não tenho o ego tão grande assim igual o deles, o futuro do nossa país é bem mais importante do que um presidente não gostar de ateu, por favor né, não vai mudar em nada a vida de ninguém aqui*”. “*Quando os problemas econômicos estiverem resolvidos nos preocupamos com a bancada evangélica, por enquanto comida na mesa e emprego é o mais importante. Vamos de Bolsonaro, esquerda nunca mais*”. “*Tomara...prefiro a democracia capitalista cristã do que ditadura comunista*”. “*E daí, o mais importante agora é o país não virar uma Venezuela, é tem uns idiotas preocupados com estado laico ainda*”.

Alguns internautas inclusive defenderam sua postura com certa sofisticação: “*os evangélicos estão nos defendendo da maior máquina de roubo da história da humanidade (PT no poder)... então, só merecem nosso respeito.. a propósito, palavras alentadoras para quem tem medo da sua escalada: a) já é clichê aqui, mas precisa ser repetido: "religião não define caráter"; b) posso não gostar nem um pouco de política corporativista e ter alguns receios a longo prazo (como eventuais consequências da lei bíblica interpretada e/ou criada por quem está no poder se sobrepondo a direitos fundamentais), mas, por ora, evangélicos estão alinhados com ideias liberais - e isso é ótimo para o desenvolvimento!; c) não temo evangélicos a curto ou médio prazo; temos problemas bem mais importantes e urgentes do que o criacionismo nas escolas; d) uma parte considerável da população é evangélica, não? nada mais natural que tenham representatividade no Congresso; isso é a essência da democracia*”.

E claro, houve também aqueles que preferiram não apoiar nenhuma das duas alternativas disponíveis: “*Entre Bolsonaro e PT prefiro sair do país, pena que sou pobre e não tenho condições. No final os dois são a mesma merda, então foda-se quem vencer. Voto nulo de consciência limpa*”. Outros, finalmente, manifestaram apoio a Haddad (a rigor, contra Bolsonaro) não em virtude do ateísmo ou a laicidade, mas de outras pertencas identitárias que o candidato contrário via como problemáticas: “*Só muda o partido que está te roubando. Ainda não percebeu isso? Esse além de te roubar vai tratar ateu como a escória do mundo. Ou como mulheres negros e homossexuais*”. “*É melhor jair chorando. Eu já estou. O bode expiatório do fascismo tupiniquim somos nós homossexuais. Você acha que não estou apavorado?*”. “*Antes*

*de ser ateu sou gay. E por ser Gay que sou ateu. Só vou votar no PT por isso. Fora bolsobosta”*  
*“PT fudeu o Brasil economicamente, Bolsonaro vai fuder o Brasil socialmente. Me recuso a*  
*votar em um presidenciável que diz frases como "prefiro ter um filho morto do que um filho*  
*gay" e que homenageia torturadores da ditadura militar”.*

Este conjunto de interlocuções permite algumas observações. Em primeiro lugar, fica claro como o ateísmo em si perde protagonismo perante as discussões políticas. A laicidade do Estado e mesmo a tolerância religiosa tendem a ser considerados temas secundários para aqueles que votam à direita, enquanto aqueles que votam a esquerda apresentam queixas de incongruência. Ora, ponderar até que ponto estes são temas fundamentais para estes últimos seria necessária uma conjuntura simetricamente inversa, quer dizer, um *ballotage* entre uma direita liberal e laica e uma esquerda explicitamente cristã. A questão está fadada a permanecer hipotética, porém, não seria surpreendente ver o ateísmo novamente relegado a um segundo plano. Mesmo que superficiais, os argumentos transcritos acima sugerem que a laicidade e, em geral, a postura dos políticos com relação à religião tende a constituir um fator *ad hoc* e sempre prescindível na definição das preferências políticas. Tal vez por isso a criação de uma “bancada atea” sugerida ironicamente por um dos internautas pareça tão pouco verossímil.

É de público conhecimento que são raros os políticos que se apresentam abertamente como descrentes, mesmo que o sejam<sup>210</sup>. O preconceito contra os ateus é um fato estabelecido no Brasil e isso não ajuda na coleta de votos, antes bem, a dificulta<sup>211</sup>. Da assembleia da ATEA de janeiro de 2017 participou Edmar Luz, quem se jacta de ter sido o único entre mais de 400.000 candidatos a se colocar explicitamente como ateu nas eleições municipais de 2016. Ele concorreu a uma vaga de vereador na cidade de São Paulo pelo PPS<sup>212</sup>e, como era de se esperar, não resultou eleito. Obteve 709 votos ficando na posição 570º entre 1275 candidatos<sup>213</sup>. Ele contou que no partido dele há de fato outros ateus, mas que não se assumem como tais para

---

<sup>210</sup> Uma pesquisa realizada pelo instituto CMT/Census para a revista Veja em 2007 concluiu que apenas 13% dos brasileiros votariam um candidato ateu para presidente, contra 84% que votariam num negro, 57% numa mulher e 32% num homossexual. Fonte: <http://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/geral/veja-5-so-13-dos-brasileiros-votariam-num-ateu-para-presidente/>. Data de acesso: 02/06/2016.

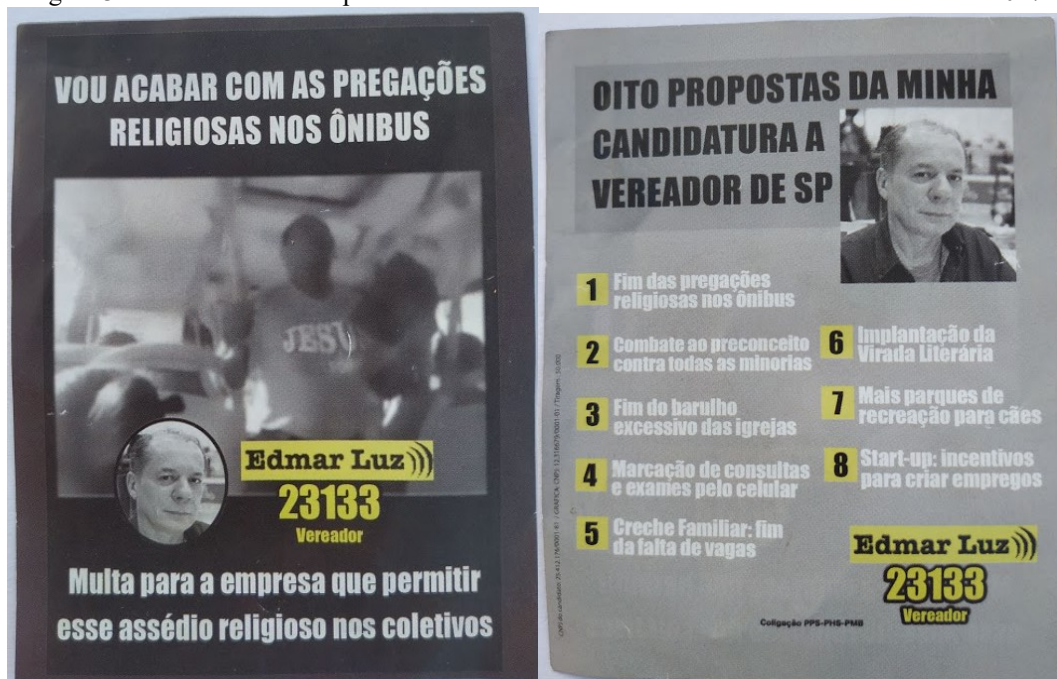
<sup>211</sup> <https://www.uol/eleicoes/especiais/politica-e-religiao.htm#projeto-politico-e-religioso>. Data de acesso: 26/01/2020

<sup>212</sup> [https://pt.wikipedia.org/wiki/Partido\\_Popular\\_Socialista](https://pt.wikipedia.org/wiki/Partido_Popular_Socialista). Atualmente denominado Cidadania, o partido surgiu do Partido Comunista Brasileiro, mas possui um histórico de alianças com partidos associados ao centro e à direita. Nas eleições municipais de 2016 participou em coligação com o PHS – Partido Humanista da Solidariedade e o PMB – partido da Mulher Brasileira. O PHS, hoje incorporado a Podemos, se alinhava à centro-direita e defendia o distributismo e a moral cristã. Já o PMB, a despeito do nome do partido se define como “antifeminista”.

<sup>213</sup> <https://www.gazetadopovo.com.br/apuracao/resultados-eleicoes-2016-primeiro-turno/sao-paulo-sp/vereador/>. Data de acesso: 26/01/2019.

‘*não colocar em risco o que construíram*’. À imprensa, ele declarou que “*Todos os marqueteiros falam que, no Brasil, é quase suicídio você se declarar ateu. Mas considero importante, porque é uma forma de dar visibilidade a uma minoria que não se expõe*”<sup>214</sup>.

Figura 34: "Santinho" da campanha de Edmar Luz distribuído na assembleia da ATEA de 2017.



Fonte: Entregue pelo próprio candidato durante o trabalho de campo.

Segundo suas próprias declarações, ele não apenas aceitou o desafio de se apresentar a eleições se declarando ateu, se não que ainda focou a campanha sobre esse fato. Suas propostas incluíram itens como “*acabar com as pregações religiosas nos ônibus*”, o “*fim do barulho excessivo das igrejas*” e o “*combate ao preconceito contra todas as minorias*”. Ora, isto não parece suficiente para obter o voto dos correligionários: ‘*ateu é um pessoal ruim de tirar votos*’ afirmou, parafraseando a Sottomaior. Dava a impressão de que tinha se aproximado da ATEA precisamente pra obter o apoio deste setor do eleitorado, sem maiores resultados. E não podia ser de outra maneira, dada as características da associação e do seu acionar, em

<sup>214</sup> <https://www.uol/eleicoes/especiais/politica-e-religiao.htm#projeto-politico-e-religioso>. Data de acesso: 26/01/2020. O caso paradigmático é o da disputa presidencial de 1985 entre Fernando Henrique Cardoso e Jânio Quadros. Em grande medida se atribui a derrota do primeiro ao fato de ter titubeado quando em entrevista lhe perguntaram se acreditava em deus.

particular a falta de espaços de reunião<sup>215</sup>. Aliás, ele era um dos que falou da necessidade de se ter eventos ateístas, que deveriam ter música e ser ‘*bonitos*’ de modo de atrair o público. Com um tom entre político e comercial, falou do ateísmo como um ‘*nicho novo*’ que requer de ‘*estudos de marketing*’.

Aqui é preciso esclarecer que a ATEA não endossa oficialmente nenhum candidato em particular, mas tem a política de divulgar os nomes daqueles que se declaram ateus como parte da luta por representatividade política. Quanto à equipe que trabalha nela, se tem informação de primeira mão da existência de posturas divergentes entre eles, inclusive alguns que se manifestam abertamente nas antípodas políticas do presidente da associação. Estas diferenças não impedem a continuidade do acionar, assim como as preferências políticas de sua principal figura não impedem a continuidade das ações judiciais contra a mesma força política que apoiou com seu voto. Uma das moderadoras do grupo de Facebook da ATEA explicou os motivos de continuar seu trabalho na associação apesar das diferenças com o presidente e o fez, precisamente, em nome do Estado laico e de um ativismo eficiente:

...diferenças não são desculpa, desde que estejam unidos no propósito, se outra coisa os desuniu ou só fazem com quem pensa igual em tudo, desculpe, isso não é ativismo, isso quer dizer que a causa não é importante pra vc a ponto de misturar as coisas e largar.

“Aiinn o Daniel votou no Bolsonaro!” Mano, FODA-SE, também fiquei brava, fiquei desanimada, chinguei ele mesmo, até mais útil que o mimimi eterno, que ele nem vê a maioria. Não é pra ele, parece sim um ativismo eficiente para levar mais pessoas a atacar e acabar de vez com a única coisa que fazia algo por nós.

Pode bater os pés a vontade, é um fato, infelizmente. Pela laicidade do Estado, nem tem como comparar com nada, ninguém fez tanto e teve tantas vitórias. Tá tudo documentado. Fato, Faaaatooo...

"Mas ele votou no Bozo"! caralho, mano! E eu? E o XXX? Somos de esquerda e não estamos amarrados, se o trabalho da ATEA fosse usado para qualquer outra coisa, não estaríamos aqui. E todo trabalho pra nós? Eu tenho certeza que sem querer, já usei as redes da ATEA falando da minha posição política Escapa as vezes. Ele que é o presidente nunca usou, inclusive ele baniou um moderador que fez um comentário na página, nem foi post, foi comentário, defendendo a direita. Tenho isso guardado em algum lugar, foi eu que chamei ele e pedi providências. Alguém quer de verdade que eu coloque na balança, de um lado pessoas atacando um trabalho que é meu também, que não teremos outros que facam, do outro lado ele que, nem me interessa saber os motivos dele, é pessoal.

[...]

"Aim mas piorou tudo depois que o bozo entrou". Só quem não acompanha e não sabe o que está falando, diz isso, no que diz respeito a nós.

<sup>215</sup> Aliás, a assembleia estatutária era o único momento de reunião face a face organizado pela ATEA, e isso por motivos estritamente regulamentários.

Com bozo ou sem bozo a merda já estava feita, concordo que ele acelerou o que já ia acontecer, falo isso desde 2015, já era irreversível. Acorda! Eu sou de esquerda convicta, quem me conhece sabe. Mas então temos que falar do Lula, Lula também teve uma puta participação nisso, o Lula ajudou a começar essa merda, não posso virar a cara pra isso, o Lula assinou contrato estatal com a ICAR! E ae? Deixei de votar no Lula? NÃO!...

Quem foi que processou o presidente Bolsonaro mês passado? Quem comprou briga com o Crivella e a Universal agora pelo Rio? Não lembro! puts, que merda, foi o Daniel! Vcs tem noção que ele não tem proteção nenhuma? Ele acha que não, mas eu tenho medo de uma hora sofrer um ataque. Eu acho possível. É miliciano. Algum reclamão aí tem peito pra isso? Pelos outros? É pra eu pesar na balança? Ok escolhi, eu tenho um lado. Nada difícil de escolher, pra mim que tenho uma causa, um objetivo de verdade e quero resultados de verdade, mesmo perdendo, porque não podia não ter ninguém do outro lado pra perder. E nao teria se não fosse a ATEA, infelizmente. Isso já é alguma coisa, é uma vitória. A gente bateu de frente. Aguentar as consequências de uma perda judicial também é uma vitória, por sinal é um dos motivos de falta de mais corajosos. "Perder? Eu? Pelos outros? Nem fudendo". Assim vc difere o ativismo do discurso vazio, so dá boca pra fora.<sup>216</sup>

Ora, se a ATEA e a ATR conseguem lidar com a diferenças, este não é o caso de todas as iniciativas. Os participantes da ARCA no Rio de Janeiro exibem, em geral, concepções inclinadas à esquerda e lembram de antigos ativistas que abandonaram o grupo precisamente por diferenças políticas com eles. Aqui como em outros grupos, o objeto da discórdia foi o apoio ou rejeição ao Partido dos Trabalhadores e suas figuras. Uma das fundadoras do grupo entende que a polarização política dos últimos anos enfraqueceu o movimento como um todo, e o mesmo pensa o ativista que toma conta do Bar dos Hereges/Encontro Ateísta. Para ele, foi a *'ascensão da pauta política'* o motivo do decaimento dos ENA assim como da diminuição dos eventos ateístas no Brasil como um todo. E de fato, se observou que encontros de ateus começaram a acontecer no Brasil entre 2011 e 2012, tiveram certa prosperidade nos anos seguintes para diminuir ou se tornar menos regulares a partir de 2016.

Algo similar pode ser afirmado quanto ao período de surgimento das iniciativas ateístas. A mais antiga é a ATEA, fundada em 2008 e enquanto a LiHS data de 2010. A APCE e o Projeto Livres Pensadores iniciaram em 2011 e o NASP se originou após o primeiro ENA em 2012, mesmo ano da criação do Universo Racionalista. A ARCA, por sua vez, iniciou suas atividades em 2013 ao igual que o Bar dos Hereges. Mais eloquente é o caso da Sociedade Racionalista da USP, que funcionou entre 2010 e 2013 e da Sociedade Racionalista que, tendo iniciado em 2011 foi desativada em 2016. Ao todo, é possível afirmar que o movimento ateísta

<sup>216</sup> <https://www.facebook.com/groups/ATEA.ORG.BR/permalink/3396267127111701/>. Comentário fixado em 29 de dezembro de 2019. Não foi transcrito na íntegra por motivos de espaço.

surgiu como tal no Brasil durante os governos petistas. Teve certo florescimento entre o segundo mandato do presidente Lula e o primeiro da presidente Dilma, para vir a experimentar um declínio após a destituição desta última. Sem entrar nos fatores por trás desta particularidade (que exigiriam uma pesquisa diferente) é preciso tomar nota da condição sempre híbrida do movimento, que é atravessado por controvérsias e debates que em princípio lhe seriam alheias.

## 9 CONCLUSÃO

Há no Brasil dois equívocos largamente estendidos sobre os ateus. O primeiro deles, frequentemente ouvido de sacerdotes católicos, afirma que ateus ‘*não existem*’ pois, ‘*todo mundo acredita em alguma coisa*’ ou o faz quando a situação urge: o velho bordão de que ‘*não existe ateu em avião caindo*’<sup>217</sup>. O segundo equívoco, tipicamente evangélico, não nega a existência dos descrentes, mas entende que estes têm parte com Satã. Como se não houvesse terreno neutro no cosmos e não entrar nas filas de deus equivalesse a se alinhar com o demônio. Se a concepção evangélica é motivo de humoradas nos meios ateístas, o equívoco católico é levado a sério e dá lugar a controvérsias que resultam fundamentais na determinação dos rumos do conjunto. Como se viu ao longo do trabalho, o fantasma da religião assombra constantemente o movimento ateísta e deixa sua marca tanto nas ideias que defende quanto na praxe que faz efetiva.

Ora, o argumento que desacredita o ateísmo como tal ao qualifica-lo como religião não é exclusivo de agentes católicos, embora seja típico destes. É também a postura habitual dos cientistas sociais e, em geral, parece constituir certo senso comum ilustrado sobre o assunto. Na academia brasileira, o ateísmo costuma ser inscrito entre as religiões, e isso primeiramente em virtude de suas *ideias*, abordadas como corpus teórico sistemático. Tal como foi apontado, os trabalhos prévios colocaram a ênfase sobre a filosofia do chamado neoteísmo, e o abordaram principalmente a partir de suas manifestações mais acabadas, isto é, do discurso de suas principais figuras a nível mundial. Do fracasso das tentativas de eliminação efetiva da figura de deus ou do lugar da transcendência –que podem ser substituídos ou emulados, mas nunca anulados– se conclui o caráter fundamentalmente religioso das ideias que defendem e que ficam, desse modo, equiparadas a uma *teologia*.

A primeira parte do trabalho foi dedicada a mostrar (ao menos essa foi a tentativa) que a assimilação do ateísmo às religiões não deixa de ter embasamento naquilo que os ateus locais dizem e fazem. Não é difícil ver se recortar a figura de uma quase-divindade na defesa entusiasta da razão, assim como não é difícil reconhecer a busca de sentidos que são mais do que imediatos nas narrativas do progresso da razão sobre a fé ou no interesse demonstrado no espaço exterior

---

<sup>217</sup> Vide: <http://ateusdobrasil.com.br/padre-paulo-ricardo-diz-que-nao-acredita-em-ateus/>;  
<http://ateusdobrasil.com.br/catolicos-nao-curtem-marcha-para-satanas/>;  
<http://igrejaapocaliptica.blogspot.com.br/2012/07/por-que-todo-ateu-e-satanista.html>. Data de acesso: 01/06/2016.

ou nos origens da vida. Tampouco é difícil notar certo tinte de sacralização na afeição mostrada a figuras como Sagan, Hawking ou Einstein, ou nas paródias do arte sacro que são eloquentes por si mesmas.

Do mesmo modo, não é difícil ver no proselitismo ateu uma espécie de trabalho missionário e os encontros de ateus como algo próximo a reuniões de culto. A formação de associações e grupos em nome da não-crença em deus nunca deixa de ser similar à formação de igrejas e seitas com o fim inverso. Assim mesmo, não custa ver no afínco e a convicção exibidos pelos impulsores destes projetos certa vocação ou chamado divino que não se reconhece como tal. O uso intensivo e aparentemente despreocupado do humor com fins de blasfêmia acaba por reforçar o mesmo ponto. Enfim, até os mesmos descrentes por vezes definem o ateísmo como um posicionamento religioso e as associações ateístas se apresentam no espaço público em tanto que representantes de uma minoria igualmente religiosa. Com tudo isto, resulta difícil contestar a centralidade da religião para o ateísmo e, em consequência, a dependência desta.

Sim é possível relativizar a imagem de um movimento unívoco, bem estruturado e de contornos nítidos que se desprendia dos trabalhos precedentes. Ao tomar como base não a produção teórica do ateísmo sobre si mesma, nem suas figuras centrais, mas o cotidiano dos ativistas locais o panorama se mostra heterogêneo, e difícil de sintetizar. No Brasil, o ativismo antirreligioso não espelha, como aquele de Dawkins, a religião em abstrato, nem em qualquer modelo claro de religiões abraâmicas. Ao nível do ativismo e dos ativistas em suas ações cotidianas, a descrença não se molda com relação a qualquer construção teológica, mas *vis à vis* as religiões que existem no entorno e são socialmente relevantes. Este reage às igrejas e congregações próximas, aos templos e cultos, santos, virgens conhecidas, as preces, catequeses e bíblias que lhes são familiares e, principalmente, aos pastores e sacerdotes, crentes e devotos com os que convivem e travam relações.

Aqui deve ser notado que o ateísmo, tal como se manifesta no Brasil, é sempre um movimento de revolta contra o cristianismo, a rigor, contra as formas locais do cristianismo e seus derivados, como o espiritismo. Isso é visível na trajetória dos descrentes que fizeram parte da pesquisa e que, em geral, pertenceram alguma vez à Igreja Católica ou a alguma das muitas denominações evangélicas que povoam o vigoroso campo religioso do país. No caso típico, foram praticantes fieis, engajados na vida de suas paróquias e estudantes entusiastas das Sagradas Escrituras e suas diferentes doutrinas. Para devotos como estes, a decisão de abandonar a fé (e a comunidade de fé) não é simples e costuma sobrevir após minuciosos



exames de consciência e dolorosas crises vitais. Afinal, não se trata apenas de uma mudança de opinião sobre assuntos abstratos, mas da renúncia a figuras, preocupações e relações próximas e cotidianas, uma virada radical no modo de existir no mundo.

O teor da descrença se revela nas conversações cotidianas, que adquirem substância quando o assunto é a crítica das religiões que conhecem (via de regra muito bem), mas a perdem quando do que se trata é de refutar um deus abstrato e impessoal. O interesse radica sempre na crítica pontual e assistemática das contradições lógicas e morais de instituições e agentes que têm um nome e um rosto, e claro, da Bíblia que ocupa um lugar central na compreensão e a prática do que têm por religião. Ora, o entusiasmo da desconstrução vai decrescendo na medida que o tema se desloca das sagradas escrituras para o mito cristão e daí para um deus feito conceito. Quanto mais material e determinado o objeto da crítica, maior o interesse daqueles que criticam. Aliás, na hora de se definir como descrente, interessa antes o peso da decisão de não seguir as religiões em volta do que as nuances na formulação dessa descrença.

Com efeito, quando as conversações recaem sobre as precisões conceituais entre o ateísmo, o agnosticismo e suas vizinhanças estas tendem a derivar para questão, mais prática e mais próxima, daquilo que se está disposto a admitir publicamente e das implicações do rótulo que se assume (ou não). Nas falas cotidianas, especialmente nos contextos face à face, a questão das definições tende a ser abordada antes nos seus aspectos políticos que ontológicos. E essa parece ser uma constante nos meios ateístas, que, a despeito da insistência nos rigores da lógica, sabe distinguir o conteúdo das proposições da pragmática da linguagem (e usar essa diferença em seu favor). E sabem, sobre tudo, da importância da segunda na hora de fazer ativismo e disputar um espaço próprio num contexto carregado de religião. Esta diferença de registro, que acaba por mudar o sentido do que se diz e do que se deixa de dizer em nome da descrença, é apenas perceptível a partir da imersão no fluxo cotidiano, em particular em contextos de fala.

Ora, o ponto central a destacar aqui não é nem a facilidade de traçar paralelismos entre o ateísmo organizado e a religião, nem a distância entre o neoateísmo oficial e o ateísmo leigo do Brasil. Interessa, antes, chamar a atenção para um ponto fundamental: os ativistas ateus locais estão cientes das críticas que assimilam o ateísmo à religião e buscam reagir a isso na maneira que concebem e praticam seu ativismo. Aquilo que nas pesquisas precedentes aparecia como um acréscimo analítico do pesquisador é, na verdade, uma questão intrínseca ao ateísmo tal como existe no Brasil. E não o é apenas para as lideranças ou os setores mais intelectualizados dentro desse campo, mas constitui uma percepção comum e estendida à qual se procura fazer frente a todo momento. Neste sentido, é possível afirmar que o que agentes

religiosos e cientistas sociais dizem sobre o ateísmo é uma questão intrínseca as redes ateístas e produz efeitos dignos de nota nas formas em que estas se estabelecem.

Estes efeitos se manifestam, principalmente, em dois aspectos: por um lado nas definições internas do que o ateísmo é (e não é) e por outro, nos modos em que este se faz (ou tenta se fazer) coletivo. Num e outro caso a resposta é a mesma: a renúncia ao traçado de fronteiras e o apego a formas mínimas de se entender e se organizar. O movimento ateu brasileiro evita se definir de forma positiva do mesmo modo e pelas mesmas razões que evita estruturar grupos. Porque entende que ao fazê-lo se tornaria irremediavelmente religião, isto é, se converteria naquilo que procura manter como seu contrário. Uma vez que tenta ser *algo mais* do que um posicionamento individual e privado o ateísmo parece se enfrentar a uma disjuntiva: ou se definir claramente em termos conceituais e sociais e recair em religião, ou não fazê-lo e aceitar uma existência social débil e incompleta.

Os ateus cuidam explicitamente de não se definir além do mínimo necessário (isto é, por oposição) porque entendem que fazê-lo equivaleria a estabelecer uma profissão de fé. No mesmo sentido, evitam estabilizar coletivos de fronteiras claras porque, para eles, isso os converteria em igreja. Ateu é apenas quem não acredita em deus. E ponto. Não é possível derivar da disso nenhum corpus teórico determinado, nem normas de conduta específicas, nem uma ética particular. Do mesmo modo, os projetos levados adiante em nome do ateísmo não se desenvolvem se não numa forma mínima. Se trata sempre poucas pessoas, que limitam as ocasiões de encontro ao estritamente necessário e não ligam seus seguidores de forma vinculante ou que se pretenda tal. No mesmo sentido se entende a dificuldade de conseguir colaboradores e o escasso sucesso de convocatória. Os iniciativas tomadas em nome do ateísmo parecem não constituir grupos (ao menos fora do WhatsApp e o Facebook), comunidades nem aquilo que a sociologia conhece como estruturas, se não num sentido muito ténue, quase metafórico.

Enfim, o ateísmo em tanto que movimento configura redes, mas as relações nunca perdem a qualidade contingente, efêmera e ocasional que lhes é original. A despeito dos projetos associativos e da boa vontade de suas lideranças as intenções agregadoras permanecem frustradas. Afirma-se aqui que é esta “sociogênese incompleta” que dá ao conjunto esta aparência fantasmal, o caráter indeterminado e fugidio que tantas dificuldades causou durante o trabalho de campo. Não há cortes nas redes do ateísmo no Brasil, ao menos não mais que aqueles estritamente necessários para existir como tal. E isso por se entende que efetuar cortes equivale a aceitar um estatuto religioso. Como se o ateísmo não pudesse ser socialmente sem

se parecer a uma seita, uma igreja ou um movimento propriamente religioso. Como se o ser social fosse equivalente ao ser religioso.

Aqui chama a atenção a noção de religião em uso entre os ateus, claramente permeada pelas ciências sociais. A diferença de alguns dos seus analistas, os ativistas ateus brasileiros entenderam que a religião não se trata apenas de crenças, de semântica, mas também –e sobre tudo– de relações. Parece prevalecer entre os ateus certa intuição durkheimniana que afirma que o próprio da religião é seu caráter social e, mais do que isso, seu potencial sociogênico. Certa percepção que entende que, ao menos para o ateísmo, não há possibilidade de se tornar plenamente coletivo se não é por via religiosa, isto é, sacralizando o grupo e suas representações. Quer dizer, o máximo que se consegue é uma socialidade molecular, redes indefinidas, não corpos ou agregados sociais no sentido clássico do termo. Aliás esse é o único aspecto em que foi possível encontrar um contraste claro entre o ateísmo e a religião, que parecem disfrutar, ou padecer, da mesma impossibilidade de ser definidos.

No Brasil há um ponto a acrescentar sobre esta questão que diz respeito aos modos em que o ateísmo organizado se insere na esfera pública. Com efeito, tampouco existe no país uma definição legal de religião. Ao menos nos espaços inter-religiosos visitados a ideia de estabelecer critérios que determinem o que é e o que não é religião soava a preconceito e discriminação. O termo se entende no sentido mais amplo possível, de modo de abarcar qualquer grupo que se apresente como tal ou que veja benefício em se apresentar como tal, independentemente dos motivos e sem qualquer avaliação de mérito. É neste contexto em que virtualmente qualquer grupo pode ser religioso que os ateus se inserem como minoria declaradamente religiosa. Que o fazem sob protesto e alegando ser a única maneira de se tornar um interlocutor viável para o poder público é um dado não evidente a partir desta participação em si mesma.

Agora, o acionar dos representantes ateístas sim denota a posição ambígua que ocupam nesses espaços. Os descrentes, assim como os emissários de todas as confissões presentes, coincidem na luta contra o preconceito por motivos de fé (ou de falta desta) e prezam pela tolerância e convivência pacífica entre os credos. Porém, os ateus são os únicos a se posicionar ativamente em favor de uma laicidade entendida em termos de neutralidade estatal e, por isso, pouco simpática às boas intenções ecumênicas que governam esses espaços. Entendem que o Estado deve, em primeiro lugar, evitar todo e qualquer compromisso religioso. Só após disso seria capaz de garantir um espaço público onde todas as religiões possam se expressar livremente em igualdade de condições. Em poucas palavras, se inserem em tais comitês não

tanto pela busca do amparo de Estado em tanto que minoria (como parece ser a norma) mas principalmente para advogar em favor do fim dos privilégios religiosos particulares na gestão da coisa pública.

A forma ambivalente em que o ateísmo se apresenta no espaço público pode ser considerada metafórica de sua relação com o campo religioso. O ateísmo, sem dúvidas, faz parte do variado universo de religiões que existem no Brasil. E não poderia ser de outra maneira num contexto onde não há restrições para o que é ou pode ser religião e onde, de certa forma, a pertença religiosa se mostra obrigatória. Não há saída possível ali onde as opções são a fé em deus (ou seus substitutos) ou, em seu defeito, a fé no demônio. Todavia, os ateus tentam resistir esta dinâmica e o fazem apresentando uma configuração e um posicionamento único entre todas as religiões. Assim como fazem parte, fazem também oposição a esse campo, mesmo a custos de uma existência frouxa e parcial. Entende-se aqui que esta ambiguidade é constitutiva do movimento ateu tal como existe no Brasil e que não pode ser resolvida sem trair as ciências sociais, ou os próprios ateus.

## REFERÊNCIAS

- ALTGLAS, Véronique; WOOD, Matthew. **Bringing Back the Social into the Sociology of Religion**. Leiden: Brill, 2018.
- AURÉLIO, Novo Dicionário da Língua Portuguesa, 2º Ed., Nova Fronteira, 1986.
- ASAD, Talal. Thinking about religion, belief, and politics. In: ORSI, Robert A. (Ed.). **The Cambridge Companion to Religious Studies**. Cambridge: Cambridge University Press, 2011. p. 36-57.
- AUSTIN, John Langshaw. **How to do things with words**. Oxford: Clarendon Press, 1962.
- BAGGINI, Julian. **Ateísmo: Uma breve introdução**. Porto Alegre: L&pm Pocket, 2016.
- BEAMAN, Lori G. The will to religion: Obligatory religious citizenship. **Critical Research On Religion**, [s.l.], v. 1, n. 2, p.141-157, 16 jul. 2013. SAGE Publications.  
<http://dx.doi.org/10.1177/2050303213490040>.
- BLANES, Ruy Llera; OUSTINOVA-STJEPANOVIC, Galina. Godless People, Doubt, and Atheism. **Social Analysis**, [s.l.], v. 59, n. 2, p.1-19, 1 jan. 2015. Berghahn Books.  
<http://dx.doi.org/10.3167/sa.2015.590201>.
- BOURDIEU, Pierre. Genèse et structure du champ religieux. **Revue Française de Sociologie**, Paris, v. 12, n. 3, p. 295-334, 1971.
- BOURDIEU, Pierre. Sur le pouvoir symbolique. **Annales. Économies, Sociétés, Civilisations**, Paris, ano 32, n. 3, p. 405-411, 1977.
- BOURDIEU, Pierre. **Os usos sociais da ciência: Por uma sociologia clínica do campo científico**. São Paulo: Editora da Unesp, 2004.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Os deuses do povo: Um estudo sobre religião popular**. São Paulo: Brasiliense, 1980.
-

CALAVIA SÁEZ, Oscar. **Esse Obscuro Objeto da Pesquisa**. Um manual de método, técnicas e teses em Antropologia. Ilha de Santa Catarina: Edição do autor. 2013.

CALAVIA SÁEZ, Oscar. O que os santos podem fazer pela antropologia? **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 29, n. 2, p. 198-219, 2009.

CUNHA, Manuela Carneiro da. "Cultura" e cultura: Conhecimentos tradicionais e direitos intelectuais. In: CUNHA, Manuela Carneiro da. **Cultura com aspas**. São Paulo: Cosac Naify, 2009. p. 311-374.

DAWKINS, Richard. **Deus, um delírio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

DROOGERS, André. A Religiosidade. *Mínima Brasileira*. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 14, n.2, p. 62-86, 1987.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Martin Fontes, 1996.

FERNANDES, Rogério. **Graças a Deus sou ateu: Humor e conflito entre ciência e religião nas comunidades neoateístas do Facebook**. 2015. 1421 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ciências da Religião, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2015.

FERNANDES, Rubem César. **Os cavaleiros do bom Jesus: uma introdução às religiões populares**. São Paulo: Brasiliense, 1982.

---

FERREIRA, Aurélio Buarque de Hollanda. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FRANCO, Clarissa de. **O ateísmo de Richard Dawkins nas fronteiras da ciência evolucionista e do senso comum**. 2014. 233 f. Tese (Doutorado) - Curso de Doutorado em Ciência da Religião, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2014.

GOFFMAN, Erving. **The presentation of self in everyday life**. Edinburgh: University Of Edinburgh Social Sciences Research Centre, 1956.

GORDON, Flávio. **A Cidade dos Brights: Religião, Política e Ciência no Movimento Neo-atéista**. 2011. 424 f. Tese (Doutorado) - Curso de Doutorado em Antropologia Social, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

HITCHENS, Christofer. **Deus não é grande: Como a religião envenena tudo**. São Paulo: Globo Livros, 2016.

HORKHEIMER, Max; ADORNO, Theodor W. **Dialéctica de la Ilustración: Fragmentos filosóficos**. 3. ed. Madrid: Trotta, 1998.

LATOUR, Bruno. **A Esperança de Pandora**. Bauru: EDUSC, 2001.

LATOUR, Bruno. **Reensamblar lo social: Una introducción a la teoría del actor red**. Buenos Aires: Manantial, 2005.

LATOUR, Bruno; WOOLGAR, Steve. **A vida de laboratório: A produção dos fatos científicos**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1997.

MAFRA, Clara. Números e narrativas. **Debates do NER**, Porto Alegre, ano 14, n. 24, p. 13-25, jul./dez. 2013.

MARIANO, Ricardo. Mudanças no campo religioso brasileiro no Censo 2010. **Debates do NER**, Porto Alegre, ano 14, n. 24, p. 119-137, jul./dez. 2013.

MINOIS, Georges. **História do Ateísmo**. São Paulo: Unesp, 2014.

MONTERO, Paula. Religião, Pluralismo e Esfera Pública no Brasil. **Novos Estudos**, São Paulo, v. 74, p. 47-65, mar. 2006.

MONTERO, Paula. Secularização e espaço público: a reinvenção do pluralismo religioso no Brasil. **Etnográfica**, v. 13, n. 1, p. 7-16, mai. 2009.

MONTERO, Paula; DULLO, Eduardo. Ateísmo no Brasil: da invisibilidade à crença fundamentalista. **Novos estudos**, São Paulo, v.100, p. 57-79, 2014.

MOREIRA, Leandro Vasconcelos de Castro. **Ainda encantados?** Neoateísmo e desencantamento do mundo. 2014. 132f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião). Pontifícia universidade Católica de São Paulo.

MOREIRA, Leandro Vasconcelos de Castro. **Ainda encantados?:** Neoateísmo e desencantamento do mundo. 2014. 132 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Ciências da Religião, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2014.

NELSON, Reed Elliot. Funções organizacionais do culto numa igreja anarquista. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 12, p.112-126, 1985.

NOVAES, Regina. Os jovens “sem religião”: ventos secularizantes, “espírito de época” e novos sincretismos. Notas preliminares. **Estudos Avançados**. v. 18, n.52, p. 321-330, 2004.

ORO, Ari Pedro; STEIL, Carlos Alberto (Orgs.). **Globalização e Religião**, 2. Ed., Petrópolis: Vozes, 1997.

RODRIGUES, Denise Dos Santos. **Os “sem religião” e a crise do pertencimento institucional no Brasil:** o caso fluminense. 2009. 344f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Universidade do Estado de Rio de Janeiro.

ROTTERDAN, Sandson Almeida. **Senso religioso dos sem religião:** estudo a partir da noção de cristianismo não religioso de Gianni Vattimo. 2014. 113 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Ciências da Religião, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.

---

SAGAN, Carl. **O mundo assombrado pelos demônios:** A ciência vista como uma vela no escuro. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

SAGAN, Carl. **Pale blue dot:** A vision of the human future in space. New York: Ballantine, 1997.

SAHLINS, Marshall. Racionalidade: como pensam os “nativos”. In: **Como pensam os “nativos”, sobre o Capitão Cook, por exemplo**. São Paulo: Edusp, 2001, p.169-212.



SCHUTZ, Alfred. **Phenomenology of the Social World**. Evanston: Northwestern University Press, 1967.

STEIL, Carlos Alberto. Mapas e hologramas como metáforas para pensar os dados sobre religião no Censo IBGE de 2010: Comentários ao texto Números de Narrativas de Clara Mafra. **Debates do NER**, Porto Alegre, ano 14, n. 24, p. 29-37, jul./dez. 2013.

STRATHERN, Marilyn. **O efeito etnográfico**. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

TEIXEIRA, Faustino. Os dados sobre religiões no Brasil em debate. **Debates do NER**, Porto Alegre, ano 14, n. 24, p. 77-84, jul./dez. 2013.

TESTA, Sabrina. O ateísmo e a luta pela laicidade do Estado. In: TADVALD, Marcelo; WYNARCZYK, Hilário; MEIRELLES, Mauro (Org.). **Religião, Sociedade e Política: Miradas Socioantropológicas**. Porto Alegre: Cirkula, 2018. p. 31-44.

TROELTSCH, Ernst. Igreja e seitas. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 3, p. 134-144, nov. 1987.

VIEIRA, José Álvaro Campos. **Aurora de uma Espiritualidade Sem Religião: análise dos sem religião a partir da concepção de espiritualidade não religiosa de Marià Corbí**. 2014. 150f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião). Pontifícia universidade Católica de Minas Gerais.

VILLASENOR, Rafael Lopes. **Os sem-religião no Ciberespaço: interfaces da religiosidade nas comunidades virtuais**. 2013. 255 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2013.

WEBER, Max. **Economía y Sociedad: Esbozo de sociología comprensiva**. 2 Ed., México: Fondo de Cultura Económica, 1974.

WEBER, Max. **La ética Protestante y el Espíritu del Capitalismo**. Introducción y edición crítica de Francisco Gil Villegas M. México: Fondo de Cultura Económica, 2003.

## **10 ANEXO A: INICIATIVAS ATEÍSTAS E AFINS COMPREENDIDAS NA PESQUISA**

**APCE – Associação Ateísta do Planalto Central** – <https://www.facebook.com/APCE-Associa%C3%A7%C3%A3o-Ate%C3%ADsta-do-Planalto-Central-165413173618117/>.

**ARCA – Associação Racionalista de Céticos e Ateus** – <http://arcateus.blogspot.com.br/> – <https://www.facebook.com/arcateus/>

**ATEA – Associação Brasileira de Ateus e Agnósticos** – <http://www.atea.org.br/>

**ATeia da Razão** – <https://www.facebook.com/ateiadarazao/>

**Ateu Informa** – <https://www.youtube.com/user/ateuinforma>

**Ateus do Brasil** – <http://ateusdobrasil.com.br/>

**Ateus e Agnósticos de Pernambuco** – <https://www.facebook.com/Apebr/>

**Ateus e meus amigos agnósticos** – <https://www.facebook.com/groups/1193820613973190/>

**Ateus.net** – <http://ateus.net/>

**Atheist think** – <https://www.facebook.com/Atheistthink/>

**Bar do Ateu** – <http://bardodateu.blogspot.com.br/>

**Bar dos Hereges / Encontro Ateísta** – <https://www.facebook.com/encontroateista>

**Blog 100 Nexos** – <Http://scienceblogs.com.br/100nexus/>

**Blog Cético** – <https://ceticosblog.wordpress.com/>

**Blog do Paulo Lopes** – <http://www.paulopes.com.br/> – <https://www.facebook.com/paulopes/>.

**Bule Voador** (Antigo blog da Liga Humanista Secular) – <http://www.bulevoador.com.br/>

**Canal do Pirulla** – <https://www.youtube.com/channel/UCdGpd0gNn38UKwoncZd9rmA>

**ICAAR, “Associação Integradora de Céticos, Ateus, Agnósticos e Racionalistas** –  
<https://www.facebook.com/ICAAR- Associa%C3%A7%C3%A3o- Integradora- de- C%C3%A9ticos- Ateus- Agn%C3%B3sticos- e- Racionalistas- 900229050105415/>

**IHEU – International Humanist and Ethical Union** – [Http://iheu.org/](http://iheu.org/)

**LIHS – Liga Humanista Secular** – <http://lihs.org.br/> –  
<https://www.facebook.com/LigaHumanista/>

**Livres Pensadores** – <http://livrespensadores.net/> – <Http://organizacao.livrespensadores.net>  
 (Organização) – <Http://projetolp.org/> (Projeto)

**Mundo Ateu** – <https://www.facebook.com/groups/mundoateu/>

**NASP – Núcleo Ateísta de São Paulo** – <http://nucleoateista.blogspot.com.br/> (hackeado) –  
<https://www.facebook.com/naspateismo/> –

**Nova Consciência** – <https://sites.google.com/site/ongnovaconsciencia/> –  
<https://www.facebook.com/novaconsciencia/>

**Papo de Primata** – <https://www.youtube.com/user/papodeprimata>

**Pastor Adélio** – <https://www.facebook.com/PastorAdelio/>

**Revista Ateísta** – <https://www.facebook.com/revistaateista/>

**Saganistas** – <https://www.facebook.com/saganistas/> – Site: <http://saganistas.boards.net/>

**Sociedade Ateísta – AASA Ateus e Agnósticos** – <https://aasaoficial.wordpress.com/>

**Sociedade Racionalista** – <http://sociedaderacionalista.org/> (desativado)

**Sociedade Racionalista da USP** – <https://racionalistasusp.wordpress.com/>

**The Wright** – <http://www.the-brights.net/>

**Um sábado qualquer** – <https://www.facebook.com/umsabadoqualqueroficial/>

**Universo Racionalista** – <https://universoracionalista.org/parceiros/> –  
<https://www.facebook.com/UniversoRacionalista/>

**URI – Iniciativa das Religiões Unidas** – <http://www.uri.org> –  
<http://www.casadasreligoesunidas.org.br/>